

**HUSKY,
O AGENTE
SIBERIANO**

de

Borges Carreira

1.

ÚLTIMOS GRAFITTIS NA PÓVOA DE SANTO ADRIÃO**OLDMAN STINKS, LADRÃO, PAGA O
QUE DEVES**

Olhei para ti com o preconceito de quem se aperta no banco para três pessoas em que agora se apertavam quatro.

Foi a primeira reacção, a do preconceito.

Só depois vi um guerreiro Zulu em todo o esplendor da sua breve juventude, o curto espaço de tempo que medeia entre o nascimento e a ida para a guerra quando a guerra não nos veio já fazer uma visita preventiva. Mas tu vinhas sem penachos, sem pinturas e sem a azagaia que faz toda a diferença ou uma pequena parte da diferença, ou é totalmente indiferente quando do outro lado está um lança-morteiros ou um canhão sem recuo. As calças de ganga tinham um corte mas não era por uma questão de moda, era por uma questão de arame farpado e doze pontos depois da desinfecção e da vacina para o tétano, porque os guerreiros Zulus não costumam vir vacinados. Quem disse que a vida vacina, mentiu.

Um dia disseste-me que o teu pai – porque tu eras filho de uma genealogia onde a págs.367 se podia ler, tudo com as datas do nascimento e da morte, - filho de Inkosi-kaas, filho de AmaZulu, filho de Induna, filho de Maquilisini, filho de Nkomabakosi, filho de Makumazahn, filho de Mosilikaatse, - e em ti corria ainda por cima o sangue de T’Chaka, o que significava duas coisas: que tinhas sangue

real, que T'Chaka tivera muitas mulheres e que na tua família os homens viviam pouco (afinal as coisas eram três e não duas) -, disseste-me enfim que o teu pai ainda era do tempo em que os deuses vinham de jipe a disparar para a direita e para a esquerda.

Foi o ponto de partida para o best-seller do momento “ERAM OS DEUSES ARRUACEIROS?” e para a série de documentários “ALIENADOS – o segredo que o governo pretendeu esconder.”)

Naquele dia e naquela realidade ocorreram factos novos, todos dignos de nota, de uma maneira ou de outra tudo é digno de nota.

O comboio já levava dez minutos de atraso. Pedimos desculpa pelos incómodos causados. Pede-se aos senhores passageiros o especial favor de não darem pontapés às carruagens, não estilhaçarem as vidraças, não dizer palavrões.

A que vinha tudo isto? Ah, pois, sim, eu

Tenho duas vidas, e numa delas tenho um conjunto de opiniões altamente respeitáveis. Se uma das vidas é mais miudinha, daquelas que ninguém vê, a pessoa mal vivida desforra-se nas opiniões. Não as tendo, vai buscá-las a quem as tenha. Se tiver outro eu, melhor ainda.

Como António não tenho muitas opiniões para além dos vídeo-jogos. O mais é porrada, porrada, porrada, ou cinto que já vem silvando na minha direcção e esquivar-me ainda é pior. Se não fosse a salvação do mundo livre ocupar-me o tempo inteiro, creio mesmo que seria infeliz. Não tenho nem quero tempo para pensar. Há tanta gente para aniquilar que só dá mesmo para uma mijinha rápida e voltar logo a continuar o massacre dos maus.

O outro eu, o respeitável, é uma imitação de adulto, com uma alta percentagem de vida real e, como se não bastasse, com 10 volumes de opiniões a respeito de tudo. Tem um mundo melhor, uma vida melhor, e eu odeio-me por ser tão bom e ao mesmo tempo levar uma vida de ***** e depender das opiniões dele para encher os T.P.C. com coisas válidas, construtivas e com mensagem. Como a bondade é deprimente! Que nojo!

Mas porque é que o meu outro eu é assim?, porque é que somos tão diferentes? porque é que se dá ao trabalho de pensar quando só eles é que sabem?

Cuidado. Muito cuidado quando se fala n'*Eles*. Nunca fale d'*Eles* com o vizinho do lado que pela cara com que pousa o jornal vê-se perfeitamente que também está revoltado com tanta injustiça e tanta falta de carácter, e tanta coisa que não está bem e que mete raiva mas não se pode fazer nada porque eles... “Eles” quem?... Ora, sabe

muito bem, “eles”. Fora da Igreja ninguém fala em Pai, Filho e Espírito Santo, fala-se “neles” e acerca “deles”, sem nunca citar nomes. Porque “eles” são vingativos. Nunca se sabe quem é que pode estar por perto. Ou se há microfones nas redondezas. Ou se estão a gravar a nossa imagem nas câmaras de video-vigilância. Dizem que “eles” agora até têm um programa para ler nos lábios das pessoas. A sério, não sou eu a inventar. Vi numa série americana. Pessoas muito inteligentes que falam a correr e que acumulam informações valiosas em menos tempo do que leva a puxar o autoclismo.

Opiniões para quê quando há só uma que está certa e todas as outras estão erradas?

O queijo curado pode sempre ter uma recaída.

Estúpido, não é?

Eu sou dois, como toda a gente afinal. Um pendor para o raciocínio lógico e um plano inclinado para a estupidez. Por um lado sou António, O Ciganito. Acho que me chamam assim por carinho, se calhar pelo meu aspecto de vagabundo desgraçado que anda à espera de qualquer coisa, embora nem o meu pai nem a minha mãe sejam conhecidos como ciganos, porque não são ciganos mas sim traficantes, ou melhor, um traficante e a outra ****.

Calhou-me a mim a sorte de ser ou de passar por *****, como se dissimulado, trombudo e mal vestido fossem características que ressurgissem a cada sete gerações de margraves da Saxónia.

Por outro lado, e porque a vida guarda sempre algum tipo de compensação, sou o Príncipe Consorte da Cavaleira de Blackhair e passo uma vida extraordinária num extraordinário castelo à beira de um lago mágico.

E é nessas alturas que penso, para provar que existo. É contra todas as probabilidades, mas existo mesmo.

O Curador de Menores tomou um café rápido, e aproveitou os dois minutos de solidão para rememorar os tempos em que se apaixonara pela senhora da biblioteca.

A mãe disse ao filho que se o lago fosse mais profundo talvez o deixasse brincar lá, e era uma despesa a menos se tivesse a sorte de se afogar. A mãe não estava a brincar. O filho também não.

Os ciganos juntaram-se todos e olharam calados, em bloco sombrio, as vidraças do tribunal onde iria ser ouvido o cigano que, na última rusga ao Bairro de Santa Filomena, fora encontrado de posse de uma caçadeira de canos serrados, vários anéis, um par de relógios, 9,5 gramas de heroína, 5,7 gramas de cocaína, farinha, diazepam, uma balança e 3.720 euros em notas do Banco Central Europeu.

O cigano, de mãos nos bolsos, dedos que brilhariam de anéis quando os tirasse para fora dos bolsos, virou-se para trás e acenou à cigana, que era alta, linda e de longos cabelos negros, luzidios como azeviche, uma receita de mães para filhas, e que o seguia à respeitosa distância das castas inferiores – Anda, cavalona.

A assistente social disse (e de vez em quando deitava-me um olhar de entendida) – Eles são assim unidos mas é só para fora, quando é para enfrentar o mundo exterior. Dentro do grupo, são uns cães uns para os outros.

Eu, repito, eu não sou cigano. Ainda não o tinha dito? Oh, desculpe.

O meu presumido pai era intransigente em questões de moral e traficava na prisão e também quando estava em liberdade, o que não acontecia muitas vezes (estar em liberdade). Era mais o tempo que passava em Alcoentre ou Pinheiro da Cruz do que o tempo que passava na barraca.

Nesses longos intervalos em que o marido cumpria pena, a minha mãe esfriava os seus ardores com todos os homens aptos para o serviço militar, que tivessem a manhã livre e que residissem num raio de cinco quilómetros traçado a partir do Largo do Prior Velho. Alguém chibou, provavelmente o vizinho de baixo, farto de tanto chiar de colchão à mistura com gritos, suspiros e ronquidos. Pisar preservativos caídos nas escadas tampouco o entusiasmava. Era demais para um invejoso. E, porque não era denunciante, contou tudo a alguém que conhecia um preso da mesma ala do meu pai. Quando lhe chegaram as primeiras notícias da sua desonra, estava preso, estava de mãos atadas e não teve oportunidade de matar a minha mãe ainda a quente. Ficou de aguardar a primeira saída por bom comportamento para poder lavar a sua honra, mas a única coisa que pôde fazer, quando pôde, foi dar-me uma sova de cinto, o que lhe aliviou um pouco do rancor e me concedeu cinco dias de repouso no hospital, jurando toda a gente que fora um acidente, uma queda de um barranco, não? o médico diz que?... ah, pois, escorregou e embateu na maçaneta da porta e para o resto foi o cão que o mordeu, ou arranhou, para ser mais preciso.

A minha mãe não esperara, não era parva, e fugiu para Espanha. Foi vista pela última vez na Andaluzia e não mais se falou dela. Final feliz para uma história que podia ter acabado mal.

Estávamos no “Campus da Justiça”, num corredor do Tribunal de Família e Menores de Lisboa. O ar condicionado acabava de se avariar, parecia de propósito, e à medida que arrefecia ia ganhando o mofo dos espaços confinados, porque as vidraças eram imitação de janelas e, portanto, não passavam de estúpidas paredes transparentes, impossíveis de abrir de par em par mas possíveis de esburacar a tiro e à pedrada.

As edificações tinham sido construídas para magistrados por um sistema que os odiava, um sistema que não tolerava contra-sistemas imunes à corrupção, um sistema que não se revia na figura paterna, era mais chegado à mãe como todos os tiranos são, e portanto odiava tudo o que fosse autoridade, e quando se aplica a lei tem-se a autoridade da própria lei. Havia por parte do executivo uma inconfessada esperança que acontecesse alguma coisa de bem trágico que rendesse discursos, minutos de silêncio e belas cerimónias cívicas. E, portanto, os vidros não eram à prova de bala. Uma simples fiska poderia rachá-los. Uma saraivada de balas poderia atrasar *sine die* milhares de inquéritos e de julgamentos, até à impunidade.

Bastava olhar as edificações fortificadas da Polícia Judiciária, onde se investigava, e da Presidência do Conselho de Ministros, onde se legislava, e compará-las às instalações do “Campus da Justiça”, o aquário onde se decidia.

Não eram apenas as vidraças que pareciam o que não eram. As pessoas tinham o seu quê de mecânico e pareciam afogadas num mar de cultura, um mar irreal, indiferente ao sol, à lua e às marés. Encalhava-se a cada passo em figuras jurídicas aguçadas ou em realidades menos sólidas que o nevoeiro nos vales mas que apesar de tudo incomodavam. A vida reduzia-se a escrito e há sempre algo que se perde na tradução dos factos para palavras. Com excepção para a poesia que desafia a censura e baralha os censores.

Sim, tens razão, não sou eu que falo. O amigo que conheceste nunca falaria deste modo. Eu sou um outro, o outro, a tentar imitar um adulto porque, ao contrário de ti, nunca cresci. 16 anos é para sempre.

Ali eu não era António e tu não eras Rodrigo, o filho daquela gente toda, e descendente de T’Chaka como tantos outros, porque T’Chaka, como qualquer pai dos povos, não pode perder tempo em preliminares.

O que ali estava eram duas abstracções vestidas de ganga e calçadas de ténis sujos. Dois rapazes, um que estava perdido e via-se-lho na cara, o outro que estava perdido mas disfarçava e fazia-se de forte, ou então fora a vida que lhe ensinara a fortaleza suficiente para disfarçar quando o seu interior naufragasse.

Éramos o A e o B, dois pretextos para hipóteses, dois pontos afastados que se aproximavam agora o suficiente para se cheirar mutuamente, como dois cachorrinhos assustados. Rectificando: o único assustado era eu, tu eras um guerreiro e se tinhas medo ninguém o descortinava no teu rosto que resumia todos os Zulus que tinham atravessado o continente e embarcado para as ilhas de Cabo Verde, como se quisessem guardar bem as distâncias entre eles e os Masai, que também não tinham medo de nada. Tu eras assim.

Éramos apenas dois casos sociais em figura de rapazes e as nossas vidas cabiam em dois relatórios sociais de quatro páginas cada um, em que mais de metade das frases fora copiada de outros relatórios e de outros rapazes. Não se tratava de economia de papel nem de economia de tinta, era economia na sua crua simplicidade. Bairros sociais pintados de branco, uma barra azul junto ao chão, e tudo sujo com desenhos de caras odientas, frases em inglês de *fuck you* para cima, e também contactos de traficantes. Linha de montagem ou aviários para frangos que nasceram pessoas e acabaram por frangar. Chumbo vazado em moldes todos iguais. Música para bater. Para bater em alguém de forma mecânica, gelada, inteiramente desapaixonada. *Cool* é essa coisa terrivelmente gelada que é a ausência de paixão. Não é nada de pessoal, não é por tu seres tu, o que eu preciso é de bater em alguém, não me ensinaram mais nada a não ser isso, e para levar pancada tu serves perfeitamente.

Bastava comparar e era como se tu e eu fôssemos gémeos, com nomes diferentes, moradas diferentes e pais diferentes. Mais que gémeos. No papel timbrado éramos autênticas fotocópias um do outro. Com manchas nos cantos, a sugerir humanidade e desleixo. Com algumas estrias para personalizar o mínimo indispensável. Descubra as diferenças. A vida marca a pessoa. O entorno marca a pessoa e a pessoa marca o seu entorno. As pessoas marcam-se reciprocamente. Mas, no fundo, o que importa é ser igual para não criar sobrecargas ao sistema (informático), que é congenitamente avesso à diversidade.

- *Sr. Doutor, faça um favor e abra o cu a este senhor.*

Contaste-me a tua história, eu contei-te a minha. Ambos estávamos habituados a sovas e tínhamos hematomas, escoriações e edemas que poderiam ilustrar livros de Medicina Legal mas que serviram apenas para o expediente da Comissão de Protecção de Menores e depois funcionaram como prova no Tribunal de Família e Menores. A minha mãe fugira, como já sabem se estiveram com atenção, e o meu pai estava preventivo no EPL por tráfico de estupefacientes. Esperámos horas pela nossa vez, entalados entre duas assistentes sociais que liam revistas. O meu pai não veio. O teu também não. A tua mãe esperou duas horas e depois disse que ia fumar um cigarro lá fora. Não voltou.

Olhámos um para o outro. Tínhamos mais ou menos a mesma idade, mas tu eras muito mais alto e parecias um gladiador em início de carreira. Os meus pés não chegavam ao solo. Os teus sapatos pisavam solidamente o chão de plástico, manchado pelo sítio onde tinham caído as beatas acesas, a pouca distância do letreiro que dizia em três línguas que era “Proibido Fumar”.

Sabias tudo e falavas sobre tudo com a segurança de quem já viu tudo e leu tudo o que havia sobre tudo. Invejei a tua força e senti-me esmagado pela tua inteligência. Estava seguro a teu lado. Só nos sentimos seguros ao lado de quem é diferente de nós próprios. A verdade é que não tenho confiança no António que sou, sei que não passo de mais uma vítima da televisão e dos vídeo-jogos, mas quem não tem um mundo próprio tem de inventá-lo ou então deixar-se ir ***** fora. Se os esgotos forem iluminados ninguém dirá que são esgotos. Com um pouco de cor, um pouco de música, até podem ser uma festa. A ***** nem se dá por ela, é uma simples metáfora que vai descendo até ao rio. E as metáforas, nunca ninguém se queixou do cheiro a metáfora. Cheira-me a metáforas com um toque a óleo de amêndoas doces, bergamota, talvez benjoim, talvez verbena, alguém se descuidou na feitura do poema... Ninguém diria uma coisa destas que demonstra uma total ignorância no que respeita a metáforas que fogem da ***** do quotidiano.

Nesta vida, a de hoje, os meus dias são cinzentos, e quando vejo luzes foi um murro na cabeça e não o clarão do fim dos tempos.

Apontam-me o dedo. Que sou cigano, que sou meio cigano, que tive um avô que era cigano. Tudo por causa de uma alcunha que me vem tão somente por ser errante, e por ter uma vida de cá para lá, à espera, sempre à espera. E por vestir mal, vestir “à pobre”.

Onde está a verdade no meio disto tudo? Serei covarde? Talvez seja, não nego. Sou, de certeza. Às vezes o covarde sobrevive e o herói é incinerado com chamas que incomodam os deuses. Nos momentos de maior necessidade os monstros nunca saem dos vídeo-jogos para ajudar quem precisa. E eu vou pedindo desculpa e sobrevivo. Com a minha cara de assustado que é agora a minha cara de todos os dias. É natural a dissimulação quando há que proteger a cabeça com as mãos da pancada iminente.

Mas imagina-me integrado num grupo, e dois, tu e eu, já são grupo. É quando sou invencível. Mais ou menos invencível ou então um pouco menos vulnerável. É então que mudo a cara para zangado.

Estávamos habituados a tudo, ou melhor, quase tudo. Nunca tínhamos trabalhado nas minas. Nunca tínhamos embarcado num veleiro para as Índias Ocidentais. Nunca tínhamos estado cercados num forte, a disparar contra os donos da terra e a perguntar se os cantis aguentam até amanhã. Ainda não fôramos escravos de piratas, mas andáramos por lá perto, mesmo ao alcance da garrafa de rum atirada a assobiar pela porta escancarada do *Texas Bar*.

Exibi as outras marcas, as que a televisão tinha deixado, e sugeri que esperássemos pelos 18 anos e se a Máfia não nos recrutasse podíamos escolher outro tipo de trabalho por conta própria, sem horários e sem obrigações de espécie nenhuma. Mercenários, daqueles com fardamento verde e castanho, e armas daquelas que arrasam um quarteirão ao primeiro disparo. Ou a *CIA* a recibos verdes.

Mas tu tinhas mais conhecimento do mundo e eras, portanto, mais realista na escolha das aventuras.

- Deixa-te de video-jogos. Já não há recibos verdes. Pensa, por exemplo, no exemplo mais simples que há. Pensa na pirataria. Impossível. A vida de pirata é para quem tem dinheiro, não é para nós. Vejamos, De que é que precisamos? Em primeiro lugar, dinheiro para os primeiros gastos que não são poucos. Há Bancos para Piratas, geridos por Piratas e controlados por Primatas, mas mesmo assim duvido que emprestem dinheiro a quem acaba de sair da instituição. Mas suponhamos que sim. Então - uma embarcação semi-rígida, claro, mas o mais importante é o motor, que é fabricado à mão em Inglaterra e é super-carro. Porque é preciso ser mais rápido que a polícia marítima. E armas. São caras, mas sem armas não passam as licenças de pirataria.

A assistente social que estava sentada à minha esquerda antes do mais era funcionária. Tinha uma vida cheia de preencher

formulários e sempre que entrevistava pais, mães ou tias, via-lhes o rosto sulcado de letras miúdas, linhas e quadrados para pôr os XXX, como nas apostas desportivas. “Família desestruturada” era um pano que cobria quase tudo e era por isso a que mais hipóteses tinha de ganhar. Quando usava a palavra “desestruturada” mais de trinta vezes, mudava depois para “disfuncional”. Para não se repetir. Significava que as coisas não iam bem e poderiam ir melhor.

Quando era de ciganos que se tratava, começava-se por disfuncional e, quando era necessário pôr um pouco mais de cultura no caldo, arriscava a “associação diferencial” para mostrar que tinha lido os sociólogos criminais norte-americanos.

Os relatórios exigiam constantes mudanças de cenário e de personagens, deixando o enredo mais ou menos intocado, porque há pouca imaginação nas vidas de cada um, as pessoas repetem-se muito e acabam por ser definidas e condenadas pelo *modus operandi*.

A assistente social antes do mais era funcionária, nunca é demais repetir, e achou que chegara a hora para desenrolar informações úteis numa emergência de faz de conta:

- Não se chama licença de pirataria, mas sim carta de corso. Têm de ir à Capitania do Porto e juntar
- certificado emitido pelo Observatório do Pensamento de não constar da lista de radicais livres;
- fiança ou, na sua falta, garantia bancária;
- certificado de mau comportamento moral e civil;
- declaração sob compromisso de honra de não partilhar ideias subversivas nem estar inscrito em organizações de caridade.

Depois riu-se e a outra assistente riu-se também e, como era maníaca da cultura, disse-lhe que não era “partilhar” mas sim “perfilhar” e voltou a rir. As piadas de funcionário são infalíveis entre funcionários. Nem tu nem eu nos rimos. Tu porque não achaste graça. Eu porque nunca ria. O meu natural era entre o trombudo e o assustado, e as minhas sobrancelhas eram espessas e quase juntas.

Sinal de origem diabólica - as sobrancelhas quase juntas, praticamente unidas. É o que dizem os celtas.

Sinal de maus instintos, dizem os sábios que se debruçam sobre o formato da cabeça dos delinquentes, enquanto os fornos se preparam para voltar a fumar. Só é novo o que está esquecido, dizia Madame Bertin, a modista de Maria Antonieta, e perseguir ciganos continua a ser original, quase uma novidade, porque os 600.000

mortos nas câmaras de gás foram esquecidos como ciganos que eram, como gente indiferente para o mundo, e, justamente porque eram ciganos e não tinham Bancos nem estúdios de cinema, as suas cinzas foram engrossar outra rubrica da contabilidade que não a deles, e não ganharam o estatuto de vítimas inocentes dos ***** (fora do duvidoso axioma de que “ser fraco é ser culpado”, não se vê como é que pessoas normais podem fazer a distinção entre vítimas culpadas e vítima inocentes). Nenhuma Terra lhes foi nem dada nem prometida. A sua morte em massa não foi sentida nem chorada pelos argumentistas de Hollywood.

Aqui as estrelinhas significam apenas que respeito os tabus e já estou farto de saber que todos os ***** eram psicopatas, o que, vá lá, ainda bem que não eram psicóticos, tinha sido muito pior.

ROMMEL – *Mein Führer*, o massacre de Oradour-sur-Glane foi um erro. Não nos vai trazer a simpatia dos Franceses.

ADOLFO – Concentre-se na guerra e deixe a política comigo.

(Não se podia ser mais claro ao enunciar que o massacre é uma forma de fazer política)

E não falemos mais disso, porque dizer o que não pode ser dito a respeito de gente que não pode ser nomeada, só pode é trazer uma chuva de ressentimentos e carimbos que deixam marcas na pele.

Lá está, tenho cu, e, em consequência, tenho medo também.

Os ***** têm o pénis maior. Os ***** são mais ricos e mais inteligentes. Os ***** têm jeito para o negócio e carregam no caril. Os ***** produzem tudo o que os outros fazem, mas muito mais barato. Quem não é nem uma coisa nem outra, tem de se resignar à inferioridade das gavetas de baixo da Tabela das Raças - parvo, pobre e de picha curta.

Nós, os que temos fama de ***** , ou eles, os ***** à séria, ficamos sempre mal no estereótipo, que é a modos que uma fotografia com um buraco para pôr a cabeça, e tudo o resto já foi colocado por quem sabe tudo a respeito de tudo.

Porque o sedentário odeia o nómada, isto é a pura verdade, isto não somos nós a falar por falar. Aqueles que lograram dominar o instinto natural para a locomoção e criaram correntes artificiais para se fixar ao seu ambiente, como o prisioneiro que constrói a sua própria cadeia e só nela se sente seguro, acabam por odiar o nómada que logrou caminhar desde a Índia e espalhar-se para ocidente, e sabe o que é a fome e o frio, mas desconhece o que são neuroses por causa dos pés calejados.

Um dia talvez as pessoas deixem de ser catalogadas pela raça. – Charlot é *****. – Não, mas sou capaz de ter alguma gota de sangue *****. – Não tenho nem uma gota de sangue *****, apenas de ***** e de *****, mas só passando por ***** é que consegui fazer cinema.

(Onde estão as estrelinhas pode ler-se o que se quiser. As estrelas são mais do que as raças, e entre Ameríndios e Zulus há de tudo e de todas as letras, fulas, rapa nui, balantas, cherokees, bailundos, esquimós, macondes, há de tudo, e todos têm em comum o facto de ser pessoas.)

Talvez um dia os antepassados deixem de ser pretexto para um tratamento de favor ou de um tratamento à base de pontapés. Aristocracia não fica bem numa república de faz de conta, destoa numa democracia a fingir, e numa monarquia de direito divino é uma fonte de problemas na disputa sobre quem é que vai ser o padrinho dos filhos de Deus. Eu sou Merovíngio, e o que eu gosto mesmo é de uma boa ****. Tu não passas de um reles Capeto é quem te vê é sempre entalado entre *****. Os Medici levam no **. Os Bourbon metem os Valois a um canto. Entre os Plantagenetas, que passam a vida a bater *****. e os von Taxis, são preferíveis os últimos porque sempre nos levam a algum lado.

(Onde estão asteriscos pode-se ler “vaginas”, “cus”, “línguas”, “três checas maduras, uma das quais a inolvidável Monik V”, ou qualquer outra coisa que seja pecado. Mas também se poderão ler excertos da Crítica da Razão Prática. É a grande vantagem dos asteriscos, a de deixar tudo em aberto. Tudo em aberto, hem? Perceberam a alta debo-lubri-perversidade da coisa?)

PROMESSA

De agora em diante, só haverá respeitabilidade.

Deixando-me de realezas, não posso todavia esquecer que na outra vida sou o Príncipe Consorte da Cavaleira de Blackhair e, claro está, não digo indecências, mas apesar disso continuo a ser – não sei bem o que sou – procastrinador? plagiador? Sim, sou, e muito, dá para ver, não consigo evitar, está na minha natureza de invejoso de

Rabelais,

Cervantes,

Sterne,

Diderot e

José Vilhena e

Joel Costa também, como não podia deixar de ser, nem que fosse por uma questão de moral,

e de tantos outros que lograram manter a razão num mundo inteiramente passado dos carretos).

Voltando à minha cara, repito que era a de um jovem atemorizado e zangado. Medo à pancada. Medo a estranhos, e toda a gente é terrivelmente estranha. Menos tu, que foi logo aquela amizade tipo relâmpago, bastou olhar e vimos que iríamos ficar amigos para toda a vida. Aquelas coisas inexplicáveis, como o ódio e a rejeição instantâneos de que ignoramos o porquê, o homem até nem me fez mal nenhum, nunca me bateu, não tenho quaisquer razões de queixa, e, no entanto, só de vê-lo vem-me a repulsa à garganta.

Tudo estava contra a nossa amizade. Ciganos e cabo-verdianos tinham sido rivais no tráfico de estupefacientes, mas o negócio ia dando para todos e já que tinham má fama o melhor era mantê-la. O medo levava ao respeito. O cliente respeitava, temia e pagava. Havia equilíbrio no continente. Evitava-se a hegemonia. Tudo corria pelo melhor, até um cigano licenciado em Gestão se lembrar de prensar folhas de loureiro e vendê-las como haxixe. Ninguém tolera trafulhices em matéria de estupefacientes, e houvera trocas de tiros e relampejar de navalhas e daí resultaram funerais e os ódios consequentes.

Os sobreviventes pensaram melhor. Fizeram a paz e dividiram o seu mundo em esferas de influência, os bairros que eram só de uns e os que eram de outros.

O meu pai não percebia de roupas, não tinha cara para vender relógios de ouro, não sabia fazer mais nada a não ser traficar e só consumia do seu próprio produto. Era referenciado pela Polícia e pelos consumidores como um traficante sério, um profissional tão fidedigno como um antiquário ou um revisor oficial de contas. A clientela era fiel e assim manteve a actividade nos intervalos em que estava fora da cadeia, onde traficava também. Nenhum dos seus clientes morreu de overdose porque o meu pai (não era meu pai, mas nunca conheci outro, e para o efeito o Registo Civil serve perfeitamente), o meu pai nunca vendia o produto puro, misturava-lhe sempre alguma coisa de mais inofensivo. Como aspirina, em regra 50% mais coisa menos coisa, tudo dependia da tremura das mãos. Gesso nunca. Afinal tudo acabava em “ina” – heroína, cocaína, anfetamina, e por aí fora.

Pai putativo não tem obrigatoriamente de ser um filho da **** muito grande. É verdade que me arriava sem piedade, mas estava na sua natureza de enganado e na forma de educar com que fora educado.

Voltei à carga, porque o assunto era apaixonante. E tu, bom amigo, entraste pelos meus sonhos adentro com a boa vontade de um fiscal de obras.

A vida de pirata teria de ser uma vida livre e arejada, género férias ilimitadas. Só amigos é que poderiam entrar no barco. Tubarões só para filetes. Lulas para a caldeirada. As batatas trazem-se de casa. Simplificaste os pormenores:

- Vê lá. Como ia dizendo, imagina que íamos para piratas. Se não tivéssemos a embarcação semi-rígida, precisávamos de uma boa jangada de madeira de balsa, uma vela e uma cabina. Há que pensar na chuva e no frio, nos mantimentos e nos cobertores. E o leme. Penso que não falta nada. Ora boa madeira de balsa só no Peru. Viagem cara. Depois zarpávamos do Peru, aproveitávamos a corrente de Humboldt, passamos pela Polinésia e depois é só encurvar para a Somália, onde a pirataria é legal e lucrativa. Se é para ser pirata é para ser pirata. As coisas devem ser como devem ser. Não somos criminosos.

- Mas se não temos dinheiro?...

- É esse o problema, como já te disse. E se fosse só por uma questão de dinheiro... É que a pirataria é uma cena difícil e tem os seus riscos para principiantes. Imagina o mar alto, nós numa jangada atada com cordas, e um navio de passageiros tamanho gigante. A moral da história só pode ser uma – Nunca vás de encontro a quem te pode abalroar. Não achas? Nem se compara ao perigo de ter telhados de vidro que é só uma outra maneira de falar. Estamos a falar de abordagens, não é? E se matamos alguém sem querer? Como é que iria ser depois com os remorsos? A pirataria não é para nós. Cobranças difíceis é um começo melhor.

E tu explicaste que era a solução ideal para quem vinha das classes baixas e portanto não tinha dinheiro. Era simples e o cinema ainda não a estragara. Mas o melhor de tudo era ser astronauta.

A pergunta bailava-me no céu da boca e eu hesitava antes de a deixar sair:

- E mulheres?

- Mulheres? Para quê?

- Não sei. Ainda só tenho treze anos.

- Mulheres são para os intervalos entre aventuras.

As assistentes sociais franziram a testa e a mais alta pediu-nos para mudar de conversa sob pena de nos arrancar uma orelha à dentada, porque se havia coisa que ela não aguentava era machismo de preto. Quanto ao resto, ela era a tolerância em pessoa. Era difícil que nos admirássemos com tanta selvajaria dita com tão boa pronúncia. O inesperado fazia parte do nosso quotidiano de pai para tia, de tia para avô, de avô para as freiras, das freiras para a Casa Pia, da Casa Pia para o pai. O meu pai fora preso anteontem de manhã, no Largo da Graça, com 10,7 gramas de heroína, 5,75 de cocaína, e 13,21 gramas de um produto prensado que o teste rápido revelou como sendo haxixe. Assim, logo à noite onde é que iria dormir? E onde é que tu irias dormir?

- Não estou nada preocupado – disseste, encolhendo os ombros e mostrando as palmas das mãos. – E que estivesse...

Disseste-me que na verdade o crime seria sempre o último recurso. Não querias ser pirata, nem cobrador nem nada dessas coisas. Estavas farto das guerras entre Zulus e Masai. Por enquanto, sonhavas com outro tipo de aventuras, sem lágrimas nem sangue nem coisas do coração. O que tu querias era ser astronauta. Até insististe. E quanto a mim, sem eu te dizer nada, adivinhaste que o meu sonho, quando despertava dos transe dos vídeo-jogos, era o de ser polícia. Era verdade. Queria ser importante e a face visível da autoridade era o polícia fardado.

Tu adivinhavas. Um Zulu adivinho, com os poderes de T'Chaka, e que é meu amigo e está mesmo ao pé de mim para o que der e vier. Meu Deus, ter um amigo como tu chama-se uma sorte do caracas.

Fiquei maravilhado com os teus poderes e disse-te. Tu encolheste os ombros novamente.

- Ora, qualquer pessoa é capaz de prever o futuro desde que se lembre do passado...

E que bem que falavas. Nem sequer os adultos mais emproados falavam tão bem.

- É normal. Basta saber ler para saber falar. Eu leio muito. Ninguém se importa que eu leia nem com o que leio, desde que não chateie nem choramingue depois da pancada. É a minha pequena liberdade. É só por isso.

Eu queria ser respeitado, tu bastavas-te com ser um herói de lenda, querias a todo o custo entrar em combate com a vida e, se

possível, fazer o nunca feito – o primeiro homem em Marte ou o primeiro homem fora do sistema solar ou em qualquer lado que fosse, desde que suficientemente sólido para pisar e com boa vista para as estrelas.

Pedi-te que fosses o meu irmão mais velho e tu aceitaste.

- Ninguém gosta de ser o irmão mais novo – justificou-se. – É por isso que prefiro ser o mais velho. Normalmente, é quem herda o trono. Gosto dos privilégios.

O último a nascer tem de vestir a roupa que já não serve aos mais velhos, tem problemas na Escola porque o compêndio que serviu para os mais velhos deixou de estar de acordo com a última reforma do ensino. É o último a comer, e todos lhe fazem sentir que passavam muito bem sem ele e que o seu nascimento foi obra da merda de um acaso.

Procurei palavras entre A e Z, mas nem tudo se resolve com uma bazuka. Os video-jogos não ajudaram.

- Irmão mais novo é... não é fácil – concordei, apesar de ser filho único.

Nunca tinha tido oportunidade de exercer a tirania própria de quem deixa de ser único e por isso não tinha dificuldade em ser sincero.

A Polícia trouxe-nos de almoçar. As assistentes sociais deixaram-nos livres por uma hora. Iam almoçar “ao chinês” e eu aproveitei a sua ausência para dizer que eram todas umas cadelas e que se eu fosse cão nunca as cheiraria. Tu respondeste que nunca se deve dizer mal de alguém na sua ausência, porque é feio e um cavalheiro nunca procede assim.

- E na cara delas?

- Pior ainda.

Regressaram a queixar-se do café, que amargo, parece que estamos na Baixa, na zona turística.

Só de tarde é que comparecemos perante a Juiz e o Curador de Menores. Ninguém nos iria adoptar. Nenhuma família nos iria querer em casa. Já éramos muito velhos para isso. O nosso destino era a instituição. Tinha, não sei porquê, a ideia de que uma instituição era

um bloco de pedra, imutável e forte como todos os blocos de pedra. Depois mudei de opinião e achei-a tão frágil como uma desculpa por chegar atrasado. Poderia ruir à primeira dúvida. Mas não se podia passar sem elas, sem as desculpas. Até para começar uma guerra é preciso fabricar os pretextos certos. Exemplos não faltam.

Quem ia para a Casa dos Rapazes da Rua eram órfãos. Ou crianças que tinham sido retiradas à família quando a família era um lugar perigoso demais até para um adulto. Ou então crianças que tinham cometido pequenos delitos, pequenos demais para serem mandadas para locais tão sinistros como Vila Fernando, um lugar onde se entrava humano, mais ou menos humano, e se saía de navalha na mão e baba a escorrer dos cantos da boca.

A nossa Casa ficava na Rua Gabriela Mistral, dez minutos a pé da Escola C + S Jaime Batalha Reis. Éramos só rapazes.

Para as raparigas havia outra Casa chamada Casa das Raparigas, mais óbvio não se poderia ser.

Fora necessário um relatório de 270 páginas, com muitos gráficos a cores, para justificar que os rapazes ficassem separados das raparigas e que a Casa delas não se chamasse Casa das Raparigas da Rua, mas apenas Casa das Raparigas. “Raparigas da Rua” dava mau aspecto e parecia insultuoso, mas os relatórios têm de ser sofisticados, género “visualizar” em vez de “ver”, “densificar” em vez de concretizar, e, claro, as conclusões devem ser lidas com o dicionário ao lado. Para justificar a despesa.

Na verdade, os gastos com o relatório tinham sido muitos e por causa deles a reparação do telhado e da canalização da nossa Casa teve que ser adiada por um ano. Tivemos sorte por as obras já terem acabado quando entrámos na instituição.

Éramos os últimos a chegar e connosco a lotação ficava esgotada. Sinal de um grande êxito de bilheteira.

Acompanhava-nos uma das assistentes sociais, que a outra tinha um caso social urgente nas Avenidas Novas que nunca exigia menos de três horas e se puderem ser quatro melhor ainda. Coisas dela, não me perguntem. Coisas sociais. Coisas estritamente sociais. Onde não podem pôr o bedelho porque ainda não têm idade.

E riu-se, como se tivesse dito uma boa piada, e nós fôssemos demasiado brancos para entendê-la. O nosso comentário interior foi

“Parece que é parva.”

A Gabriela Mistral estava em flor. Mas as flores das árvores eram flores sem perfume, eram flores que tinham um cheiro de chouriço a rechinar na assadeira. Falsas flores.

Reparei no prédio em frente, que estava em obras. Na calçada escalavrada um trabalhador gritava para outro, empoleirado num andaime no terceiro andar:

- Tu vê lá como falas, ó caralho!

Não devia ter qualquer relação com a zanga entre eles, mas havia um rasto de cascas de tangerina e de cacos de garrafas de cerveja que começava no prédio em obras, atravessava a estrada e vinha terminar duas portas a seguir aos “Rapazes da Rua”, onde fora instalada uma casa de banho portátil.

O porteiro fez uma reverência assustada à nossa acompanhante que tinha um jeito natural para a imponência e o seu físico ajudava um pouco, parecia Lady Felicia Montague e dava vontade de afogarmos a cabeça no espaço interior das suas saias. Mas eram os saltos muito altos que davam a maior contribuição; quando se descalçasse, seria como se tivesse apanhado o elevador para o andar de baixo. Atirou para a calçada o cigarro meio fumado e deixou-nos à porta do gabinete da governanta, que era a maior autoridade do lugar, qualquer coisa no género de Governador da Ilha do Homem Morto.

A assistente social insistiu numa conversa privada com a governanta, uma espécie de formalidade prévia para lhe contar os pormenores picantes que não deviam chegar aos nossos ouvidos.

Durante o tempo que durou a entrevista, ouviu-se ladrar e rosnar, e olhámos um para o outro, em silêncio, como se as nossas suspeitas de a assistente ser uma grande cadela se vissem agora confirmadas pelos factos. As rosnadelas não eram nada amistosas pelo que a entrevista devia estar a decorrer num ambiente gélido e repleto de ameaças.

Mas a porta abriu-se e ela, a assistente social (cujo nome não pode ser mencionado porque nenhum de nós o ouviu, mas corre informalmente nos meios da jurisdição de menores que ou era Antónia ou era Virgínia ou então Henriqueta, uma delas seria de certeza), saiu a rir, em formato mulher, e despediu-se de nós dando-nos gentilmente com o relatório na cabeça. Depois pareceu-lhe insuficiente como despedida e apertou-nos a mão à homem, de uma forma exageradamente enérgica. Há quem embirre com os apertos de mão quando são moles. Nunca percebi porquê. Talvez o seu grande receio fosse o de que tivéssemos pena de a ver partir. Não sei porquê.

- Espero que não nos voltaremos a ver. Mas se isso acontecer...

O reencontro não deveria ser agradável, porque curvou a cabeça e ergueu o indicador direito, abanando-o a dizer que não, que não seria coisa boa para nenhum de nós. E desceu a escada, acendendo pelo caminho o terceiro cigarro do dia porque estava a deixar de fumar.

- Rapazes! Entrem. António e Rodrigo, não é?

A governanta estava sentada à secretária, com um monte de papéis à sua esquerda, e um monte de capas de cartolina à sua direita. Mal nos viu espirrou duas vezes seguidas.

- Alergia.

Levantou-se, apenas o tempo de nos dar palmadinhas rápidas nas costas e voltar a sentar-se. Não queria dizer “tomaram a minha humanidade por fraqueza”, mas queria que ficassemos com uma ideia.

Depois foi a vez de um cão que, deitado em cima do soalho, roía vagarosamente uma chinela de senhora. Largou a presa, levantou-se e veio cheirar-nos. Deu ao rabo, como se nos desse o “visto bueno”, e voltou para retomar a tarefa interrompida de afiar os dentes na chinela.

Estava há seis meses na instituição e, fosse ou não coincidência, e eu acredito em coincidências, a verdade é que foi a última vez que o vimos. Desapareceu tão misteriosamente como aparecera. Vingança da chinela? Alguém que achava que era um risco muito grande ter um bom faro lá em casa, a meter o nariz em todos os recantos?

A governanta chamava-se Magda e era alta e magra, o rosto enrugado e todavia com o seu quê de teimosamente juvenil. Parecia saída da bilheteira de um cinema que só exibisse filmes sobre múmias. Cabelos lisos, compridos, apartados ao meio por uma risca rigorosamente recta, e muito negros, como a asa de um corvo que estivesse de luto carregado pela morte da corva. Os olhos negros também, com as olheiras de quem dormia pouco e mal ou de quem vivia com um desgosto que nada fazia esquecer e que a tornava sedutora de uma maneira algo tenebrosa, mas ainda assim sedutora. A pintura dos olhos tendia para o egípcio, algures entre a 13^a. e a 18^a. Dinastias. Por aí, pouco mais ou menos, podendo ser ainda mais antiga do que aparentava. O nariz tinha o aquilino dos séculos. Não ria nem sorria e era demasiado sinistra para ser autêntica. Nunca conseguiria assustar dois rapazes acostumados à crueldade tal como ela é.

O seu drama interior contava-se em poucas palavras.

Tinha um par de apelidos tirados da velha nobreza e, empurrada por esses apelidos, ganhara gostos caros que o seu ordenado de assistente social lhe não permitia, como champanhe francês e viagens no Egipto ou Mesopotâmia até essas regiões se tornarem pasto de primaveras envenenadas. Tornou-se mesmo uma especialista em champanhes e em arqueologia económica, com a ajuda de um amigo constante. Por isso era arqueologia económica, não era ela quem pagava as despesas. O amigo não se chamava Constante, mas estava permanentemente à disposição e, quando mais ninguém atendia o telefone, ele, pelo menos, atendia mesmo a tempo de evitar o suicídio.

Tinha gostos caros mas faltava-lhe o dinheiro.

Conseguiu uma vaga num Centro para Toxicodependentes e foram tempos de terror e de incompreensão, rodeada de vírus mortais por todos os lados, sem excepções seguras. Nos contactos com a clientela só falava de máscara a tapar-lhe o rosto até ao nariz e um pouquinho mais acima, por cautela. E só tocava em pessoas ou objectos de luvas calçadas. Nunca apertava mãos, eu sei lá por onde é que aquelas mãos andaram. Todos os toxicodependentes que vinham pela dose diária exageravam na boa educação. Chamavam-lhe a Meta-Dona Magda. Não, não, sou a Dr^a.Magda, Assistente Social é um curso superior. Com certeza, Meta-Dona Magda. Mande sempre.

Foi o amigo constante que a salvou do desespero. Conhecia o Director da Instituição que tinha a seu cargo os Rapazes e Raparigas da Rua, e este procurava uma governanta que percebesse alguma coisa de rapazes (as raparigas já estavam servidas), que não fosse cruel e que não roubasse para lá do razoável. Não era o ideal para aristocratas falidos, mas vinha com alojamento e alimentação incluídos, e muita liberdade para correr os centros comerciais à hora em que os rapazes estavam nas aulas, e que era a hora mais tranquila de Lisboa, e era disso mesmo que ela precisava, de tranquilidade.

Mudara de alcunha, mas não a fazia mais feliz ouvir “Magda Patológica” nas suas costas e saber que a culpa fora dela, primeiro por não ter mudado de penteado, talvez umas tranças ajudassem, e depois por não ter deitado fora a colecção antiga de “Patos Donald” doada, por ironia do destino, pelo amigo constante, que depois da morte da mãe se quis desfazer das suas relíquias de infância.

Foi o pouco que cheguei a saber dela e afinal não há vida que se consiga contar em poucas palavras, principalmente quando há drama interior pelo meio.

Falava devagar, mas a voz tinha inflexões doces de professora dos irmãos mais novos, e se fechássemos os olhos poderíamos imaginar que quem falava era uma jovem recém-chegada de uma infância doce e cheia de bonecas rosadas que diziam papá e mamã, e que agora mesmo nos embalava como se ela fosse a mãe e nós as bonecas.

Que tivéramos muita sorte dentro do nosso infortúnio, o que não deixava de ser uma sorte. A comida ali era muito boa e a canalização era nova, o que é raro em instituições, mas a disciplina é que era mesmo indispensável. Imaginem que ninguém fazia caso das regras, o que é que tínhamos então? Talvez a anarquia. Talvez o caos. Talvez pior ainda.

Gostei dela pelo mesmo motivo por que outros a odiavam.

Sem motivo,

Sem razão,

Cativou-me

O coração.

Ela encavalitou os óculos de aros dourados na curva do nariz aquilino e deu uma vista de olhos à papelada que nos acompanhava. Olhou-nos por cima dos óculos, voltou a ler a parte que lhe suscitara admiração, e comentou:

- É o primeiro cigano e o primeiro cabo-verdiano que temos cá em casa. Os primeiros. Já tivemos um bielorrusso louro e de olhos azuis, que fugiu, mas ciganos e prê... etnia negra é a primeira vez.

Depois avisou, com a severidade da directora de um colégio onde se espanca para educar, o que me fez recordar o pai putativo:

- Não admitimos aqui navalhas!

Eu continuei taciturnamente assustado, como sempre, mas Rodrigo sorriu e a Governanta suavizou-se, tranquila de novo e sem saber porquê, uma vez que ainda não tomara o Xanax nº.5.

- Não admitimos aqui navalhas de ponta-e-mola, facas-borboleta, soqueiras, estrelas de lançar, essas coisas...

Continuámos fechados nas nossas origens suspeitas.

A governanta continuou:

- Podia ter ficado só pelas navalhas, mas quando se trata de armas gosto de ser exaustiva, embora nunca se possa ser exaustiva em matéria de armas, porque ainda há as facas de cozinha, os machados, a 7,65mm, a metralhadora ligeira, e ainda se poderia falar na pedra

lascada. Mas não vou falar na pedra lascada. Já se falou demasiado da pedra lascada. E para quê, pergunto eu? Que é que se ganhou com isso?

Eu e Rodrigo abrimos os olhos e encolhemos os ombros. Estávamos noutro filme.

Voltou a ler por alto os papéis que nos acompanhavam e que eram a explicação da nossa chegada. Depois, tirou os óculos e apontou-os ao acaso, à direita e à esquerda, menos irmã e mais professora. Esqueceu-me, como se o azar de ser cigano não chegasse aos calcanhares da tragédia de ser cabo-verdiano e não se vislumbrar o enredo que levava um Zulu a aparecer primeiro em Cabo Verde e depois em Lisboa. Ela não se lembrava de quem fora T'Chaka, Rei dos Zulus, mas vira o filme com Michael Caine. Era Michael Caine quem entrava no filme, do lado dos brancos, mas quem a levava ao cinema fora o amigo constante.

- Não queria dar a impressão... aliás, errada... Não queria dizer que tu, posso tratar-te por tu?, claro que sim, não é?... não queria dizer que tu, lá por seres cabo-verdiano, uses navalhas. Ou que tu (agora era eu), por seres cigano, uses navalhas. É de ouvir muita coisa e vá-se lá saber... Não era homofobia... uuups, saiu-me sem querer, tu não és maricas, pelo menos espero que não sejas e se fores não é problema, e não parece mas até tem as suas vantagens, mas ainda és muito novo para isso, senão ainda poderias ficar ofendido e não queremos isso, pois não? Agora com as fobias todas, não há maneira de acertar com o nome de tanta coisa proibida. Não sou racista, era o que eu queria dizer. Nada, nada, mesmo nada. Absolutamente nada. Ou então um bocadinho de nada. Praticamente nada de nada. Quando vou no autocarro e reparo “olha, sou a única branca” não é racismo, é só estatística.

A Governanta bateu com o dedo indicador na extremidade dos lábios como se se arrependesse de algo que já não poderia ser desfeito ou tivesse dito o que já não pudesse ser desdito.

- Ólálá, parece que vou ter que dar esclarecimentos, o que não é a minha especialidade, mas convém explicar. Há coisas para gostar, ou melhor, de que se deve gostar, e coisas para odiar. É assim. Pensar de maneira diferente não é aconselhável nem faz bem à saúde a ninguém e muito menos a vocês que são crianças, bem, adolescentes, ou estão a meio e não são nem uma coisa nem outra. Embirro com a palavra “jovem”. É uma palavra para velhos.

Bebeu água e fez um intervalo para pensar, dando-me tempo de pôr a minha cara de ansiedade com reticências impressas à volta dos olhos.

Escutávamos de pé, em silêncio.

- Não dou exemplos porque tenho emprego e não vivo do ar, e o sistema é vingativo por natureza. Coisas mais elaboradas como “Inimigos do Reich” varia consoante o Reich de que se trata, nomeadamente se está no poder ou não, se ocupou o nosso país ou não, ou a quem é que pagamos a conta da luz.

Olhou para nós e suspirou, como se estivesse arrependida de ter falado depois de ter bebido. O álcool bloqueava-lhe os mecanismos de segurança e sucedia-lhe dizer o que pensava e nem sempre da melhor maneira. Felizmente, nós éramos apenas um par de rapazes, ainda indiferentes aos aspectos mais sombrios do poder, ainda com pouca propensão para a denúncia.

- Mas vocês são crianças. Esqueçam. Nem sequer devem ter percebido nada do que eu disse.

Mais tarde, no quarto, Rodrigo chamou-me a atenção para – Viste? Duas negativas seguidas? Mas isto, claro, são os adultos a falar. Podem pôr a gramática de parte.

- É demasiado café para vocês.

Altivez? Desprezo? Cultura? Brigada Anti-Pequenos Vícios?

Depois daquele silêncio que se faz quando as palavras caem no vazio e há que sondar com a mão à procura delas:

- Sim, porque afinal de contas vocês só têm um problema... transitório, digamos assim... De momento, estão sem família, tirando, claro, o vosso primo em 6º. grau que é o Estado.

Ainda pensou em ir ao quadro traçar uma árvore genealógica com os graus de parentesco, mas concluiu que era um gasto inusitado de cultura geral em conhecimentos tão recentes.

- Penso que isto é demasiado café para vocês.

Tu fizeste aquele sorriso cativante que sempre teve o condão de tranquilizar a Governanta, que era ansiosa por natureza.

- Não tem problema nenhum.

A Governanta Magda assinou o termo de descarga, que se aplicava ao facto de lhe termos sido entregues, e o termo “descarga” provocou-lhe uma nova série de espirros, porque “descarga” tem a ver com lixo ou, em geral, com tudo o que seja malcheiroso. Depois

assinou o termo de aceitação, que significava que ficáramos admitidos e que doravante pertenceríamos à Rua Gabriela Mistral. Pelo menos até perfazermos 18 anos e sermos descarregados na vida lá de fora.

Meteu tudo num envelope com o endereço já preenchido, e lambeu a linha da cola.

- Eu já estou habituada, mas vocês não façam isto, que é porco e podem arranjar doenças.

Faltava dizer algo que estava na ponta da língua:

- Mas tu, que és cigano, já deves estar vacinado. Um dia que te apeteça lamber envelopes vem ter comigo.

E, mais baixo, só para ela:

Não é o que estás a pensar, pequeno depravado.

É raro que pensem na mesma coisa ou da mesma maneira o jovem O Ciganito, despenteado e malcheiroso, ainda dorido na zona dos hematomas, e uma adulta que se perfumava com *J'Adore*, oferta do amigo constante, e que se dedicara às suas obras de bem-fazer só de luvas calçadas.

Não é uma regra geral, tipo princípio de Arquimedes, mas é normal que assim seja. Assim, como? Dessa maneira. Quer-se dizer, não é normal que um jovem de 13 anos, mau (faltando-lhe embora a ousadia necessária para dar largas à maldade reprimida) e medroso, sem dinheiro, sem acesso à *internet* libertina, pense em práticas *****, é mais normal que pense em teóricas.

Mais tarde, no quarto, enquanto abríamos o pequeno armário, à procura de tesouros esquecidos,

- Não a quis humilhar, senão tinha-lhe dito “não há problema” em vez de “não tem problema” e tinha-lhe explicado também que a palavra “homofobia” vem do grego e significa literalmente “ter medo do que é igual”. É tremendo para quem tem espelhos em casa.

É incrível a quantidade de coisas que se aprendem a levar porrada, mas nunca soube como aprendeste tanto e em tão pouco tempo e ainda estás vivo e és o Comandante do Posto Territorial da G.N.R. da Baixa da Banheira, quando se tivesses querido serias o primeiro homem em Marte ou em qualquer outro sítio distante só visível no espectro do infra-vermelho ou no espectro do Comendador.

- O que é que ela queria dizer com “lamber envelopes” que lhe deu uma alegria tão grande?

- Acho que era mesmo só isso. Lamber envelopes.

A Governanta levou-nos com ela numa visita de inspecção a todos os recantos da Casa e sempre que surpreendia alguém sentado nos quartos, sentado nas escadas ou a descer as escadas, aproveitava para nos apresentar – António e Rodrigo, os vossos novos companheiros que chegaram hoje e que vão ficar por cá. Não quero navalhas cá em casa. E droga, então!... penso que já sabem o que quero dizer quando me refiro a droga.

Declarou em voz própria para despertar paredes que éramos uns rapazinhos muito bonitos e muito educados, o que foi recebido por todos com suspiros de contrariedade. Rapazinhos bonitos e bem educados têm uma péssima reputação por onde passam e são conhecidos como agentes duplos. Há que falar baixo quando eles se aproximam.

Ficámos a saber que havia horas para tudo. Horas para comer, horas para ver televisão, horas para o computador, horas para fazer exercício, horas para sair e horas para voltar. As horas para ler estavam incluídas nas horas do computador, presumindo-se que nenhum rapaz normal iria confundir leitura com prazer. Na dúvida, consultar o regulamento no *placard* junto da porta de cada piso. Quantos éramos ao todo? Contando comigo e contigo éramos 30, a lotação completa da Casa.

A Casa era para ter uma pequena capela, mas o relatório foi terminante. Isso iria ofender as pessoas que professassem outras crenças ou as que não tivessem crenças nenhuma. Para a eventualidade de nem todos sermos sintoístas ou muçulmanos, fora deixada a um canto uma estátua em madeira de São Judas Tadeu, padroeiro dos impossíveis, e um crucifixo envergonhado, muito ao alto, onde a luz quase não chegava. Três grossas velas vermelhas esperavam numa estante que alguém, um dia, as acendesse para alumiar o Santo e a Cruz. Estavam ainda intactas. Tinham sido oferecidas por uma agência funerária que de repente quisera ficar de bem com Deus, mas vendiam-se também muito baratas no supermercado.

A Governanta era neutra em matéria de religião e só ia à missa quando morria alguém. Mas numa viagem ao Sri Lanka, na companhia do amigo constante, o acampamento onde dormia naquela noite fora despertado, às quatro da madrugada, pelos altifalantes do *muezzin* a chamar à oração. Levantara-se, irada, e pôs-se a caminhar

pelo espaço limitado da tenda, reclamando “Isto não se faz! É um abuso! Acordar as pessoas no melhor do sono! Precisavam era de um “drone” pelas ventas.” O *muezzin* não se calava e a Governanta retaliou sonoramente com

Jesus Cristo,

Em Ti confio!

Jesus Cristo,

A Ti adoro!

O Gordo e o Mandarin, do quarto 203 ressentiram-se do acolhimento da Governanta, chamaram-nos preto e queridinho da mamã e depois subiram a fasquia para nojento e mariquinhas. Não sabiam insultos que funcionassem com um cigano só por ser cigano. O Dantas era um ciganão, mas também cheirava mal da boca e inoculava os concubinos. Chamar cigano a um cigano que nem sequer era cigano era o mesmo que dizer que a vida é como é e que as coisas são o que são - quando afinal a vida não é como é e as coisas nem sempre são o que são.

O meu ar assustado reforçou-lhes a ousadia. O meu ar zangado também não me serviria para nada na “Casa dos Rapazes da Rua”. Só teria préstimo se eu fosse mais alto e mais encorpado, e não tivesse também cara de assustado. Prometeram num sussurro ao meu ouvido que nas próximas noites fariam uma visita ao nosso quarto de propósito para nos dar uma boa sova. Bastava esperar que o vigilante acabasse a sua ronda. Mas tu ouviste e cresceste, e para cresceres bastava levantes-te da cadeira, eras alto por natureza, eles ainda te não tinham visto bem, e disseste a meia voz, menos ainda que meia, porque era baixa e rangente e tinha a vibração especial das tempestades tropicais – Ora experimenta lá. Experimenta. Só te peço é que experimentes.

E logo para o Gordo, o mais velho, já com 16 anos, que era especialmente embirante e tinha belas bochechas para bofetadas. Parecias o Clint Eastwood a dizer *Make my day*.

A Governanta fez que não ouviu. Não se metia em matéria de sovas dos mais velhos aos mais novos. Considerava-as uma espécie de praxe e só quando havia que levar um rapaz ao hospital é que ela reunia todos na mesma sala e perguntava, entre dentes e batendo o pé – Quem foi? Ou terei que chamar a Polícia?

A ameaça não estava propriamente no “chamar a Polícia”. Estava no que a Polícia poderia encontrar se se desse ao trabalho de fazer uma busca. Era então que alguém se acusava ou apontava o

dedo ao culpado. Para evitar males maiores. A perda da droga já seria bastante má, pior que dinheiro deitado ao rio. A tarefa dada pelos retalhistas seria pior ainda. E não era à toa que se chamavam “retalhistas”. Não era só por venderem a retalho, era pelas navalhas de lâmina extremamente afiada, boas para os refinamentos da crueldade.

Penso, ou melhor, sei por provas irrefutáveis, que o culpado era toda a assembleia geral da *Oldman Stinks*. O que se compreende. Isto não é só lançar o barro à parede. Acompanha o meu raciocínio, porque sei que me darás razão. Primeiro – o Diabo sabe muito porque é Velho; Segundo – Cheira mal, a sulfureto de carbono em estado puro, misturado num conjunto de fedores especialmente nauseabundos.

Restava um quarto vago no último andar. O nosso quarto ficava mesmo debaixo do forro do telhado, e o tecto estava pintado de um branco ainda fresco e que servira para disfarçar as rachas provocadas pelas infiltrações de água. Era pequeno e apertado, o espaço à justa para duas secretárias pequenas, duas cadeiras incómodas, um armário minúsculo e um beliche com duas camas. O que sobrara dos restos de colecção de uma loja de móveis que falira e ficava também no Largo da Graça onde o meu Pai fora apanhado em flagrante.

A Governanta retirou-se e eu ofereci-me para deitar a moeda ao ar e se saísse coroa ficava eu na cama de cima, que era isso mesmo o que eu queria. Mas tu disseste logo, com aquela superior intuição que só tu tinhas e mais ninguém – Não vale a pena. Vai tu para cima. Eu prefiro a cama de baixo. Posso cair e assim já não me magoo.

Como se tu alguma vez pudesses cair.

O beliche estava colocado mesmo por debaixo do alçapão que dava acesso ao forro do telhado e tu percebeste que era ali que eu queria ficar. Devia-se notar na minha cara. Ou então adivinhaste, como era teu hábito.

Era inevitável que ficássemos amigos para toda a vida. Eu António e tu Rodrigo, fossem quais fossem as adversidades, iríamos vencer o mundo. E era assim – ou mudávamos o mundo (esta ideia foi minha, porque já a tinha ouvido na televisão e toda a gente aplaudiu a marioneta que falara) - o que era mais ou menos como mudar os móveis de um lugar para outro e ficar tudo na mesma, talvez com

mais espaço para a televisão, ou então mudávamos de mundo. Mudar o mundo era um disparate, foi o que tu disseste.

Agora quanto à nossa própria vida talvez um extra-terrestre pudesse ajudar. Eles andavam por aqui e por ali e talvez nos oferecessem uma viagem daqui para fora, em direcção a planetas mais acolhedores. Para ficar mais informado tu emprestaste-me os teus livros da “Colecção Argonauta”.

- Eu leio pouco.

- Vai lendo devagar; ler é prazer, não é frete. Chegará a altura em que ficarás empolgado e devorarás o livro até ao fim. O livro é como a choupana do árabe. Muito miserável por fora. Mas entras e lá dentro há um palácio das mil e uma noites. Ficas a saber o que as Finanças não sabem e a Polícia não pode saber.

- E depois, extra-terrestres?... Sabes?...

- Porquê? Achas que os extra-terrestres não existem?

- Claro que existem, toda a gente sabe, mas eu cá nunca vi nenhum.

- Pois eu digo-te que é fácil encontrar um extra-terrestre. Em cada dez pessoas que encontres na rua, o que segura o guarda-chuva com a ponta para baixo é o que vem de outro planeta.

Lembrei a governanta, com os seus cabelos tão negros, os olhos tão negros, a pintura dos olhos a tender para o egípcio. Ainda a não víamos rir. Nem comer. E era tão magra, voaria com facilidade a cavalo numa vassoura de tamanho médio.

- António, ainda só hoje é que chegámos. É muito cedo para ver alguém rir em tão pouco tempo. É verdade que só o riso é sinal de vida inteligente, as hienas não contam. Mas já pensaste no que é que faria uma extra-terrestre numa instituição para rapazes? A principal ocupação dum extra-terrestre é o domínio galáctico, não se pode preocupar com coisas insignificantes.

Lembrei experiências científicas, recolhas de sangue, alterações no ADN para fazer uma nova raça de homens super-inteligentes. Se calhar os extra-terrestres que existiam estavam todos nas mãos dos Americanos, a construir discos voadores para o Pentágono.

- António, muda de canal.

Se não existisse o pessoal do quarto 203 do segundo andar, poderia dizer que fui razoavelmente feliz, tão feliz quanto se pode ser numa instituição paga pela Segurança Social e em que o dinheiro nunca era suficiente para o papel higiénico e por isso havia dias em que tínhamos de nos socorrer dos jornais distribuídos gratuitamente no “Metro” e que nos deixavam as notícias desportivas impressas no traseiro. O Afonso, conhecido por Gordo, e que efectivamente era gordo, e o Bruno, também chamado o Mandarin, talvez por causa dos olhos com uma sugestão de amêndoa?, talvez pelo hábito de mandar? eram fortes, eram brutos, só o Mandarin fazia o intelectual de uma dupla de brutamontes, porque era o menos estúpido dos dois. Ligeiramente. Muito pouco. Mal dava para se notar.

Passavam-me rasteiras quando descia as escadas e tu não estavas por perto. Ainda hoje me falta um bocado de um dente da frente. Sempre que o dentista do Castelo de Urquhart me diz – E se arranjássemos esse dente? – eu respondo – Nem pensar. É uma recordação.

Como o Afonso era algarvio, tu sugeriste que lhe poderíamos chamar al Arve, que ele nunca iria perceber a ofensa – alarve -, que nós até poderíamos dizer – Vem do árabe e significa O Poderoso ou O Forte ou O Escolhido. A alcunha pegou. Além de inteligente e intuitivo, tu sempre tiveste um jeito especial para influenciar. Quando o Afonso, anos mais tarde, se apercebeu do significado da palavra “alarve”, já lhe era impossível bater no oficial de polícia em que tu te tornaras. O astronauta ficara pelo caminho, um pé em cada galáxia e o olhar atento a tudo o que se passa na Baixa da Banheira.

Eu tinha treze anos e podia ficar a pé até às onze. Mas naquela noite, eram ainda as dez e meia, foi só lavar os dentes, entrar no quarto de mansinho (tu parecias dormir), e subir os degraus do beliche, estender-me na cama e tu afinal ainda não dormias.

- António, tranquilo, ninguém nos virá dar sova nenhuma.

- Não – repeti eu, sem ter qualquer certeza. – Querem-nos fazer esperar, para que antes da pancada já estejamos a sofrer. É da guerra psicológica, como nos filmes.

- Não, não é isso. É que nunca virão, nem agora nem nunca mais. Ficaram com medo.

- Claro que ficaram – respondi ao acaso, sem muita fé nas minhas palavras. – Eu é que não tenho medo deles.

- Nem eu. Nem um bocadinho. É que nem um bocadinho mesmo.

- Até amanhã, Rodrigo.

Fez-se um pouco de silêncio.

- Mas ainda assim gostava que eles se atrevessem. Gostava de lhes dar uma boa sova, não é lá por causa do “preto”, quero lá saber, tenho muito orgulho em ser como sou; é porque eles merecem e creio que lhes faria bem. Nada melhor para um tirano do que uma boa sova.

E continuaste, depois de uma pausa para ajeitar melhor a almofada:

- A apanhar pancada também se aprende e eu aprendi muito nesse campo. Olha que apanhei pancada dos melhores profissionais do ramo. Não foi só o meu pai. Isso eram caramelos. Raras vezes me doía. O segredo era pensar noutra coisa.

- E resulta?

- Comigo resultou sempre.

- Até amanhã.

- Até amanhã.

Mas depois de um silêncio, tu voltaste ao teu assunto predilecto e deixaste sair um pouco da amargura que tinhas guardada.

- O que precisávamos mesmo era de encontrar um extra-terrestre como deve ser. Que nos livrasse dos piolhosos dos Rapazes da Rua e nos levasse para um bom planeta. Ou, se não fosse possível, pelo menos que nos desse os poderes suficientes para podermos arranjar casa, comer e passear por aí sem ninguém a chatear. Nem governantas nem mandarins.

- Pois – concordei. – Isso era bom. Muito bom mesmo.

- O problema é que eles são muitos mas não querem dar nas vistas. Compreende-se. Ninguém gosta de ser dissecado em vida.

- Talvez se lhes dissemos que podem confiar em nós...

- Não é preciso dizer. Eles vêm isso logo de imediato. Por alguma razão serão tão inteligentes.

- Até amanhã, Rodrigo.

E, depois de uma breve oração em que reconheci não ter nem vida nem opiniões, não estar nada contente com a vida e querer coisas que ainda não sabia bem o quê, adormeci de imediato.

2.

António acordou sem saber que horas seriam. Todas as horas são possíveis quando não temos um relógio à mão. Quando não há tempo, todos os tempos se encontram e se atropelam mutuamente. Talvez o vigilante já tivesse feito a sua ronda. Talvez aparecesse mais tarde ou de surpresa. Ou talvez não passasse de uma lenda para manter todos ajuizadamente dentro das camas e poupar sovas aos recém-chegados.

Olhou para cima. O alçapão estava aberto e do buraco rectangular saía uma luz de um verde suave que não existia na natureza. Arredou o lençol, ergueu-se, e a cabeça e os ombros passaram pelo buraco rectangular. Apoiou-se no rebordo e pronto, já estava no forro do telhado. Que boa ideia a de ter ficado na cama de cima. Se os energúmenos do quarto 203 sempre viessem para a sova prometida e Rodrigo não estivesse ali para o proteger, poderia refugiar-se no telhado e eles não conseguiriam abrir o alçapão se se pusesse em cima, a fazer peso, e, mesmo que o lograssem abrir, ainda poderia dar-lhes pontapés ou entalar-lhes os dedos e os pulsos. Vantagens dos lugares elevados.

A inteligência regressava em catadupas e foi então que recordou quem era e o que fazia ali.

Primeira descoberta e muito importante – eles, fossem eles quem fossem, nunca poderiam abrir o alçapão. Por uma questão de alta cultura. Das que necessitam um quadro, um apagador e muito giz, e, no meio, uma cabeça pensante a chocalhar incógnitas e a falar com sotaque de Göttingen mas já com muitos anos de Algarve, o que não o livra de carregar nos erres e na cerveja.

Já não era António, era um cigano de uma espécie completamente diferente, mais alto, mais nórdico, muito mais, e com 16 anos de idade. Era o Inspector Husky, e encontrava-se num espaço triangular, em que só se caminhava bem debaixo do seu vértice. Na parede em frente rasgava-se uma porta suficientemente grande para ver que depois dela havia outra porta e outra porta e ainda outra porta e outra e outra, um sem-fim de portas. Mas passada a primeira estava já num compartimento normal, de tecto alto e plano. A luz já não era esverdeada, era clara e forte como o sol ao meio-dia menos um quarto. O chão era de ladrilhos de cor creme, com uma fila de ladrilhos azuis a meio e que prosseguia pela porta seguinte. Havia

uma secretária ampla, coberta de processos e papéis diversos, onde estava sentado um agente da polícia. Não na cadeira, que também havia, mas sentado em cima do tampo da secretária enquanto colocava um grosso processo por baixo das palavras cruzadas em que procurava um celenterado com sete letras. Levantou indolentemente o olhar; era o polícia mais despreocupado do mundo, mas não deixava de ter o olhar paternal de quem afinal se preocupa, o ar despreocupado era puro disfarce. Ou defesa emocional. Ou, quem sabe?, uma forma de fazer o arguido baixar as defesas e confessar o que nunca confessaria à própria mãe que, em teoria, é quem mais perdoa.

- Tem história? – o polícia podia ter pedido o passaporte, mas ainda bem que o não fez porque Husky não o trazia consigo.

- Era uma vez uma floresta encantada onde passou a voar uma bruxa que depois de comer uma feijoada deixou escapar gases desfolhantes e transformou, sem querer, a floresta num deserto. No castelo, que ficou rodeado de areia mas que graças a Deus dispunha de arcas frigoríficas em número suficiente, vivia uma princesa que dispunha de um espelho mágico que permitia ver 100 milhas náuticas em seu redor, calculando automaticamente a altura, a velocidade e a intenção de quem vinha.

- Chegou um dia um príncipe mal intencionado, com dívidas soberanas, caspa, doenças venéreas e um cheiro nauseabundo que se lhe escapava da boca e das orelhas, só habituadas a ouvir e a dizer porcarias. A quantidade de vírus que o indivíduo trazia com ele dava para encher dois quilos de chouriços e ainda sobrava para pezinhos de coentrada.

- O príncipe apresentou-se como canalizador – continuou o polícia.

- E a princesa disse-lhe – Só podes é estar a gozar. Isto aqui não é oásis nenhum. Só tenho água em garrações e lavo-me com gasosa, daí o meu temperamento borbulhante e a sacarina à flor da pele.

- Entretanto, discutiram as grandes questões mundiais em frente de um jarro de cerveja e despediram-se como simples conhecidos, nada mais do que isso, sem estreitar relações fosse de que género fosse – terminou o polícia.

- Ainda bem para a princesa, coitada, que só deveria pensar em estreitar o relacionamento depois de meter o príncipe em lixívia durante 48 horas, e mesmo assim vá-se lá saber, o melhor era evitar

qualquer tipo de relações com aquele tipo, ainda que só diplomáticas.

Tudo isto eram senhas e contra-senhas num diálogo de espões que se querem certificar de estar a falar com a pessoa certa.

Que aconteceria se pudéssemos reunir uma fila de 20 pessoas certas? Já imaginaram – vinte pessoas certinhas, que não arrotam, não cospem para o chão, não tiram macacos do nariz, e não dizem palavrões? Que vergonha para o ser humano normal, que não é Agente da COSMOPOL e, portanto, não tem nenhuma obrigação de ser um pretérito mais que perfeito.

- Boa noite. Sou o Inspector Husky – apresentou-se quem já não era António mas a todo o momento poderia voltar a ser, ninguém está livre do despertar do homem ancestral, mais *erectus* que *sapiens*. – Creio que sou esperado.

Até ali era o filme inglês típico. O cenário resultava simples e de bom gosto. A iluminação era boa, as cores equilibradas e brilhantes. O Inspector Husky falava com o sotaque de Westminster e o polícia era daqueles que nunca perdiam a calma nem se davam ao trabalho de pousar o cachimbo enquanto desmontavam a bomba.

- Sou da mesma opinião – afirmou o polícia, com as necessárias cautelas para que ninguém lhe suspeitasse o atrevimento de ter uma opinião própria. – Tenha a bondade de seguir em frente. Creio que, efectivamente, tal como disse e ninguém o poderá negar, é esperado.

O jovem Inspector colocou-se em cima dos ladrilhos azuis porque sempre tivera o capricho de caminhar pelos ladrilhos centrais que fossem de uma cor diferente dos outros. Aguardou por qualquer surpresa da técnica, mas nenhum deles se moveu. Eram ladrilhos vulgares, sem imaginação, e teve de caminhar à força de pernas, tal como se fazia antes da invenção da roda.

A sala seguinte era uma livraria cheia de gente atarefada, folheando livros, vendendo ou trocando livros, gritando críticas literárias ou pisando os calos dos críticos. Muitos tinham óculos, talvez fossem vítimas dos seus hábitos de leitura. A caixa vestia de cetim negro, com uma gola branca, e parecia o elemento dos anos 50 que não pertencia àquele conjunto de contemporâneos. Foi ela que informou numa voz mecânica:

- O livro que procura está na secção “A informática não é uma vaca sagrada”. À sua esquerda.

Procurou e realmente ali estava “A informática não é uma vaca sagrada”, toda uma estante entre “Biografias Autorizadas” e “Análise

psico-social do hábito de se ver ao espelho”. Foi correndo os livros com a ponta dos dedos até encontrar uma enorme Enciclopédia encadernada a vermelho. Empurrou-a para dentro e a estante girou e ele com ela. Já não estava na livraria, agora era uma imensa sala, com o tecto arredondado e frescos na parte interna da cúpula a representar o Juízo Preparatório, onde as almas ainda podiam evitar o Juízo Final, que, esse sim, já não admitia recurso.

Havia uma escada rolante que subia para o piso superior que era outra sala enorme, sustentada por colunas idênticas às do templo de Luxor. Entre as colunas perfilavam-se polícias em trajes de gala e com penas de galo nos tricórnios. Aproximou-se de um polícia de cabelo grisalho e olhos claros que estava acompanhado de um cão chamado “Binómio”. Mostrou-lhe a mão direita e o polícia agarrou-a com firmeza. Depois de lhe ler as linhas na palma da mão augurou um castelo na Escócia, uma mulher mais velha, muitos filhos, dois ou três, no máximo quatro, e muitas viagens, todas elas aventureiras e com um final feliz. Que também poderia aprender a tocar guitarra mas o mais provável era a harmónica de beijos. Ou piano. Ou violino. Mas o mais certo é a harmónica de beijos. Ou o piano. Ou o violino. Quem escreveu nas linhas da sua mão tinha uma letra péssima. Deus não foi.

Não fez qualquer menção a um eventual cigano, nem sequer à mais recente aquisição dos “Rapazes da Rua”. Era como se alguém tivesse feito obras no futuro e, por acidente ou distração, tivesse deslocado as peças do *puzzle*. Mas o mais certo era uma questão de dimensões paralelas onde o que acontece numa não acontece noutra. O que aqui vai não vai em Roma, que é um sítio completamente diferente. O que significa que Roma é um sítio muito certinho e aqui reina a desordem permanente. Ou então, que Roma é a balda total, mas aqui ainda é pior. Ou então que Roma é uma coisa e Venda das Raparigas é outra e não têm mesmo nada a ver.

O cão cheirou o visitante e trocou olhares significativos com o seu polícia, o outro membro do binómio. Evitou dar ao rabo, por uma questão de originalidade e decência.

- É o Inspector Husky. Pode passar. Como já sabe, estão à sua espera no Far-West.

O jovem inspector desceu as escadas ao fundo da sala e em baixo era a imensa gare do “metropolitano” da Azinhaga das Galhardas.

Um enorme painel negro passava informações luminosas num amarelo desbotado:

“Para sua segurança não ultrapasse ODIVELAS”

Todavia era mais explícito que o painel do outro lado da linha, que declarava em tom algo profético misturado com uma pitada de metafísica e um tudo nada de Walt Disney “Atenção: não entre nem saia RATO”.

O comboio chegou daí a dois minutos e não ia para Odivelas. A parte de cima do pára-brisas era bem explícita quanto ao destino – FAR WEST. Não ficava assim tão longe. Eram só duas paragens – Bairro do Cambodja e Lowestoft, logo depois o Far-West e ficava-se por ali. Era a estação terminal, aquela em que uma voz irritante pedia aos senhores passageiros o favor de abandonar o comboio. O que só interessava a quem tivesse adormecido e não se tivesse ainda inteirado que o comboio não seguia adiante. A estupidez não é património imaterial da humanidade mas ainda assim é uma das especiarias da vida. Tal como o amor.

Quando o comboio estacou junto da imensa plataforma do Far-West, Mrs.Hurtle estava à sua espera, impaciente, pronta a bater o pé e a descompor, um a um, toda a gerência do Metropolitano, que mesmo assim era muita gente a gerir e, conseqüentemente, a descompor. O que a fazia ainda mais bela. Ter alguém para descompor e não o fazer concentrava-lhe a grandeza e era mais um dos seus encantos.

- Venha depressa, Inspector. Mr. Trollope já abriu o marco do correio e não quer perder o jogo Real Madrid – Arsenal. É como se vive agora.

Mrs. Hurtle era a sua protectora no difícil mundo da polícia, mas não se tratavam por “tu” nos primeiros momentos. Só depois. Já sabia tudo do Mandarin e do Gordo e ofereceu-se para lhes dar uma tarefa de chicote.

- Mrs.Hurtle!... – protestou o inspector. – Não estamos no Far-West. Quero dizer, a Casa dos Rapazes da Rua fica na Gabriela Mistral, freguesia de São Pedro e São Paulo, e Portugal é o Far West da Europa, ou seja, o seu extremo ocidental, e portanto, se virmos bem, até estamos no Far West. Mas um rapaz com protectores perde toda a consideração por si próprio. Principalmente no caso das tarefas por encomenda.

Ela sorriu. Era uma mulher dos seus 30 anos, morena e muito bonita. Tremendamente bonita. Nunca vira outra mulher que tivesse nem sequer metade daquela extraordinária beleza. E aquela mulher que lhe era superior em tudo aceitava sem queixas nem ironias o papel de nº.2 quando os factos revelavam sem margem para dúvidas

que ela era a pessoa mais importante do mundo que ele conhecia e que ele sem ela era uma equação em que o outro termo, o que lhe correspondia, era pouco acima de “0”. E, apesar de toda essa grandeza, não passava de sua acompanhante. Da sua protectora. Da sua mentora. Do seu S.O.S. O que faltava para completar a dupla Husky & Hurtle. Uma Super Mulher vestida simplesmente de secretária que traz os cafés e recorda os aniversários. Carinhosa. A não ser quando se zangava, que então era melhor mudar para uma dimensão que não reconhecesse a autoridade da Polícia. Não era o caso de nenhuma dimensão evoluída.

- O que é que foi ontem o jantar? – perguntou ela, verdadeiramente preocupada.

- Frango com esparguete. Comi o esparguete e deixei o frango. Não gosto de frango.

- Husky, esses tais Gordo e Mandarin têm contactos lá fora para vender droga na Escola onde andam, e na Casa dos Rapazes também. Sempre acabarias por descobrir, ou se calhar já sabes, mas o melhor é avisar-te desde já.

- Não são casos únicos, mas eu sei o que é ter um “agarrado” em casa, que ainda por cima é pai do António que não sou. Conheço os truques e as tragédias do pó. Mas obrigado pela informação. É sempre útil conhecer o inimigo. General San-Tzu.

Caminhavam apressadamente pelas ruas subterrâneas de Santa Fé.

- Mrs.Hurtle, é verdade que já matou um homem no Oregon?

- É falso. Vamos, que Mr.Trollope não espera.

- E que se bateu em duelo com o seu marido?

- É puro boato. Vamos.

Era no edifício dos Correios de Santa Fé que existia um corredor com seis portas de cada lado, todas fechadas. Mrs.Hurtle deu a volta à chave e abriu a terceira porta à esquerda. Era ali. Tinham chegado enfim aos escritórios de uma das agências da COSMOPOL, a Polícia que vigiava os mundos.

- E pela lei do Kansas já estou divorciada.

Mr.Trollope esperava-os no gabinete que partilhava com o Inspector Husky. Era calvo, usava óculos ovais e a sua barba, com reflexos de cobre, impressionava de tão farfalhuda. O seu turno já terminara quando fora aberto o marco do correio que ficava entre as duas janelas que davam para o Grand Canyon. Os turnos terminavam

quando se fazia a descarga do expediente, sempre à uma da madrugada e à uma da tarde, que era o caso agora. A diferença entre Mr.Trollope e os recém-chegados era que o primeiro era um “administrativo”, ou seja, um especialista em arrumar ideias em papel e arrumar os papéis em gavetas quânticas. Os segundos eram “operacionais”, ou seja, gente especializada em fazer coisas que depois podiam ficar registadas em papel.

Naquele momento lançava aviões de papel para se entreter. Os aviões descreviam uma trajectória circular, depois outra, e acabavam por se despenhar no tecto. Não era preciso ler para saber que se tratava de papéis arrancados a um manifesto contra a Lei da Gravidade, onde em letras garrafais se podia ler - **Dois corpos repelem-se na razão directa da massa e na inversa do quadrado da distância.**

- Convidava-o para ver o futebol lá em casa, mas hoje não pode ser. Tem muito trabalho pela frente. Há problemas com Andrómeda.

- Não me diga!... Quer dizer que o choque entre galáxias está para breve?...

- Não, não é isso. Há mais mundo. Mrs. Hurtle já lhe explica. E agora se me dá licença...

Atirou o expediente despachado contra a parede e toda a papelada desapareceu, como se a parede fosse esponjosa e o tivesse absorvido na totalidade. Fantasmagórico. Depois cumprimentou, grande senhor, como se fosse Lord Nidderdale em pessoa, e desapareceu pela abertura do marco do correio, fechando-a atrás de si. O seu destino ficava ainda mais a oeste do que o próprio Far West. Sim, porque a Terra é redonda e a sede da COSMOPOL ficava numa aldeia galesa de nome impronunciável por ingleses normais (CAERNARVON ainda vá lá, é como celebrar o Eisteddfod no PINHAL NOVO, mas experimentem pronunciar

LLANFAIRPWLLGWYGYLLGOGERYCHWYRNDROBWLLLLANTYSILIOGOGOCH

de uma só vez e sem pausas). Por sorte, Mr.Trollope não era um inglês normal, e aliás fora ele era o inventor dos marcos do correio e ainda por cima vivia na Londres vitoriana, o que implicava deslocações diárias no espaço e no tempo e mudanças frequentes na moralidade. Cruzava teorias às horas certas, como quem atravessa ruas de pouco tráfego. Graças à teoria dos tubos, que destronara a das cordas e tornara obsoletos os vasos comunicantes, dispunha de ligação instantânea entre Santa Fé e a aldeia galesa, com transbordo automático para a sua residência londrina. Tudo de uma vez, sem dar tempo nem sequer para um comentário com mais de duas letras. “Uf”,

por exemplo. “Ai” tinha mais a ver com dor ou com vertigem, “ai que me vai dar uma coisa”.

A exceção era o Domingo, que era um dia de insuportável quietude, de uma chateza mais plana que a própria chatice, e em que só se comiam refeições frias, para que a criada não pecasse ao espreitar o lume ou descascar as batatas.

Foram para os vestiários equipar-se. Encontraram-se a meio do corredor, já equipados com o fardamento de polícias da COSMOPOL – fato macaco azul com o escudo da organização estampado no peito e que era uma águia voando entre estrelas, rodeada pela sigla *E pluribus unum*. Sapatilhas brancas com patins retrácteis. Relógio multi-funções e contador *Geiger* incorporado – tempo, espaço, radiação, e todo um conjunto de variáveis que ainda poderiam vir a ser úteis, como a velocidade e o cansaço. Também servia de emissor / receptor em todos os comprimentos de onda conhecidos. Na cabeça levavam um chapéu de feltro, com a insígnia em prata da COSMOPOL. O chapéu de Mrs.Hurtle levava plumas e, como ela trazia botas altas com esporas e espada à cinta, lembrava duelos e mosqueteiros do Rei. Era o equipamento próprio dos operacionais, não dos que ficavam à secretária e depois iam ver o futebol, como Mr.Trollope, mas dos que iam aonde era preciso, que era justamente onde os problemas ferviam.

Logo à entrada do corredor da sorte, foram abordados por uma dona de casa que regressava das compras.

- Se não fosse abusar, sabem como se vai daqui para a Avenida de Roma?

Husky fez um gesto muito longo com a mão direita, a significar que a Avenida de Roma ficava muito para além do mundo conhecido, e que havia que atravessar pelo menos um oceano para lá chegar.

- Tão longe?... E a COSMOPOL, o que é a COSMOPOL?

Mrs.Hurtle começou por dizer que tal palavra nunca se pronunciava em conversas de corredor, era como dizer *Skull and Bones* em Yale, era como se não existisse. Não tinha nada a ver nem com a política nem com a moda. Era uma Polícia de Inteligência, desde que se tomasse a palavra “inteligência” no seu sentido brilhante e não no sentido reles de coscuvilhice para tramar alguma ou para tramar alguém. Não era uma Central de Inteligência, era uma Polícia ao serviço da Inteligência. Os Estados ou, na sua falta, as Empresas de Armamento, detêm o monopólio da violência física. Para a violência exterior dispõem dos exércitos, públicos ou privados. Para a violência doméstica dispõem das Polícias. Ora a COSMOPOL está ao

serviço da Inteligência Universal, aquela que faz luz quando um electrão muda para uma órbita de energia inferior e que permite a coexistência de mundos paralelos com fronteiras que só podem ser atravessadas por polícias ou civis especiais com passaportes especiais. É uma Polícia que não se preocupa com o estacionamento dos automóveis, nem com injúrias nem com piropos nem com empurrões nem com marquises de alumínio nem com máquinas de venda de chocolates. O que está proibido é infernizar a vida de alguém, já que a Inteligência Universal leva o direito à felicidade muito a sério e diz o preto no branco que essa felicidade é para todos, mas rigorosamente para todos, isto não somos nós a falar por falar. A COSMOPOL entra em acção logo que haja coisas que não estejam bem.

- Ah, sim, percebo. Estrangeiros, percebo. Não gosto de estrangeiros. E já agora, podem-me dizer se os iogurtes estão em promoção?

- Olhe, minha senhora, vá!... Procure mas é um bom vibrador. Ao lado dos ursinhos de peluche.

Olha que pouca sorte a minha, a gastar o meu latim com gente maluca – é o que pareciam dizer os olhos negros de Mrs.Hurtle, enquanto patinavam pelo corredor da sorte, onde havia espelhos que lhes deformavam as silhuetas e onde a cada 100 metros havia um posto de reclamações, com distribuição gratuita de gelados e refrigerantes. Mas Husky & Hurtle tinham pressa e continuaram à velocidade olímpica até chegar ao espaço-porto que fora escavado na montanha e onde brilhava o seu transporte, o poderoso Mobilis 3000, com uma potência de 25000 terawatts, o suficiente para transpor as barreiras entre dimensões e alcançar qualquer destino, por mais brilhante ou por mais ignorado que fosse.

As portas do veículo subiram o suficiente para poderem entrar e, por momentos, deram a impressão de asas que se abriam. O Inspector Husky sentou-se aos comandos e Mrs.Hurtle ficou ao seu lado, atenta aos mapas estelares que apareciam na consola de navegação.

Estavam em plena hora de ponta. O jovem inspector (tinha treze anos como Rapaz da Rua, e dezasseis na sua qualidade de Inspector da COSMOPOL, não era demais que lhe chamassem jovem) conduziu o Mobilis pela M 30 até alcançar a pista de partida, vulgarmente conhecida por “Ai Meu Deus!”, tradução livre de “Goodness gracious me”. Nessa altura, os semáforos estavam no vermelho.

- Há que ter paciência – murmurou Mrs. Hurtle.

- Devem ser obras na via – aventurou o Inspector, não dando importância ao facto de ser jovem.

- Provavelmente. Quase de certeza.

Não havia escutas a bordo e assim falaram livremente de Andrómeda, a super-polícia que fora mandada infiltrar na organização do Minotauro. Como o nome indica, o Minotauro era metade homem, metade boi, e fizera uma gigantesca fortuna com o tráfico de substâncias proibidas, como droga, droga e mais droga. Tinha afiados os cornos e a sua consciência era já tão velhinha e enfermiça que passava todo o tempo a dormir e a deixar fazer. Era tão rico que estava em vias de deixar o crime e enveredar pela vida honesta de banqueiro, indiferente aos risos que se levantavam quando se falava de uma entidade tão contraditória como “O Banqueiro Honesto”. É sabido, desde Fernando Pessoa, que os banqueiros são os mais ferozes, os mais desapiedados anarquistas, mas se fossem honestos teriam vergonha na cara e isso é um luxo que um banqueiro nunca pode ter sob pena de perder o sigilo bancário, a sua maior arma. Havia que apanhar o Minotauro ainda com a mão na massa, em todo o esplendor da sua carreira criminosa. Depois seria tarde de mais. Os banqueiros eram intocáveis, pelo menos em três das dimensões conhecidas, as mais vulgares por sinal – comprimento, largura e altura. O tempo só servia para a contagem dos juros.

- Andrómeda já tem toda a prova para conseguirmos o mandado de detenção extra-dimensional. Só teremos de ir resgatá-la e colocá-la em segurança ao abrigo do programa de protecção anti-cornada. Depois serão as forças especiais a fazer a detenção. O Minotauro está super-protegido no seu Labirinto.

Mrs. Hurtle era sempre a melhor informada. A diferença entre a polícia profissional e as pessoas como eu, que só policiavam nas horas vagas.

Explicou longa e pacientemente todos os factos que indiciavam que o Minotauro era dos bandidos mais espertos, ou, melhor dizendo, dos bandidos mais mestrados e mais doutorados das dimensões de onde o crime ainda não fora erradicado, as quais coincidiam com aquelas onde ainda persistia a escarlatina. Mera coincidência ou talvez não. O Minotauro, Sua Excelência o Senhor Minotauro, ia criar não apenas um Banco, mas dois de uma vez. O Banco Limpo e o Banco Sujo. Futurando:

I - O Banco Limpo tirava as nódoas ao dinheiro e colocava atrás da cabeça do seu possuidor uma luz de santidade, tipo aquele que, de uma maneira ou doutra, ou pelo lado da oferta ou pelo lado da

procura, contribui para a nova ala de Oncologia Infantil. Quando alguém devia dinheiro era ao Banco Limpo que devia, e o credor era implacável. De dois em dois minutos uma agência funerária ligava ao devedor dizendo-lhe que se não pagasse de imediato o capital e os juros, juro que alguma coisa muito desagradável lhe vai acontecer, a si e à sua família. O devedor ficava a pensar de rajada de metralhadora para cima. Mas, quando se queixava à Polícia, a agência escudava-se atrás dos rigores da lei e dos profetas “Claro, não paga, teremos que o pôr em tribunal, e a consequência é a penhora e a venda dos seus bens. É muito desagradável, bem sei, mas, como dizia o outro, *dura lex sed lex*”.

II - O Banco Sujo estava feito para as dívidas. Os credores ficavam a saber que o seu devedor não era o Sr.Minotauro, nem o Banco sentado orgulhosamente à sua direita. Era o Banco colocado atrás das suas costas que, por mero acaso, não tinha nem sombra nem património. Barras de ouro que lhe fossem confiadas, lamentamos informar que por motivos técnicos não é possível aceder ao seu cofre. Por favor, tente mais tarde.

Todo o dinheiro que os simples particulares (simples no sentido de palermas, isolados e fracos) emprestavam a Sua Excelência desaparecia sistematicamente. Todos os depósitos que lhe eram confiados iam parar a um engenhoso sistema de vasos comunicantes, também chamados “esgotos” e desaguavam numa lagoa de águas paradas, muito negra, duramente opaca, com um fedor discreto onde se perdia irremediavelmente o rasto às riquezas foragidas. Nojento mas legal.

O semáforo passou para o verde. Um milionésimo de segundo depois ouviu-se a primeira buzina e Husky acelerou até Take 5. Foram rodeados por uma luz deslumbrante que só os não cegou por os óculos escuros terem baixado automaticamente dos chapéus de feltro e os vidros do veículo terem ganho uma cor baça que a luz penetrava a custo. Por momentos ouviu-se a música das esferas e depois o silêncio. Os vidros voltaram à transparência e os óculos escuros sumiram-se nas profundezas dos chapéus. Estavam na dimensão... É assim, as dimensões não têm número porque não se sabe qual delas nasceu primeiro. E há uma teoria, a do tudo e mais alguma coisa, que diz que todas começaram ao mesmo tempo. O tempo, ao começar, começou para todas. Houve assim que dar nomes às dimensões, pelo menos para facilitar a tarefa da Polícia. A dimensão em que acabaram de entrar tinha o número do livrete, que era o KX-207-V-9-667, mas nos compêndios de exo-geografia estava catalogada como “Vai andando que eu já lá vou ter”.

Pararam numa área de serviço e mudaram de roupa para ninguém suspeitar que eram da Polícia e não de qualquer Polícia, mas nem mais nem menos do que a COSMOPOL, a Polícia dos Mundos. Beberam água e regressaram ao Mobilis, onde esconderam os uniformes num compartimento debaixo de um fundo falso praticado no mini-bar.

Mrs.Hurtle tornou-se um GPS humano.

- Segue sempre em frente. Isso. Chegamos agora à rotunda. Ninguém. Vamos. É a terceira saída, à nossa direita. Muito bem. Em frente. Agora segue pela faixa da direita. Sempre à direita. Isso. Agora temos uma portagem a dois estádios e meio... abrandar... dois estádios... abrandar... estádio e meio... segunda circular... Estádio da Luz... primeira divisão... Agora pensa em coisas boas e mostra o teu melhor sorriso. Estou a brincar contigo.

Porque o Inspector Husky, além de ter os cabelos de um louro quase branco e os olhos azuis, tipo husky siberiano, que era de onde vinham as suas origens, tinha ainda outro problema que era um sorriso permanente que nada, nem uma má notícia, nem uma joelhada no estômago, nem esferovite a raspar no estuque da parede conseguia apagar. Pedir-lhe – faz o teu melhor sorriso – era o mesmo que pedir flores à Primavera.

Estavam já em plena portagem, com as saídas bloqueadas por paredes de uma liga metálica desconhecida na Terra e que era à prova de toda a prova. Em cada saída, de costas para as paredes, dois vigilantes automáticos, armados com apitos ultra-sónicos, faziam o controlo da fronteira. Husky tocou no botão que subia as janelas e, no primeiro momento, os vigilantes pareceram encadeados pelo brilho faiscante do sorriso de Mrs.Hurtle. O de Husky tinha duas camadas - por fora era o de sempre, mas por dentro era o de quem espera uma sova a todo o momento mas confia que desarmará o inimigo à força de piadas de duplo sentido, o equivalente no mundo do humor às bombas-relógio. Só daí a 5 minutos é que o público se começa a rir e nessa altura o humorista já fugiu do palco.

O mais alto aproximou-se e fez continência.

- Cavalheiro. Minha Senhora.

Olhou-os demoradamente e pareceu registar interiormente tudo o que via, à espera de incoerências suspeitas, como o facto de Husky estar vestido de cerimónia, fraque, laço preto e um fez ou *tarboosh*, o que lhe dava um ar de Egipto colonial ou de família real marroquina, e Mrs.Hurtle estar vestida de empregada de *saloon* a servir *french cancan* no Oregon da morte do homem que afinal não morrera.

Apesar de complementares, não poderiam ser mais diferentes. E por isso eram complementares.

- Documentos?

- Não fazem falta, Sr.Guarda. Sou o Grande Husky, o famoso ilusionista, e esta é a minha assistente, Mrs.Hurtle.

O mais alto desligou a delicadeza vienense e ouviu-se o crepitar de chispas no seu interior naturalmente complexo. A Grande Assistente deu um toque de cotovelo no jovem Inspector.

- Estava a brincar. Claro que os documentos fazem falta mesmo para quem é o Grande Husky ou a Grande Mrs.Hurtle. Aqui tem os passaportes especiais.

O mais alto pegou nos passaportes e entregou-os ao mais baixo, que os examinou com uma atenção de assustar. Os passaportes especiais eram quase à prova de falsificação, mas lá está, quase não é o mesmo que tudo, ou seja, não é garantia absoluta para ninguém e muito menos para robots com imagem de super-alta definição, sensíveis à mínima rugosidade ou ao mais ínfimo grão. Os passaportes eram verdadeiros. Fechou-os e devolveu-os ao mais alto, que, por sua vez, os devolveu a Husky.

- Vêm em trabalho? Visita de estudo? Férias? Espionagem?

O jovem inspector colocou a cruz no campo “férias” e acrescentou “é só um fim de semana para descansar e recarregar baterias”. Depois riu-se.

- Era mentira. Vimos em trabalho. Vamos dar um espectáculo para o Sr.Minotauro, ele próprio em carne e *ossobuco*.

Para os vigilantes, que, como já sabemos, eram autómatos, a palavra “Minotauro” transformou-os em cachorrinhos a ouvir a voz do dono. Foi marcha militar para os seus ouvidos. Uma continência apressada e uma expressão satisfeita. A parede intransponível ergueu-se e deixou passar.

Seguiram em frente e acabaram por se incorporar na A 3, que era a que conduzia directamente ao seu destino, o planeta Donde-Eles-Vieram. Para a entrada na atmosfera do planeta, Husky ligou o piloto automático. Não por falta de confiança nas suas capacidades, mas porque está no Código, no artigo 273º. “Das manobras absolutamente proibidas” – 1. *É proibido entrar na atmosfera de um planeta em navegação manual.* 2. *O incumprimento é castigado com uma coima entre 0,25 e 5000W.*

Husky fazia palavras cruzadas e Mrs.Hurtle arranjava as unhas quando o Mobilis 3000 pousou suavemente na pista de Antikera.

Não havia mais formalidades a cumprir. Não havia Alfândega e o trânsito era livre. Husky seguiu pela antiga Estrada de Cnossos, e a acompanhante, que era agora a sua *partenaire*, voltou a servir de GPS com pernas.

- Daqui a 200 metros, a próxima saída à direita. Raio da mosca.

Deu uma palmada que esmigalhou um insecto de encontro à consola de navegação. Atirou-o pela janela.

- Agora já posso falar.

Mrs.Hurtle disse que naquele mundo até as moscas tinham ouvidos, por isso é que se diz “por causa das moscas” quando se introduz na equação a variável do azar. Depois explicou ao pormenor o complicado plano de resgate de Andrómeda, que afinal era surpreendentemente simples para pessoas de outras dimensões, como era o caso deles. Poderes e capacidades que se não conseguem exercer numa dimensão exercem-se facilmente em milhares de outras. Numas é-se uma nulidade, noutras um génio. Numas temos medo de andar de avião, noutras voamos só de estender os braços. Numas damos uns toques na bola e nada mais, noutras tocamos piano como Ashkenazy. Numas as acções não têm consequências, noutras as consequências surgem mesmo sem causa.

PESSOA ESQUISITA - Não pode passar em claro este flagrante atropelo das regras mais elementares do realismo e da lógica. É evidente que o autor não tem prática de orfanatos e dá-se mal com as atmosferas confinadas. Também não está para se maçar em ir visitar um orfanato a sério, falar com as pessoas e tirar apontamentos. Realismo não é com ele. E, claro, para fugir às dificuldades que melhor solução haverá que melhorar o aspecto do herói (que não era mas passa a sê-lo), pôr-lhe às costas o encargo de salvar o mundo, nem mais nem menos, até parece que salvar o mundo é como abrir um pacote de batatas fritas, e depois metê-lo a bordo de uma nave que o leva para uma dimensão mais fácil? Um toque de magia e deixamos os problemas para trás. Tornear dificuldades não é original, mas parabéns mesmo assim.

EU – Fique Vossa Excelência sabendo que lhe desejo santas tardes, embora tenha de reconhecer, com uma certa mágoa, muito pouca, quase nenhuma, que V.Ex^a. é muito incompetente no capítulo de ler entrelinhas. Talvez mudar de óculos ajude. Sabe bem, e se não sabe devia sabê-lo, que já ninguém tem pachorra para a realidade.

As palavras “realismo” e “neo-realismo” ainda lhe dizem alguma coisa? Ah, pois, as palavras não falam. Desculpe.

PESSOA ESQUISITA – Quem não tem tomates para aguentar um orfanato, deveria ir vender chupa-chupas à porta da “Oldman Sucks”.

EU (pressentindo que já faltou mais para começarmos à pancada e eu embirro com pancada porque dói, não é?) – Pronto, humilho-me o que for preciso, até me ponho de joelhos, mas não me obrigue a ficar no orfanato mais tempo do que o estritamente necessário e quanto menos melhor. É um favor que me faz. Deixe-me que leve o Agente Siberiano por essas dimensões fora. É o mais seguro para todos. Prometo não descer tão baixo que o faça procurar objectos que se caírem nas mãos das forças do mal que felizmente nos governa e que aliás amamos, lhes darão mais cinco mil anos de vitórias. E geralmente, são objectos da vida de todos os dias, como anéis, copos, facas, colheres de chá, óculos e porta-chaves. É poesia fora do sítio, quando toda a gente sabe que as forças do mal preferem dinheiro aos cartões de boas-festas. Gostam de pôr as coisas em termos simples. 2% do PIB, 3%, 5%, 7%, tudo coisas divisíveis ou por si ou pela unidade.

PESSOA ESQUISITA – Primo, porque não te calas?

EU – Isso é comigo? Porque é que não me calo? Ora essa. Ainda agora comecei. E quem é você para me mandar calar? Se não gosta, baixe o som e vá mas é levar na ranhura, aquela onde Mariana Alcoforado metia as cartas.

PESSOA AINDA MAIS ESQUISITA – Reles e ordinário.

EU – Quem é que disse o contrário? Olha, rimei.

Iriam ser convidados para dar um espectáculo perante o Minotauro, o Grande Boi em pessoa. Em pleno Labirinto, o local mais próprio para resgatar Andrómeda, a qual ignorava o caminho de regresso (foi o que nos disseram na altura, mas investigações históricas mais recentes lançaram a dúvida ao mar e ainda a não recolheram) e, portanto, era como se trabalhasse lá 24 horas por dia e sete dias por semana, sem direito a férias nem dias para tratar de assuntos pessoais.

- Temos apoio lá dentro?

- Cúmplices? – sorriu a acompanhante.

- Prefiro chamar-lhes de apoio. Afinal de contas somos polícias.

- Temos, mas não te posso revelar os nomes. Para tua própria segurança. Ariana e Fedra.

- O quê?

- Está bom tempo para a altura do ano, não está?

Continuou a servir de GPS, na voz tão doce que era a sua, como seu era o génio irritável quando alguém a conseguia enfurecer, o que não era fácil, tirando o caso excepcional das pessoas que a irritavam logo ao dizer “Olá, bom dia. Tudo numa boa?”.

- Sabes o que dizia o General Rondon? Sabes qual era a divisa do General Cândido Rondon?

- General? Assim de repente, sem Enciclopédia...

- “Morrer se necessário for. Matar nunca”. Era essa a divisa dele.

- E dizes-me que era General?... Estranha divisa na boca de um General...

Mrs.Hurtle fez uma pausa para inspeccionar as unhas, para confirmar se tinham o corte perfeito e se o brilho era satisfatório. O silêncio era preocupante. Mrs.Hurtle não era uma mulher fácil. Nunca o foi.

- Ainda a história do Oregon? Husky, qual foi a parte da palavra “falso” que não percebeste? Deixar uma pessoa estendida no chão com um traumatismo craniano, três costelas partidas, dois dentes a menos e um hematoma peri-orbitário não é a mesma coisa que matar, pois não? Estava a ser agredida, era legítima defesa, não era a desculpa de poder, quem sabe?, vir a ser agredida um dia mais tarde. Não era a guerra preventiva.

Mandou-me virar na segunda à esquerda e prosseguiu, a um ponto percentual de ficar ligeiramente mal-humorada.

- Foi essa a razão pela qual nem sequer me enforcaram.

Husky fez uma festa na mão da assistente, o equivalente carinhoso a deitar água na fervura.

- Mas posso serrar-te ao meio, não posso?

- Podes – e o sorriso de Mrs.Hurtle não tinha garras na voz.

Deixaram o Mobilis 3000 a recarregar na estação de serviço mais próxima do Hotel Phoenix. Mas não iam ficar no Hotel. O seu destino era o acampamento do Circo do Castelo, em que pelo menos metade dos acrobatas eram polícias das Forças Especiais. Em cada três prestidigitadores um pertencia à COSMOPOL e os outros dois

estavam ligados às Informações. Os domadores de leões eram todos da Secreta.

A especialização faz parte do mundo especial da Polícia. É a condição para permanecer adiantado em relação ao crime e poder enfrentá-lo numa posição de vantagem quando o crime parte do princípio de que dispõe de todos os trunfos. É quando o hábito de ganhar cria no criminoso uma sensação de segurança falsa que a Polícia lhe pode servir a primeira colherada de sopa de tartaruga, falsa também.

Já lhes tinham destinado uma roulotte, a terceira da Fila III no imenso relvado que circundava o Labirinto. III-3, não havia hipótese de se enganarem. Ficaram vizinhos de Elektra, a Mulher Eléctrica, casada com um palhaço rico que tocava trompete e que vivia em permanente estado de choque.

A roulotte tinha dois compartimentos - sala e quarto. A casa de banho era um prodígio de arrumação do espaço. Sentava-se na sanita multi-funções e as pernas ficavam debaixo do lavatório. O jovem inspector dormiria no sofá da sala, que lhe pareceu bastante fofo e confortável. Se fosse preciso e se tivesse tempo para dormir, como é evidente. O quarto era para Mrs.Hurtle. Senhoras têm de ser tratadas com uma consideração especial, principalmente quando uma delas é Mrs.Hurtle, a mulher mais assustadora e mais querida seja qual for a dimensão para que se olhe. O próprio Hércules, domador de leões, confessou que tudo o que sabia aprendera com ela, principalmente a arte de manejar o chicote e fazê-lo estalar de um modo especialmente irritante que fazia gelar o coração das feras.

Dentro da roulotte Husky tirou o fato de cerimónia em que já suava, e trocou-o por uma camiseta de algodão às listas azuis e brancas e uns calções. Calçou as sandálias que encontrou ao lado do sofá e que eram exactamente o seu número – 39. Depois sentou-se numa cadeira de jardim, ali posta de propósito para a preguiça. Mrs.Hurtle estava a arranjar-se e fora do tablado era demorada a transição de empregada de *saloon* para artista de circo.

Espreguiçou-se e abriu as aventuras de Mandrake, o Mágico com quem fora a sua vez de aprender tudo o que sabia. Foi então que pela primeira vez ousou levantar os olhos para a massa colossal do Labirinto que se erguia à sua frente. Era esmagador e tinha como que todo o peso dos altos-fornos do Inferno somado às enormidades do pecado capital. Quase desejou não ser polícia e não ter que entrar naquele formidável antro da delinquência em vias de se transformar num Banco de investimento.

Entrar, entraria. E depois para sair? Ora, não havia impossíveis para o Grande Husky, para mais com Mrs.Hurtle a seu lado.

O palhaço pobre regressava agora de tomar café e comprar o jornal. Era um especialista em árvores genealógicas, embora a pobreza o obrigasse a ser humilde e a esclarecer – Qual especialista nem meio especialista, eu cá não passo de um amador, um puro e simples amador. Isto é só para as horas vagas.

- É dos Huskys siberianos? – perguntou o palhaço pobre.

- Nasci na Sibéria, é verdade. Como é que adivinhou? Deixe cá ver... Pelos meus olhos azuis e o cabelo quase branco. Foi, não foi? Olhe que o sorriso foi acidente. Não consigo evitá-lo por mais que queira.

Louro, quase branco, e de olhos azuis, era essa a sua aparência na vida de polícia, sem vestígios da sua ascendência *****. É a aparência que dá a ascendência, se bem que a ascendência também influa na aparência.

PESSOA MENOS ESQUISITA - O quê?

EU - Nada, não queria dizer nada. Só queria provar que é possível dizer de tudo, mas absolutamente de tudo, sem dizer absolutamente nada, desde que se utilizem palavras.

PESSOA MENOS ESQUISITA - Continuo sem perceber.

EU - Homem, o que eu quero dizer é que as palavras servem para tudo, podem-se virar de trás para a frente e da frente para trás, a ordem é aleatória, não é necessário que façam sentido. Para isso existe a matemática.

Claro, na vida à superfície de Lisboa, ao desempenhar o papel de António, “O Ciganito”, as coisas eram completamente diferentes. Um cigano que não era louro e de olhos azuis e era completamente diferente do que se espera de um Husky siberiano – moreno, olhos negros e sobancelhas negras, espessas e quase juntas, o que para os Celtas era a marca dos descendentes do diabo, e quem era ele para os contradizer? É evidente que um polícia tem de passar despercebido. A maneira mais segura é a de ter uma cara própria para a vida civil, a vida de todos os dias, e outra cara para a vida frenética do combate ao crime.

A cara morena de António não servia. O mal é moreno. É o que os filmes ensinam e os americanos praticam com a teoria do Eixo do Mal. Não bombardeiam a Escandinávia, porque os Esquimós não representam uma ameaça enquanto se mantiverem frescos.

Mas um ibérico ou, como eles dizem, um latino, não é branco, é uma categoria intermédia que fala um mau Inglês, e que é um meio-idiota que engole qualquer mentira, uma espécie de “assimilado” a branco. Se além de ibérico for cigano, então não há assimilação possível – nem branco honorário nem negro honorário, nem pagamento de honorários. Em qualquer lugar tinham-lhe já preparado o carimbo – “intocável, a não ser com luvas cirúrgicas”. As pessoas viam-no – ele é cigano - e levavam a mão ao preconceito para ver se ele ainda lá estava. Um cigano tem de ser imaginativo – Não. Não. Nada disso. Sou filho de um Rajá. Ah, já não vendem!? Então, Olá. Venho da Índia, de propósito para reparar os vossos computadores. - No caso dele, com as sobranceiras diabólicas e o ar de zangado e assustado, precisava urgentemente de outra cara.

EU - Eu tenho de ser o oposto do meu eu.

PESSOA MAIS QUE ESQUISITA - O quê? Ao que vem tanto eu eu eu? Que é feito de “nós”, “vós”, “ele” e “tu também, Brutus”? Hem? Pedante.

EU – A sua tia.

PESSOA MAIS QUE ESQUISITA – Olha ele armado em barão. Cigano...

EU - Já agora podia alcançar-me o pratinho de arroz doce que ficou aí em cima da mesa? Se há-de ir para os porcos... Obrigado.

(Pausa para dar à colher)

E, como eu ia dizendo, é por questões de segurança que um homem se tem de transformar no seu negativo. O branco enegrece, o vermelho fica verde, as ideias trocam de lugar. Se há matéria, terá também de existir anti-matéria. Se existe gente simpática terão também de existir filhos da puta. Para restabelecer a simetria perdida. Trampa é uma armadilha espanhola. Uma bomba é uma bomba. A vida não é só filmes. Há questões muito sérias, questões fodidas.

Porque é que ninguém me fez aquele sinal secreto do dedo médio esticado – Cala-te, porra!? Bem sabem que basta dar-me corda para eu ir em frente e cair facilmente nos atoleiros da erudição e da ordinarice.

EU – Mais alguma coisa?

PESSOA MAIS QUE ESQUISITA – Sim, por favor. Mais pastéis de nata e menos opiniões. Já estou farto de tanta opinião. Nenhuma delas é boa. Todas merdosas. Nenhuma se aproveita. Foda-se.

Foi ele que disse *****, Husky não dizia asneiras. Era Inspector da COSMOPOL, tivera uma educação esmerada no Colégio dos Nobres, e, portanto, não dizia “foda-se”, quando muito diria “Mas que grande aborrecimento”.

Continuando as coisas sérias,

O que o Manual recomenda é uma cara que não dê nas vistas, que se veja e que se esqueça logo de seguida. Mas nem sempre se pode seguir o Manual. Principalmente quando já se esgotou todo o stock de caras inocentes e a alternativa é inovar ou voltar ao princípio, com o risco inerente de criação de sombras, duplos ou gémeos, o que ainda é mais trágico. Puseram-lhe então a cara que havia de mais parecida com um *husky* siberiano, o cão mais branco e de olhar mais azul. O Manual é omissos quanto ao sorriso permanente, como é omissos quanto a outras questões – por exemplo, que fazer quando a manifestante beija apaixonadamente o polícia de choque. A pedrada e os petardos são relativamente simples de resolver e para isso há escudos e bastões e botas pesadas. Mas a autoridade nunca foi preparada para coisas tão perigosas como paixão e beijos na boca.

Claro, com um aspecto tão nórdico, o acompanhante teria de ser completamente diferente, para poderem jogar o jogo das diferenças polícia mau / polícia bom, que na COSMOPOL, uma Polícia boa por natureza, é antes o jogo do xadrez. Daí ter a morena Mrs.Hurtle a seu lado, exactamente o seu oposto, e por isso a queria tanto, não gostava das pessoas parecidas consigo. Os Antónios cansavam pela sua monotonia de iguais entre iguais entre iguais entre iguais entre iguais entre iguais entre iguais entre iguais... O mesmo quando mudavam para Huskies.

AMUNDSEN – *Um dia acordei e estava rodeado de huskies siberianos por todo o lado, a pedir o pequeno almoço. Só depois me lembrei que estava a caminho do Pólo Sul e eram eles que puxavam os trenós.*

- Alguma coisa de interessante no jornal?

- Nada de novo, a não ser a festa do Minotauro e a sua consagração como banqueiro, logo à meia-noite, na Anti-Catedral de *Oldman Stinks*, antigamente conhecida como *Oldman Sucks*. Ah, sim, e uma fotografia de meia página da dupla Husky & Hurtle. De palhaços pobres muito pouco ou mesmo nada da nada. A necrologia de um desconhecido é mais prolixa. É como se não existíssemos. Ora veja.

A fotografia datava de quatro meses atrás e era de uma gala beneficente a favor das crianças escravizadas em África. Pagava-se

um tanto ao traficante e ele deixava a criança ir-se embora. O que acontecia depois só Deus sabia, mas era frequente que a mesma criança fosse libertada várias vezes ao ano, o que fazia da caridade um excelente negócio, em que os ganhos eram constantes e mais garantidos do que fundos de pensões que podem desaparecer logo ao primeiro vórtice, de um dia para o outro, sem avisar.

A organização caritativa tinha o alto patrocínio da *Oldman Stinks* e esta organização só contratava para as suas festas de bem ou de mal-fazer, a nata das natas, ou *la crème de la crème*, que tem um som mais cosmopolita a disfarçar a gordura, e seria mais bem paga se não se tratasse de beneficência, em que os artistas eram os únicos que não cobravam. Husky & Hurtle eram actualmente os maiores mágicos dos universos reunidos. Embora fossem mais genericamente conhecidos como “O Grande Husky” e só em momentos de maior exactidão como “O Grande Husky e a sua *Partenaire*”. Mrs.Hurtle não se importava com a flagrante injustiça de ser relegada para um papel secundário. Fazia parte da sua grandeza. Acima de tudo era Polícia e o Grande Husky era criação sua – como era sua a invenção do papel viscoso para prender a alta criminalidade como se de moscas se tratasse.

Palhaços pobres não passavam daqueles senhores lá atrás a fazer caretas.

Logo, Sua Excelência o Senhor Minotauro, o mais fiel adepto da linha política de *Oldman Stinks*, o lambe-botas fidelíssimo do Poder de *Oldman Stinks*, não poderia deixar de contratar O Grande Husky, o maior mágico do mundo, para a sua festa de baptizado como banqueiro, que também iria ser a sua despedida dos crimes conhecidos do Código Penal. Contentar-se com menos era sinal de dificuldades de tesouraria. Era caracóis em vez de carabineiros *a la plancha*, ou bolo de arroz em vez de bolo de noiva, daqueles com cinco andares e uma mulher nua no telhado, tão doce (falo na mulher – reparem no duplo sentido da coisa) que dava vontade de lambe até derreter na boca. O indicado nesses casos era uma orgia respeitosa, muito vestida, pontuada de exhibições de cortar a respiração, como as que proporcionava O Grande Husky a quem tinha dinheiro para as pagar.

Isto se não queria rebaixar a sua festa ao nível da despedida de um funcionário com 40 anos de firma ou dos 50 anos de um casamento sem calor, sem paixão e sem traição, que é a maior prova de amor que se pode dar a uma mulher, atraí-la e voltar para ela como quem diz “Comparei, não gostei, e tu és evidentemente a melhor. Que é hoje o jantar?”.

O palhaço pobre largou o jornal e pegou num livro encadernado a vermelho. Na capa, por baixo de um título que sugeria que o comunismo era um modo de vida ligeiramente mais evoluído (mas mesmo assim muito pouco) do que a mera barbárie, havia um aviso enquadrado num rectângulo de meter medo – “Não leia livros que não tenham sido visados pela Comissão de Censura. Proteja a sua saúde não lendo livros proibidos.”

- Não me interprete mal – disse o palhaço. – Mas não se admire se mais dia menos dia houver uma greve geral de palhaços pobres.

3.

Quando Mrs.Hurtle saiu da roulotte vinha já preparada para que a serrassem ao meio – um *maillot* cor de malva, meias de rede e sapatos de salto alto de um verniz cintilante. Colocou uma capa aos ombros para disfarçar sem êxito o seu esplendor e, nós (é assim que se passa impunemente da 3ª. pessoa do singular para a 1ª. do plural e vice versa) nós e os trapezistas, seguimos em frente, pela estrada dourada que conduzia directamente ao Labirinto.

Ainda não era o espectáculo com que iriam entreter o Sr.Minotauro. Iam apenas ensaiar e fazer um pouco de espionagem preparatória. Também se poderia falar em reconhecer o terreno. A estratégia é feita de um processo de passos que se sucedem uns aos outros. Tal como a culinária.

O imenso bloco cinzento era de uma construção tão lisa e tão espelhenta que era possível lavar os dentes e pentear-se de frente para as suas paredes. Tinha duas portas, uma, mais pequena, para a entrada, e outra, muito maior, para a saída. Havia também duas entradas para duas garagens, uma para os fornecedores, outra para o próprio Minotauro, para os seus conhecidos, que eram muitos, para os Directores da sua organização criminosa, que eram poucos, e para os seus amigos, que eram nenhuns. Ambas estavam ocultas na parede. A dos fornecedores só se abria por ordens internas emitidas em onda curta e frequência modulada. A outra só se abria a quem conhecesse o código secreto que mudava a cada meia-hora.

O Circo pudera usar a garagem dos fornecedores para estacionar os camiões dos adereços. Era uma saída possível se conhecêssemos o processo de abrir a parede falsa a partir de dentro.

Antes de entrarem pela porta pequena Mrs.Hurtle segredou-lhe um aviso breve.

- Não penses em nada.

Foi Husky quem empurrou a porta.

A entrada era quase familiar, desproporcionadamente pequena para um monumento tão vasto, como se o vestíbulo do palácio de Versalhes fosse do tamanho da bilheteira do cinema King, que fechou depois de exhibir o último filme de Bertolucci – “Eu e Tu”. Nada de colunas nem de mármore, nem uma orquestra de câmara tocando por detrás de palmeiras. Nem quadros de mestres, nem estátuas retiradas do Mar Egeu. Zero de imponência. Um chão de tacos envernizados,

paredes escuras, com uma ou outra lâmpada a fazer jogos de escondidas entre a luz e a sombra.

O porteiro era invulgarmente baixo, mas não tão baixo que lhe pudéssemos chamar anão, lá isso não. Tinha uma corcunda saída directamente dos romances, mas não era por isso que dava uma sensação de asco e de um terror moderado a forte. Sorria um sorriso intermitente que lhe vinha da boca revirada para cima e que devia ser tique porque os lábios vibravam duas vezes por segundo, e essa imitação de sorriso não se reflectia no olhar que à primeira vista me pareceu tenebroso, mas Mrs.Hurtle corrigiu depois:

- Triste.

Imagina uma apresentadora de tele-vendas que perdeu a família num acidente que a Polícia lhe veio comunicar há menos de um quarto de hora, e que está contratualmente obrigada a mostrar um entusiasmo desmedido pelas novas calças que reduzem a barriga (e logo a parte mais fofinha das senhoras, onde sabe tão bem repousar a cabeça) em 23,12 cms e, portanto, a torna rija, dura e desinteressante. Imprópria para a reprodução. Imprópria para o pecado. E a apresentadora chora por dentro do seu entusiasmo.

Aqui, como é evidente, fala o jovem que não cresceu e que se diverte a imitar adultos.

O anão que não era anão fê-los passar debaixo de um arco que fazia ressonâncias magnéticas instantâneas para detectar qualquer objecto escondido ou qualquer intenção dissimulada nos neurónios. O Grande Husky fez parar o tempo enquanto o pessoal do circo ia passando, e depois deixou-o correr novamente, adiantando os relógios pelo tempo exacto em que tinham ficado parados. Não houve nada que chamasse a atenção do porteiro, e, se reparou nalguma coisa esquisita em todos aqueles agentes da Secreta, foi como se estivesse de greve às horas extraordinárias.

A COSMOPOL contava sempre com azares inesperados. E para evitar surpresas fora dos aniversários, os agentes tinham sido instruídos para lidar com leitores de pensamentos. Relaxar o corpo, uma respiração pausada e feliz, concentrar-se no ruído do ar a passar pelas narinas, ouvir o ruído do sangue a circular, as batidas do coração, não fazer juízos de valor a propósito da realidade circundante. Era tudo uma questão de preparação. Quase tudo se consegue com o poder da mente.

- Passem. O terceiro elevador à esquerda.

Entrava-se por uma porta que se abria automaticamente sempre que alguém autorizado se aproximava. Era envidraçada, de vidros tão

opacos como os que dão acesso ao Inferno, segundo a voz autorizada dos viajantes que por lá passaram. E dali em diante era tudo monumento.

Si monumentum requiris circumspice.

Se é o seu monumento que buscas, então olha à tua volta.

Tapeçarias, mármore, móveis de Boule, colunas, estátuas rapinadas dos quatro cantos do globo, os grandes mestres do Renascimento, e a zona dos sofás *Chippendale* começava logo ao primeiro Turner e só terminava com Monet ou Manet. Pelo menos dava essa impressão. Pairava no ar um concerto para bandolim e orquestra de cordas, que era demasiado alegre para não ser de Vivaldi. *Too much gay, you see*. Para que não usem a palavra *gay* em vão. *Merry and gay* é um belo estado de alma para um dia de boda em Trolthaugen ou noutro sítio qualquer. Por outro lado, Enola Gay é a prova de que as mães não têm culpa das causalidades do parto. O meu filho há-de crescer e há-de cometer um crime de guerra particularmente hediondo. Para o que uma mãe está guardada. Ainda por cima o nome dela será pintado na carlinga do avião que vai sobrevoar e matar Hiroshima.

Passada a inevitável divagação, os seus passos (de Husky e dos outros) não se ouviam na espessa alcatifa vermelha que cobria três quartas partes do mármore do soalho e que era aspirada de três em três horas por o Minotauro ser alérgico aos ácaros. Robots atarefados passavam em todos os sentidos, a limpar o pó, dar brilho aos móveis e a despegar pastilhas elásticas do soalho. Não davam sinal de lhes sentir a presença. Mrs.Hurtle deu a mão ao jovem inspector e com a unha do indicador fez sinal em código de que já podia voltar a pensar, de preferência em coisas agradáveis. Nela, por exemplo.

O elevador abriu-se à nossa aproximação e por dentro havia espaço suficiente para colocar um jardim infantil para 20 crianças, com dois balouços, dois escorregas e um castelo insuflável.

- É enorme. Dá para jogar às escondidas.

Mrs. Hurtle negou com a cabeça.

- E onde é que te ias esconder?

Os trapezistas sugeriram:

- Se houver muita gente, pode-se esconder na multidão.

- Ah sim, nesse caso – concedeu Mrs.Hurtle, que não podia esconder por muito tempo o desprezo que sentia por quem enganava a

morte com a rede. Ela enfrentara a morte de armas na mão e sobrevivera apenas pela sua agilidade e rapidez de reflexos.

Os trapezistas vinham de uma longa linhagem que actuara por aqui e por ali ao longo da história, e que tinha actuado diante do Czar da Rússia, do Imperador da América, do Governador da Europa e do Cônsul de “Vai andando que eu já lá vou ter”. Eram conhecidos pelo triplo mortal e meio com pirueta à retaguarda e tinham arrancado oohhhs de admiração e de susto a gerações de pais e filhos.

Estavam no elevador, o acrobata mais alto carregara no botão do 37º. andar e a porta ia fechar-se quando uma mão de vaca se introduziu pela abertura e pressionou a porta para abrir-se novamente. Era uma senhora impecavelmente vestida para um baile, mas que era vaca da cintura para cima, e senhora para baixo. Na dúvida, pensei “pode ser família” e fiz uma ligeira saudação. Tinha o olhar doce das vacas mas, ao contrário destas, não dava leite. Não saudou nem mugiu. Saiu no 15º. andar, de onde vinham sons de valsa.

- Será família?...

- Do?...

- Pois.

Um dos trapezistas esclareceu:

- É uma accionista minoritária. Não é família. É certo que se falou por aí num casamento iminente, mas não passou da fase dos rumores. É de muito boas famílias, mas muito vaca para o Sr.Minotauro.

O acrobata mais alto já visitara o Labirinto por altura do Grande Espectáculo das comemorações do V Centenário da Descoberta das Ruínas do *Freeport*, e tinha por isso muita prática de Labirintos, de Sociedades Anónimas e do “diz-se por aí mas eu nem quero acreditar”. Esclareceu com voz de enciclopédia de bolso:

- Não se veja em “muito vaca” a mínima sombra de insulto. Nestas paragens, “minha grande vaca” é um elogio à linhagem e aos raros predicados de uma Senhora com letras grandes, das que patrocina galas de beneficência ou outras distrações do mesmo género. É só por causa dos cascos que não toca piano.

Quando chegaram ao 37º. andar, esperava-os um guia turístico empunhando um cartaz que dizia “Circo do Castelo”.

- Somos nós.

O guia falou em alemão e depois, ao ver as caras fechadas dos ouvintes, mudou para grego, tentou o sueco, experimentou o urdu, e

as caras continuaram sem se abrir. Então, com um suspiro, abriu a bolsa que transportava a tiracolo e distribuiu auriculares por nós todos. Só então lhe sorrimos o sorriso guardado para aquela ocasião.

Em cada andar havia um labirinto e aquele guia conhecia perfeitamente o labirinto do 37º. andar e desconhecia todos e cada um dos restantes labirintos. Não havia labirintos iguais dentro de Labirinto. Dizia ele – Só é livre quem sabe onde está o elevador para a saída e tudo o mais é ilusão e vaidade.

- Sigam-me – convidou.

Enquanto nos precedia no longo caminho para o salão, entoava louvores a Sua Excelência o Senhor Minotauro, demonstrando que a publicidade não tem nem conhece limites, seja em prosa seja em verso. A viagem era longa e havia que torná-la aprazível. Nós não éramos arqui-milionários, éramos trabalhadores, mas o que nos distinguia da escumalha é que éramos artistas. (Mentira – Éramos todos agentes da Secreta, entendendo-se por Secreta a soma da COSMOPOL, das Forças Especiais, dos Serviços de Informação e da SECRETA propriamente dita).

O guia mostrou-se-nos no duplo papel de mestre de cerimónias e de quem sabe tudo do seu andar, mas mesmo tudo. Os outros andares eram nevoeiro e a sua existência era mesmo duvidosa, embora o guia pensasse que pelo menos deveriam existir outros três. Nada de científico. Apenas um pressentimento.

- Sua Excelência tem aqui, em pleno Labirinto, um Laboratório onde o amanhã se faz hoje. Não sei em que andar é que funciona, mas deu na Televisão. Devem ter visto. O Director é o Dr.Maligno, uma das maiores sumidades em tudo o que se refere à Química Feliz, também conhecida como *Smart Chemistry*, numa discreta alusão à superior inteligência de Sua Excelência. Olha, rimei.

- Olha, então não é que rimou? E é que rimou mesmo.

Mrs.Hurtle parecia singularmente desatenta, a fornecer um modelo vivo para palavras francesas como “nonchalance” e “blasée”, ou palavras mais terra a terra como “que se foda”. (Ups, saiu-me boca fora a palavra proibida, mas estava-se-lhe a mesmo a ver na cara e os sinónimos “que se vá prejudicar” são francamente ridículos e, neste caso, a javardice compensa. Mais – Mrs.Hurtle nada tinha de ridículo, era frontal, não falava por hipérboles que, aliás, nem lhe cabiam na boca, e era bem capaz de dizer e bem claramente, batendo bem as sílabas, “que se foda”, sem deixar de ser a grande senhora que é. São poucas as alternativas a uma boa foda dada a propósito e no momento justo.) ATENÇÃO – A cacofonia “foda dada” não pretende de

modo nenhum implicar os dadaístas em qualquer tipo de fornicação ou divertimento similar.

O Inspector Husky sabia o porquê da tranquilidade da sua formosa *partenaire*. O segredo fora-lhe desvendado na Temporada III, 12º. episódio, 1ª. parte do Curso Normal de Formação de Inspectores da COSMOPOL. É assim. Quando se muda para uma dimensão exótica (e todas as dimensões que não são a nossa têm necessariamente de ser exóticas ou étnicas ou qualquer outra coisa de esquisito), a simples deslocação de pessoas deixa no espaço um rasto de estranheza, como se “Vai andando que eu já lá vou ter” franzisse o nariz à aproximação de bárbaros que nunca tivessem desmontado do cavalo e guardassem nas virilhas os suores de seis meses. Na 2ª. parte do episódio aprendia-se a farejar o caminho de regresso e é por isso que nem Labirintos nem Minotauros metiam medo a polícias experimentados.

E por causa das tosses, sempre se podia contar com Ariana e Fedra para tudo o que falhasse no mais elaborado e melhor dos planos, onde há sempre alguém que vai passear o cão no local certo e na hora errada, ou que nesse dia se levanta de madrugada para marcar a consulta no Centro de Saúde.

O espectáculo do Circo do Castelo seria numa sala vasta como... sei lá, pensa numa coisa muito vasta e é assim pouco mais ou menos... e era nessa sala que o Sr.Minotauro iria dar um banquete para 2322 convidados. A mesa fazia um enorme U e fora no interior desse U que se montara o tablado do circo e se tinham instalado as jaulas dos leões e dos elefantes. Não houvera necessidade de instalar luzes, porque a própria sala já estava equipada com um sistema de iluminação automático, o mesmo dos estádios de futebol, mas com ligeiras diferenças, porque estava em causa outro tipo de espectáculo, em que havia necessidade de iluminar umas coisas, como a grande cortina negra à frente da qual o Grande Husky iria realizar a sua magia. Deixava-se na sombra o que não era para ver. As caixas do Grande Husky, também conhecido por Husky, o Magnífico, onde guardava alguns dos seus segredos de Grande Mágico, estavam a pouca distância da jaula dos leões. Olhou-os e eles sacudiram a juba e tranquilizaram – ninguém lhes mexera. Parece que não, mas há muita cumplicidade entre os leões e os *huskies* siberianos. Talvez por serem tão nobres, apesar de feitios tão diferentes e opiniões tão diversas a respeito de “ordens” e “donos” e da maneira correcta de entoar a palavra “liberdade”.

Entrou na sala uma empregada, vestida de empregada. Uniforme de cetim negro, avental branco, crista branca na cabeça. Os

cabelos eram negros com reflexos avermelhados, os olhos igualmente negros com clarões esverdeados, a pintura que lhe cercava os olhos era negra e parecia uma egípcia da família dos faraós que passavam a vida a olhar de esguelha. Tirando algumas coincidências ocasionais, nada tinha a ver com Magda, a Governanta. Husky pensou na importância que o Sol e as egípcias sempre tinham desempenhado na sua vida desde que jogara ao “Mistério da Grande Pirâmide” na primeira família de acolhimento, aquela em ambos os pais tinham barba e trabalhavam na indústria da moda e diziam a uma só voz “É cigano, mas isso não é problema desde que tome banho todos os dias e que não roube” e que o devolveram ao fim de cinco dias, por incompatibilidade de génios. Eles eram os génios e António, “O Ciganito”, nada tinha de genial e era muito conservador em matéria de pais e mães, mesmo temporários.

A empregada não era magra nem gorda, e ninguém diria que era uma das melhores Inspectoras da COSMOPOL, logo a seguir à insuperável Mrs.Hurtle. Sorria pouco, mas o pouco que sorria era bom de ver e fazia bem. No jornal de parede em que os funcionários se acusavam dos seus defeitos e dos seus maus pensamentos ou denunciavam os defeitos e maus pensamentos dos outros (o que era mais frequente), alguém, aproveitando o que lhe parecera uma falha na vídeo-vigilância, escrevera que naquela noite sonhara com Andrómeda, um sonho que acabara logo no momento em que ia começar a melhor parte, e que Andrómeda era esquisita e talvez, digo “talvez”, talvez não merecesse a confiança de Sua Excelência o dono dos meus pensamentos e do meu coração. Talvez fosse mesmo traíçoeira. Talvez (e eu insisto no talvez), talvez meta a mão nos bolsos alheios, talvez esvazie carteiras, talvez coloque localizadores electrónicos na bainha dos casacos guardados no bengaleiro. Ou então, se por acaso não era espia de Bancos concorrentes e não estivesse ali de propósito para cortar a cabeça a Sua Excelência, isto era um supor, então fora esculpida com a mão esquerda por um escultor preocupado com a artrite e a crise da meia-idade, e era daí que lhe vinham aqueles irritantes ares de superioridade. Como se para o crítico anónimo a beleza fosse defeito, agradável de ver mas um pouquinho reles, um golpe nas partes baixas do pensamento humano. Tudo ao contrário da fidelidade total, incondicional e absoluta, que era a que devia merecer as mais belas recompensas, e afinal, ninguém lhe ligava nenhuma e recompensas nem vê-las, eram sempre as gajas boas quem ficava com a melhor parte. Buuuuuuuuu...

A falha na vídeo-vigilância fora breve demais para tão longa queixa, e o denunciante, coitado, não passava de um paranóico com a mania de perseguir os outros ou de se perseguir a si próprio, e de resto

tinha intervalos em que era perfeitamente inofensivo e que variavam consoante as fases da Lua, o que se pode ver pelo texto acima, em que perguntamos qual é o papel do escultor no meio disto tudo?

O Minotauro, que ficara arrepiado só com a ideia de lhe cortarem o cachaço em que tinha tanta vaidade, decidira que, por uma questão de baixa política (a mais alta que é possível encontrar), não podia admitir que nem por sonhos alguém imaginasse a sua morte ou sequer suspeitasse que fosse capaz de se deixar enganar. Só lhe faltaria a exposição no talho, junto dos outros dignitários taurinos, pendurados pelas patas traseiras e totalmente expostos à fúria vingativa das donas de casa, apenas temperada com sal, alho picado e uma folha de louro.

Acusou o denunciante de espionagem industrial agravada, humanidade, bestialidade, ultraje e ameaça velada, e o mesmo fora fuzilado cinco minutos depois por vinte bestas disparadas em simultâneo por uma *Katiuska* isolada, que lançava dardos em vez de foguetes. O julgamento foi deixado à posteridade e esta declarou que não se iria incomodar por um paranóico – lá por ele ser paranóico não quer dizer que tenhamos de o perseguir.

- Sou Andrómeda, ao vosso dispor. Vai ser servido um pequeno lanche.

- Nunca lancho antes de almoçar – afirmou Mrs.Hurtle, vincando que ela também era uma super-polícia. – É como lavar os dentes antes de comer.

- Eu já comia qualquer coisa – disse eu, que, em matéria de jantar, só tinha comido o esparguete e deixara o frango, e que estava em branco em matéria de pequeno almoço. – Chocolate quente e torradas? Com muita manteiga?...

- Só? Também há pastéis de nata acabados de fazer.

- Pode ser. Depois das torradas.

- Que bom. A Dona Mariana já não trabalha aqui?

- Abriu uma casa de modas e as cegonhas fazem ninho em cestos de vime especialmente entrançados para o efeito.

Um diálogo muito simples e apesar de ser tudo verdade, de Husky estar com uma fome absolutamente canina, tinham sido trocadas mensagens no código super-secreto “Se queres que eu te responda, o melhor é perguntares com bons modos”. “Almoçar” era o mesmo que “Então, tens tudo preparado?”, “Chocolate quente” era eu a perguntar se Andrómeda estava pronta para sair connosco no final do espectáculo, e “pode ser” significava isso mesmo. A “Dona

Mariana” era o mesmo que “Ninguém desconfia, pois não?” e “cestos de vime” significava que “se me continuam a obrigar a dizer estas baboseiras alguém vai desconfiar, isso é mais que certo”.

- Açúcar ou adoçante? – perguntou-me Andrómeda, ao pousar o tabuleiro à minha frente.

“Açúcar” = “Tudo conforme o Capítulo XII da Operação Argonauta, salvo indicações de última hora que digam o contrário. A sua *partenaire* que não se esqueça.”

- Açúcar, está claro – intrometeu-se Mrs.Hurtle. – Os mágicos precisam de muito açúcar.

“Está claro” = “Já sei. Não sou parva”.

Andrómeda e Mrs.Hurtle ficaram sentadas lado a lado e, enquanto comiam, comunicavam por TSA (Telégrafo de Saltos Altos), em que davam toques mais longos ou mais breves nos sapatos uma da outra. Isto enquanto falavam de moda, maquilhagem, cabeleireiros e a grandeza excelsa de Sua Excelência o Senhor Minotauro, o senhor dos sonhos de Andrómeda, a quem ela daria de boa vontade o que tinha de mais precioso – um broche legado pela avó.

O jovem e Grande Husky comia tranquilamente sentado na zona dos convidados enquanto os seus acompanhantes provavam os pastéis de nata, os mil folhas e as queijadas de leite, tudo feito em miniatura, obra da melhor pastelaria de Donde-Eles-Vieram, que pertencia a um duque imigrado e que era a única que se considerava digna de abastecer o Sr.Minotauro. Porque este a seu modo era como um rei e a única diferença que o separava de Louis XIV era a de ser muito mais rico e muito mais autocrático. Não dizia (era o que se dizia) não dizia “O Estado sou eu”, o que dizia era “No Estado mando eu”. Como se não quisesse encarnar pessoalmente o poder, mas demonstrar que estava acima dele e tinha nas mãos todos os fios que faziam o poder agitar os braços e dizer coisas com a pouca autoridade dos paus mandados. Hollande e Obama – o aluno bem comportado diante do professor, a beber-lhe da boca onnipotente as lições da Guerra Justa feita à Justa. Para depois poder traduzir as ordens de cima, em palavras simples, aos alunos europeus mais atrasados.

- O que é que vão beber?

Os trapezistas recusaram com toda a delicadeza. Na sua arte tudo dependia da maior precisão e coordenação. Não se podiam dar ao luxo de beber. Eu, por mim, era menor e havia dimensões em que estava em risco, como a de Lisboa. Pedi sumo de laranja. Só Mrs.Hurtle aceitou um pequeno cálice de cognac extra-velho, ainda

Napoleão era vivo quando foi guardado nos barris das caves com história.

Os trapezistas passaram as mãos em pó de talco, para evitar as mãos suadas que escorregam em vez de agarrar, e subiram agilmente pelas cordas que conduziam às traves em que se equilibravam antes de saltar. Gostaria de ficar a vê-los, mas eu também tinha o meu papel no espectáculo. Abri a caixa à frente e atrás, para que todos vissem que não havia mistérios, e para que eu visse que estava tudo como queria.

- Quer desaparecer, Mrs.Hurtle? Só por um bocadinho?

- Preferia treinar as mudanças de roupa.

Mrs.Hurtle, vestida com o seu *maillot* malva, passou e voltou a passar por trás de um biombo de laca negra com figuras chinesas impressas em filetes dourados. Reaparecia instantaneamente com um vestido de noite de grande cerimónia, depois vestida de fato saia e casaco, depois de calças de ganga, depois de mini-saia, depois de sari, depois vestida de homem, depois de gueixa, depois de oficial da marinha, e por aí fora, até encarnar 50 mulheres diferentes em apenas três minutos. E, no final, foi ela que deixou cair um grande lençol branco em cima de mim, dos próprios para cobrir fantasmas, e eu renasci banhista de princípios do século XX.

- Vestir de fada foi o que mais me custou. O chapéu é muito alto, muito em bico.

- E agora, dá-me licença que a corte ao meio? – insistiu o inspector. – Só por um bocadinho? Um bocadinho de nada? *Un tout petit rien?*

Mrs.Hurtle sorriu, em sinal de que não se iria zangar por tão pouco. E lá consentiu em ser fechada na caixa mágica, em companhia da outra contorcionista que se chamava Pavlina, era checa, tinha o cabelo de um vermelho alaranjado, e era ela quem iria deixar de fora as suas pernas para que o público pensasse que eram as de Mrs. Hurtle, que se contorciam na outra metade. Husky fez deslizar uma chapa metálica pela ranhura que dividia a caixa em duas partes iguais, e depois, para vincar que depois do mal feito tudo o mais era indiferente, trespassou a caixa com estoques que seriam fatais para qualquer touro normal e corrente, mas Mrs.Hurtle não se queixou nem perdeu o sorriso faiscante. O Inspector serrou a caixa em duas partes iguais e lá ficaram as pernas de Pavlina, para um lado e a cabeça de Mrs.Hurtle, a mais bela das mulheres, a sorrir para outro. Até piscou o olho para o lugar onde se deveria sentar o Minotauro. Depois o Grande Husky juntou as metades e, quando abriu a caixa, a

mesma apareceu vazia. Voltou a fechar a caixa e tapou-se a ele e à caixa com o imenso lençol branco que já o cobrira. Quando o tecido tombou ao chão, apareceu a sua bela *partenaire*, esplendorosa no seu *maillot* cor de malva, viva, sorridente e sem sinal de estocadas. Ela abriu a caixa, e lá estava Husky, com o olhar comprometido de quem foi apanhado na própria armadilha.

- Funciona – afirmou o mágico.

- Funciona – ecoou a *partenaire*, com o entusiasmo de quem apanha o “metro” todos os dias na Alameda, impreterivelmente às 08h 35m.

O guia turístico reapareceu, de sorriso preocupado. Se ainda iriam precisar de ensaiar por mais tempo?, que era já altura de ir preparando a mesa para o banquete de logo à noite.

- Por mim, sem problema.

- Vamos – comandou Mrs.Hurtle.

- Vamos – concordaram os trapezistas, que já tinham feito o seu assombroso triplo mortal e meio com pirueta à retaguarda, sem que o grande mágico e a sua grande *partenaire* se dessem conta, de tão ocupados com a sua própria magia.

De regresso ao acampamento, os domadores convidaram-nos para almoçar à sombra da sua roulotte. Eram vegetarianos, mas a sua comida tinha todas as proteínas indispensáveis ao trabalho de polícia e ao disfarce de artista de circo.

- Chá de tília ou sumo de ananás?

“Chá de tília” era o nome de código do Plano A, o que fora gizado pela equipa do Marechal Watson e correspondia na íntegra ao Capítulo XII da Operação Argonauta. “Sumo de ananás” era o mesmo que Plano B, o que fora preparado para o eventual falhanço ou inconveniência do A, e tinha a assinatura da firma *Slow & Bideawhile*. Como os planos A nunca costumavam falhar, os serviços da firma eram contabilizados nas “Despesas de Representação”.

- Chá de tília, como é evidente – decidiu Mrs.Hurtle.

Depois de almoço, regressaram à roulotte para umas horas de repouso antes do espectáculo. Era sempre bom descansar antes das emoções do ilusionismo.

A mais bela das partenaires segredou-lhe ao ouvido que Andrómeda dispunha já de toda a prova suficiente para que o Minotauro fosse condenado, e a Agente Secreta até chegara a visitar, de braço dado com o seu Boi, as caves do Labirinto, onde estavam

instalados os laboratórios em que o Minotauro preparava as novas drogas que não constavam da lista das substâncias proibidas. Andavam à procura de um nome apropriado para designar uma droga nova que iria revolucionar o mercado e automatizar os consumidores que se tornariam dependentes para toda a vida. O Minotauro sugerira que Andrómeda escolhesse o nome comercial da substância. A Super Agente fizera uma lista – celestina, agripina, angelina, gelatina, mistelina ou solarine para dar brilho aos amarelos. Sua Excelência remeteu, para parecer, ao Departamento de Marketing, mas sugerindo em todo o caso a palavra “andromina”, que soava a medicamento para cardíacos e servia para despistar a Polícia.

- Gostava de ver os laboratórios. Por uma questão de cultura geral, que nunca fica mal.

- Rimas, mas não tens sorte. Há visitas guiadas mas são só às sextas à tarde, entre as 13h e as 15h, e só para estudantes de Química.

- Paciência.

- Ou então bancários devidamente acreditados, poucos, naturalmente, porque só a partir de uma taxa de alcoolemia de 4,1 é que se começa a acreditar em banqueiros. O Minotauro não acredita em nenhum, porque todos veneram a mesma... coisa, não lhe posso chamar divindade. Houve uma única vez em que veio uma excursão da terceira idade. Foi quando morreu o gato do Minotauro e este foi tomado de humor melancólico.

- É das más companhias.

Era tão bom descansar.

Mas Husky tinha duas caras e duas vidas e essas vidas tinham cada uma as suas obrigações e os seus horários.

- Mrs. Hurtle, creio que o espectáculo durará por várias horas?

- Tantas quanto durar o banquete. Pelo menos. E, lá está, um banquete sabe-se quando começa, nunca se sabe quando acaba. O Minotauro é um autêntico boi a comer, a beber e a gozar a vida. Até que ele acabe de ruminar nenhum convidado pode abandonar a sala. Era uma grande falta de educação. É uma grandessíssima falta de educação e o Minotauro nunca perdoa as faltas dos outros.

- É que eu tenho aulas às oito e meia da manhã. E para lavar-me e tomar o pequeno almoço... terei de levantar-me às sete e meia. Não sei se sabes.

A Inspectora *partenaire* sorriu de uma maneira agora quase irritante – a de quem sabe tudo, previu tudo e está preparada para tudo.

- Vem comigo, jovem Husky – disse ela, dando-se ares de professora de Inglês.

O problema era: como passar de uma roulotte de circo, instalada à sombra do Labirinto, um ponto pequenino do planeta Donde-Eles-Vieram, que, por sua vez, era uma pequena parte da dimensão que nos compêndios de exo-geografia estava catalogada como “Vai andando que eu já lá vou ter”, como passar dessa dimensão para a dimensão da Casa dos Rapazes da Rua? Uma dimensão que vinha catalogada nos compêndios de exo-geografia como “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar.” e que era uma dimensão muito mais pobre, feita apenas de comprimento, largura e altura, e o tempo, claro, o tempo era muito importante, porque aos 18 anos mandavam os rapazes de volta para a rua.

Husky e Mrs. Hurtle até ali tinham resolvido o problema navegando no Mobilis 3000. Mas mesmo com todos os seus 25000 terawatts de potência, era impossível fazer a viagem de regresso a tempo de chegar às aulas antes do segundo toque. Além de que havia o terrível problema de explicar aos vigilantes da portagem porque é que se ia embora mesmo antes de o espectáculo começar. Dizer “vou lá fora comer um gelado e já volto” era o mesmo que gozar com a autoridade, a última coisa que um polícia decente faria.

A ciência tinha quase todas as respostas. Mrs.Hurtle pegou na mão de Husky, o Magnífico, e puxou-o para o quarto dela. Debaixo da cama da sua *partenaire*, abria-se um turbilhão quântico todas as meias horas e durava exactamente 17 segundos. Não dava tempo para despedidas. Adeus e até logo, e era o bastante.

- Não esqueças de estar cá a horas. Somos logo a seguir aos domadores. Vou mandar engomar o teu fato e colar-lhe lantejoulas para o que for preciso.

Iam dar as sete e meia. Husky beijou as faces de Mrs.Hurtle e meteu-se apressadamente debaixo da sua cama. Foi um instante enquanto o chão de madeiras exóticas se converteu num mar tempestuoso que engoliu o Inspector todo inteiro e, sem lhe dar tempo para articular a primeira sílaba de “socorro, que me afogo”, o colocou a seco e a salvo à entrada do alçapão por onde subira para fazer o seu turno de polícia na COSMOPOL.

- Ora ainda bem – suspirou Mrs.Hurtle, do outro lado da linha.

4.

António voltara a ter o cabelo negro e as sobrancelhas quase unidas e perdera o sorriso, centímetros de altura e três anos de vida. A superior inteligência de Agente da COSMOPOL esfumara-se. Os

super-poderes tinham ficado pelo caminho. Rodrigo já acordara e tinha revelações a fazer.

- Sabias que falas a dormir?

- Oh não!... E o que é eu disse?

- Ora, isso é que não percebi. Parecia que estavas a falar em estrangeiro, mais propriamente numa língua indo-europeia caída em desuso.

- Não me lixes.

E acrescentou:

- As coisas que tu sabes.

Não era necessariamente um elogio e não tinha de ser ofensa. Não é obrigatório ver nas palavras mais do aquilo que lá está.

António sabia que não havia explicação que pudesse dar a uma pessoa descendente de T'Chaka, e que era inútil garantir que dali para a frente iria dormir de boca fechada, porque ele não estivera ali, mas sim muito longe, nas instalações da COSMOPOL e em Donde-Eles-Vieram, e nessas alturas não tinha domínio sobre o que se passava consigo durante a sua ausência de si próprio.

VOZ DO POVO QUE LAVA ESCADAS – *Essa está muito boa mas, sinceramente, não percebi. Se eu fugir de mim próprio quem é que me persegue?*

A LAVADEIRA IMPERTINENTE – *Onde é que está o detergente? Olhei, lavei e rimei.*

O refeitório ficava no rés-do-chão, na sala maior que também servia de biblioteca e de sala de jogos e televisão. O Gordo e o Mandarin não estavam. Era quando se podia dizer mal deles à vontade, sem medo à pancada desde que se falasse em voz baixa, porque ali, tirando um ou dois, não havia ali denunciantes.

(FLAGRANTÍSSIMA CONTRADIÇÃO – Podia-se falar deles à vontade, sem medo? Mas desde que se falasse deles em voz baixa? Mas, afinal, em que é que ficamos?)

Assim, António ficou a saber que eles saíam mais cedo porque estavam dois anos atrasados e a sua escola ficava mais longe. Como os seus colegas eram todos mais novos, batiam-lhes sempre que podiam e eram clientes habituais do Tribunal de Menores. Gabavam-se de já ter esgotado quase todas as medidas da Lei Tutelar de Menores e só faltar irem presos, que isso então seria a glória total. Nunca tinham estado presos, mas muitos dos seus familiares tinham experimentado os muros de Alcoentre, de Pinheiro da Cruz, da Zona

Prisional da P.J. e de Vale de Judeus, e enchiam-nos de histórias e de conselhos – Não te digo que não sigas o crime. É uma carreira como qualquer outra, e podes ganhar bem se te deres com as pessoas certas, assaltares as casas certas e tiveres bons conhecimentos de electrónica e de alarmes e essas coisas todas. Tráfico também é bom, o que há é muita concorrência e a freguesia é muito caloteira. Cuidado com os roubos por esticção. As velhas enganam muito. Ouve-me bem, com muita atenção: estuda, planeia tudo muito bem e nunca te deixes apanhar. Nunca, em caso nenhum, de forma alguma, nunca te deixes apanhar. De tudo o que fiz só me arrependo de uma coisa, mas é arrependimento verdadeiro, daquele com lágrimas e tudo. Ter-me deixado apanhar foi o maior erro da minha vida. Casar com a tua tia foi o outro, mas dela posso-me divorciar sem ter de escavar túneis. Ladrão que se deixe apanhar perde o respeito e para recuperar o respeito é preciso candidatar-se a Presidente da Câmara, o que não te aconselho. Fica-te com o tráfico em pequena escala. Evita as obras públicas.

Os dois tiranos eram demasiado youtubers e não tinham a idade nem a inteligência necessárias para cometer os crimes efectivamente rendosos, também chamados de colarinho branco, e felizmente não eram tão maldosos que fossem capazes de matar. Pelo menos naquela altura não eram.

António não tinha fome. Se tivesse fome teria preferido as torradas com margarina, mas ainda havia pouco que almoçara à sombra da imensa massa do Labirinto.

Um rapaz alto e magro, de rosto chupado, o que eram sinais de uma fome prolongada ou de ter saído dos capítulos mais tristes de um livro de Dickens onde há um órfão vítima das intrigas de um padraсто ou de um anão retorcido, esse rapaz estava exactamente no campo contrário, no do apetite insatisfeito, que devia ser o efeito de umas ampolas que tomava ao pequeno almoço e ao jantar. Disse baixinho a António – Sou o Luís. Se não queres as torradas, pede-as à mesma e são para mim. Não te importas?

António fez-lhe a vontade e sentou-se à mesa com uma “madalena” e um copo de leite, engolidos a custo, mas não devia levantar suspeitas sobre a sua vida secreta. Luís sentou-se a seu lado, com uma dose dupla de torradas e leite achocolatado. Rodrigo ficou em frente e dirigiu-se ao jovem esfomeado.

- Vê-se que estás pouco acostumado a comer e que queres pôr a tua fome em dia. É um erro. Um grande erro. Amanhã comes só o que te corresponde e nada mais. O António – e apontou com o dedo –

amanhã já terá apetite e não vai dar as suas torradas a mais ninguém. Vai comê-las todas – e insistiu: - Todas.

- Podes crer – confirmou António. – É só hoje, enquanto não estou... ambientado.

A governanta, que já se levantara, distribuiu senhas de almoço pelos rapazes, uma para cada um. Tinha vagas semelhanças com Andrómeda, mas numa versão abreviada, sem faísca. Trazia a sua expressão mais trombuda, como se distribuir senhas de almoço fosse expiação de alguma falta que não tivesse cometido. A verdade é que se levantava normalmente de mau humor, contrariada por ter de abandonar o conforto dos lençóis para ir aturar um montão de rapazes mal-agraçados, e só começava a sorrir depois de ir à pastelaria da esquina tomar o seu café do meio da manhã, sem rapazes à vista.

- Nunca nos dão mais que uma senha de cada vez, para que não possamos vender alguma e conseguir dinheiro para droga.

- Droga? – inquiriu António, lembrando-se do pai recentemente apanhado de posse da toxi-mercadoria. E apesar de saber a resposta, perguntou, só para fazer conversa: – Mas quem é que vai comprar uma coisa dessas?

- Há quem compre – afirmou Luís. – E também há quem venda, justamente por haver quem compre. Tem algo a ver com uma pescadinha que andava enrolada com uma dourada, já não sei bem, mas mete cu pelo meio.

Era mais um dos efeitos das ampolas bebíveis, o AINID – Aumento Insignificante do Nível de Inteligência Disponível.

Rodrigo levantou-se e foi arrumar os livros na pasta que fora de um antigo aluno que abandonara a instituição no ano passado, com carteira de electricista.

Luís inclinou-se e falou num murmúrio:

- António, tu tens dinheiro?

- Não, eu não passo de um Rapaz da Rua. Como é que haveria de ter dinheiro?

- Não tens dinheiro? Mas isso não é normal. Sabes o que diz o Gordo? “Quem tem cu tem sempre dinheiro”.

- Luís, não tenho nada a ver com a vida particular do Gordo nem com a tua – também num murmúrio.

- Se quiseres, posso-te dar uns números de telefone de senhores muito como deve ser e que são muito amigos de dar.

- Luís, como já te disse, o que tu fazes com o teu cu só a ti diz respeito.

- Se alguma vez tiveres dinheiro, arranjo-te uma coisa muito boa só para homens a sério. Sei que vais gostar e que te vais sentir muito bem, mas mesmo muito bem. E a instituição suporta-se melhor quando nos sentimos muito bem. Como és meu amigo, a primeira dose é de graça. Ofereço-te. Não agora, mas logo que possa, que agora os stocks andam um bocado em baixo e os fornecedores põem-se na retranca.

- Luís, não te estou a perceber. Se te dão coisas, como é que se explica que tenhas essa cara de quem passa fome?

- Dão-me uma coisa muito boa, mesmo muito boa, que não engorda e é melhor que chocolate.

- Mas quem é que te arranja essa coisa assim tão boa e que te faz sentir tão bem mesmo que, sinceramente, pareças uma desgraça em figura de desgraçado?

VOZ DO POVO ARMADOR DE FERRO – *A falar tão bem, isso é sinal que se te deres com pessoas inteligentes ficas mais esperto. Se ao menos pudesse evitar as cacofonias...*

- Quem arranja? O Gordo e o Mandarin arranjam. Diz-me o que queres, eu peço-lhes e eles são meus amigos e dão-me.

- Ah, sim, estou a ver...

- E se comprares produto e pagares, eles não te vão bater porque eu não deixo e aliás eles nunca batem nos clientes que pagam. É mau para o negócio. Sem vinagre não se apanham moscas.

- Luís, ouve-me bem, se algum dia precisar da tua oferta, tenho lá fora quem me desenrasque e muito mais barato e sem ter que fazer fretes desse género. Nunca fales em droga em casa do traficante que está preso.

- Luís, sabes o que é um estereótipo? – era Rodrigo, que se tinha aproximado com o silêncio de um fantasma, e que sobressaltou Luís, que realmente, tal como António, não fazia ideia do que era um estereótipo, a não ser que fosse uma televisão com duas saídas de som.

- Mas pelo menos sabes o que é uma contradição, espero. É só para te dizer que os teus estereótipos são contraditórios. Por um lado, a droga é coisa para homens que são homens. Por outro, para a comprar, há que dar o cu. Ora vamos!...

E tu, para explicares melhor o que era um estereótipo, agarraste a mão de Luís como se lhe fosses ler a sina, e aí lembraste-me o polícia de guarda à estação da Azinhaga das Galhadas e o seu Binómio de quatro patas. Apertaste-lha com a tua força de lutador de rua e torceste-a até virem as lágrimas aos olhos do jovem traficante.

- Luís, já reparei que o cu representa um grande papel na tua vida e entendo que procures no cu a solução dos teus problemas. Entendo, respeito, e para mais o cu é teu. Mas, agora, ouve-me bem, com muita atenção: se eu sei que voltas a vender droga, nem que seja só a tentar vender, ouves?, a quem quer que seja, cá dentro ou lá fora, levás uma tarefa que te quebro cada ossinho desse corpo miserável. Sabes quantos ossos tem o corpo humano? Não sabes, pois não? Logo vi. São 206. Vai levar o seu tempo mas tudo o que se faz por gosto não é tempo perdido.

Largaste-lhe a mão.

- Estavas enganado no provérbio. Com vinagre as moscas fogem. Vai andando. Não chegues atrasado às aulas.

António estava no sexto ano da escolaridade e Rodrigo no sétimo. Depois de os dentes lavados e dos livros e cadernos arrumados na mochila, seguiram para a Escola C+S Jaime Batalha Reis, que ficava perto.

- Vão-nos dar um computador na escola.

- Olha que bom.

- Mas se calhar ainda não é hoje. Têm de encomendar ou mandar pedir, ou coisa assim. É muito complicado.

- Disse-me o Luís que o Gordo e o Mandariam andam a vender droga lá em Casa, e que ele trabalha para eles.

Esquecia-me que tinhas ouvido a conversa e mesmo que não tivesses ouvido sempre tinhas aquele genuíno dom de ver o invisível e que é muito difícil de encontrar em “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar”. A única explicação é que talvez tu viesses de outra dimensão, apesar de negares, não senhor, há muito gente aqui com poderes. Sétimos filhos de sétimos filhos de sétimos filhos, por exemplo. Descendentes de T’Chaka há muitos, pelo que não devia ser por isso.

- Ouvi alguma coisa e o que temos a fazer é simples e não custa dinheiro. Descobrir onde é que a guardam, o que é simplicíssimo para mim e também para pessoas treinadas como polícias de investigação criminal, e depois destruí-la nas barbas deles. Não perderemos

amigos, porque a verdade é dura mas o Gordo, o Luís e o Mandarin não nos amam. Paciência. Salvar vidas é o mais importante.

- O pior é que há sempre novas drogas a chegar.
- Os laboratórios não param.
- Como sabes?
- Toda a gente sabe.

As aulas de António duravam das oito e meia até às quatro da tarde, com um intervalo de duas horas para almoço e não eram como a Casa dos Rapazes da Rua, ou seja, mais de metade dos alunos eram raparigas, autênticas raparigas, mas nenhuma delas era tão bonita como Mrs.Hurtle. A professora de Português, a Dr^a.Fátima, ainda poderia vir a ser bonita, mas faltava-lhe crescer e avolumar-se aqui e ali, percorrer grande parte do Oregon e do Nebraska e fixar-se na Califórnia para ganhar aquele tom moreno, aquela segurança, aquele olhar, aquela voz que conhecia todas as gradações que descem da ameaça à carícia.

Ao contrário do que esperava, ninguém foi especialmente simpático com ele, que parecia cigano e vinha da Instituição e sabia que as pessoas gostavam de ser bondosas ou, pelo menos, de parecer bondosas. Inclusivamente usavam muito a palavra “inclusivo” para significar “coitado de quem é inferior”. Previra perguntas e preparara cuidadosamente dez frases, cada uma delas com a palavra “obrigado”, e não precisou de nenhuma. O Natal já passara e a generosidade ainda se estava a recompor dos excessos da quadra. Rodrigo diria que a maioria das pessoas é congenitamente maldosa, e a educação só serve para polir, envernizar e, em suma, disfarçar os defeitos de fabrico. Natal para pôr a máscara, Carnaval para a tirar. António, ao contrário de Husky, que gostava de quase toda a gente, detestava as pessoas em geral, tirando Mrs.Hurtle (a sua fantasia), Rodrigo e a Governanta (no campo da realidade). Também gostava de Mr.Trollope, embora só o visse de fugida, em mudanças de turno, quando ele próprio já não era António. Muitas pessoas para amar. Demasiadas até.

Tudo amarguras de um rapaz institucionalizado. Até a palavra “institucionalizado” é difícil de pronunciar. Mas António era assim, taciturno, com as sobrancelhas dos descendentes de Satã, todo o contrário do sorridente Husky, todo ele cosmopolita, todo ele fé na humanidade e nos amanhãs que bailam gigas e gavotas mal sentem as cócegas dos róseos dedos da aurora.

HOMERO – *Foda-se, o que é te deu, que mal é que eu te fiz para assim me copiares e de forma tão merdosa?*

EU - *Ultimamente, e porque as boas parábolas já tinham direitos de autor, deu-me para falar em rapsódias até a fogueira esmorecer e as pessoas irem-se deitar para sonhar a vida dos heróis que dormem nas camas das deusas.*

Como nem ele nem Rodrigo tinham dinheiro, era a Segurança Social que pagava as refeições e os livros. Daí as senhas para o almoço. O computador viria de um Fundo Especial do Ministério, criado para que todos os alunos tivessem computador. Podia-lhes faltar tudo o resto, mas computador todos teriam de ter e de usar todos os dias e para tudo. Rodrigo explicara:

- No fundo, é para nos prepararem para o futuro. Ou, mais correctamente, para nos prepararem o futuro. Ora, se não o pudermos evitar, o futuro será o mundo regulado e vigiado por máquinas. A máquina é que manda. Tudo obra dos extra-terrestres. Assim, a pouco e pouco... Lê o Kurt Vonnegut.

Almoçaram juntos no refeitório, que se chamava “Sala Engº.Armando Ribeiro” desde que o balcão frigorífico onde se guardavam os sumos e os bolos fora oferecido à Escola por *Construções Cecília Ribeiro, S.A.*, a mesma firma a que tinham sido adjudicadas por ajuste directo as obras de modernização da Escola C + S Jaime Batalha Reis.

Tinham à escolha hambúrguer com batatas fritas às rodelas ou filetes de panga com arroz de ervilhas. A sopa era de legumes, porque a empregada viera da Ucrânia, falava mal o Português e para ela tudo o que não fosse peixe nem carne nem fruta eram legumes. Podia ser caldo verde, puré de cenouras, puré de ervilhas, feijão com lombardo, grão com espinafres, para ela era tudo “sopa de legumes”. Perguntavam-lhe “Hoje a sopa é de quê?” e a resposta invariável era “Legumes”.

António já tinha fome. Ia estender o braço para os filetes quando viu Rodrigo a segurar um prato com hambúrguer e batatas fritas. Era o irmão mais velho, aquele que sabia mais e era o mais forte, nem sequer tinha medo do Mandarim e do Gordo, e toda essa casta de opressores. Escolheu a carne.

“Ele sabe o que é melhor.”

E Rodrigo explicou-lhe que ambas as opções vinham cheias de químicos, mas os filetes de panga guardavam ainda as dioxinas dos bombardeamentos na guerra do Vietname.

- Já que não se pode escolher entre o bom e o mau, ao menos escolhamos o mal menor.

Pareceu que iriam navegar no Mal Menor, um Mar de águas paradas, separado do Mediterrâneo por uma língua de terra.

CENSOR – Não vou deixar passar em claro esta clara alusão turística. Não vou, porque não posso pactuar com... ora deixa cá ver... com o despautério gratuito. Quem quer despautérios paga.

Ainda não sei o que é um despautério, mas não perdi a esperança de um dia o vir a saber.

Atenção, notícia de última hora, acaba de chegar agora à redacção, mas agorinha mesmo, a informação de que “despautério” significa “grande disparate; tolice de marca maior”. Logo, o Censor utilizou mal a palavra e com isso reforçou a convicção geral de que os Censores são parvos e é para isso que lhes pagam.

Sentaram-se para almoçar numa mesa com espaço para quatro tabuleiros. Os pratos vinham sempre enfeitados com uma pouca de alface e cenouras ripadas, para dar aos rapazes e raparigas um toque a vitaminas.

Iam a meio da sopa, porque Rodrigo começava sempre pela sopa, embora António já tivesse ouvido opiniões diferentes, umas no sentido de a sopa primeiro, outras no sentido de a sopa depois, mas que eram defendidas com inútil ferocidade. Era boa altura para fazer perguntas.

- Rodrigo, imagina esta situação. Estamos num século muito avançado, para aí o século XXV ou XXVI, e há um polícia que vai libertar uma testemunha muito valiosa que está em poder de um criminoso que está noutra dimensão, à qual só se chega com transportes super-poderosos. O criminoso vive num labirinto...

- Como o Minotauro?

- Como é que sabias? Exactamente, pode ser o Minotauro. O polícia está disfarçado como um grande ilusionista que entra num espectáculo de circo para distrair os convidados de um grande banquete que esse... Minotauro... que esse Minotauro vai dar para festejar a sua passagem da vida criminosa para a de banqueiro global, que se supõe ser legítima. O ilusionista, que na verdade é polícia, pode fazer desaparecer coisas ou pessoas, pode tirar moedas dos ouvidos, pode hipnotizar e pode adivinhar. Porque vem de outra dimensão. Há um mandado de captura do bandido, mas é preciso resgatar a testemunha primeiro, para que ele não escape em Tribunal por falta de provas. A ideia é resgatar a testemunha primeiro e logo depois as Forças Especiais prenderem o Minotauro. Agora supõe que és tu o polícia e que está disfarçado de ilusionista. Que é que tu farias?

Rodrigo pensou brevemente e, depois de arredar o prato da sopa:

- É assim. Ele, no caso eu, ele é polícia e tem poderes porque também é mágico. Se ele, eu, pode fazer aparecer e desaparecer, porque é que não faz desaparecer a testemunha e o Minotauro também, tudo ao mesmo tempo? Poupa-se tempo e trabalho e, com o mesmo truque, com os mesmos poderes, colocam-se testemunha e criminoso fora do labirinto e apresenta-se o Minotauro ao juiz o mais depressa possível, mas sem exceder o prazo de 48 horas.

- Rodrigo, está muito bem pensado. Se não fores para pirata, devias dedicar-te à...

- Quero ser astronauta. É difícil conciliar a vida de astronauta com a de pirata, que também é muito exigente. E, claro, as pessoas quando vão ao espaço não é para saquear galeões. São filmes diferentes.

Nesse momento, tocaram todos os telemóveis, com sinal de mensagem.

- Quem é o António? – interrogaram vozes dispersas. - Diz aqui “Avisa o António para se despachar”. Mas quem será o António? Já ninguém se chama assim. De qualquer modo, se houver algum que se despache.

Um auxiliar entrou precipitadamente, ia António, mesmo de boca aberta, encetar a salada de frutas. Trazia uma carta na mão e entregou-lha. Avisou de que era urgente e não tinha resposta. O envelope trazia um cartão branco e a mensagem era breve, de poucas linhas.

“Husky,

Tens sete minutos à justa. Sala 27 do segundo andar, debaixo da secretária do professor. Não te preocupes com o tempo. Se for preciso, a COSMOPOL pode distorcer o tempo para que chegues a horas à aula de História.

Tua,

Winifred Hurtle”

- Coisa grave? – perguntou Rodrigo.

- Não, mas é urgente. Coisas do meu pai. Eu já venho.

Limpou a boca ao guardanapo e correu para o segundo piso. O auxiliar correu atrás dele, com um tubo prateado, e entregou-lho, sem fôlego, com as palavras de um telegrama falado “Só falta este. Mandado captura extra-dimensional. Favor entregar.” E afastou-se

correndo novamente, como se ainda não tivesse idade para ver as cenas seguintes.

A porta da sala 27 não estava trancada. Felizmente. Tinha quatro minutos, não, três até ao turbilhão da uma e meia da tarde. Agachou-se debaixo do tampo da secretária que tinha em cima uma pilha de testes corrigidos, e esperou.

5.

“Vai andando que eu já lá vou ter”.

Já não estava na Escola, debaixo da secretária da sala 27. Estava noutro local bem diferente – debaixo da cama de Mrs.Hurtle – e o cheiro era muito mais agradável.

- Há novidades?

- Apenas um cartão de visita do Minotauro, entregue em mão própria pelo Grande Senescal D. Amaral, a agradecer a nossa presença e a desejar que tudo seja do nosso agrado, e que qualquer coisa que queiramos é só pedir por boca, através dos canais competentes, desde que os mesmos levem água suficiente para mover moinhos. Dá para ver que tem jeito para as metáforas que perderam o último comboio que saiu do Katanga.

- Humor de boi.

- *Of course*. Repara na assinatura.

Era uma rubrica imaginativa, fazendo corno em cada extremidade, como se tivesse querido integrar as características pessoais do firmante na própria letra. Bastaria olhar e descobrir “Este homem tem cornos, logo deve ser boi, mas como consegue escrever e, portanto, opor o polegar ao indicador, então acumula o estado de boi com o estado de homem, e logo, só poderá ser o Minotauro”.

- Emocionalmente, o Minotauro é um boi.

- Assim parece. Pelos cornos só pode ser.

- E tu? O que é que fizeste? Já almoçaste? – perguntou Mrs.Hurtle.

- Hambúrguer com batatas fritas. Ia começar a salada de frutas. Nada de especial. A alternativa era filetes de panga *a la dioxina*. O normal quando se quer eliminar humanidade. O costume. Nada de especial.

Falei-lhe na tua ideia, e a primeira coisa que lhe disse é que a ideia era tua, Rodrigo. Não gosto de títulos nem de medalhas que não ganhei. Não me dão nenhum prazer. É o sentimento do meu orgulho cigano que me enche o peito, não a vergonha.

FOI PROIBIDO O DESFILE DO ORGULHO CIGANO

- Não faz sentido fazer desaparecer Andrómeda só depois de o banquete acabado. Se Andrómeda conseguir convencer o Minotauro a entrar num dos nossos números, conseguiremos fazer desaparecer oito ou nove pessoas ao mesmo tempo. Poupa-se tempo e trabalho e, com o mesmo truque, com os mesmos poderes, colocam-se testemunha e criminoso fora do labirinto e apresenta-se o Minotauro ao juiz o mais depressa possível, mas sem exceder o prazo de 48 horas.

- A ideia é boa. Mudança de planos – apoiou Mrs.Hurtle, a mais bela e a mais compreensiva das *partenaires*.

Entreguei-lhe o tubo prateado.

- Já cá temos o mandado de captura extra-dimensional.

Sua Excelência, enquanto não fosse ungido com os santos petróleos dos banqueiros, podia agora ser detido em qualquer dimensão em que se acoitasse. Tirando aquelas dimensões em que a escarlatina ainda não fora erradicada. Como não podia deixar de ser.

Não é fácil organizar um banquete para 2322 convidados, mas o Sr.Minotauro fora ao dicionário de propósito para riscar a palavra “impossível”. Não passara de um golpe publicitário, transmitido em directo por várias televisões comerciais durante uma extensa meia-hora paga regamente só para se ver um boi a riscar um dicionário e aproveitar para eliminar os cês de “directo” e os pêds de “Egipto”. Porque mesmo riscados, continuavam a existir impossíveis, embora, claro, o que é impossível numa dimensão pode ser possível noutra. Na dimensão de Lisboa pode-se viver com 285€ por mês (não é bem vida, é uma forma especial de vida suspensa, como a de certas espécies de bactérias que não respiram oxigénio) mas em dimensões normais tal é completa, absolutamente impossível.

Regressámos à imensa construção inaugurada para maior glória do crime e em vias de se transformar num imenso Laboratório de Engenharia Financeira, onde, pela primeira vez nos Universos conhecidos, se iriam ensaiar as mais audaciosas manobras de ilusionismo fiscal, fuga ao dinheiro e lavagem de influências.

Isto, claro, se a COSMOPOL não estivesse atenta. Por isso, estávamos ali em toda a força da razão. Sorridentes, mas fortes.

A mesa em U estava coberta por uma toalha de linho coberta de complicadas rendas bordadas na Madeira por 1835 bordadeiras, que tinham iniciado o trabalho jovens e frescas, de olhos brilhantes, e que, cinco anos depois, quando por fim se chegou ao fim, usavam óculos com mais de cinco dioptrias e queixavam-se de dores na coluna e nos dedos deformados.

Era o guia turístico do 37º. andar, sempre disposto a dar informações desnecessárias, mas era o problema de quem fora abarrotado com informação e não sabia o que fazer com ela. Pareceu desesperado por ninguém lhe fazer caso.

- Portugal é assim – sossegou o Inspector. – E aposto que elas, as bordadeiras, continuaram pobres e houve sete intermediários que se conseguiram intrometer no negócio e ganharam fortunas.

- Apesar de se tratar de uma encomenda directa do Sr.Minotauro?

- Precisamente por se tratar de uma encomenda directa do Sr.Minotauro.

Foram colocados na mesa os últimos aperitivos. Foram abertas as últimas garrafas, mesmo a tempo de respirar. Estavam arquejantes por terem sido acabadas de abrir e algumas borbulhavam de ressentimento. O que é normal quando se trata de vinhos cuja única perspectiva de vida é passar pelas goelas de alguém e depois seguir as vicissitudes do metabolismo.

Os artistas saíram da sala do banquete e foram para a sala contígua vestir os trajes de circo de gala. A imagem de marca do Grande Husky era o fato de cerimónia, casaca, calças de fantasia, colete, laço preto e fez de cor granada a contrastar com os seus cabelos quase brancos. Hoje pensara vestir o uniforme diplomático de Paul Claudel, comprado no *Marché aux Puces* por um preço mágico, e restaurado por um alfaiate judeu (saiu-me, desculpem, eu não me intrometo em política, o que importa é que se tratava de um bom alfaiate) que sobrevivia na Rua das Olarias das raras encomendas de pessoas raras. Paul Claudel teria desaprovado o fez, que nada tinha a ver com o uniforme de um ocidental. E o Grande Husky responderia sim senhor, também sou da sua opinião, realmente um fez em cima de um uniforme diplomático não faz muito sentido e digamos que é até um pouco... ridículo, não é?... Um uniforme diplomático exige bicórnio com os bordos enfeitados a plumas, mas onde é que eu vou arranjar um bicórnio a estas horas da noite? Até os toureiros só usam é tricórnio. Assim, e com muita pena, deixou o uniforme de Paul Claudel no fundo do baú e reservou-o para uma ocasião solene, como uma embaixada ou um casamento real. Preferia apesar de tudo os casamentos fingidos, que são mais informais, há menos pressão, as pessoas estão mais à vontade, e há mais variedade nos aperitivos.

Hoje ficaria reduzido à sua imagem de marca nº.3 - o fato de cerimónia, casaca, calças de fantasia, colete, fez e laço preto, e sapatos de verniz para eventuais valsas. Também era indispensável a bengala de castão de prata, porque varinhas de condão era noutro departamento. Às vezes, entalava um monóculo no olho esquerdo, mas era mais quando fazia números de alta magia, os reservados aos mestres dos mestres. Era o caso de hoje.

- O meu monóculo.

Mrs.Hurtle passou-lho para as mãos, algo contrariada. Não gostava de ver o seu Inspector de monóculo, a franzir a testa para que o vidro não caísse. Lembrava-lhe demasiado o marido, que também tinha o hábito de franzir a testa quando estava irritado, o que era quase sempre.

- Faz-te mais velho.
- Ainda bem. Dá-me um ar mais responsável, não achas?
- Não, não acho.
- Não?
- Dá-te cara de parvo. Mas como é imagem de marca...

Um sorriso dela bastava para reerguer as ruínas feitas no amor próprio de quem a amava. Mrs.Hurtle sabia tudo o que a Psicologia ensina para deixar as pessoas de rastos, mas só magoava quando era rigorosamente necessário e só na medida em que era necessário. Ou quando não podia resistir à tentação, o que era agora o caso.

Os convidados começaram a chegar. Primeiro alguns, depois outros e mais outros, e começaram a adensar-se grupos que a proximidade escurecia, e já pareciam formigas que sabiam de antemão qual o momento certo para sair do carreiro e tomar o lugar que competia a cada uma. Muito inteligentes, as formigas. Bastava cheirarem-se umas às outras para saber o caminho que deveriam tomar para alcançar o torrão de açúcar.

Quando uma sala se enche de gente, a palavra é “festa”. Que bonita palavra é “festa”. Estamos numa festa e é Domingo. Não nos ocorre que existam outros dias que não sejam Domingo. Domingo é a regra, os dias de semana são a exceção. Não existem dias de semana. O homem fez-se para a brincadeira. A seriedade é doença. Seriedade é gravidade. Quando se está à beira da morte está-se em estado grave. Grave é mau. E morrer não é normal. Como pode morrer quem participa do pensamento do Universo que nunca deixa de pensar? O normal é estar vivo. A arte é longa e a vida também. A eternidade é que é normal e o homem não se fez para estar eternamente aborrecido. Só em permanente estado de alegria é possível aguentar a vida eterna...

E pessoas, gente, Meu Deus!, que poderá haver de melhor que a companhia de pessoas, já para não falar no cão? Mulher, amigos e um cão é todo um programa de vida. A misantropia é para quem gosta de naturezas mortas, afogadas em aguarelas impiedosas. “A Rendição de Breda” é maravilhosa porque está cheia de gente. Triunfantes ou resignados, mas são pessoas e é isso que importa. Vale por mil jarros de água, maçãs e uma faca que salta à vista que não é limpa desde que van Gogh cortou a orelha. Como se a polícia tivesse dito “Não toquem em nada”.

(Isto vinha a propósito de quê?)

Mrs.Hurtle fazia-lhe cócegas entre as orelhas enquanto o Inspector espreitava por um buraco praticado na parede de propósito para se saber quando é que deviam entrar na sala. Isto, claro, se as trompas estivessem ocupadas na marcha triunfal errada. Mas, como dizia o Profeta, se as trompas se calarem até as lâmpadas vermelhas piscarão, e se as lâmpadas falharem, até o mestre de cerimónias virá dizer “Mas que merda é esta?”.

Ninguém, fosse quem fosse, viesse donde viesse, nem mesmo a senhora que era meio vaca meio senhora e que nem sequer era prima afastada do Sr.Minotauro, ninguém tinha cara de festa. Tinham mais cara de “Venho cumprir o doloroso dever”, “Acompanho-te no teu sentimento”, ou de “Agora não posso. Estou a meio de uma tarefa muito ingrata”.

O silêncio pesava. E de tal maneira que era possível que os convidados ouvissem os ruídos mais intestinais de cada um. O soalho fofo abafava até os passos metódicos dos camareiros e das açafatas que enchiam os copos e traziam mais caviar, mais torradas, mais ovos afogados em maionese, mais amêijoas à Bulhão Pato, mais camarão e mais azeitonas para trezentas qualidades de queijo. Um vodka martini batido mas não mexido por nada nem ninguém? Importa-se que lhe bata?

Nem o mais ligeiro murmúrio, nem a mais ínfima conversa. Nem um suspiro.

A própria luz tinha a tonalidade cinzenta de quem medita nas consequências da queda das cotações e dos preços das matérias-primas.

Quando já se atingira o limite do suportável, o sepulcral foi interrompido por ondas de cor que deram a volta à grande mesa em U e por hologramas publicitários com mensagens intermitentes.

“Não espere que a Polícia lhe bata à porta. Compre já acções do Banco Limpo, a aplicação mais segura para os capitais mais encardidos.”

“Nova *Kabala 3333*, a nave de luxo dos que se não resignam à mediocridade. Não tenha receio da inveja dos seus vizinhos. Cada unidade vem já equipada com guarda-costas e lança-chamas.”

“Farto de ter os cabelos em pé? Experimente a nova baba de caracol e depois coma-o se for capaz.”

E foi então que O Grande Husky viu o nunca visto. O Desejado, o Ansiado, o Escolhido, o Grande Ruminante, o Grande Homem Grande Boi em pessoa bovina e trajo de grande gala, cachaco

abafado em folhos das sedas mais raras, uma pala no olho esquerdo apenas por motivos decorativos, já que tinha os dois olhos e via perfeitamente por ambos. Era ele mesmo quem entrava agora na sala e todos se levantaram de modo automático e com os mais escancarados sinais da mais violenta alegria. Finalmente amanhecera Domingo e a sala encheu-se de fogos de artifício, de aplausos, e dos mais brilhantes adjectivos da adulação mais abjecta.

Husky disse:

- Mrs.Hurtle, estou tão feliz que os mercados tenham aberto em alta. Feliz, feliz, inexplicavelmente feliz.

O que em linguagem decifrada era, mais ou menos “ Ele vai ver quando a COSMOPOL lhe for aos cornos, como efectivamente irá”.

- De certeza que irei chegar à aula de História antes do segundo toque?

- Vais. Não te preocupes.

E Mrs.Hurtle acrescentou:

- Dá-nos a tua melhor magia e não te preocupes com mais nada.

O Minotauro aproveitou aqueles momentos iniciais de esfuziante alegria para lançar o seu discurso. Amplificou frases que se ouviam perfeitamente dez léguas em redor e que em resumo garantiam que aquela era a última vez que se lhes dirigia na qualidade de mestre das forjas e que amanhã deixaria de ser simplesmente um Minotauro como qualquer outro Minotauro, e passaria a ser o Presidente do Conselho de Administração do Banco Limpo e a Alma Danada do Banco Porco... Que foi registado como Banco Sujo?... Pois, está bem, pode ser, não punha objecções, o importante era a merda, a merda é que era o importante... Depois de limpar algumas lágrimas que lhe escorriam pelo focinho abaixo, que tinham talvez a ver com saudades dos longos anos de narco-traficante onde fizera de cada cliente um amigo e de cada concorrente um cadáver, disse que tinha agora os cornos virados para novos desafios. Porque era essa a sua maneira de estar na vida e banqueiro tem a sua dose de emoção e aventura, e porque não dizê-lo?, algo de religião também. Só os fiéis é que podem entrar no paraíso fiscal, onde ficarão sentados à direita do Presidente do Conselho de Administração.

As trompas soaram o seu som poderoso rigorosamente após cinco minutos de aplausos tão densos que nem uma folha de papel lograria passar nos intervalos.

Os artistas entraram em passo de corrida, faiscantes de lantejoulas, esfuziantes de alegria fingida, e foram alinhar-se em

frente ao Sr.Minotauro, fazendo-lhe uma reverência em que as cabeças ultrapassaram os joelhos e quase atingiram o chão. O Circo do Castelo era conhecido pela sua grande flexibilidade. Depois, também em passo de corrida, regressaram à sala de onde tinham vindo.

- Senhoras e Senhores, Meninas e Meninos, Semi-Vacas, Semi-Bois, e restantes Semi-Desnatados, o Circo do Castelo tem a honra de vir, pela primeira vez na História, neste dia tão auspicioso, à presença augusta do Ilustre e Grande Sr.Minotauro, neste glorioso planeta Donde-Eles-Vieram.

Isto era dito numa cuidadosa gritaria, extremamente bem pronunciada por um apresentador vestido de branco que não deixava perder nem uma sílaba. Segurava na mão estendida um chapéu branco semeado de estrelinhas azul claras. O seu rosto feliz era circundado por todos os lados por bocas acessórias que repetiam o que a boca principal dizia.

Depois o apresentador, que nas horas vagas era locutor da BBC, agarrou as bocas que lhe rodeavam o rosto e começou a atirá-las ao público da mesa em U.

Mandou bocas no sentido da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, bocas essas que diziam que pela primeira vez em Donde-Eles-Vieram!, o mais famoso domador de pelo menos todos os Universos conhecidos, o Grande, o Inigualável, o Poderoso, o Rancoroso, Hércules, o Homem Sem Medo, vai defrontar as mais perigosas feras que o mundo já conheceu. Ele só, sem ajudas de qualquer espécie, vai, com risco da própria vida, dominar os leões mais enfurecidos, os tigres mais implacáveis e as panteras mais sedutoras, só pelo estalar do chicote e pelo olhar furibundo que é um segredo que tem vindo de pais para filhos desde o século IX, que até Carlos Magno dissera em Aix-la-Chapelle, numa língua muito franca, “Olá, vê-me só a cara do gajo. Parece que alguém lhe está a meter o dedo no **.”

Entraram 33 leões, uns com juba e outros sem, devia ser uma questão de sexo ou de gozo com carecas, e colocaram-se em círculo à roda de Hércules, a uma distância respeitosa do chicote que estalava daquele modo irritante em que Mrs.Hurtle se especializara.

Husky espreitou para a sala. Convinha fazer uma ideia sumária das rugas de expressão do público, porque os mágicos entrariam logo a seguir.

Andrómeda despira o uniforme de cetim negro, o avental branco, e retirara a crista branca na cabeça. Os cabelos negros com

reflexos avermelhados estavam agora cobertos por uma cabeleira loira e um casco de aço com cornos a condizer, e a super-polícia já não parecia uma egípcia da família dos faraós que passavam a vida a olhar de esguelha. Porque vestia agora de Walkíria e estava mais alta e mais sumptuosa, coberta de pó do ouro do Reno. Só ela se mantinha de pé, atrás do Sr.Minotauro, atenta aos seus caprichos – que lhe enchesse o copo, que lhe mastigasse previamente as azeitonas, que lhe fizesse uma massagem no cachaço ou cantasse uma ária dos “Mestres Cantores” de Wagner, onde, por coincidência, não entravam Walkírias.

O Grande Husky sabia uma coisa desde a Temporada IV, Episódio 16º., 3ª. parte do Curso Normal de Formação de Inspectores da COSMOPOL. Que o Minotauro era um psicótico maníaco-depressivo, porque a palavra “bipolar” tinha uma carga eléctrica mais intensa e ninguém estava disposto a chocar-se por tão pouco. O Homem-Boi tinha estado até ali na fase depressiva e acabava agora de entrar na fase maníaca, que era sempre a mais esfuziante, a das alegrias sem motivo, que são as melhores de todas as alegrias. Estava, portanto, mais vulnerável, como se se tivesse acabado de abrir uma janela na Oportunidade. Não se sabia era quanto tempo duraria a corrente de ar.

Os caprichos do Minotauro eram agora propícios à sua captura inter-dimensional e a proximidade de Andrómeda não era inocente, como se demonstrará nos gráficos anexos.

Husky disse: - Gostaria que a nossa entrada fosse ao som de “Os Prelúdios”, de Liszt. Porquê? Porque sim. Porque gosto.

O que soou foram apenas fanfarras para um homem comum e Husky & Hurtle entraram na sala, logo seguidos do apresentador, que se esmerara na selecção dos elogios e dos superlativos – o maior mágico de todos os tempos, universalmente aclamado como o maior prodígio desde a invenção da roda, o celeberrimo, o fantasmagórico, o fantástico, o inigualável, o maior fenómeno do nosso tempo, o mestre da ilusão, o domador do senso comum, o galáctico, Husky, o Maior Mágico de todos os tempos, nunca é demais repeti-lo ... Ilustríssimo Minotauro, Vida Inteligente, Senhoras e Senhores, convosco o Grande Husky!!!... e também a sua *partenaire*, Mrs.Hurtle, a única mulher do Far West que logrou bater-se em duelo com o marido e matar um homem no Oregon... e escapar à força.

Misogénia à parte, era tudo verdade. Nem tudo, claro. Só uma pequena parte, tão pequena que nem se dava por ela e era a mentira que levava a melhor. Como sempre acontecia no eterno confronto entre a verdade e a mentira.

Husky levava o seu fato negro de grande gala, que servia para o trabalho, mas não para embaixadas nem casamentos reais. As lantejoulas eram invisíveis, mas estavam espalhadas nas costas da casaca e ressumavam publicidade subliminar a causas perdidas como a intimidade e o livre arbítrio. Saudou a assistência de chapéu alto na mão e entalou o monóculo no olho esquerdo.

- Ah, com que então vamos ter alta magia?!... – deliciou-se o Grande Boi, atirando um copo de cristal para trás das costas, que só não causou ferimentos por Andrómeda ter vestida a sua couraça de Walkíria. Mas a super-polícia apresentou de imediato ao Sr.Minotauro outro copo de cristal, cheio do mais raro vinho de Falerno, prenda de imperadores que lhe tinham, de mãos nas mãos e olhos nos olhos, jurado fidelidade cega, surda e muda, *whatever*.

Mrs.Husky deslumbrava no seu *maillot* cor de malva. Vestira meias de rede e calçara saltos altos e as suas vénias ao Sr.Minotauro tinham a graça das princesas profissionais.

- E dizem-me que aquela mulher já tem 30 anos? – admirou-se o Meio Homem Meio Boi.

- Trinta e três – sussurrou-lhe Andrómeda, ou por inveja ou por amor à verdade, sendo a primeira hipótese a verdadeira e a segunda também.

- Mas o Sr.Minotauro é tão belo que nenhuma mulher lhe poderá resistir – era ainda Andrómeda a falar. – Eu, pelo menos, sei que não posso.

O Grande Boi suspirou:

- É difícil viver com a lenda de consumir uma virgem pelo Natal, embora seja verdade que os povos, por vontade deles, me ofereceriam uma todas as semanas. Não sei por que razão sou tão amado, a sério que não sei.

Essa lenda fora posta a circular por *Dev, Hill and Associates*, agência de consultores de imagem que monopolizara três horas diárias em 355 televisões comerciais para entoar louvores ao Minotauro, e a verdade é que as virgens desapareciam.

- O povo não se engana, meu Grande e Bom Senhor Minotauro – adulou a terrível super-polícia, semelhante à raposa que espera em baixo que o corvo abra o bico e deixe cair o queijo.

- Deuses, como o Sr.Minotauro é belo – repetiram as mulheres que se encontravam a uma distância máxima de 50 metros do objecto da sua adoração.

- E como, apesar de tão grande, consegue ser tão modesto, é verdadeiramente impressionante – comentaram os homens que se encontravam dentro do mesmo raio de adulação.

Sem prejuízo, claro, de opiniões desta espécie serem livremente ruminadas por muita Vaca Holandesa e por muito Boi Charolês, mas sempre dentro dos estritos limites do lambar de botas mais asqueroso.

Rodrigo, lembro-me do espectáculo como se tivesse sido dado ainda ontem no meu castelo de Urquhart.

Quando penso nas coisas que um rapaz de Lisboa consegue fazer noutra dimensão como a de “Vai andando que eu já lá vou ter”!... É simplesmente inacreditável.

Tínhamos dividido a nossa actuação em duas partes:

- Magia Comum, aquela em que os sacerdotes do Faraó igualavam os truques de Moisés, e

- Magia Avançada, aquela que é capaz de separar as águas do Mar de Barentz e, portanto, só está ao alcance do maior mágico do mundo. O Mar Vermelho já deu o que tinha a dar e agora é apenas uma fonte de problemas.

A magia comum era a magia de proximidade, a magia avançada era a que se intrometia pela religião adentro e punha em causa os dogmas sem qualquer pudor.

CENSOR – Os dogmas não é para ser postos em causa. Isto que fique bem claro.

EU – Dê cá o lápis azul. Os dogmas não são para ser postos em causa. Assim é que é. Mentira sem gramática é pior que gramática sem mentira.

Se lá tivesses estado, terias visto o Grande Husky a escolher com um relance de olhos o convidado ideal. Aproximava-se e a menos de um metro do convidado, começava a fazer truques com moedas que circulavam no espaço entre os seus dedos e de repente desapareciam e voltavam a ser vistas na outra mão, rodando entre dedos. E depois sacudia as mãos e não havia moeda nenhuma. Mesmo assim, foi encontrada na orelha esquerda do convidado e voltou a desaparecer porque foi encontrada agora no seu nariz.

Ofereci a moeda ao convidado, como recordação e exhibi as mãos ao público da mesa em U. Nada, nem um mísero anel. Sacudi-as e ergui-as com um baralho de cartas em cada mão. Atirei-as ao ar, na direcção de Mrs.Hurtle, e foi uma rosa vermelha o que foi parar às suas mãos.

Ela devolveu-me a rosa e o que me chegou às mãos foram os baralhos de cartas que já tinha atirado ao ar e que pareciam ter-se dissolvido no mesmo.

Um dos baralhos desapareceu e aproximei o baralho restante do rosto do convidado. Abri-o em leque e pedi

- Vossa Excelência tenha a bondade de escolher uma carta, qualquer carta, e fixe-a na sua memória. Qualquer carta. Pensando bem, o melhor é tirá-la e ficar com ela. Pois se acaso... Tenha a bondade.

Esperei que o convidado anuísse com a cabeça e retirasse a carta da sua escolha e devolvi o baralho à forma original. Comecei a baralhar como um batoteiro profissional, fazendo linhas de cartas e voltando a juntá-las, fazendo círculos e desfazendo-os também e culminando com um castelo fruto de um equilíbrio impossível. O baralho voltou à forma primitiva, cortei e tirei uma das cartas, o sete de copas.

- Foi esta?

O convidado abriu a boca e enxugou com um lenço o suor da testa. Exibiu o sete de copas.

- Pois foi. Não é possível.

Juntei a carta que previamente retirara e abri o baralho em leque para que toda a gente pudesse verificar que não era composto exclusivamente de setes de copas, e que, portanto, ali não houvera batota. Embora seja difícil explicar que não há batota quando o baralho tem cartas repetidas, ou quando há uma que se guarda na manga (como era o caso). Ordenei com o sorriso adequado a tirar às ordens a sua parte desagradável – agora ponha a carta no bolso do casaco.

O convidado obedeceu, com cara de “mas isto ainda não acabou?”, e fez desaparecer a carta no bolso do casaco, que na verdade era uma casaca feita pelo melhor alfaiate universitário do planeta.

Voltei a abrir o baralho em leque, um dos leques mais perfeitos de cartas que já alguém fez, a acreditar na página especializada da revista *Stage*, e pedi ao convidado impaciente que voltasse a mostrar a carta que retirara do baralho. Ele levou a mão ao bolso e retirou dois bilhetes para a estreia mundial de “Minotauro, meu amor”, uma comédia romântica com belíssimas canções bancárias, daquelas que estimulam o amor e o investimento, e se podem assobiar no chuveiro.

As palmas choveram, até Sua Excelência mandar Andrómeda, a Walkíria de serviço, abrir o guarda-chuva.

Chegara o momento de serrar ao meio a Grande Partenaire e voltar a juntar as metades. O Grande Husky mostrou a caixa de um lado e de outro, para que todos vissem que não havia qualquer truque. O que iam ver era o que se ia passar na realidade. Ninguém veria a contorcionista que ficaria na parte posterior da caixa e que iria personificar os pés de Mrs.Hurtle.

Ergueu acima da cabeça a chapa metálica que iria entrar a meio da caixa e depois colocou-a ao alcance dos convidados, para que provassem eles mesmos um pouco do seu carácter letal. Uns passavam o dedo muito ao de leve pelo fio da chapa e logo o retiravam com um finíssimo corte que tardava em sangrar de tão estreito que era. Outros mais utilitaristas usavam a chapa para cortar o queijo de cabra em fatias ou para cortar os efeitos do álcool.

O Grande Inspector da COSMOPOL deu a mão à sua querida e Grande Partenaire e ajudou-a a entrar na caixa, deixando-lhe a cabeça de fora. Depois apareceram os pés, que se agitaram em jeito de “estou aqui toda inteira e a prová-lo estão os meus pés calçados de meias de rede e saltos altos”.

O Grande Husky introduziu a chapa metálica, suficientemente afiada para cortar outras chapas mais recalcitrantes, e pressionou-a até a mesma entrar até ao fundo da caixa e separá-la em duas partes iguais. Fez uma pausa, acompanhada ao longe por um rolar de tambores, e durante aquele tempo ninguém respirou, ninguém com um mínimo de sentimentos. Não era o caso de Sua Excelência. Depois subiu a chapa super-cortante e mostrou-a ao público, ostentando um fino círculo vermelho de que escorria lentamente uma gota vermelha. Nesse momento, o jovem Husky não se sentiu grande. Um incómodo, uma contrariedade que não sabia explicar e oxalá não tivesse explicação. Mas estava em pleno espectáculo. As emoções são lá fora. Afastou as partes da caixa, uma para cada lado, e os pés mexeram-se e Mrs.Hurtle sorriu escancaradamente, com um piscar de olhos para o Grande Boi que a via pelos binóculos que Andrómeda lhe segurava junto aos olhos.

“Posso ir mais longe”

Segurou as duas pegas da metade da caixa que correspondia à cabeça da sua assistente, com cuidado para não tocar na tomografia axial computadorizada que era visível na sua base, ergueu-a bem ao alto e começou a dançar enquanto a cabeça abria mais ainda o seu belo sorriso de princesa morena. A metade da caixa que continha os seus

pés afastou-se e volteou pelo tablado tomada por uma vontade própria, como se os pés se tivessem tornado independentes da cabeça, e tivesse ruído toda uma argumentação manhosa a favor da desigualdade e de outras coisas absurdas como as classes sociais. O som era de uma Chaconne de Lully, acabadinha de tirar do “Burguês Fidalgo”.

CENSOR – *Já cá faltava a música.*

EU – *Está a ser injusto. Já tivemos música de... trompas de som poderoso e fanfarras para um homem comum. E o bandolim de Vivaldi. Não esteve atento. O seu problema é a falta de atenção. Parece que anda a dormir em pé, desculpe que diga uma coisa destas e logo a um Censor, que é uma espécie de anjo da guarda, ao mesmo tempo sem sexo e sem asas. Em suma, sem nada que se aproveite.*

Depois o jovem Inspector pôs os pés na ordem, juntou as metades da caixa, abriu-a e a Grande Partenaire, a sua mestra e mentora no adocicado mundo da Polícia, saltou lesta para fora. O maillot fora cortado na zona da cintura e a parte de baixo estava em perigo de cair e transformar a natureza do espectáculo. Husky fez aparecer um rolo de cetim preto e entregou-o à sua assistente que de imediato o enrolou à volta da cintura e prendeu com um alfinete que retirou do cabelo luxuriante. Pelo modo como atirou um enorme lençol que cobriu Husky e a caixa também, devia estar mesmo zangada. Mas não estava. Se estivesse, haveria um cataclismo naquela sala. Depois puxou o lençol para si e o Grande Husky apareceu acorrentado na caixa onde tudo acontecera, e, depois da passagem rápida de um biombo, reapareceu fora da caixa, livre de correntes, na companhia de Mrs. Hurtle que agora vestia de noiva e conseguira em segundos o que uma noiva a sério leva horas a conseguir, não faltando sequer nem o véu, nem o penteado nem o *bouquet* de flor de laranjeira. Os Inspectores deram as mãos como se fossem dançar o *pas de deux* do “Quebra-Nozes”. Como efectivamente dançaram.

Mas era ainda o aperitivo. A vulgaridade é apenas o começo.

- Pede-se um minuto de silêncio pelas vítimas... Um minuto. No máximo dois. O número da conta no Banco Limpo, e repito, no BANCO LIMPO, para os donativos às vítimas da fome ser-lhes-á entregue em momento posterior, entre as sobremesas e os licores. Dinheiro apenas. Nem bananas nem iogurtes nem tostas mistas. Este género de fome só se aplaca com dinheiro. E AGORA, digam-me: querem que O Grande Husky, também conhecido pela dupla Husky & Hurtle ou pelo Grande Husky e a sua Partenaire, continue já a sua actuação, com números de magia da nunca vista por olhos de semi-deuses ou de simples humanos? Ou querem que o Grande Mágico

faça um intervalo? Desde já avisamos que os números que constituem esta segunda parte contém imagens de uma grande carga dramática pelo que é aconselhável o acompanhamento dos pais ou, na sua falta, de um bom psiquiatra chamado à Ordem. Então, meus amigos, Intervalo?... Ou eles continuam?

- Con-ti-nuam!-con-ti-nuam!-con-ti-nuam! – isto depois de verem Sua Excelência o Senhor Minotauro bater palmas.

O apresentador reclamou que agora sim, agora era um dos momentos mais aguardados, eu diria mesmo que dos momentos mais ansiosamente aguardados deste esplendoroso espectáculo do Circo do Castelo. Agora, e pela primeira vez neste século, O Grande Husky vai minuar de tal modo que só poderá ser visto através dos binoscópios que foram distribuídos por todos e que ampliam a uma escala nunca vista. Chama-se a atenção da ilustre assistência para que O Grande Husky vai executar este número com risco da própria vida. Ouviram bem. Da própria vida. Mas podem fazer barulho à vontade que a vida do Grande Mágico está coberta por um seguro cujo beneficiário, bem contra e apesar da sua natural modéstia, é o Ilustríssimo Senhor Minotauro.

Decorreram dois minutos até que o Minotauro pousasse os braços na mesa e automaticamente os 2322 convidados deixassem de aplaudir.

O Grande Husky deitou um olhar de inteligência à Grande Partenaire. Um olhar de inteligência, aquele que sugere num relance que o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos. Mrs.Hurtle retorquiu com uma piscadela de olho, também inteligente, que um corpo mergulhado na água sofre uma impulsão de baixo para cima cuja intensidade é igual ao peso do volume do líquido deslocado, e que o horário do metropolitano é das 6h 30m da manhã até à uma da madrugada.

Acabada esta troca de informações úteis, o Grande Husky chocou o castão de prata da bengala contra o chapéu alto, como se dissesse “Bolas. Esqueci-me”. Atirou a bengala ao ar e ela veio cair precisamente na altura em que por ali passava um tigre. Foi a oportunidade para muita gente que nunca antes vira um tigre de bengala a passear por aqui e para ali. Um tigre, aliás da maior educação, que acabou por entregar a bengala a Mrs.Hurtle, sem fazer qualquer menção de a querer devorar todinha e logo ali, como faria qualquer romântico mais ordinário da casta dos tigres de papel, o perfeito oposto dos autênticos tigres de bengala.

Esta diversão fez com que só então o Sr.Minotauro e os seus 2322 convidados se apercebessem de que O Grande Husky, que afinal era agente da COSMOPOL, diminuía de tamanho e já só dava pelos joelhos da sua Grande Partenaire. E sempre a diminuir até que Mrs.Hurtle se agachou e o recolheu do chão, para evitar problemas com gatos ou, o que é pior ainda, com simples baratas. Agora o Grande Agente da COSMOPOL não era mais alto que um dedal e sentara-se na concavidade da mão aberta de Mrs.Hurtle, e a grande assistência só conseguia vê-lo através dos binoscópios auto-reguláveis.

“Oh, é pequenino mas não lhe falta nada.”

A Grande Partenaire segurou o Grande Husky, com os devidos cuidados para o não esmagar nos enormes dedos, abriu a boca e colocou-o em segurança nos seus dentes muito brancos e brilhantes. Mrs.Hurtle lavava os dentes sempre depois das refeições, por isso eles eram do género faiscante, não tinham nem cáries nem coroas e mordiam a matar.

O mágico fez menção de ir dormir a sesta na cova de um dente mas houve uma língua que o tirou da sua zona de conforto e o molhou de uma forma cálida e ligeiramente viscosa. O que devia ter propriedades revigorantes pois Husky começou a crescer, obrigando Mrs.Hurtle a retirá-lo da boca antes de ir parar à tradição oral por qualquer motivo menos heróico. Colocou-o novamente na palma da sua mão e o Grande Husky continuou a crescer, transitando da mão para o colo e do colo para o chão, crescendo, sempre crescendo em altura até ultrapassar a sua própria altura e continuar a crescer em direcção ao tecto.

Os binoscópios pousavam na mesa. Já não eram necessários. Minotauro e convidados olhavam para cima, até o fez (o chapéu) desaparecer pelo tecto fora, e depois o monóculo, o laço, a casaca toda inteiro, e só ficar o resto de um par de calças e sapatos de baile, de um negro cintilante a reflectir em todas as direcções as luzes do salão. As peúgas eram vermelhas e a tonalidade da sala toda inteira ganhou um tom de festa. O vermelho dá sorte. O que não impediu que alguns críticos de moda trocassem entre si, em voz ora grave ora aflautada, comentários ao mau gosto da escolha de cores tão berrantes – onde é que já se viu vermelho e negro, a não ser em romances que acabam mal?

Mrs. Husky, encostada às calças do mágico, parecia não ter pressa. Sacou de uma longa boquilha e fumou durante algum tempo uma substância que não tinha cheiro a tabaco e que lembrava mais rebuçados com recheio de morango. Olhou para o relógio e chamou

suavemente – Grande Husky, Grande Husky, hu!, hu!,há gente à espera.

Como se fosse uma casa de banho em hora de ponta.

A casaca do mágico reapareceu e foi descendo até reaparecer o laço, o monóculo, o fez, e o jovem Inspector recuperar a altura que tinha quando saíra debaixo da cama de Mrs.Hurtle.

6.

Na outra encarnação ele era uma árvore, e a sua maior ambição era que uma linda mulher lhe passasse a mão pelas folhas. Uma espécie de erotismo vegetal, porque erotal vegetismo é um xarope para a tosse, registado em 1878.

Estava na hora dos trapezistas, os ilusionistas davam mostras de cansaço (na verdade não estavam cansados, era tudo estratégia policial), mas o Público, um dos outros nomes do Sr.Minotauro, continuava a exigir mais Husky e mais Hurtle.

O olhar frio de Sua Excelência tinha algo da intensidade matadora que costumava disfarçar quando vinham visitas. Convém recordar que tinha apenas um olho livre. O outro, que funcionava perfeitamente, estava tapado por uma pala preta, em homenagem à pirataria.

O corte em dois de Mrs.Hurtle fizera-o aspirar o perfume do sangue fresco e Sua Excelência tinha uma árvore genealógica que explicava tudo. Estendia-se no chão uma versão condensada da árvore e desenrolava-se com paciência, desde o alto do Parque Eduardo VII, mais ou menos junto do Palácio da Justiça, até ao Cais das Colunas. Havia um ponto em que os antepassados deixavam de ter nomes e a partir dali era a escala da evolução, com homens cada vez mais amacacados, a viver nos ramos das árvores e a disputar bananas, e terminava tudo no mar, feito em protozoários. O certo é que, na noite da história (e como era de noite ninguém viu para depois contar), uma antepassada bruticéfala fizera amor com um tubarão, se é possível dar o nome de amor a uma troca de arranhões e dentadas e pernas de bruticéfala, fortes como maxilares de aço inoxidável, em tesoura, a esmagar a zona onde o tubarão deveria ter o cérebro, se por acaso o tivesse. O amor à bruta resultou numa troca de fluidos e numa gravidez que durou dez meses a um ano. Nasceu um ser com pernas, barbatanas e dentes triangulares, que inventou o dinheiro, a roda e o fogo, e cobrava 2% do PNB por cada brasa e uma bandeirada de dois quilos de bifos por viagem, ou, na falta de bifos, 25 túbaras, que era a unidade de conta da nova economia. Como era muito vaidoso da sua ascendência e dos seus inventos, andava sempre tão emproado que lhe chamavam “homo erectus”, mas era para achincalhar. Todavia, o nome pegou e o que era para ser ofensa passou a ser o sinal de um grande progresso.

“Apetecia-me trincar qualquer coisa”

Era a sua carga genética de tubarão que lhe explicava o sucesso nos negócios e o gosto pelo sangue.

Por outro lado, é bem conhecida a curiosidade dos banqueiros pela grande ilusão. O que é natural, por a vida bancária assentar na magia e os produtos financeiros serem fruto da imaginação e fora dela nada são. Por isso queria mais uma dose de alta magia, de preferência da mais alta e com mais perigos para o seguro de vida.

- Ele tem o monóculo, não tem? Então?...

Andrómeda fez-lhe mais uma das suas apetrechadas massagens no cachaço, e, por assim dizer, tinha o boi inteiro nas suas mãos, feito ao bife e já devidamente condimentado.

- Diga-lhe para continuar.

Andrómeda, a Super-Polícia, lembrou os seus tempos de caixeira num super-mercado. Interrompeu a massagem e falou ao microfone que lhe espalhava a voz num ângulo de 360°, e a cujo feitiço ninguém lograva escapar.

- Pede-se ao proprietário do veículo de matrícula SLAUGHTERHOUSE45 que se dirija para junto do mesmo com urgência, para discutir com o rebocador implacável o problema da “origem do poder – empresarial ou divina, ou uma coisa não exclui a outra?”

Lembrou depois os tempos em que ajudava à missa.

- Fazemos sentir ao nosso amado irmão O Grande Husky que não há razões para pesos na consciência, caso a tenha, por privar o Generoso Sr.Minotauro, cansado por uma vida de serviço e sacrifício, do gosto que lhe dá o seu espectáculo. E se, por mero acaso, sentir, e o sentimento é também uma questão de senso, se por acaso sentir a necessidade de prolongar o seu número até que o Dono dos Nossos Corações diga “Já basta”, que é que lhe poderemos dizer a não ser que é um impulso tão compreensível como digno?

Husky e Mrs. Hurtle, de mãos dadas, fizeram uma longa reverência, do mais palaciano que havia nos manuais para cortesãos e cortesãs.

O Minotauro puxou Andrómeda para junto do focinho e segredou-lhe o que poderia ser o programa das festas. Depois o rosto lambuzado da agente da COSMOPOL brilhou à luz dos holofotes e regressou ao microfone.

- Sugere-se ao Grande Husky que, enfim, porque não começar com leituras de pensamentos e então depois dê-nos grande ilusão atrás de grande ilusão, até faltar?

- Respeitável Público, Inolvidável Público, Formidável, Inteligentíssimo e Reverendíssimo Público, O Grande Husky, com a sua sedutora *partenaire*, vai ler os pensamentos dos presentes, com excepção, claro, do pensamento do Ilustríssimo e Digníssimo Sr.Minotauro...

O Grande Husky aproximou-se e retirou o microfone das mãos do apresentador:

- Queridíssimo Público, Inolvidável Excelência, vou fazer mais do que ler os pensamentos alheios. Irei ainda mais longe porque a minha magia o permite. Vou influir nos pensamentos de cada um e obrigá-los a agir do modo que eu escolher, com exceção, claro, do pensamento do Ilustríssimo e Digníssimo Sr.Minotauro... porque, está claro, o respeitinho é muito bonito e ele gosta. Além de que o pensamento de uma entidade tão magnífica como o Sr.Minotauro não está ao alcance de simples mortais e era uma perda de tempo, e a própria Bíblia desaconselha que se dêem pérolas a porcos. Podem-se engasgar.

O Grande Husky, de monóculo entalado no olho, e a testa franzida como se estivesse zangado ou se já tivesse casado com Mrs.Hurtle, começou a fazer prestidigitação com seis laranjas, para acalmar o latir do coração ou para desviar as atenções do público, e a última hipótese era a verdadeira.

Mrs.Hurtle colocou uma coroa na cabeça e acercou-se do Grande Inspector com uma dignidade de rainha, que era a sua própria. Ainda estava vestida de noiva.

Como por magia... Como por magia?... Não, era mesmo magia. As laranjas desapareceram e no chão não estavam.

- Que trazedes vós no vosso regaço, jovem e Grande Husky? – perguntou a belíssima assistente, em voz de teatro ao ar livre.

- São rosas, Senhora.

E, abrindo os braços num V pronunciado, ramos de rosas vermelhas surgiram e foram cair aos pés de Mrs.Hurtle, criando à sua volta uma ilha de rosas.

Os mágicos agradeceram e, meneando a bengala de castão de prata, Husky aproximou-se da mesa em U. Apontava a varinha de condão ao peito dos convidados ali reunidos e o primeiro agarrou um bolo e afundou o rosto no creme que o cobria. Outro beijou apaixonadamente a semi-vaca que se sentava à sua direita, o que era extraordinário, porque era uma pessoa de rígidos princípios morais e vaca para ele era sinónimo de relaxação e deboche.

Outro preencheu, datou e assinou um cheque e foi de imediato entregá-lo a Sua Excelência, que o olhou, aprovou e fez sumir no bolso do casaco.

- Para as suas obras de caridade, Divina Excelência.

Era mais um golpe de estratégia para aproveitar a fase maníaca do Minotauro e ampliar-lhe a sensação de segurança que Andrómeda lhe espalhava mansamente entre cornos.

Husky explicou ao microfone:

- Importa esclarecer uma coisa. É que apesar de ser capaz de levar certa e determinada pessoa a tomar certo e determinado comportamento, nunca seria capaz, porque me faltam poderes para isso, de fazer alguém tomar uma atitude contrária às suas convicções mais íntimas ou aos seus gostos.

Era uma indirecta à dádiva que acabara de ser feita. Uma chuva de palmas acompanhou o benemérito até o mesmo se sentar e sentir vagamente que acabara de fazer uma grande estupidez e se calhar talvez até nem fosse má ideia.

O homem que beijara a semi-vaca é que não gostou do que ouviu, por causa dos seus rígidos princípios morais, e pensou onde é que tinha onde é que tinha deixado as chaves de casa? Parecia que as tinha no bolso do casaco e agora nem sequer sei onde é que pus o casaco. Será que?... Oh, bolas, deixa-me pensar em qualquer coisa mais limpa. Lavar, enxaguar, abrilhantar.

- Parece que alguém manifestou interesse em que eu desse a ouvir os pensamentos do notabilíssimo público. A sério que querem ouvir pensamentos?

- SIM – gritou o público.

- Mas querem mesmo?

- SIIM!!! – insistiu o público, depois de consultar mudamente o Sr.Minotauro, que acenou afirmativamente e depois autorizou três torcionários de III classe a levantar-se para ir à casa de banho mais próxima. Para fumar ou para se libertarem de algum peso.

- SIIIIIM!!! – e o público parecia possesso.

O jovem mágico apontou a sua bengala de castão de prata a um sujeito obeso, de meia idade, com óculos de meia lua.

- Mrs.Hurtle...

Aqui o Grande Husky interrompeu com a sua própria voz:

- Não, não se vai ouvir o que Vossa Excelência está a pensar, mas Mrs.Hurtle nunca lhe faria uma coisa dessas nem que fosse Vossa Excelência a pôr-se de joelhos em vez dela. Mas deixe-me dar uma palavrinha à minha *partenaire* e ela lho explicará em poucas palavras, como é seu hábito.

O Grande Husky colocou a bengala de ponta para o chão e saudou a assistência com piruetas.

O Sr.Minotauro aplaudiu com sinceridade esta inovação de tornar audíveis os pensamentos e que lhe aumentava ainda mais o tremendo poder que já tinha. Os 2319 convidados restantes copiaram-lhe o entusiasmo pelo tempo exacto – 1m 09s -, nem mais nem menos, nem para cima nem para baixo.

Ainda não soara o momento do “Já basta” e Husky e Hurtle agradeceram e o Mágico voltou a fincar franzidamente o monóculo no canto do olho. Mrs.Hurtle refugiou-se à frente de uma tábua de madeira preciosa e foi cercada por catanas em miniatura, que choviam das mangas do casaco do Agente da COSMOPOL. É certo que havia mais agentes da COSMOPOL no vastíssimo salão, mas parece inútil dizer que estamos agora a falar de mim próprio, nas minhas funções universais. Não é verdade, Rodrigo?

A densa chuva de catanadas espalhou-se ao longo dos contornos da Grande Partenaire e quando os golpes deixaram de cair ela regressou ilesa para junto de Husky, trazendo-lhe todo o seu perdão, o que não estava nos seus hábitos. Não costumava perdoar, mas é difícil guardar rancores a um husky siberiano. A imagem de Mrs. Hurtle ficou gravada na madeira, em alta definição, e acabou por cair à primeira brisa do ar condicionado. Vendo-se livre, a silhueta pôs cautelosamente um pé no chão e, vendo que a realidade era suficientemente sólida, deixou a tábua e aventurou-se até junto de Mrs.Hurtle, na versão original, e agradeceu também até cair no olvido e fracturar a anca em dois locais consecutivos. O primeiro passo para se transformar em moléculas de coisa nenhuma.

VOZ CÉPTICA (com “p”, como não podia deixar de ser) – *Oh, a ciência...*

Depois de Husky & Hurtle agradecerem daquele modo submisso de que o Poder tanto gosta, o jovem Agente franziu novamente a testa, apertando o monóculo tanto que este se revoltou, como é natural quando se é apertado sem motivo.

“Vejam bem e admirem-se, se é que ainda são capazes de sentimentos genuínos” – parecia dizer o Mágico, apontando para o seu monóculo.

E na verdade a assistência pasmou para um monóculo que aumentava de tamanho, ultrapassava o corpo do seu possuidor e crescia até ser maior que todo o recinto do circo. Sem parar, até flutuar por cima da mesa em U, e a sua armação de ouro desaparecer nas paredes de uma sala que era um mundo à escala. E agora todos,

todos sem excepção, Minotauro, convidados e Andrómeda, a Super-Polícia, eram absorvidos pelo vidro da lente e sentiam na pele os Princípios da Óptica, Volumes I e II. Viam-se uns aos outros como gigantes nimbados das cores do espectro do arco-íris e, enquanto o Minotauro era procurado principalmente pelos infra-vermelhos, talvez devido à sua dupla condição de pessoa e de boi, Andrómeda era mais visitada pelos ultravioletas que pareciam querer bronzeá-la mesmo contra vontade. Porque efectivamente o moreno casava-se bem com o seu perfil de egípcia da família dos faraós que passavam a vida a olhar de esguelha. O que nem o disfarce de Walkíria conseguia disfarçar.

E, num ápice, a enorme lente desapareceu e voltou-se a dar os nome às pessoas e aos bois. Lá estava o monóculo, firmemente entalado no olho de onde parecia nunca ter saído. O Minotauro aplaudiu ao de leve e os convidados aplaudiram na mais rigorosa das fotocópias do original que era seu senhor e seu deus.

Husky, o Grande Agente da COSMOPOL, olhou significativamente para Mrs.Hurtle. Havia que evitar que o Grande Mestre do Crime se aborrecesse e pedisse trapezistas, que aliás até estava na hora deles. Aquele era o momento certo. Talvez a segunda parte não fosse tão promissora.

Então o Mágico apontou a bengala e começou a transformar convidados em algo que sempre tinham querido saber mas tinham vergonha de perguntar. Bastava apontar e pronunciar a palavra mágica “marianasaiumabicaheiaemchavenaescaldada”, naquele tom rigorosamente situado na intersecção da gritaria e do suspiro.

Quem te viu e quem te vê agora. Parece impossível.

Economista = frasco de água de uma colónia quase toda constituída por deserto;

Mulher-Vaca que não era prima do Sr.Minotauro = atleta nórdico com penteado à Moicano, um dos últimos que restavam;

Agente Técnico de Engenharia = Miss Mundo 1927 a mudar de sapatos;

Herdeiro de um Grande Nome, com mais de 37 nomes próprios e 250 apelidos = tabuleiro de xadrez, as peças em plástico, *made in Taiwan*;

Político de aluguer, porque não vale a pena comprar algo que é apenas para usar e reciclar = estátua de “O Pensador”, de Rodin, com uma legenda em pedra que dizia “Foda-se, passa das nove e não

cumpri nem uma das minhas promessas. Que desculpa é que vou arranjar agora?”;

Já chega = Já chega.

Depois o Grande Husky ergueu o bastão ao alto e pensou como se diria “bengalas ao alto” em Latim, mas reconheceu as suas limitações e limitou-se (falamos de limitações, não é?) limitou-se a fazer brotar uma enorme e colorida flor da sua ponta (da bengala). O público olhou pasmadamente para a flor como se nunca tivesse visto uma parva de uma flor em toda a sua vida, e quando regressaram à terra (que não era propriamente o planeta Terra, mas sim Donde-Eles-Vieram), todos os transformistas tinham regressado à forma original com uma sensação de pena género Paraíso Perdido, mas o espectáculo tem de prosseguir, são ordens do Sr.Minotauro que gostou a valer da magia, aplaudiu como um touro embravecido, e arrepiou-se com a voz de Andrómeda, a Super-Polícia, a fazer-lhe cócegas junto do corno esquerdo, que é para esse lado que o Grande Mestre do Crime é mais sensível e ouve melhor.

O Homem-Boi mugiu aprovadoramente.

- Muuuuuuuuuito boa ideia.

E virando-se para o Grande Husky que estava de mãos dadas com a sua Grande Partenaire, a Mais que Bela Mrs.Hurtle, numa postura de veneração feita de pernas ligeiramente flectidas e cabeça pendente para o peito, à pecador arrependido.

- Diga-me, Grande Husky, ouvi dizer que tem um número especial que, segundo se diz, ainda está em fase experimental, mas promete revolucionar a arte da magia. Ouvi dizer que essa magia exige um certo número de voluntários e que tem perigos. É isso verdade?

- Excelência, só eu e apenas eu corro perigo de me chamuscar e logo na reputação que é onde mais dói. Para voluntários e colaboradores não há qualquer risco, só glória.

- E ainda está em fase experimental?

- Já não, Excelência.

- Vou-lhe dar vários adjetivos para qualificar a sua nova magia e vai escolher aquele que lhe pareça o mais certo. É uma pergunta para dois valores e meio.

_ Bom

_ Magnífico

_ Monumental

_ Colossal

_ Apaixonante

_ Indescritível.

- Eu escolheria “ ☒ Indescritível”, Excelência. E “ ☒ Apaixonante” também, se fosse um teste de escolha dupla.

- Sim? Porquê?

- Porque é apaixonante e porque não a vou descrever. É surpresa. Mas, Excelência, é da mais excelente magia que já foi ou será feita, agora e para sempre. E que dará fama eterna a todos os que nela entrarem. A mim, quando muito, flores, perfumes, alguns contratos vantajosos e nada mais. Talvez ofereçam a Mrs.Hurtle uma cátedra numa Universidade do Kansas. Para os outros, lugar nos mitos e lendas, categoria “Semi-deus” ou “Herói”, consoante se é ou não é Minotauro.

- Semi-deus, hem? A ideia agrada-me, não sei porquê. Sou ateu diplomado. E se me oferecesse como voluntário? Eu próprio, o mais poderoso Minotauro de todos os tempos. Que dirias tu, jovem e Grande Husky?

- Diria que é uma honra demasiada para mim, Sire.

- Sire?

- Há outros nomes igualmente bons, mas não lhos posso chamar assim de improviso. Como “pontífice”, já que a arte de fazer pontes caiu em desuso.

- Sire Minotauro não está mal para o dono de um Banco de Investimento. Agrada-me. Hoje tudo me agrada, não sei porquê.

Uma palavra bastava para explicar aquela felicidade e essa palavra era “Andrómeda” que lhe acertara em cheio na fase maníaca da doença do poder. Talvez as Walkírias morenas usem cabeleiras louras para se precaver de qualquer nova polémica entre quem é o Povo Eleitor e quem é o Povo Eleito. Dilema tão estúpido como o que opõe a Raça de Senhores à Raça de Senhoras. Sem sentido. Porque não é uma questão dialéctica, e era preciso ler muito Hegel e ler Hegel não é ficar-se pela primeira página, o que já de si exige um consumo exagerado de espinafres e mioleira frita em ovo. Povo Eleito e Raça de Senhores são coisas feias, são pretextos para coisas reles como escravizar em nome da liberdade e ficar à força com o que é dos outros. Porque todas as pessoas são iguais e só a morte as diferencia, porque o pó vai para onde o vento o sopra. Enquanto vivos, somos todos livres e iguais, sim porque as Constituições não

são mentirosas. É falso que a morte seja a grande niveladora, o romantismo social e a Teologia estão enganados.

A que propósito vinham estas reflexões que começaram por uma cabeleira e acabaram com a calva a reluzir ao sol? Ah, sim, é verdade... Walkírias morenas, das que cobrem com uma cabeleira loura falsamente germânica o cabelo negro com reflexos avermelhados. Essas Walkírias necrófilas mas normalmente de formas arredondadas por baixo da reluzente armadura, tinham o condão de fazer feliz Sua Excelência o Senhor Minotauro, e fazer-lhe pensar no vasto mundo que se estendia para lá do Labirinto, nos prados imensos feitos de propósito para bois com fome de amor e que não acham um prazer especial em sacrificar uma virgem ao ano, como se faz com os perus pelo Natal. O Minotauro não matava por matar, não matava para amar, matava tão somente por profissão, já que não passava de um pecador de alta finança, um homem que vivia apenas do seu trabalho e o seu trabalho até ao meio-dia de hoje era o narco-tráfico, e amanhã a actividade bancária, que também se não livra das manchas de sangue nos cheques, letras e livranças. De qualquer modo, a violência bancária é sempre mais subtil.

A VOZ CAPAZ DO CAPATAZ (emitindo em onda curta e onda média) - *Não se poderia dispensar tanta reflexão quando há uma história para contar? Ou tudo isto não passará de um truque para ir fazendo tempo e atrasar a realização da Maior Magia de Todos os Tempos, no fundo para que a mesma coincida com o momento astrologicamente perfeito para capturar o Minotauro e levá-lo para a Zona Prisional da COSMOPOL?*

EU - *Provavelmente. É bem possível. Creio que todos acertaram e portanto o primeiro prémio é para dividir ex aequo.*

O Grande Boi estendeu o copo à serviçal Andrómeda, que logo o encheu de um raríssimo licor feito de essências esmagadas pelos pés de onze virgens que em todos os seus dezoito anos de vida apenas tinham, rigorosamente descalças, pisado alcatifas de Samarcanda onde nem o pó pousava nem outros pés menos dignos se atreviam a pisar. Era um licor tão raro que só o serviam em garrafas miniatura que eram vendidas a alguns afortunados por preços espantosos.

Sorveu-o de um trago, e foi todo um resgate bancário que lhe desapareceu pelas goelas bovinas sem sequer dar tempo para ruminar um nada que fosse nas excelências da bebida.

- Muuuuuuuuuuito bom. Mesmo muuuuuuuuuuito bom.

Fez uma festa na mão de Andrómeda e confessou-se, com verdades e mentiras à mistura.

- Não costumo ser sincero, não está na minha maneira de ser, mas está muuuuuuito bom mesmo.

O Sr.Minotauro, que não tinha paladar para vinhos, ergueu-se e todos os convidados se ergueram com o automático ligado.

- Sentem-se, meus amigos, sentem-se.

Enquanto todos se sentavam no mesmo gesto obediente e sempre automático, como se não passassem de *juke-boxes* com pernas, Andrómeda limpou os grossos beijos do seu Boi, e tirou-lhe o guardanapo que evitava as nódoas que agora, com o Banco Limpo e todas essas histórias, estavam-lhe para sempre vedadas. Vedadas não. Ninguém veda nada a um banqueiro, mesmo que este tenha uma fuga de gás. Principalmente se tiver uma fuga de gás. “Desaconselhadas” - era essa a palavra.

- Vou entrar na tua magia, Grande Husky.

E acrescentou, de mão bovina, fechada para o jovem Agente da COSMOPOL.

- Espero, para teu bem, que a tua magia seja realmente do mais magnífico que já se viu. Ou Mrs.Hurtle terá de procurar outro mágico que a serre ao meio.

Fez uma pausa e olhou o Grande Agente da COSMOPOL com olhos pequeninos de boi que já viu muito pasto.

- E essa história do tesouro... hem?

- Não sei quem o informou tão bem, Sire, principalmente quando se trata de um número mágico que só agora terminou a fase experimental e obteve o alvará do IMF, *Internacional Magic Federation*, consultar [www. world wide witchcraft.com](http://www.worldwidewitchcraft.com). Mas é verdade, confirmo que há uma arca de tesouro guardada pelo IMF de propósito para génios da Finança, o que não é o meu caso nem o de Mrs.Hurtle, que não passamos de humildes consumidores.

O Minotauro saltou com surpreendente agilidade por cima da mesa e aproximou-se do Grande Husky, logo seguido pela Super-Walkíria, que passara por debaixo da mesa. É difícil saltar por cima dela com todo o fardamento de prostituta sobre-humana que tem por missão recolher os heróis mortos em combate e levá-los para um lugar de delícias indecentes chamado Walhalla e onde menores de 13 anos não são admitidos. Porque não é um sítio adequado para cantar óperas. A acústica é má.

- E qual o conteúdo da arca, Grande Jovem?

- Isso agora é que não lhe sei dizer. Eu só faço a minha magia, mais nada. A minha vida é o meu trabalho e o meu trabalho é a minha magia. Arcas do tesouro não são para mim, que não tenho onde as guarde. Agora, Sire, se quer que lhe conte os boatos que chegaram aos meus ouvidos, devidamente certificados por especialistas em guerra psicológica, sempre lhe poderei falar de barras de ouro, títulos de crédito, participações sociais, estatuetas, o cálice do Santo Graal, a Arca da Aliança com a segunda edição dos Dez Mandamentos, porque a primeira foi espatifada por Moisés nas cabeças do seu povo, a espada do Rei Artur, postais obscenos *made in Gomorra*, um bocado comidos pela traça e logo nos melhores bocados, maçanetas das portas da Arca de Noé, autógrafos de Tony Blair e um elixir que faz qualquer mulher apaixonar-se por qualquer homem, mesmo que tenha sorriso à vampiro, mesmo que ressona, que tenha mau hálito, o cabelo oleoso, mesmo que seja careca de todo. E mais coisas haverá, assim a pender para o ordinareco. Eu é que não sei se as poderei contar diante de tanta gente. Falo? Não falo? Melhor não falar. Que falem os factos, que têm melhor pronúncia.

O Grande Husky calou-se, admirado pela sua inabitual prolixidade, tão contrária à sua dupla reputação de rapaz bonito e bem educado, por um lado, e de agente comedido, por outro. Comedido, não taciturno, pois quase explodia só de vontade de rir. O Minotauro esperou que Andrómeda lhe viesse coçar o espaço entre cornos, e como a super-polícia nada fizesse, coçou-se ele próprio, com o arrepio inerente à palavra “perplexidade”.

- E há falos?

- Há falos.

- E os falos são de quê? De ouro?

- Não, Sire. De platina. Como ofendem a moral e os bons costumes são impenhoráveis, pelo que são uma boa maneira de ter à mão uma fortuna a que os credores não podem chegar.

O Minotauro ofereceu a ampla cabeça às mãos sábias de Andrómeda e pareceu reflectir enquanto gozava os prazeres da massagem intra-corniana.

- Tudo isso, todos esses objectos, essas riquezas todas numa simples arca, jovem mágico? Muuuuuuuu...

- Ora essa. Não é uma simples arca. Longe disso. Trata-se de uma grande arca. É muito espaçosa porque é mágica. E depois, o que há de bom na magia é isso mesmo. Sempre se arranja espaço para mais um. Como naquele camarote dos Irmãos Marx.

Husky fez sinal ao mestre de cerimónias e este, por sua vez, estalou os dedos até entrarem os carregadores que nunca ficam na história do homem branco. É assim o *Black Men's Burden*, em regra mais pesado.

Instalaram no centro do tablado uma mesa de madeira branca, sem pintura, com todos os veios à mostra, a imagem viva da simplicidade. Outros carregadores colocaram no tampo da mesa uma armação onde instalaram uma garrafa de vidro transparente, das de mais de dois litros, com um veleiro dentro, o “Redoutable” em miniatura. Ariana e Fedra vieram para os arranjos finais, que exigiam delicadeza de carteirista, como instalar uma escada de acesso à boca da garrafa e uma ponte de acesso à escada de portaló, tudo à escala do veleiro.

- Que bom, uma viagem de barco – fez o Meio Homem Meio Boi, com algo de entusiasmo mas insuficiente para encher meio sorriso amarelo. – Mais outro prazer a juntar ao prazer de encontrar o tesouro.

Coçou o espaço entre cornos e revelou o seu pensamento verdadeiro.

- Pensem numa alternativa ao barco. É uma ideia que não me agrada. Não sei porquê, mas não me agrada. Hoje é dia para divertir-me. “Redoutable” é um pouco assustador e eu não gosto de coisas assustadoras.

Estava a mentir. Na Anti-Catedral da *Oldman Stinks* adoravam-se coisas ainda mais assustadoras que as unhas compridas do terror.

Tocou o telefone e entrou apressadamente o Grande Senescal D.Amaral. O Sr.Minotauro encostou a palma da mão do Senescal à orelha por baixo do seu corno esquerdo, que era a que ouvia melhor, e aproximou a boca da outra mão, como se a fosse beijar.

- Alô! Aqui Touro Sentado.

“Código” – pensaram Husky & Hurtle, simultaneamente.

- Ah sim, está bem. Até à meia-noite, sem problemas. Depois já sou banqueiro e não posso. Bem vê. É a nossa despedida.

Despediu o Grande Senescal D.Amaral e virou-se para a assistência.

- Desolado. Vou ter de administrar uma extrema-unção e para isso terei de ausentar-me um quarto de... não, uma boa meia-hora no máximo, tudo depende dos pecados do moribundo e da sua boa

vontade em confessar. Vão comendo e bebendo, que eu não demoro e estou ansioso para entrar na Maior Magia de Todos os Tempos.

Enquanto se desculpava para os convidados, os servos, Andrómeda, Ariana e Fedra incluídas, embora estas duas últimas fizessem parte da Guarda Pessoal, iam-no revestindo dos paramentos negros do seu cargo de Anti-Cristo e colocavam-lhe à cinta um punhal de fio de lâmina tão afiado que poderia perfeitamente servir de bisturi numa operação à vista. O punhal encaixava numa bainha tecida pelas onze virgens do costume, que não havia maneira de deixarem de ser parvas. Era vício. Umas autênticas mouras de trabalho, sem férias nem fins de semana, e em troca recebiam o salário mínimo, e era quando recebiam. Só não passavam recibos verdes porque virgens não podem preencher a Declaração de Início da Actividade para efeitos de IVA. Seria uma grande mácula no seu carácter.

O Minotauro retirou a pala do olho e atirou-a para o chão, certo de que alguém a apanharia e guardaria como relíquia para dar boa sorte. Abandonou a sala num veículo trazido pela sua Guarda Pessoal e os convidados fizeram cara de órfãos assim tão de repente e numa altura tão difícil das suas vidas, e continuaram a comer e a beber.

Husky aproximou os lábios das orelhas atentas de Mrs.Hurtle e sugeriu:

- Talvez ainda me desse tempo de ir à aula de História e voltar.

A bela *partenaire* olhou-o seriamente. Numa escala de fúrias de 0 a 10, estaria entre o 0,9 e o 1.

- Husky, o tempo ajusta-se à medida das necessidades. Já to disse. É desnecessário que to repita. Chegarás à aula de História ainda antes do segundo toque, e antes disso ainda terás tempo para uma ceiazinha. Lembra-te que aqui és o que és.

- Diz-me isso em hebraico.

- Husky, continua assim e daqui a dez minutos vais ver-me zangada. Não queiras ver-me zangada. É um aviso de quem te quer bem.

7.

Quando Sua Excelência o Sr.Minotauro voltou ao imenso salão, já vinha despojado das suas insígnias de Anti-Cristo. O veleiro fora entretanto substituído pelo marco do correio do gabinete que o Inspector Husky partilhava com Mr.Trollope. Se não era o mesmo, pelo menos era muito parecido, cilíndrico, vermelho, com insígnias reais e uma porta por onde um anão não passaria.

CENSOR (uma figura ridícula, mas se não fosse o ridículo também não haveria censores) – *Ai não, não! Anão não?!... Quando ouço uma cacofonia desse género, sinto que alguém está a querer brincar comigo. Há gente que tem a mania que é muito esperta.*

EU – *Oh, desculpe, não tinha reparado na altura das suas solas.*

CENSOR – *Acha-me demasiado baixo para a função, não é?*

EU – *Quase me chega ao umbigo.*

CENSOR – *Sou baixinho, não sou?*

EU - *Nunca se é demasiado baixo para a nobre função de censor. Quando é a moral e os bons costumes que estão em causa ou a boa condução da parceria público-privada, é o dever indeclinável de todo o cidadão pôr-se em bicos de pés.*

CENSOR – *Sinto que está a querer gozar comigo. Não sei porquê, mas sinto. É como aquela sensação das mudanças de tempo.*

EU - *É uma sensação, nada mais. Experimente um chazinho de camomila antes do deitar.*

Uma fila de encomendas humanas aguardava. Seguravam tochas apagadas, como figurantes de um grande susto. Por coincidência todos eles eram Agentes da COSMOPOL – Husky, Mrs.Hurtle, Andrómeda, Ariana, Fedra, três acrobatas (Os Irmãos Oliveira), dois prestidigitadores (Os Irmãos Stromboli) e três domadores de leões, Hércules incluído (Os Irmãos Karamazov). Elektra ficava de reserva para uma eventual falha de energia.

Enquanto o Mestre de Cerimónias enaltecia a grande coragem do Grande e Excelso Minotauro, este último saudava o seu público com mugidos lancinantes como se aquele fosse o seu último acto oficial antes de, ao bater da meia-noite, ser sagrado banqueiro e, portanto, ficar definitivamente imune à acção da Justiça.

- E, minhas Senhoras e meus Senhores, Meninas e Meninos, não percam nada desta fantástica aventura em que vai embarcar o Maior Minotauro de todos os tempos, e que ficará para sempre conhecida como a Maior Magia de Todos os Tempos, justamente por causa do Sr.Minotauro ser a pessoa ou, melhor dizendo, a entidade, ou melhor ainda, o semi-deus mais transcendente de todo o sempre, ou muito melhor ainda, o único e verdadeiro deus, e porque não repetir agora o mandamento que ele, na sua infinita sabedoria, nos ensinou? – Deus é dinheiro.

O marco do correio abria às 19h 55m e encerrava às 20h 00m em ponto. Cinco minutos de abertura à magia. Cinco minutos de tolerância. Cinco minutos e não mais.

O Grande Husky, de monóculo firmemente enterrado em frente ao olho, empunhou o seu bastão mágico número 7, e um, dois, três, todos, menos o Sr.Minotauro, começaram a dançar o sapateado. Na sua casaca as lantejoulas agruparam-se e formaram letras “Viva Sua Excelência o Senhor Minotauro. Para sempre seja louvado.”, que se podiam ler sempre que se virava de costas, e que transmitiam uma mensagem subliminar de sentido contrário “Livrem-se do Minotauro de uma vez por todas. A carne vermelha não é saudável”.

O Senhor Minotauro apreciava a lisonja que, dizia ele, fazia-lhe bem às dores de corno que às vezes o acometiam. Mas não dançava. Narco-traficantes e banqueiros têm muito em comum, por exemplo nunca põem armações de ferro nas solas dos sapatos e negam qualquer relação com Fred Astaire, querem é passar despercebidos antes da bomba rebentar ou da encomenda chegar ao seu destino, e, se não fosse por causa das poças de água, só se deslocariam em pantufas de veludo, à prova de som. Para eles, SS era Segredo e Silêncio e também servia para aterrorizar os inimigos da *Oldman Stinks*, a entidade suprema do sub-mundo infernal.

Era um pequeno interlúdio, a fazer tempo até soarem as 19h 55m, ou melhor, até serem 19h 55m. Os sinos só tocam às horas certas e às meias-horas, é bem sabido.

Era tempo. O Grande Husky apontou a sua bengala de castão de prata e a porta do marco de correio abriu-se. Espreitou para o seu interior, não se desse o caso de Mr.Trollope andar por ali. Não, não havia ninguém. Estava escuro, mas havia uma luz ao fundo do túnel. Podia ser a da próxima estação. Ou Teologia. Ou lugar-comum. Ou iluminação pública.

Em regra, a altura da porta do marco correspondia a entre 1/3 e 1/4 da altura de cada um dos Agentes, o Sr.Minotauro era mais alto, e ainda tinha os cornos a título de suplemento. Mas a aparente dificuldade revelou-se ilusória.

Elektra, a Mulher Eléctrica, postou-se ao lado do marco, erguendo bem alto a chama olímpica, para ir inflamando as tochas dos Agentes e do Bandido, à medida que eles passassem. Os Irmãos Stromboli à frente, o Minotauro entalado entre Mrs.Hurtle e Husky que fechava a fila. E era simples, introduzia-se primeiro a cabeça e o resto do corpo passava logo a seguir, sem a mínima dificuldade.

- Pode-me olhar o rabo, Sr.Minotauro, mas não com tanta insistência. Faz-me cócegas e posso-me descontrolar. Se quiser saber o que é que acontece quando me descontrolo, pergunte no Oregon. O Nebraska também serve. O Arizona parece que já fechou.

Só uma mulher de uma extraordinária formosura é que poderia tomar estas liberdades de linguagem com uma entidade tão vincadamente cornuda como o Minotauro. É impossível alimentar sentimentos de vingança ao mesmo tempo que se admira um rabinho bonito.

Husky foi o último a entrar e fechou a porta atrás de si.

Logo de seguida, e por magia (é de alta magia que se trata aqui), o marco de correio desapareceu e todos fizeram “ooohhhhhh”, o que era uma mistura de surpresa, incredulidade e um nadinha inconfessado de esperança.

Ariana e Fedra cumpriram à risca a sua missão de os guiar para fora do Labirinto. Confessaram depois à Televisão que o maior prazer de todas as suas vidas juntas tinha sido atraí-lo o Minotauro, talvez por ser bovinamente rico, talvez por lhe acharem repugnante o hábito de ruminar.

O Mobilis 3000 tinha capacidade para albergar todos os passageiros que tinham entrado no marco do correio a título de encomendas com destino e passou velozmente todas as barreiras e cruzou a fronteira entre a dimensão de “Vai andando que eu já lá vou ter” e a nossa, que é conhecida lá fora por “A sua chamada está em lista de espera. Favor aguardar.” Daí a momentos pousava no espaço-porto que dava acesso directo ao edifício dos Correios de Santa Fé, onde, consoante é agora do teu conhecimento e de poucos mais, funcionava uma das agências da COSMOPOL, a Polícia que vigiava os mundos.

Mrs.Hurtle não estivera inactiva. Informando o Sr.Minotauro que a partir daquele momento se devia considerar arguido no processo 11231/CPOL/SAF/2014, por se indiciar fortemente que... uma data de coisas..., entregou-lhe cópia do mandado de captura inter-dimensional, assinado por um Juiz, e deu início à leitura de todos os grandes crimes do Homem-Boi, nas suas vertentes de tempo, lugar e modo, e, quando se inteirou que ainda lhe faltavam 1533 páginas de leitura, abreviou para etc., etc., etc., e o resto pode ler no mandado, que está lá tudo. Agora vou-lhe ler os seus direitos e deveres. É obrigado a responder com verdade às perguntas que lhe fizerem sobre a sua identidade. Às perguntas que lhe fizerem sobre os factos só responderá se quiser, sem que o seu silêncio o beneficie ou

prejudique. Tem o direito de estar presente aos actos processuais que directamente lhe disserem respeito e por aí fora...

Foi já devidamente algemado que o Minotauro, preso 89/2007/622, entrou, conforme prometido, na arca do tesouro que era autenticamente real, não uma fantasia. Era a sala do espólio, onde se guardavam os objectos apreendidos à ordem dos processos da COSMOPOL. Entre uma grande variedade de objectos, podiam-se ver barras de ouro, títulos de crédito, participações sociais, estatuetas, o cálice do Santo Graal, a Arca da Aliança com a segunda edição dos Dez Mandamentos, porque a primeira tinha sido estilhaçada por Moisés nas cabeças do seu povo, Excalibur, a espada do Rei Artur, filmes obscenos *made in Taiwan*, com cortes logo nas melhores cenas, maçanetas das portas da Arca de Noé, autógrafos de Tony Blair, o conhecido artista de variedades, e um elixir de amores venais, para além de uma colecção de “Caprichos” e de “Burdas”, apreendida a uma burlona que tinha sentimentos e gostava de andar bem vestida.

8.

Na agência dos Correios de Santa Fé havia um marco de correio que dava directamente para os balneários da Escola C+S Jaime Batalha Reis.

O Inspector Husky mordeu apressadamente uma sanduíche de fiambre com alface e tomate, e bebeu uma gasosa.

- Só isso, meu filho? E logo depois de uma aventura tão grande, das que são um disparate a queimar calorias!...

- É que tenho aula de História, Mrs.Hurtle, e não quero faltar. Posso-lhe pedir um beijo? Bem sei que os beijos não se pedem, mas isto é uma emergência.

Beijou as faces macias e cheirosas da sua *partenaire*, na secreta esperança que ela repetisse o tratamento de “meu filho”, e sentiu o coração aquecido porque ela repetiu exactamente as palavras desejadas. Não há herói que dispense um momento de ternura, principalmente quando não há por perto mais ninguém a que possa chamar mamã e confessar que tenho medo do escuro. E de pancada também.

A bela Mrs.Hurtle, que destroçara a auto-confiança de um homem em pleno Oregon selvagem, deu a volta aos ponteiros do marco, para que o tempo em Lisboa fosse 14h 03m no próprio momento em que Husky, já na sua forma de António, chegasse aos balneários da Escola.

Ao soar do segundo toque, António folheava o Compêndio de História Universal, ultrapassava a civilização minóica, o século de Péricles, e detinha-se em Roma, no tempo dos Tarquínios. O suicídio de Lucrecia fora todo um desperdício. Poderia perfeitamente viver até ser a velha Lucrecia, com o natural encanto das velhas que se cuidam. Esperaria pela hora certa para se queixar em doze tábuas dos abusos sexuais e dos maus costumes da Realeza. E dos seus legítimos queixumes brotaria a República Romana.

São coisas que um rapaz não entende.

No fim das aulas, António e Rodrigo regressaram à Casa dos Rapazes da Rua. Estavam todos na sala de estar, o Mandarim e o Gordo ocupando os dois melhores sofás, e falando muito alto das façanhas do dia, todas idiotas e prepotentes como os seus autores.

Nessas condições, era impossível estudar. Foram para o seu quarto e estudaram durante hora e meia. António ainda elaborou a custo quinze linhas sobre o tema “A crise dos refugiados” e encontrou um título que parecia que era Mr.Trollope a segredar-lho, ele que não era assim muito dado a encontrar títulos melhores do que “The Way We Live Now”, bons para uma reportagem sobre vídeo-jogos ou o uso de *smartphones*. O título era suficientemente provocador para a Língua Portuguesa e também para o Cinema Italiano – “Coitado de quem é refugiado” e aproveitava as quinze linhas obrigatórias para

dizer que para ele não havia problema, poderiam vir quantos quisessem desde que deixassem as bombas em casa.

Rodrigo deu uma vista de olhos e rematou, com toda a sua autoridade de mais velho.

- Está pobrezinho. Mas é um tema em que dificilmente se pode dizer a verdade e tu ainda és muito jovem para ir parar à lista d'Os que não gostam de nós", código 605 forte. Se te exigissem a verdade ainda poderias dizer que as grandes fortunas se fizeram ou com o tráfico de escravos ou com o mercado negro em tempos de racionamento, como na II Guerra Mundial. E agora é com os migrantes. A História é a História e tem de ser respeitada porque já é muito velha para que lhe levantem as saias.

- Rodrigo, achas que ainda posso vir a ser um radical livre?

- António, o meu pai era conhecido por C_2H_5 , por ser um radical alcoólico. Se fores um radical livre tens de te preparar para a hipótese de não poderes existir no estado livre, como o OH. O sistema tem horror a radicais livres. Dá cá.

Rodrigo fez um rascunho à parte e entregou-lho.

- Copia. Melhor dares um ou dois erros para que ninguém desconfie.

Terminados os trabalhos de casa, aproveitaram a meia-hora que faltava para o jantar para fazerem flexões e finalizarem com cinco saudações ao sol e dez minutos de meditação transcendental.

António tinha fome. A aventura com o Minotauro, depois da adrenalina assentar, abria-lhe agora o apetite. Hoje era caldo verde e salsichas fritas, com puré de batata de pacote e retalhos de alface e cenouras. Uma banana a finalizar. A Governanta comia à parte, no seu quarto. Era uma pausa no seu trabalho de tomar conta de dezenas de rapazes. Nos seus momentos fora da instituição, quando ia jantar com um advogado, amigo constante de vários anos, dizia, após os cinco primeiros brindes – Se todos aqueles rapazes fossem cavalos, não apostaria a minha ficha em nenhum deles.

Em Portugal não havia corridas de cavalos nem as inerentes apostas. A Governanta, até aí, ainda só tinha ido ao Casino, e se jogara, fora sempre com o dinheiro do amigo constante. Ela não ganhava para vícios que se paguem a dinheiro, mas com o que tinha fazia o que podia, e para isso lá estava o amigo constante que pertencia, felizmente para ele e para ela, ao grupo dos que tinham muito e muito podiam.

Jantaram ele e Rodrigo, lado a lado. O Gordo passou por trás e ainda pensou em pisar António, mas o receio das represálias de Rodrigo falou mais forte. Rodrigo assustava-o, porque parecia que nada lhe metia medo e porque denotava na força do olhar ou na maneira de cruzar os braços em cima da mesa uma supremacia física humilhante para qualquer fanfarrão, como ele próprio, Gordo, ou o seu, o Mandarin, sempre em segundo plano, eminente mas pardo, o intelectual, aquele que planeia na sombra.

- Grande al Arve – saudou Rodrigo.

- Sim, já sei que sou O Escolhido!... Mas Escolhido para quê? E isso dá vantagens? Dá dinheiro? Quanto? E quando?

- Escolhido para grandes coisas, meu amigo. Coisas muito grandes. Todas a ver com pancada.

- Nasci para bater. É isso?

- Não diria tanto. Logo verás. Dá tempo ao tempo. Como se costuma dizer, espera pela pancada.

E, olhando com aquele teu olhar de atemorizar serpentes que me ficou de memória:

- Porque ela virá.

António e Rodrigo ainda ficaram a ler até ser horas de dormir. A Governanta passou por eles, para ir ver televisão no quarto até o Xanax fazer efeito.

- Que bom. E que é que estão a ler?

António exibiu-lhe um livro de bolso da Colecção Argonauta e Rodrigo ergueu “A Última Investigação”, requisitado na Biblioteca da Escola.

- Muito bom. Os outros foram todos ver televisão ou jogar computador. Ler é bom e dá inteligência.

Ia dizer “Continuem o bom trabalho”, mas achou que não devia comparar a leitura a trabalho. É importante saber onde termina o frete e começa o prazer.

Nessa noite, António deitou-se primeiro e nem deu pela chegada de Rodrigo. Dormiu toda a noite, sem que se tivesse aberto o alçapão colocado em cima dele. Naquela noite, a COSMOPOL não necessitava dos serviços do Inspector Husky.

- Gostava de saber o que é que se passou. Será que o Minotauro vai ficar em prisão preventiva ou com apresentações quinzenais no

posto policial da área da residência? – foi o seu primeiro pensamento ao despertar.

Desta vez, não partilhou o pequeno-almoço com ninguém. Luís aproximou-se, de olhar esperançoso que parecia mesmo que ia dizer “posso-me servir das tuas torradas?” e António fez que não via, que tinha o pensamento noutro local. Tinha fome. Parecia que os ares de “Vai andando que eu já lá vou ter” lhe tinham aberto o apetite.

Na primeira aula, que calhava ser Língua Portuguesa, foi chamado a ler em voz alta o seu texto sobre “A crise dos refugiados”.

A Dr.^a. Fátima franziu a testa, embora não usasse monóculo nem fosse cunhada de Mrs.Hurtle.

- Mas que idade tens tu, António?

- Treze anos.

- E de certeza que ninguém te ajudou? O texto é demasiado cínico para uma pessoa tão jovem. Confessa. Alguém te ajudou. Quem foi?

- O título veio-me à cabeça. Ninguém me ajudou.

- Em vez de te cingires ao tema, que era pura e simplesmente o drama humano dos refugiados, falas doutra coisa que não tem nada a ver. Em vez disso, falas em exploração e tráfico de pessoas por parte de pessoas que não sabes quem são e que se calhar nem sequer existem. De qualquer maneira, explica-te melhor. Pode ser que alguma coisa me haja escapado.

- Sô Tôra, é assim. Põem uma imensidade de pessoas apertada num bote de borracha, sem condições, e mandam-nos para o mar, com apenas uma alternativa – ou morrem afogados ou são recolhidos no mar e trazidos para a Europa. As pessoas que fazem isso devem ser castigadas, é a minha opinião. No caso dos refugiados parece-me indecente que estejam a brincar com os sentimentos das pessoas, pondo grávidas e crianças nos botes para fazer pena, obrigando os Governos a receber visitantes à força ou a tornarem-se responsáveis pela sua morte no mar. É correcto e é justo que esses crimes sejam investigados e que os seus autores sejam castigados e percam todos os rendimentos dos crimes cometidos. Penso eu.

Repetia o que Rodrigo lhe dissera. Era o mais seguro. Sabia que a sua inteligência de António era reduzida. Nada tinha a ver com o Inspector Husky que tripulava Mobilis e serrava Mrs.Hurtle ao meio. E já agora: o Minotauro. Onde é que o mesmo estaria agora? Já estaria a ser ouvido pelo Juiz de Instrução?

- António, António... Muda de ideias enquanto é tempo. Ainda só tens treze anos. Ainda não é tarde. Sabes ao que é que arriskas e logo tu que, não te esqueças, és cigano, e com isso não quero dizer nada? Arriskas-te a ficares marcado como, quem sabe?, “xenófobo”, por exemplo, e depois onde é que vais arranjar emprego? A não ser, talvez, porteiro de discoteca, mas não tens físico para isso.

Depois, no fim da aula, fez-lhe sinal para que ficasse um pouco mais.

- Isto que escreveste devem ser leituras que não te favorecem nada, ou então conversas de populistas radicais extremistas e gente do género que se não se radicalizou está para se radicalizar. Olha o caso do D.Quixote que enlouqueceu por ter lido muitos livros de cavalaria. Por isso, cuidado com os livros. Cuidado com as pessoas. Foge das conversas. Espírito crítico é bom mas só até certo ponto, como o sal na comida. Há que saber distinguir entre ideias boas, as de toda a gente do arco da governabilidade, e ideias más, aquelas que ninguém deve ter sob pena de arranjar problemas. Estou-te a avisar porque, não parece, mas sou tua amiga.

Suspirou:

- Gostava muito que o teu caso fosse um caso de sucesso. A sério que gostava. Vai-te lá embora. Cigano de uma figa.

Chovia em Lisboa quando um auxiliar entrou na aula de Ciências da Natureza, com o guarda-chuva a pingar. Segurava-o no braço, com a ponteira para baixo. António recordou a informação de Rodrigo. Aquela era uma boa maneira de reconhecer extra-terrestres disfarçados na multidão. As pessoas normais seguravam o guarda-chuva na horizontal, com a ponta para trás, na secreta esperança de vazar um olho a uma criança. Sem querer. Foi sem querer.

O auxiliar segredou qualquer coisa ao Prof., o Dr.Teixeira, militar na reserva. Depois, continuou, a pingar empertigadamente para o chão. O Professor apontou o dedo.

- António Silva. Chamam-no ao Pátio das Cantigas... Perdão. Está uma assistente social lá fora, parece que é um caso da maior gravidade. Não era minha intenção fazer graça com o nome. E realmente parece que o caso é grave e que o Ministério Público precisa de si. Para quê não sei. Pode ir.

António ainda pôde ouvir o Professor a chamar “Oh Evaristo, tens cá disto que eu estou farto de te dizer que é um perfeito disparate... No ponto 6 do teste...”

Vários Universos paralelos convergiam apenas numa coisa, ela era a mulher mais bela de todos eles. Mrs.Hurtle esperava-o no átrio da Escola C+S Jaime Batalha Reis, disfarçada de assistente social só por ter umas calças de ganga vestidas. Nos bairros degradados não se pode andar com roupa de marca. E o uniforme de Inspectora da COSMOPOL dava demasiado nas vistas mesmo em pleno Carnaval.

Apertou a mão do que fora o Maior Mágico de Todos os Tempos em “Vai andando que eu já lá vou ter” e disse muito baixinho:

- Husky, temos problemas. Já te conto.

Chamou um táxi e mandou seguir para a Baixa.

- Que tal o jantar, ontem?

- Não foi mau. Salsichas e puré de batata. Não estava mau.

- Não se pode viver sem Química – suspirou Mrs.Hurtle. – Os vossos almoços e jantares sobravam para desfolhar uma floresta no Vietname.

- Melhor não pensar nisso.

António era mais conformista do que Husky. A Governanta não era tão bela como Andrómeda, havia como que alguma magreza nos seus encantos. Mrs.Hurtle tinha direito ao título de um filme de Visconti – *Bellissima*. Rodrigo era mais forte do que o Gordo e o Mandarin. E o Gordo e o Mandarin eram as pessoas mais estólicas à face da Terra. A mera estupidez era insuficiente.

A Dr^a.Fátima ensinara uma palavra nova, que ele, Husky, nunca lera nem nunca ouvira – a palavra “estolidez”, que significava parvoíce, palermice ou a pura e simples estupidez, que até soa muito parecida. Uma novidade em matéria de insultos.

- Ora bolas. Estólido do caraças.

- *What?* – fez Mrs.Hurtle, como se já estivesse de volta a Santa Fé.

- Nada. Estava a pensar em coisas. *Thinking, you know.*

Quando o táxi parou em frente aos “Grandes Armazéns Lanalgo” já os dois se entendiam na linguagem universal falada em três dimensões, as chamadas dimensões de referência, por serem tão civilizadas e tão compreensivas ao mesmo tempo, sem aqueles complexos que dá a superioridade a quem nasceu com alma de inferior.

Mrs.Hurtle levou para o provador um vestido azul, com flores estampadas. Husky entrou com ela, e o coração batia-lhe acelerado, como se fosse agora que ia encontrar a resposta para as grandes questões do Universo – que terá ela por baixo da roupa? qual será o sentido da vida?

A bela Inspectora segurava o vestido, trazia a mala a tiracolo, e não fez o que António esperava. Não tirou as calças de ganga. Em vez disso, usou a mão livre para lhe apertar a mão esquerda, com força de partir dedos caso fosse essa a sua intenção.

E já não estavam na Baixa da cidade, agora era a estação de “metropolitano” da Azinhaga das Galhardas.

Ao passar a cancela, ouviram-se as sirenes da aproximação de bombardeiros. Um vigilante aproximou-se em passo de corrida e sossegou Mrs.Hurtle, ou pelo menos era essa a sua intenção, porque Husky nunca viu a sua *partenaire* sem que a mesma estivesse tranquila. Era fácil saber quando é que ela não estava tranquila. Era quando agarrava o chicote e o fazia silvar daquela maneira arrepiante que era o seu terrível segredo. Era destruidora nas suas fúrias, mas nunca se enfurecia sem razão e nunca se apaziguava sem honra.

- É o vestido. É o alarme do vestido. Se quiser uma tesoura para cortar o alarme, tenho aqui uma. Se não quiser também não há problema.

- Ah, sim, obrigado. Não é preciso tesoura.

De um golpe seco, a bela Inspectora da COSMOPOL fez rebentar as costuras do alarme e deitou-o na papeleira colocada no cimo das escadas.

Estávamos na plataforma e faltavam 7m 40s para o próximo comboio para o Far West. A caixa negra colocada acima das cabeças dos passageiros passava informações luminosas:

“Para sua segurança não ultrapasse ODIVELAS”

Quando faltavam agora 9m 30s, Mrs.Hurtle explicou:

- Não vamos para Santa Fé. Hoje saímos em Lowestoft, onde também há uma agência da COSMOPOL.

- Passou-se alguma coisa? Algo relacionado com o Minotauro?

- Agora não, jovem Husky. Prefiro contar-te tudo só quando já estivermos em Lowestoft. É mais seguro.

A estação de Lowestoft não era, na verdade, uma grande estação. Nem sequer era uma estação completa. Não passava de meia estação, e era essa a razão porque Mrs.Hurtle comprara aquele vestido

azul, de meia manga, com flores estampadas, que era nitidamente de meia estação.

Trazia-o agora vestido, agora que passeávamos à beira-mar, fazendo figura de recém-casados e não de dois Inspectores da COSMOPOL ocupados na sua árdua tarefa de salvar o mundo livre, porque o outro, o que não era livre, não valia a pena salvar. Ao ponto a que as coisas tinham chegado, só cuidados paliativos lhe poderiam valer para suavizar a agonia.

- Que estranho. Parece que ainda há bem pouco tempo que passeámos aqui, à beira-mar, e que tu, jovem Husky, chamavas-te Paul, Paul Montague, tinhas barba, e eu estava vestida de preto, porque me dizias que o azul me ficava mal, e que gostavas de me ver de preto ou de cinzento, que me ficavam melhor. Dizias tu.

Os olhos negros de Mrs.Hurtle brilhavam e desprendia-se do seu cabelo negro um perfume rico de rosas ricas. Vê-la e ouvir a respiração ritmada das vagas era... larguemos a poesia de Virgílio e as páginas esquecidas do Dicionário... era muito agradável e era tudo. Era bom.

- Já podemos falar. A COSMOPOL instalou aqui uma barreira de protecção electrónica. Ninguém nos pode escutar.

- Então?...

- O Minotauro foi levado para o planeta Ai, ai, ai, ai, ai, ai, também chamado Sete Ais para abreviar. Dimensão “Cá se fazem, cá se pagam”, uma dimensão boa para aplicação da justiça. Ficou na Zona Prisional da COSMOPOL e, em conversa informal, confirmou que, sim senhora, é verdade, cometi esses crimes todos, mas não é porque eu seja má pessoa em mim mesmo considerado, eu diria que foram mais as más companhias, como a *Miserable & Poors*. Se o Destino me tivesse dado um cargo de Director Não Executivo da *Oldman Stinks* não seria mais que um merecidíssimo *tu vois, je n'ai pas oublié* e eu talvez fosse agora uma pessoa séria, que é o que vai melhor com o meu perfil barrosão. - É sempre assim – concordou o Agente da COSMOPOL, da Brigada de Investigação Criminal que, por princípio, nunca discordava dos arguidos.

- Winifred, estavas lá?

- Não, mas contaram-me. Depois, quando veio o Advogado, disse que iria esclarecer tudo perante o Juiz. Os criminosos de colarinho branco nunca prestam declarações, o que prestam é esclarecimentos em que só falta a aparição de uma fada a entregá-lhes um cofre cheio de dinheiro.

Em aparte, a vida judiciária é assim. Toda feita de maravilhoso e de feérico, como amigos, heranças misteriosas e esquecimentos e não sei de nada e ninguém me explicou nada, eu só assinei porque sou assim um pouco, enfim, tenho um pouco de pancada, não sou muito dotado... Foi muita generosidade porem-me no Conselho de Administração do Banco, o que se chama inclusão social no seu estado mais puro e mais desinteressado. Prémios de produtividade para não fazer nada? Mas era mesmo esse o meu trabalho, não percebe? Quem não faz nada, também não estraga.

- Bem, e em Onde-Eles-Vieram? Como é que as pessoas, ou melhor, como é que os seres reagiram? Pelo menos, os mais inteligentes.

- O primeiro quarto de hora... Ainda lá estavam agentes nossos, por isso... O primeiro quarto de hora foi de tranquilidade absoluta. A primeira meia-hora também se passou bem, ora a ruminar ora a mastigar, porque nem todos eram bois. Quando se passou uma hora, começaram a falar. Dá a meia-noite, a hora em que o Minotauro deveria ser sagrado banqueiro, e o marco de correio ainda não voltou. Então... Mas, Husky, isso é *fait-divers* comparado com a notícia de caixa alta. O Minotauro fugiu.

9.

- Como?

Mrs.Hurtle, explicou, enquanto caminhavam lentamente pela areia molhada pelas vagas que ali se desfaziam.

- O Minotauro jantou e dormiu, enquanto a Procuradora MagMar terminava o despacho de apresentação do detido ao Juiz e depois a coitada ainda teve duas horas para dormir, antes do interrogatório se iniciar. Ainda não tinham decorrido 24h sobre a detenção e já o arguido era presente ao Juiz de Instrução, na sala nobre do TICÃO. Respondeu às perguntas sobre a identificação e depois o Juiz leu-lhe a totalidade dos direitos e deveres, que ainda assim eram bastantes. As seis horas seguintes foram ocupadas com a leitura dos factos imputados ao Minotauro, e a indicação dos meios de prova. Quando o Homem-Boi soube que uma das testemunhas era Andrómeda fez um sorriso mau que não pressagiava nada de muito amável. Depois, quando o Juiz lhe perguntou se queria falar sobre os factos, pediu cinco minutos para falar a sós com o seu Advogado, e que então decidiria se falava ou não. Até aqui tudo bem. O Juiz disse “Com certeza. Faça favor.”

- Estavas lá?

- Não, mas contaram-me. Husky, por vezes quase, e eu insisto no quase, chegas a ser irritante. Eu confio no que me dizem, primeiro porque os Agentes da COPS MOPOL nunca mentem em serviço, e, em segundo lugar, porque todos sabem o que acontece quando eu descubro que me enganaram. O meu chicote é a minha censura.

- Tens razão. Desculpa. Não te volto a interromper. Não por causa do chicote, claro.

Também era por causa do chicote, digamos numa percentagem de 23,9%, mas era mais por gostar dela, que eram os 76,1% que restavam.

- Mas deixa-me interromper-te só mais uma vez e prometo que não repito. Ainda agora disseste COPS MOPOL e não COSMOPOL. Foi por algum motivo em especial?

- Foi uma escapadela de língua, Husky, ou, se preferires em Latim, que dá melhor aspecto, um mero *lapsus linguae* entre *cops* e *cosmos*.

Mrs.Hurtle fez uma pausa, para pôr à prova a sinceridade do meu silêncio.

- Os agentes foram chamados à sala e conduziram o Minotauro e o Advogado para um recanto junto à máquina automática de sumos e ficaram a distância para não ouvirem a conversa entre o Advogado e o Cliente. Há direitos, há liberdades e há garantias, não é? Todos

temos direito a vitaminas, não é? Bichanaram durante dois minutos e depois o Advogado meteu dinheiro na ranhura da máquina e pediu dois sumos de ananás, alegando que andavam os dois com falta de vitaminas. Acaba ele de tocar no botão e eis que os dois desaparecem. Assim, sem mais nem menos, como por magia, como se estivesse ali O Grande Husky em pessoa. Depois, foi dado o alarme, as portas do TICÃO fecharam automaticamente, mas Minotauro e Advogado nunca mais foram encontrados. Foi o que se passou. E agora, jovem Husky? Que fazer?

- Como se chama o Advogado?

- Não sei.

- Deve estar na procuração. Foi junta uma procuração aos autos. Com toda a certeza.

Regressámos à Pensão onde nos tínhamos hospedado, que Mrs.Hurtle recordava como sendo aquela em que tínhamos ficado nos tempos longínquos em que eu não era nem António nem Husky mas sim Paul Montague, e ali nos tínhamos magoado escusadamente um ao outro. Descemos à adega onde envelheciam os Portos, os Borgonhas e os Bordéus. Havia uma porta estreita de que a bela Inspectora tinha a chave, e que era a que dava entrada na agência local da COSMOPOL.

Estava tudo escrupulosamente arrumado, com arquivadores a ocupar duas paredes, e uma secretária de pau-santo, com filas de minúsculas gavetinhas, com entalhes em marfim. Cheirava bem e a luz vinha do tecto, que todo ele brilhava com uma luz suave que não ofuscava mas permitia ver todos os pormenores das coisas. Dois sofás Chippendale convidavam ao repouso, ao charuto, ao livro e ao copo de whisky velho. Eu fiquei-me pelo repouso e namorei tranquilamente a beleza de Mrs.Hurtle que manobrava as gavetas até conseguir que se abrissem as portas entre mundos.

A minha guia e tutora no inefável mundo da polícia entrou em conferência hologramática com o TICÃO e soube que sim, fora junta uma procuração, mas agora a mesma não passava de uma folha em branco, como se a tinta se tivesse dissolvido no ar.

- Não pode ser. Mandem a folha para o Laboratório de Polícia Científica. As coisas não se apagam assim.

- Já cá vieram. Experimentaram o sumo de limão, o calor, descomposturas, a lisonja, electro-choques, tudo. E nada.

Eu intervim.

- Inspector Husky, da COPS MOPOL... da COSMOPOL, quero dizer. Então o homem vai para sala, fala com o Sr. Minotauro, e ninguém sabe o nome dele? Custa-me a acreditar. Vejam lá a acta, na primeira página, ao lado de DEFENSOR OFICIOSO / ADVOGADO CONSTITUÍDO.

A imagem do funcionário folheou o Volume XXXI dos autos e abanou negativamente a cabeça, com a expressão mais negativa de que dispunha.

- Ainda não tinha sido preenchido quando os dois desapareceram. Enquanto o Juiz de Instrução lia os factos imputados ao arguido, eu aproveitei para cumprir outros processos. Há muita falta de funcionários e só temos dois braços por pessoa. Não chega.

- Mas ele nem sequer disse o nome?

- Parece que sim, que disse.

- E...

- Aparício, ou Silvestre. Talvez Remígio. Agora não posso precisar.

- Esse Advogado é conhecido em juízo?

- Conhecido?

- Sim, por qualquer característica em especial. Por exemplo, apertar a mão a alguém e esse alguém ter de verificar logo a seguir se ainda conserva os anéis e o relógio.

- Não sei, mas não me parece. Tinha boa cara, assim como...

Falámos a seguir com a imagem do Agente da COSMOPOL que tivera a tal conversa informal com o Minotauro e ele garantiu que o Advogado que apareceu, munido de procuração já assinada pelo Homem-Boi, se chamava César Augusto ou quando muito Félix Carbury. Falava a correr, comendo gulosamente as sílabas, por isso nem sequer se admiraria se o homem se chamasse Mariano.

- Pode descrever o homem, assim fisicamente, mais ou menos...

- Não era alto nem baixo, o cabelo nem curto nem comprido, um nariz normal, as orelhas de toda a gente, os olhos às vezes riam, outras não.

- Há imagens de vídeo-vigilância?

- Com certeza. Vou passá-las. Que estranho, no lugar onde deveria estar o Advogado, não há nada. Onde ele se sentou, só dispomos de uma cadeira vazia. Bizarro.

- Em suma, não era um verdadeiro Advogado, era um fantasma que logrou levar com ele o Minotauro para o mundo dos espíritos. Obrigado. Desculpe, só mais uma coisa. Ninguém pode usar a máquina dos sumos. Coloquem à volta uma fita de “Cena de Crime” e recolham de imediato as impressões digitais que existirem na máquina. É *Kriminalistik* da mais básica, e dá um gozo enorme falar em alemão destas coisas da ciência.

Terminada a vídeo-conferência, virei-me para Mrs.Hurtle.

- É evidente que o monstro foi levado para outra dimensão. Se já não está em “Cá se fazem, cá se pagam”, poderá muito bem estar em “A sua chamada está em linha de espera. É favor aguardar.” que é uma dimensão em que o crime logrou desenvolver-se e atingir um alto grau de especialização. Em suma, o Minotauro nadaria aqui como peixe na água. Barroso pode ser barrento, mas neste caso não passa de um boi branco. E já agora, é preciso fazer Andrómeda entrar num programa de reabilitação de testemunhas.

- Não faz falta. Ela é polícia.

- Queira Deus. Não gostaria nada de a ver entrar numa sala cheia de T.A. (Testemunhas Anónimas) e dirigir-se à multidão – Olá, chamo-me Andrómeda e sou uma testemunha. E todos – Olá, Andrómeda. E ela – Já há mais de uma semana que não testemunho, mas ninguém está livre de uma recaída. Bem sei que testemunha é para toda a vida e que o primeiro passo é reconhecer que sim, sou mesmo uma testemunha, e que todos os dias da minha vida vou sentir a necessidade de um depoimento. Que vou sonhar que presto juramento e a seguir ensalivo só pela simples ideia de testemunhar. Por enquanto, ainda não consigo exprimir pesar pelos culpados que foram para a prisão por causa do meu depoimento.

- Jovem Husky, és parvo.

Jantaram na Pensão, na sala em que eles eram os únicos hóspedes, embora fosse Junho em Lowestoft. A empregada, que tinha duas licenciaturas, dois doutoramentos e um mestrado, e parecia estar em luta permanente com a timidez, assegurou que estavam esgotadas as reservas para os meses de Julho e Agosto.

- Aproveitem o sossego – disse ela, fresca, loira e sorridente.

- Embirro com gente loira, fresca e sorridente – segredou Mrs.Hurtle, mentindo porque agora não estava em serviço. – Abro uma excepção mas é só para ti, e o teu cabelo não é bem loiro, é quase branco.

- Winifred, não passo de um Husky siberiano.

O Inspector gostava de tratar pelo nome próprio a sua bela e terrorífica protectora no difícil mundo da polícia. Era como ser admitido na intimidade de príncipes e princesas, embora Mrs.Hurtle fosse a rainha de um país de republicanismo duvidoso, em que o seu primeiro presidente exigia ser tratado por Sua Majestade o Presidente dos Estados Unidos, e em que o poder se transmitia de pais para filhos ou de marido para mulher, e havia Primeiras Damas para provar vestidos e fazer o bem enquanto os maridos mandavam “drones” para matar gente de surpresa no outro lado do mundo e cometiam outros pecados que o Diabo ainda não tinha registado na Conservatória do Mal. Todos a ver com a crueldade político-militar, porque para eles só o sexo é que era pecado. Talvez porque desse prazer. Ou porque fosse uma fonte de nascimentos, e o sistema não queria mais gente porque já não precisava de pôr gente a marchar de peito feito para os canhões, como em “A Portuguesa”, que é um desesperado convite ao suicídio – *contra os canhões marchar, marchar*.

Divagações à parte, Mrs.Hurtle era mesmo uma autêntica Rainha, deslumbrante na inteligência e na beleza, e na bondade também, sem esquecer a maldade de que também era capaz, mas essa faceta nunca a revelou ao Inspector eu próprio, nem sequer nos tempos que passamos agora juntos no castelo de Urquhart, à beira do Lago Ness, envoltos numa felicidade que não se pode chamar pelo nome, sob pena de o encanto se desfazer.

- Estou convencido de que... Bem, não é propriamente convencido, é mais uma intuição canina, daquelas que se farejam quando estamos desprevenidos... Temos de ir a Sete Ais, em “Cá se fazem, cá se pagam” para examinar o local onde o Minotauro desapareceu. É impossível que não tenha deixado pistas.

- Amanhã?

- Sim, amanhã. Mas ainda tenho de ir às aulas. Não quero faltar.

- Escuta, jovem Husky. Passas aqui a noite, cada um no seu quarto. E amanhã, depois de um bom pequeno almoço, levo-te de volta à Escola, sensivelmente uma hora depois de teres saído. Quando for noite em Lisboa, o alçapão do teu quarto é aberto e alguém te irá acordar sem que te dê conta. Espero por ti em Santa Fé. Fixe?

- Fixe.

A empregada fresca, loira e sorridente, que tinha duas licenciaturas, dois doutoramentos e um mestrado, aproximou-se com

a expressão pesarosa de quem vai cumprir um doloroso dever e espera que alguém a liberte ainda a tempo.

- Peço imensa desculpa.

- Está desculpada.

Ela sorriu um sorriso ainda mais triste:

- Não sei como dizer isto, mas houve um engano. Temo que, afinal, não existam dois quartos disponíveis. Temo que só haja um quarto disponível.

Mrs.Hurtle, mais lenta que a câmara lenta, levou aos lábios o copo de água, feito daquele cristal que fica a vibrar quando lhe tocamos com uma haste metálica. Bebeu lentamente, esticou o braço e fez o copo estilhaçar-se contra o soalho de madeira centenária. Depois baixou ligeiramente a cabeça e dardejou para cima um olhar oblíquo que devia doer como chicotadas.

- Vamos lá a ver. Agora sou eu que temo que alguém esteja a brincar comigo, quero dizer - virando-se para mim -, connosco. Somos os únicos hóspedes nesta sala. Como é que podem estar ocupados todos os quartos?

- Todos menos um. Há um vago – e os olhos da empregada como que tentavam amolecer o coração do carrasco.

- Por mim não há problema – fiz eu, com o meu sorriso constante de Husky siberiano.

- O quarto tem duas camas – acrescentou a empregada, como quem diz “nem tudo são más notícias”.

- Por mim não há problema – repeti.

Mrs.Hurtle fez um sorriso agudo que não pressagiava nada abaixo do grau 2,1 da escala da sua fúria a qual ia de 0 a 10 e este último deixava tudo em ruínas num raio de 15,751km.

- Olhe bem para os meus olhos...

Não era uma balada de Coimbra mas a empregada fresca e loira olhou com uma atenção obediente.

- Acha que tenho cara de parva?

A empregada perdeu o resto do sorriso e não teve coragem de responder “não, não acho”, que era a resposta mais esperada.

- Não tenho, pois não? Então o que é que acha que eu vou pensar de há bocado a Pensão estar praticamente vazia e, vá lá, agora parece que estamos com muita sorte por ainda haver um-quarto-vago?

A empregada fez um gesto de ignorância.

- Pronto, deixe estar. A culpa não é sua, é do seu patrão. Ficamos com o quarto que ainda existe. Espero que não desapareça como os outros. Por artes mágicas.

A empregada quase que fugiu, aterrorizada pelo olhar da minha mais que bela *partenaire*. Ainda se ouviu, ao longe “Não se preocupe com o copo. Eu depois mando limpar.”

O quarto tinha efectivamente duas camas e a casa de banho não tinha banheira mas simplesmente uma cabina de chuveiro de paredes plásticas corrediças, em forma de cilindro.

- Como é que os quartos estão ocupados se não se ouve o mínimo som de passos?

- Talvez a alcatifa...

- Talvez...

Nem olhei para Mrs.Hurtle. Tentei à pressa mostrar a inteligência normal num Inspector da COSMOPOL, em regra muito elevada.

- A situação não deixa de ser estranha, ainda por cima se pensarmos que há uma agência da COSMOPOL nas caves. Os quartos realmente não estão ocupados. Foram reservados, mas deve ter sido apenas, como dizem os Espanhóis, *para putearnos*. Reservados mas não ocupados. Certamente por alguém que detesta a Polícia, como Sua Excelência o Sr.Minotauro. Espero que ao menos tenha pago e que a despesa não goze de benefícios fiscais.

Um quarto com duas camas, um rapaz e uma mulher. A minha cama ficava junto da janela, a dela ficava para o lado da porta. Mrs.Hurtle abriu as malas e mudou de roupa. Husky debatia-se com a pergunta “Como é que se faz aquela expressão de quem não está interessado?” e olhava a sua belíssima companheira com respeitosos intervalos que deram para ver como as meias pretas lhe deslizavam suavemente pelas pernas perfeitas.

Depois de um último passeio à beira-mar, com uma lua coberta por um diáfano manto de névoa, e quando nos aproximávamos da Pensão, Mrs.Hurtle determinou, o tom de voz era pelo menos o de quem não admitia réplica, determinou que

- Husky, tomas banho em primeiro lugar e deitas-te. Eu vou a seguir.

Ela era a sua guia, a sua mentora, a sua protectora no inexplicável mundo da polícia. Ele queria que aquela noite fosse

mágica. Não era exactamente o que se chama “querer”. Era mais esperanças e sonhos impossíveis. Assim, não pôs quaisquer questões.

Quando o jovem agente saiu da casa de banho, já de pijama vestido, Mrs.Hurtle aguardava, de roupão.

- Deita-te e dorme.

O ar condicionado estava ligado a uma temperatura agradável a seres humanos. Husky despiu o pijama, atirou-o para cima da colcha, e enfiou-se na cama apenas com umas boxers aos quadrados azuis e verdes. Apagou a luz, deixando acesa apenas a luz da entrada, que permitia ver os avisos colados na porta do quarto e pouco mais. Ouvia os sons da água a correr e fechou os olhos para ver o invisível.

Mrs. Hurtle saiu, envolta no seu roupão. Apagou a luz da entrada e tateou com as chinelas de salto o caminho para a cama. Quando acendeu o telemóvel, para ver se tinha mensagens, a luz azulada desenhou os contornos do seu corpo sentado, de costas para Husky. Estava nua, soberbamente nua, os ombros suavemente arredondados, as nádegas arredondando-se junto à colcha. Ainda lhe circundava a cintura a linha escura por onde tinha sido cortada ao meio. Era mais misteriosa ainda do que se estivesse vestida com o seu *maillot* de *partenaire* do Grande Husky. O jovem agente buscou desesperadamente fixar para sempre aquela imagem. Seria algo como um violoncelo para segurar com carinho entre as pernas, e acariciar longamente, sem som nem sentido.

Tempo manipulado é tempo fora do tempo. É como um puzzle em que uma das peças não encaixa, a não ser que consigamos modificar todas as outras. O tipo de coisas que Mrs.Hurtle era capaz de fazer sem desencadear perturbações espacio-temporais que implicassem o recurso a Matemáticas Avançadas para salvar a lógica.

Isto está um bocado confuso, mas cheguei atrasado ao 13º episódio da IV temporada do Curso Normal de Formação de Inspectores da COSMOPOL, onde estas coisas foram explicadas até à exaustão. Foi o que me contaram. E como diz Mrs.Hurtle, a mais bela mulher dos mundos conhecidos, um Agente da COSMOPOL nunca mente em serviço.

António perdera Educação Visual, e Matemática e Inglês ficavam para depois de almoço. Só que não tinha nem rasto de fome depois de um pequeno almoço à inglesa, com tudo o que vai desde as torradas, aos sumos, ao feijão em molho de tomate, passando pelo fiambre, pelas batatas fritas, pelos ovos estrelados e pela fatia de bolo de chocolate. Toucinho é que nunca conseguiria engolir nem por

nada, nem mesmo para agradar a Mrs.Hurtle que era a sua deusa. Cheirá-lo e vomitá-lo era obra de um momento. Estava-lhe enraizado nos genes que não o abandonavam nem quando assumia o seu duplo eu de Husky siberiano. Guardou a sua senha de almoço para uma altura em que tivesse fome a dobrar, e foi refugiar-se na biblioteca, com a Enciclopédia Larousse aberta na letra T, de Trollope.

10.

Na outra encarnação, o tempo em que fui árvore converteu-me num viciado em clorofila.

António regressou sozinho à Gabriela Mistral, onde ficava a Casa dos Rapazes da Rua. Provavelmente Rodrigo já se adiantara no caminho para casa.

Quando chegou, Rodrigo não estava. Logo no rés-do-chão, onde ficava o gabinete da Governanta, ouvia-se uma discussão polifónica a três vozes – a voz de dois homens, alta, zangada e justiceira, e a voz da Governanta, às vezes submissa, às vezes provocadora, como a do forçado em frente ao touro.

- Dona Magda, se o Supermercado disponibiliza uma oferta em compras, pressupõe-se “compras para sustentar a Casa dos Rapazes”, ou, em última análise, para sustentar os rapazes. Pedimos ao Supermercado a lista das compras e o que é que vemos? Comida, comida, comida, muito bem, produtos de limpeza, muito bem, mas agora temos

creme anti-rugas;

fraldas para incontinentes tamanho grande; (tem algum familiar acamado, Dona Magda, perdão, Dr^a.Magda?)

Möet et Chandon; (*Möet et Chandon*?... E logo em itálico? Francamente!...)

camarão tigre;

verniz para as unhas;

e mais coisas como vestidos de senhora e sapatos de senhora. Ora isto é uma Casa de Rapazes.

- Senhor Inspector, deixe-me que lhe diga que a sua atitude pode ser vista, por outras pessoas que não eu, como é evidente, como de intolerância e até de discriminação. Então, lá por ser pobre não se pode beber champanhe? E desde quando é que na Casa dos Rapazes não se pode comprar roupa para a Casa das Raparigas?

- Dona Magda, perdão, Dr^a.Magda, a roupa e os sapatos estão vários números acima das medidas das Raparigas da Casa. Perguntámos aos rapazes e nenhum deles bebeu champanhe. Vimos-lhe as unhas e nem sombra de verniz. Alguém se vestiu de mulher?, e eles – É pá!... Então?...

António subiu, sem mesmo esperar que a Governanta exasperadamente invocasse os Céus para reclamar que aquilo tudo era café em demasia. Não queria saber mais nada. A COSMOPOL não se metia nessas pequenas espertezas em que se conseguia alguma coisa a troco de nada, o famoso negócio da China que era, no fundo, o grande sonho de qualquer Português de sangue razoavelmente quente.

O Gordo vinha a descer do segundo andar, e atrás dele, seguia o inevitável Mandarin.

- Olha o menino bonito.

A dupla de tirocinantes no crime barrou o caminho a António.

- Que não tens dinheiro para comprar produto! Não me digas que não tens cu?!... ou não tens boca?... Ou por acaso és maneta?... Armado em mete nojo!... Hás-de comprar da branquinha, da castanha, do cavalo, de tudo. Vais ver se não vais. Até quinta-feira arranja-te como puderes, mas quero dinheiro. Tu hás-de entrar nos eixos, digo-te eu, vais ficar a saber quem é que manda aqui, e depois podes ir fazer queixinhas a quem quiseses que ainda levas mais.

Introduziu o pé entre as pernas de António, e este caiu, batendo com a boca nos degraus.

- Cabrão – foi o único queixume da vítima, que não queria chorar diante de pessoas tão indignas.

- Olha, o menino bonito é malcriado – e o Mandarin aproveitou o facto de António se estar a levantar para lhe dar um pontapé na coxa e repetir que queria o dinheiro até quinta-feira e que ele ia ficar a saber quem é que mandava.

Desceram ao rés-do-chão, satisfeitos consigo próprios e António subiu apressado para o seu quarto. Iria fazer queixinhas a Rodrigo, para que este desse aos seus algozes a sova prometida? Parecia mal, parecia indigno, mas era tão bom. E não teria propriamente de fazer queixinhas. Bastava que Rodrigo lhe visse o estado da boca a sangrar para adivinhar o que se passara, sem sequer perguntar fosse o que fosse. Mas Rodrigo não estava, e logo agora que tanto precisava dele.

A Governanta estava sozinha no seu gabinete, de cotovelos fincados no tampo da secretária e queixo seguro entre as mãos. O olhar ausente. Duas lágrimas tinham deixado um sulco negro em cada face. O seu negrume natural de asa de corvo acentuara-se ainda mais. Ergueu os olhos para António e procurou interessar-se.

- Que é que te aconteceu, rapaz?

- Caí das escadas. Creio que parti um dente. Dói-me.

- Não tenho aqui água oxigenada, mas a tintura de iodo serve perfeitamente. Tem de servir, não temos mais nada.

Deu-lhe também um analgésico.

- É o que eu uso para as dores de cabeça. Deve fazer-te efeito, principalmente se não estiveres habituado.

E suspirou, como se olhasse para dentro de uma chávina sem fundo:

- Oh Meu Deus, isto tudo junto é demasiado café para mim.

Rodrigo apareceu a horas de jantar, na companhia de uma das empregadas. Suspeitara-se que tinha tuberculose e ficara retido na Consulta de Pneumologia do Hospital de Santa Maria por um afluxo anormal de doentes. Só agora se despachara e tudo bem, os pulmões estavam limpos do bacilo de Koch.

- Que é que te aconteceu?

- Eu depois conto – e António olhou de relance o ar indiferente dos seus agressores, que comiam em silêncio e faziam todos os esforços para sufocar os risos de triunfo que lhes subiam às faces boas para bofetadas.

- Ah, já percebi – e António recordou uma frase que Rodrigo dissera “qualquer pessoa é capaz de prever o futuro desde que se lembre do passado”. Mas aquilo não era prever o futuro, era saber o que se tinha passado na sua ausência, livrando a vítima da vergonha de ser denunciante e logo aos 13 anos, uma idade para ser intransigente em questões de honra. A colaboração com o inimigo só vem com a idade adulta.

António subira para o seu quarto e não chegou a ver o diálogo murmurado entre Rodrigo e os tiranos caseiros e que se resumia a um desafio para uma luta entre ele, sozinho, e os outros dois, uma luta aparentemente desigual. Os energúmenos prometeram pensar nisso, que até era uma boa ideia, mas preferiam pensar, o que não devia estar nos seus hábitos porque lhes aquecia a cabeça e ainda podiam fundir algum circuito. E tu disseste, foi o que me contaste, que pensassem depressa, um quarto de hora deveria bastar, depois iria procurá-los ao quarto 203 e não valia a pena trancarem-se, tu sabias abrir qualquer porta. Esperavas que os dois juntos fossem suficientemente homenzinhos e não tivessem medo de lutar dois contra um.

António estava a cair de sono, talvez fosse o comprimido da Governanta. Ainda viu, caída na coberta da cama de Rodrigo, uma lata de sumo de ananás, amolgada como se um camião lhe tivesse passado por cima. Uma forma parecida com Rodrigo abriu a porta e tirou uma camiseta branca com manchas que podiam ser sangue de outros. E António adormeceu em paz, sem pensar sequer que aquela era uma das noites em que o alçapão se abriria.

Acordou, sem saber como nem porquê. Tal como Mrs.Hurtle predissera, o alçapão estava aberto, à sua espera. Arredou o lençol,

levantou-se em câmara lenta, e a cabeça e os ombros passaram pelo buraco deixado aberto de onde jorrava agora uma luz da mesma cor do *maillot* da Grande Partenaire, quando se tinham exibido para Sua Excelência o Sr.Minotauro. A mesmíssima cor de malva, que lhe ficava tão bem, como o preto e o cinzento também lhe ficavam bem, e o encarnado, o azul turquesa e o azul marinho, mesmo contra a opinião da sua anterior encarnação de Paul Montague, que era um pouco esquisito em matéria de cores, um daqueles intelectuais maniqueístas que preferem tudo a preto e branco. Apoiou-se no rebordo e pronto, tal como da primeira vez, já estava no forro do telhado sem sinais de ter sido António. Apenas o dente partido o atraíçoa. Recuperara toda a alvura, toda a sua pureza de Husky siberiano, Inspector da COSMOPOL, mesmo com o dente partido.

O jovem Inspector repetiu o trajecto da outra noite, até chegar à estação da Azinhaga das Galhadas. De vez em quando dizia para si mesmo as palavras “déjà vu”

e reparava que havia dois acentos em apenas quatro letras, um gasto absurdo de acentos mas eram Franceses e tinham construído Versailles e a linha Maginot, toda uma despesa deitada à rua. A última, pelo menos.

A enorme caixa negra que sempre estivera ali desde o princípio dos tempos repetia estupidamente a mensagem de sempre:

“Para sua segurança não ultrapasse ODIVELAS”

Não se pode ser muito severo para uma caixa negra, que, no fundo, não passa de uma máquina com luzes que acendem e apagam. Há caixas negras que trazem surpresas dentro, mas não é por causa das caixas negras que os aviões caem no oceano.

Husky esperou coisa de cinco minutos, foi à casa de banho, comprou “A Bola” e só depois é que chegou o comboio para o FAR WEST.

A viagem pareceu-lhe mais longa do que na última vez, quando fora na companhia de Mrs.Hurtle. Mas deu-lhe tempo para pensar. Vingarse do Gordo e do Mandarin... Era uma ideia sedutora... Mas os Inspectores da COSMOPOL não se vingam. Por uma questão de superioridade moral que não se pode perder, sob pena de a Polícia deixar de ser respeitada. E alguém terá de investigar os crimes. Por exemplo, que faria a lata de sumo, toda amolgada, em cima da cama de Rodrigo?

Mrs.Hurtle estava à sua espera. Ia beijá-lo e estacou, com a cara de grau 2 na escala da sua fúria.

- Husky, que foi isso? – apontando para os vestígios da tintura de iodo no meu queixo. – Quem é que te fez isso?

- O Gordo e o Mandarin pregaram-me uma rasteira nas escadas lá de casa. Mas deixa lá, é assunto meu.

O jovem Inspector ia acrescentar “nada que mereça uma carga de chicote” ou então dizer a verdade, que era a de que estava a contar com o braço de Rodrigo para o vingar e que provavelmente até já tinha sido vingado . Mas a sua sinceridade tinha limites. Todos temos.

- Isto não pode continuar assim. Em último caso, terei de ir a essa Casa dos Rapazes, impor a lei e a ordem, como naquelas cidades do Oeste que ainda só tinham o *saloon* e a força. E o cangalheiro.

- Não vás. Antes preferia nunca mais pôr lá os pés. Posso-te beijar, assim com muito, mas mesmo muito cuidado?

Mrs.Hurtle era a melhor professora do mundo em matéria de beijos e em matéria de tudo. Ensinou como se beija e porque é que se beija. Os beijos têm de ser recíprocos e não pode ser sempre o mesmo a beijar e o outro a estender a face. Existem alternativas.

Husky esperava pelo beijo da sua *partenaire* e a seguir era ele que lhe beijava a face correspondente à que fora beijada.

Husky tomava a iniciativa do primeiro beijo e oferecia a outra face aos lábios de Mrs.Hurtle.

- Há muita coisa num simples beijo – informou ela.

- Micróbios?

- Não. Falo de coisas como carinho e ternura. Simpatia. Nada daquela vida selvagem que levei no Oeste.

Enquanto caminhavam pelas ruas subterrâneas de Santa Fé, Mrs Hurtle disse, em voz baixa, coisas terríveis e que lhe explicavam o revólver e o chicote. Vivos e mortos distinguiram-se por duas únicas coisas. Um mexe-se e o outro não. O vivo foi o que tinha melhor pontaria e disparou primeiro. Medalha de ouro, hino e bandeira. O morto, se não estivesse morto, só teria direito a subir ao pódio para receber a prata. Chumbo já tinha.

Já estavam no edifício dos Correios de Santa Fé. Quando Mrs.Hurtle abriu a porta dos escritórios da COSMOPOL, apressaram-se para o gabinete que Husky partilhava com Mr.Trollope. Ninguém.

Em cima do tampo da secretária repousava um envelope com um selo de colecionador. Estava endereçada a Mrs.Hurtle e tinha, a vermelho, o carimbo “Confidencial”. Husky compreendeu que ali havia alguma coisa que não deveria saber, talvez confidências que não lhe pertenciam, nem enquanto Husky nem sob a forma mais literária de Paul Montague. Mr.Trollope sempre dizia que Mrs.Hurtle era uma criação sua e era natural que tivesse com ela uma relação especial que mais ninguém poderia compreender. O Inspector afastou-se. Não era nada com ele e entretanto poderia experimentar o prazer de mergulhar nas sólidas paredes até aos cotovelos.

A mensagem era curta e a sua *partenaire* não fez comentários.

- Mr.Trollope hoje não vem. É capaz de ser gripe. Estamos entregues a nós próprios. Poderemos ter de fazer horas extraordinárias.

- Todas as horas que passo contigo são extraordinárias.

Só depois se apercebeu da enormidade que dissera.

- Desculpa, Winifred. Saiu-me sem querer.

Ela mirou-o em silêncio e em paz.

- E depois? Vamos já para “Cá se fazem, cá se pagam”, que é de facto uma urgência.

Depois de envergados os uniformes da COSMOPOL, patinaram novamente pelo corredor da sorte, a toda a pastilha. Quando chegaram ao espaço-porto já os aguardava o super-poderoso Mobilis 3000, com uma potência reforçada de 32000 terawatts, graças a baterias suplementares colocadas debaixo dos *aileron*s, o que dava fácil acesso aos novos mundos onde ainda ninguém chegara por falta de potência.

Aguardaram menos de cinco minutos, até lhes ser dada autorização de largada na pista de “Goodness Gracious Me”, Ai Meu Deus, e depois daquela explosão de luz própria das mudanças de mundo, já estavam em “Cá se fazem, cá se pagam”.

Não houve quaisquer formalidades na Alfândega, e os guardas, que eram pessoas vivas, normais e correntes, deixaram-nos passar com uma continência à legionário. Naturalmente que eram esperados e quando por fim pousaram em Sete Ais, uma viatura Phobos 307, sem condutor, conduziu-os directamente ao edifício do TICÃO.

Mrs.Hurtle explicou:

- As três primeiras letras correspondem a “Tribunal de Instrução Criminal”. As outras duas significam que é muito grande, acima de todos os outros.

Husky sabia-o perfeitamente, mas não disse nada. Ainda estava à procura de palavras para desfazer o mau gosto que lhe deixara na boca o piropo que se lhe escapara. Mrs.Hurtle não parecia minimamente zangada mas ele sim, estava zangado consigo próprio. Era difícil reconhecer que gosto dela e quero agradar-lhe, nem que para isso tenha que fazer muita estupidez. Ou mesmo estolidez, que é uma palavra ainda mais parva.

Não fora possível recolher quaisquer impressões digitais na máquina de sumos junto ao salão nobre. Era o que Husky já esperava e Mrs.Hurtle também não mostrou qualquer espanto. A última esperança dos dois polícias estava na superioridade científica da COSMOPOL. Um francês chamado Bertillet havia identificado a aura electro-magnética correspondente a cada indivíduo, e descobrira que não havia duas auras iguais e que, isto agora era muito importante, essa aura deixava vestígios junto dos objectos tocados pelo titular dela. Vestígios que perduravam por muito tempo, como fantasmas residentes. A descoberta era tão importante que não foi divulgada e o seu autor não recebeu o Prémio Nobel que, de outro modo, teria recebido. E a COSMOPOL ficara a única detentora do terceiro segredo da electro-dinâmica, ou seja, cientificamente estava um passo à frente dos criminosos. Tinha é que agir como se nunca na vida tivesse conseguido decifrar o código Enigma, ou mistérios menores como bin Laden ou Guantanamo. Mrs.Hurtle, com a sua objectividade de protectora no misterioso mundo da polícia, dizia com pena que o seu país era o maior exportador de tretas de “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar”.

- Deixa, Winifred, no meu país, e agora não falo na Sibéria dos Huskies mas no Portugal da Casa dos Rapazes da Rua, no meu país também há muita gente aldrabona.

- E não querem dominar o mundo?

Eu ri-me – Dominar o mundo? Mas para quê? Dêem a escolher a um Português – queres uma caldeirada de choco ou preferes dominar o mundo? Portugal é um país de suicidas, como disse Unamuno, mas apesar disso ainda temos um resto de equilíbrio. Valha-nos isso.

- E se?...

- Continuássemos o trabalho? – concluiu o jovem Husky. – Perfeitamente.

Retirei um leitor de auras de um dos bolsos do fato macaco azul com o escudo da COSMOPOL estampado no peito. O leitor de auras era muito parecido com uma chave sextavada a terminar com uma válvula primitiva na ponta. Lia e registava, para posterior comparação com os ficheiros de auras que a organização guardava numa caverna situada no planeta mais secreto de “A sua chamada está em linha de espera. É favor aguardar.” Como foi concedida uma moratória de 5 anos para o planeta continuar a ser secreto, Mrs.Hurtle chamava-lhe *Souvenir de Lowestoft*, e eu, para despistar, chamava-lhe *9 em cada 10 estrelas*, que tinha uma carga poética quase tão grande como Lowestoft e que, ao mesmo tempo, fornecia um número incontável de pistas falsas.

De posse do registo das auras, o Inspector e a formosa *partenaire* entreolharam-se num já não há mais nada a fazer aqui. Vamos regressar a “A sua chamada está em linha de espera. É favor aguardar.”

Mrs. Hurtle nascera com um dom que era só dela, e que era o de conseguir cheirar, em qualquer lugar ou dimensão, uma coisa muito simples chamada “o rasto de estranheza”, aquele que deixa numa dimensão quem nela se desloca mas nasceu noutra. Para isso não necessitava de nenhum instrumento de tecnologia avançada. O seu nariz, habituado aos grandes espaços do Oregon e aos perfumes dos limoeiros da Califónia, era o suficiente para registar um rasto estranho, como o do Minotauro. Depois, bastava-lhe comparar a sua memória olfactiva com os registos actualizados que se guardavam em *Souvenir de Lowestoft*, para ela, e *9 em cada 10 estrelas*, para o jovem Husky, já na idade de amar mas com dificuldade em aceitar todas as exigências do amor. Amor é como violência. Traz sempre consigo uma ideia de excesso.

O Juiz de Instrução passava nesse instante, com um grosso processo debaixo do braço, e a outra mão a segurar gravações de chamadas telefónicas. Não era alto, e usava óculos. Passou a mão pela cabeça. Preferia cortar o cabelo na sua terra natal, a 200 quilómetros dali, o que só conseguia fazer aos sábados à tarde, porque estava de turno nessas manhãs, e aos Domingos as barbearias estavam fechadas.

- Então, alguma pista quanto ao evadido e ao advogado-fantasma?

- Nada, Dr.Alexis. Parece que se desvaneceram no ar.

O Juiz fixou-me, com aquela atenção incomodativa dos míopes.

- Parece magia, não é? Ouvi dizer que você é também o Grande Husky, o Maior Mágico de Todos os Tempos, que serra Mrs.Hurtle

ao meio e volta a colá-la, e nem assim ela se zanga consigo? Eu zangava-me. E que também fez desaparecer o Minotauro antes de o mesmo ser ungido com os santos petróleos dos banqueiros. Pensava que os Agentes da COSMOPOL tinham regime de exclusividade. Como nós, Juízes.

- Mágico é o meu disfarce, o que uso para me infiltrar nos antros da criminalidade. Por isso não estou a violar o Estatuto Disciplinar da COSMOPOL, mas sim a obedecer às directivas da Investigação Criminal.

- Sim, compreendo. Já agora, impressões digitais, encontrou-se alguma coisa?

- Nada, Meritíssimo. Mas como não há crimes perfeitos, alguma coisa se há-de encontrar.

Achei que a afirmação merecia melhor esclarecimento para a distinguir da mera bazófia:

- Quero dizer, não há crimes perfeitos, o que há, ou o que pode haver, é uma investigação imperfeita.

O magistrado estalou a ponta dos dedos para um funcionário que passava com uma capa negra esvoaçante, presa ao pescoço por um fecho de prata do tempo de Carlos Magno, e que fazia esforços sobre-humanos para segurar com o braço direito três grossos volumes com “A Canção do Rolando” impressa na capa. Um estratagema para disfarçar um processo em segredo de justiça. O funcionário imobilizou-se e a capa tombou-lhe nas costas como bandeira a que de repente faltara o vento.

- Sr.Gomes Eanes de Zurara, lembra-se do advogado e do arguido que desapareceram na máquina dos sumos?

O funcionário acenou afirmativamente.

- Recorda-se se eles desapareceram antes ou depois das latas de sumo caírem na prateleira de baixo? Antes ou depois?

- Nem antes nem depois. As latas não chegaram a cair.

- E não falta nenhuma?

O funcionário suspirou e colocou os processos no chão antes de os mesmos lhe escorregarem do braço. Comparou o saldo da máquina e contou as latas de sumo de ananás dedo a dedo.

- Faltam duas.

Agachou-se para recolher os processos do chão e desapareceu antes que lhe fizessem alguma pergunta mais difícil, como

- quem faz a barba ao barbeiro?
- que pensa a galinha quando vê o ovo?
- onde fica a entrada para o Aqueduto das Águas Livres?

O magistrado sorriu:

- Era o que eu pensava.

Depois olhou alternadamente para Husky e para Mrs.Hurtle, com o queixo preso no V do polegar e do indicador direitos, como a fazer julgamentos sumários. Voltou a sorrir, mas agora, para Husky, era um sorriso descrente.

- Crê que conseguirá salvar o mundo?

- Não – e Husky lutou contra a imagem de uma lata amolgada que teimava em secar-lhe a imaginação.

- *Vale* – que não era o “está bem” castelhano, mas a forma de os Romanos terminarem as cartas e as conversas e que significava “passa bem na companhia de quem mais gostares e goza a vida enquanto puderes, que é tão breve e a arte é tão longa e se tiveres um bocadinho de tempo livre vai ver o último filme de Woody Allen e aproveita para remar no lago do Campo Grande.”

E o Juiz desapareceu vertiginosamente, em direcção ao seu gabinete, em que se escondia atrás de pilhas de processos, cada um deles mais complicado do que o anterior. No tempo em que a criminalidade ainda dava cartas em “Cá se fazem, cá se pagam”, fora-lhe dado um gabinete envidraçado no rés-do-chão, tipo aquário, em que o vidro não era à prova de bala. O magistrado sobrevivera e o escândalo levava a que o mudassem para um gabinete mais resguardado, fora do alcance dos atiradores. Ainda lhe chegaram a cortar a verba para chamadas de telemóvel, na esperança de lhe dificultar o combate ao crime. Provações superadas, em “Cá se fazem, cá se pagam”, reinaria agora a ordem, se a ordem fosse monárquica, que não era.

Mrs.Hurtle deu-lhe uma cotovelada, sem o sorriso que costumava acompanhar as suas cotoveladas.

- Jovem Husky, vamos?

De volta ao Mobilis e à sua tremenda potência, Mrs.Hurtle fez críticas pacientes.

- Umas vezes trata-te por “eu”, outras vezes por “ele”. Parece que tens dupla personalidade.

- E não tenho? Sou António na Casa dos Rapazes da Rua. E passo a Husky siberiano quando me torno Agente da COSMOPOL. E isto quando não sou o Maior Mágico de Todos os Tempos, que já vamos na tripla personalidade. Outras terei, mas assim de momento...

Mrs.Hurtle tossiu, como quem quer evitar reconhecer que errou. Mas ela era demasiado honesta para descer tão baixo.

- Tens razão. Tens toda a razão. Não tinha pensado nisso.

Esperávamos permissão para avançar na pista do espaço-porto de Escusava de Vir, capital de Sete Ais. Mrs.Hurtle virou-se para ele, o Inspector, e falou baixinho de segredos que a preocupavam, e que não tinham nada a ver com o que eu sentia por ela.

- Lembras-te da carta que estava em cima da secretária? Mr.Trollope não está engripado coisa nenhuma, foi raptado quando saía da sua casa de Londres, a caminho do marco de correio mais próximo.

- Hem? Não me digas!...

- Só o entregarão se garantirmos a imunidade ao Minotauro para que o mesmo possa ser ungido com os santos petróleos na próxima quarta-feira, pelas 21h 30m, na Anti-Catedral de *Oldman Stinks*, em Onde-Eles-Vieram, a cerca de 8 kms do Labirinto. E querem que ponhamos ponto final nas investigações, sob pena de...

- Matarem?...

- Não, sob pena de cortarem a barba de Mr.Trollope e de queimarem todos os exemplares de "The Way We Live Now". Husky, não é que eu tenha um amor assim tão grande à minha vida de personagem, mas se isso acontecer, eu desapareço e é como se nunca tivesse existido. Qualquer *Souvenir de Lowestoft* desaparece também. O meu lugar na fotografia fica vazio. E até tu me esquecerás de imediato.

- Winifred, e o que sucede quando essa pessoa, essa personagem, é... digamos... amada?

- Se o amor é sincero, não desaparece. Deixa de vez a ficção e torna-se mais palpável que os campos de algodão na Carolina do Sul.

O seu olhar escuro e doce encontrou o olhar azulado de Husky e ela só disse.

- Como vês, não estou zangada. Não poderia.

Depois de outra pausa, como quem respeita as etapas de um cozinhado:

- Não precisas de me confessar nada, porque sei perfeitamente o que sentes. Privilégio das personagens que sabem o que vai no espírito do autor e de vez em quando lhe espreitam os apontamentos. Mas agora, nem tu nem eu podemos pensar noutras coisas que não seja capturar o Minotauro e libertar Mr.Trollope. Então, depois, com muito vagar, muita calma, talvez de novo em Lowestoft, ou em Ramsgate, ou na Manta Rota, ou no cruzamento da Alexandre Herculano com a Av. da Liberdade, então esqueceremos por momentos a magna questão da salvação do mundo livre e falaremos de tudo o que diz respeito exclusivamente a nós próprios. E Husky, enquanto Inspector da COSMOPOL, não tens os 13 anos da Casa dos Rapazes da Rua. És muito mais velho. Tens 16 e já tens idade para tirar a carta de cosmonauta, que aliás até já tens, embora continues sem poder beber cerveja. O que acho muito bem.

11.

Já estavam de novo em “A sua chamada está em linha de espera. É favor aguardar”.

Ignoraram a Via Láctea e viraram à direita, a uma velocidade de *Take 6*, porque a COSMOPOL, quando em serviço e devidamente uniformizada, não está sujeita a limites de velocidade.

Quando, depois de uma rotunda, segunda saída à direita, muito ao fundo, já se vislumbrava uma enorme barreira luminosa com anúncios de obras na linha e de zona de acidentes, passaportes, apólices de seguro e cartas de condução deixam de ser válidos pelo próximo ano-luz, zona infestada de amores fingidos e de tubarões falsamente amestrados, Husky abrandou para *Blue Rondo a la Turk* e conseguiu travar a 500 metros da linha de portagens, em que só havia uma cabina, protegida por um pequeno batalhão de homens vestidos à prova de bomba, e de arma de cano descaído, rodeados por pastores alemães que vinham em viagem de turismo e que por acaso ali tinham passado e faziam perguntas daquelas que já trazem a resposta consigo.

Husky virou-se para Mrs.Hurtle:

- Não são pastores alemães. Vê-se à légua que nunca guardaram gado na sua vida.

- São pastores alemães – corrigiu a belíssima *partenaire*, que mesmo em risco de cair no esquecimento, vítima da Censura, ainda não perdera o amor à verdade que era a sua divisa na COSMOPOL e na vida pessoal. – Luteranos.

Explicou-me com a sua paciência de guia e de tutora que eu tinha um defeito que precisava de corrigir e que não era difícil de corrigir. Ficava fascinado por muitos pormenores irrelevantes e perdia de vista o essencial, que era o conjunto das coisas, e o modo como as coisas e os factos se relacionavam entre si. E revelou o segredo da inteligência tal como ela é e também como poderá ser quando a liberdade de pensamento for restabelecida sobre a Terra, se tomarmos a Terra pelo Universo, como quem diz a parte pelo todo.

- Husky, se olhas para o que está em cima, também tens de olhar para o que está abaixo.

- Hermes Trimegisto?

- Sim, e o bom senso também ajuda.

Entretanto o comandante do batalhão sacudiu de si os pastores alemães mais pegajosos e aproximou-se do Mobilis.

- Vêm de Santa Fé? – perguntou, sem olhar nem para mim nem para Mrs.Hurtle, correndo com uma esferográfica registos presos num rectângulo de alumínio.

- Deus seja louvado – respondeu Husky.

- Para sempre seja louvado – concluiu o comandante, que tinha as divisas de tenente. – Há quem diga que basta a fé para salvar, mas eu sou mais como São Paulo, e acho que sem caridade a coisa não vai lá... Daqui em diante é terreno militar, e só pessoas especialmente autorizadas podem passar esta barreira. Têm consigo os vossos passa-culpas? Deixem ver.

Não há agente da COSMOPOL que não guarde o passa-culpas no bolso interior do uniforme. Nunca se sabe quando há que perdoar uma falta. A COSMOPOL é uma Polícia indulgente. E como castigar é humano e perdoar é divino, só quem tenha essa capacidade de perdoar é que está autorizado a franquear a barreira.

Sacámos os nossos passa-culpas e o Comandante demorou-se a ver a fotografia da minha *partenaire*.

- Mrs.Hurtle, da COSMOPOL. Pensava que era uma pessoa violenta demais para lhe darem um passa-culpas. Não matou um homem no Oregon? Não se bateu em duelo com o seu marido?

- Não – mais lacónica não poderia ser, como o espartano a que exigiram num discurso de 20 páginas que entregasse as armas e que só respondeu “Vem buscá-las.”

O Comandante relanceou um olhar distraído pelo passa-culpas de Husky e perguntou se queriam tomar um refresco antes de seguirem aquele caminho que todos sabiam que não levava a lado nenhum. Dali em diante não havia planetas. E piscou o olho, a partilhar connosco o seu segredo. Mrs.Hurtle, já no grau 1,4 de quem não tarda vou-me zangar, e as histórias do Oregon tinham sempre o condão de a pôr fora de si, declarou secamente que tinham mini-bar e que agradeciam à mesma, mas estavam com muita pressa de chegar a lado nenhum. Ao que o Comandante respondeu com a continência “Desculpe lá qualquer coisinha” e mandou-nos (convidou-nos) a seguir o nosso inexistente destino.

Os pastores alemães protestaram. Eram protestantes.

- Está-nos a dizer que ali em frente não há nada. E há gente que vai para lá. Então?...

- São inspectores das Estradas da Fama e do Proveito e estão devidamente uniformizados e em exercício efectivo de funções. Tudo o que há de mais regular. E não, em frente não há mais nada, não há qualquer planeta. Se houvesse, não acham que já estaria coberto de hotéis e de edifícios de escritórios? Pensem como pastores, não pensem como carneiros que penderam para ali e dali não saem.

Deixámos a contra-informação para trás e acelerei novamente para “Blue Rondo a la Turk”. Mrs. Hurtle ia dando as indicações, porque chegar a *Souvenir de Lowestoft*, para ela, ou *9 em cada 10 estrelas*, para mim, era, só por si, uma aventura das épicas até ao exagero lírico. Entre rotundas, curvas, lombas e passagens de nível, havia um túnel com coisas assustadoras como esqueletos fosforescentes que procuravam tocar-nos apesar da blindagem do Mobilis, e dragões que cuspiam uma baba esverdeada de pneumonia em último grau e que obrigavam a um esforço suplementar do limpa pára-brisas para ver o caminho.

Chegámos ao planeta incógnito, estavam todas as luzes acesas e o aquecimento ligado, porque era um planeta sem sol nem lua, mas onde havia uma qualidade de vida que não se encontrava noutros lados. Coexistia a vida nocturna com o horário laboral, e os cinemas funcionavam 24 horas por dia, ou seja, e porque o dia oficial era de 18 horas, havia 6 horas para ver filmes proibidos que não contavam para o cadastro da imoralidade e dos maus costumes.

Husky pensou se o deveria dizer e decidiu que sim. Mrs.Hurtle merecia que a tranquilizassem.

- Winifred, Princesa, eu, no teu lugar, não estaria nada preocupada. Podem queimar os livros que quiserem, mas nada nem ninguém conseguirá destruir a obra de Mr.Trollope. Sabes como diz o Poeta: Começam por queimar livros, acabam por morrer estúpidos. Há exemplares de “The Way We Live Now” cuidadosamente guardados para a eventualidade da piro-censura, e, em último caso, sempre temos Lord Nidderdale, que nem sequer é má pessoa e a quem poderemos recorrer em caso de aflição, desde que não seja para lhe pedir dinheiro. Para não falar que há pelo menos uma pessoa que te ama e o amor, quando é verdadeiramente mágico, torna as fantasias em realidades...

- Estamos em trabalho, Husky. *Nicht* conhaque. Mas obrigado por te preocupares comigo.

Pousaram no espaço-porto de *9 em cada 10 estrelas*, Husky ainda não tinha bons *Souvenirs de Lowestoft*, pelo menos nesta encarnação não tinha, mas podia muito bem vir a ter, era uma questão entre ele e Mrs.Hurtle, e do resultado daquela conversa que só se poderia ter depois do mundo salvo de um grande erro. O espaço-porto ainda não fora baptizado e podiam-lhe chamar Anastácio que não se zangaria nem mudaria de cor. Podia-se chamar Celestina, lembrei eu, que conhecera uma freira com esse nome, quando andava aos tombos da caridade, nos intervalos do Tribunal de Família e Menores. Tinha algo de celestial e era no céu que estávamos, não é?

A COSMOPOL pusera à disposição dos recém-chegados um bólido aerodinâmico, que fazia a viagem entre o espaço-porto e as instalações policiais em menos de um quarto de hora. Como era sempre de noite e era pouca a paisagem que se podia ver, não lamentei a sua curta duração.

As instalações onde a COSMOPOL tinha o seu arquivo clandestino faziam lembrar uma versão reduzida do Labirinto, mas agora era um cubo negro que se iluminava de cores diferentes a cada 30 segundos. Quando chegámos, estava no seu período azul. Entrámos com as nossas fardas de Inspectores, pelo que ninguém nos pediu nem passaportes nem passa-culpas. Mrs.Hurtle, conhecedora dos cantos ao cubo, seguia à frente, a indicar o caminho. Admirei com desprendimento a sua elegante forma de andar, não queria acusações de lhe olhar com demasiada insistência o seu rabinho tão esplendoroso e tão doce ao mesmo tempo. Não queria fazer subir a temperatura da sua raiva e não é demais insistir que, em tantos anos juntos, nunca Mrs.Hurtle me mostrou aquela raiva destruidora que a fizera famosa. Talvez porque aprendemos na Temporada VII, Episódio 26º. do Curso Normal de Formação de Inspectores, que *Behaviour breeds behaviour*, que toscamente traduzido é “como tratares os outros assim te tratarão a ti”. Bastava tratá-la bem e como é que se pode tratar mal uma pessoa tão maravilhosa como Mrs.Hurtle, a melhor e a mais fiel amiga que alguém poderá ter, seja no intransigente mundo da polícia seja nos mundos novos do amor?

Depois de muitas viragens à esquerda e à direita, chegaram à porta de um elevador, onde se entrava por uma porta e saía por outra, e não havia qualquer movimento nem para cima nem para baixo, era o exterior que mudava sem se sair do mesmo sítio. Era uma forma inteligente para despistar espões, que por várias vezes tinham tentado entrar, mas tinham sido levados dali directamente para o TICÃO, porque a espionagem continuava a ser crime, mesmo levada a cabo num local que oficialmente não existia.

Husky & Hurtle seguiram primeiro para a auroteca, uma sala tão vasta como dois campos de futebol, com uma mesa com um écran plano a fazer as vezes de espelho e uma meia esfera de cristal incrustada no tampo de uma mesa pé de galo. Três cadeiras confortáveis, de braços que convidavam à preguiça, mas eles vinham para salvar o mundo do Minotauro e para impedir que o mesmo fosse aspergido com os santos petróleos na Anti-Catedral da *Oldman Stinks*. Não tinham tempo para coisas como esquecimento e descanso.

Husky passou em frente da meia esfera o leitor de auras em que tinha registado o que ficara na máquina de sumos de “Cá se fazem, cá

se pagam”. Sucederam-se rostos com anotações pormenorizadas sobre o que eram, como eram, o que tinham feito e o que ainda poderiam vir a fazer. Não havia auras de magistrados, porque os mesmos não bebiam sumos de máquina, preferiam o café para poderem trabalhar várias horas seguidas e pela noite adentro. Auras de funcionários, de polícias, do Minotauro - uma aura horrível, toda cheia de coisas pontiagudas que picavam as sensibilidades mais adormecidas -, auras de advogados e... Não é possível!... Conheces?... Se conheço, é o meu maior amigo... Confirma, pode ser engano... Não, é Rodrigo, o meu companheiro de quarto, o que me defende quando me querem bater. E agora o que é que eu faço? Declaro-me impedido? Continuo a investigar, depois de avisar a COSMOPOL que o suspeito é um amigo meu? Que é que tu farias no meu lugar?

- Já o disseste, jovem Husky. Se vires que tens forças e capacidade para continuar as investigações, informas a COSMOPOL e continuas. Se vires que a tua objectividade pode sofrer, então declara-te impedido e outro te substituirá. Não é desonra para ninguém. Mas se isso acontecer terei pena. Esta investigação é coisa muito nossa. Com outra gente não será a mesma coisa e as probabilidades de sucesso serão menores. É a minha opinião.

Combinaram imprimir os registos de Rodrigo e de seguida iriam para a sala dos rastos de estranheza, o único processo de apurar o actual paradeiro do Minotauro, isto, claro, no caso de ele se não encontrar em “Vai andando que eu já lá vou ter”, porque aí não haveria estranheza nenhuma para registar, ele era de lá.

Na sala dos rastos estava um envelope em cima da mesa, dirigido, com uma letra floreada, a Winifred Hurtle, Esq.

A minha *partenaire* nem lhe tocou.

- É para eu ficar nervosa e perder objectividade. Primeiro vou cheirar e só depois é que abro a carta.

A parede iluminou-se com dimensões paralelas, e Mrs. Hurtle ergueu o belo rosto e abriu as narinas privilegiadas para farejar a menor estranheza que cheirasse a Minotauro. Todas as dimensões foram farejadas, menos “Vai andando que eu já lá vou ter” que não adiantava nada, quer estivesse lá quer não.

O seu rosto moreno brilhou de puro gozo, como o do caçador que descobre a presa na mira da caçadeira.

- Ele não saiu de “Cá se fazem, cá se pagam”, apesar de toda a gente pensar que teria escapado para “Vai andando...”, para estar mais perto da Anti-Catedral *Oldman Stinks*, para a cerimónia de

investidura que o tornaria intocável, inquebrável, incolor, inodoro e ainda mais insípido e mais cornudo. Narizinho meu, quem é mais parva que eu? Ora aqui está - o Sr.Minotauro está no planeta *Civil War is Cheaper*, acoitado no Clube Liberal, disfarçado de guarda-livros e com livre acesso aos petróleos não consagrados, para se entreter queimando “The Way We Live Now”, uma forma de ir adiantando serviço. Sacana.

- E Mr.Trollope?

- Já lá vamos. Aqui não. Aqui não. Aqui também não...Olha, só poderá estar em “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar”, porque não o encontro em parte nenhuma.

O nosso último recurso era o arquivo das auras. Husky e Mrs.Hurtle, a sua guia e tutora no mundo romântico da polícia, regressaram à auroteca. Sentaram-se junto da mesa pé de galo e deram as mãos.

- Mr.Trollope! Mr.Trollope! Queremos Mr.Trollope!

Isto como se pedissem a demissão do Governo e a Polícia de Choque (que nada tinha a ver com a COSMOPOL, mesmo nada) fosse a descer as escadas, de bastão erguido, ao passo ritmado do “Triunfo da Vontade”. Convém ser peremptório quando se trata com mesas de pé de galo e bolas de cristal.

A resposta veio com a rapidez do relâmpago.

“Anthony Trollope. Inventor do marco do correio. Criador de Mrs. Hurtle. Está, como já foi referido, em “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar”. Está perto de Betelgeuse, num planeta muito parecido com a Terra, fechado a cadeado no Torreão Norte do Forte de São Tiago, no meio do maior lago artificial da galáxia e onde nenhum peixe sobrevive.”

Levantámo-nos e passeámos longamente pelos corredores do Cubo. Eu falei primeiro.

- Operações simultâneas e sincronizadas ao micro-segundo?

- Nem poderia ser de outro modo, jovem Husky.

- Fugas de informação?

- Sim, um que vai a fugir no corredor 7. É um instante. Espera aqui por mim e se quiseres podes ver tudo no televisor hologramático, canal 18.

Mrs.Hurtle agarrou no seu chicote nº.3 e desapareceu imediatamente. Quando era necessário, não corria, voava simplesmente e depois de abocanhar, nunca mais largava a presa. O

acontecimento era tão importante como um pontapé de bicicleta que, contra todas as possibilidades, empurra a bola para a baliza, e por isso os hologramas evoluíram em câmara lenta. Por isso e porque Mrs.Hurtle era extraordinariamente rápida, uma das suas principais características de sobrevivente.

O chicote estalou no ar e enrolou-se à volta das pernas do informador, fazendo-o cair de nariz no chão. Depois a mais bela *partenaire* dos mundos conhecidos colocou algemas nos pulsos fraudulentos do indivíduo.

- Trata-se de um elemento franzino, dos nascidos de uma distração da parteira, e que acumulava o ordenado de técnico de arquivo de 2^a.classe da COSMOPOL com as gorjetas que lhe dava a criminalidade de colarinho branco. Começou a trair há coisa de três meses, pelo que não teve tempo de fazer grandes estragos. Talvez consigamos fazer dele um agente duplo, a não ser que seja daqueles que prefere anos de prisão. Há quem deteste o mundo exterior e goste da protecção dos muros altos e do arame farpado.

Era o Director dos Serviços de Pessoal que falava, depois de ter telefonado para a Segurança Especial a pedir uma nave celular para transportar um preso para “Cá se fazem, cá se pagam”. E bater bem as sílabas de “incomunicável”. Sim, e se tiver algum circuito impresso no interior da pele retirem-lho sem anestesia. Estava a brincar – com anestesia e muito desinfectante. Os circuitos impressos do grande crime costumam vir com muita expectoração à mistura. É um sinal do desprezo que o sistema vota às suas próprias criaturas.

Devíamos regressar ao espaço-porto de Escusava de Vir, capital de Sete Ais, para recolher alguma informação de interesse que o espião deixasse nas mãos incómodas da Segurança Especial que tinha o dom, fruto de muito treino, de fazer qualquer pessoa sentir-se mal, tipo desgosto ou comichão na parte das costas onde as unhas nunca chegam. A regra é “ou falas e coço-te, ou não falas e aguentas. O recorde é de 2m 17s, mas tratava-se de um masoquista”.

Souvenir de Lowestoft ou *9 em cada 10 estrelas* era um planeta sem sol nem lua, mas havia abundância de centros comerciais com esplanadas com vista para mares de luz azul turquesa e céus de um rosa pálido. Aproveitámos porque as bebidas eram por conta da casa e sentámo-nos a gozar a paz do espaço e das cores. Não sei o que bebeu Mrs.Hurtle, que era adulta e não tinha quaisquer restrições nesse campo, nem era ela quem ia pilotar o Mobilis. O que eu bebi era doce e sumarento, e devia ser uma mistura de frutas de estufas tropicais.

- Como é que um espião se conseguiu introduzir na COSMOPOL? É impressionante.

- Husky, ele só se passou para o outro lado quando já tinha vários anos de serviços, três diuturnidades para ser exacta.

- Incrível.

- E depois, jovem Husky, ele não era bem um espião.

- Não?

- Não. Era mais um contador inteligente. A sua função era dar fé de tudo, registar tudo, e depois ir meter no cu da *Oldman Stinks*. (Perdão, queria dizer **) Este contador até nem era tão inteligente assim, senão não o teríamos conseguido apanhar. *Smart* não é sinónimo de inteligência, é apenas um indicativo de perigo à vista. Falemos de outra coisa. Contadores inteligentes são como esses denunciante nossos amigos que farejam tudo o que cheire a segredo, e acho que vou pedir mais um *french cancan* para tirar o gosto a azedo. Mas primeiro vou à casa de banho. Chama o empregado, pede-lhe o *french cancan* e diz que é para mim, senão ele ri-se e segue o seu caminho. O *french cancan* não é para jovens. Só o servem a desiludidos devidamente comprovados por uma conversa derrotista com pelo menos 10 minutos de comprimento.

- E a morenas de uma beleza sem igual?

- A morenas de enfarte ninguém consegue negar absolutamente nada. A natureza humana não lhes permite.

Husky aproveitou o intervalo para comunicar à sede da COSMOPOL que verificara que uma das auras junto da máquina de sumos onde o Minotauro desaparecera pertencia a um amigo seu, chamado Rodrigo e que, pelo menos de momento, não sentia a sua independência em risco. Mas, se tal viesse a acontecer, declarar-se-ia impedido.

Quando Mrs.Hurtle regressou, via-se que retocara o vermelho dos lábios, mas agora, nos intervalos do *french cancan*, fumava um enorme cachimbo, enorme no sentido de comprido - um tubo muito delgado e um forninho miniatral, tudo feito do que parecia prata, com uma grande variedade de pedraria encastada, toda faiscante das cores do arco-íris. O fumo que saía era cor de rosa e tinha um vago cheiro a incenso e bergamota.

- Não sabia que fumava, Mrs.Hurtle.

Vê-la fumar tornara-me mais formal, talvez porque o hábito de fumar cachimbo é normalmente associado a marinheiros de longo

curso e a detectives que vivem da intuição e têm gabinete no *Quai des Orfèvres*, mesmo em frente às cervejarias. Aparentemente não tem qualquer relação com as morenas deslumbrantes por que se perdeu o nosso coração. Boa frase. A ver se a decoro. Pode vir a ser útil. Pausa para pensar melhor. Perigo. A frase não é tão boa assim. Um lugar comum é um lugar onde cabe muita gente e onde ninguém gosta de ser apanhado assim a modos que apertado entre redundâncias.

- É um cachimbo feminino. Vê-se pela decoração, pela riqueza de pormenores e pela abundância de cores. A fotografia de Marlene Dietrich, a conversar e a fumar uma longa, estreita boquilha. Substitui o cigarro pelo forninho e espalha pedras semi-preciosas a teu bel-prazer. Resulta nisto que tu vês. Digamos que estou a fumar o cachimbo da paz comigo mesma.

Já estávamos no *Mobilis* quando Mrs.Hurtle, feliz pelo seu recente triunfo, se resolveu a abrir a carta que fora deixada em seu nome na sala dos rastos da COSMOPOL.

A minha *partenaire* cheirou o envelope, seguindo as linhas da letra floreada.

- Esq, Mrs.Hurtle? *Esquire*?

- É lisonja, jovem Husky, pura lisonja. E repara, está mal escrito. Quando se põe *Mrs.* não se põe *Esq.* O correcto seria Winifred Hurtle, *Esq.* Mas eu sou imune à lisonja. Relativamente imune. Depende da lisonja.

Abriu, leu e parou a meio. Eram dez linhas e ela apenas leu as cinco primeiras. Passou-ma para as mãos.

- Depressa, Husky, atira a carta para o conversor de energia.

Em fracções de segundo a carta foi transformada em flutuações quânticas.

- Obrigada, meu querido. Salvaste-me a vida.

Não houve tempo para Husky abrir a boca de espanto, ela nunca lhe chamara “querido”, nem sequer houve espaço para os beijos que costumam acompanhar a palavra. A torre de controle mandou avançar e nesses momentos para um piloto a única coisa que existe são os comandos – Temporada VII, Episódio 8º. do Curso Normal de Formação de Agentes da COSMOPOL.

Mas quando aceleravam na pista, ela explicou:

- Era uma carta de suicídio. Se a tivesse lido até ao fim, reconhecia que não passava de uma personagem e que, portanto, não

estava viva. Quando, no fim de tudo, lesse a palavra “Adeus”, desaparecia e nunca mais me verias.

- Winifred, deixa-me acelerar até Take 6 e já falamos.

Depois da brusca luz da mudança de mundos, continuei.

- O amor. Falemos de amor. Imagina que eu te amo. Pode ser verdade, pode ser que não. Imagina só. É um supor. Não está já demonstrado que o amor torna a fantasia realidade e que tu, amada como és, te materializarás a título permanente e ficarás para sempre ao abrigo da Censura?

- Jovem e inocente Husky. Jovem e culpado Husky. De momento, é só uma teoria que deu um prémio de 20.000 euros a um médico interno no 2º.ano do internato. A prática ainda não a demonstrou, porque as personagens de ficção costumam ser recatadas e não sair do lugar onde ficaram impressas. Eu sou uma exceção. Não me resignei a ser para todo o sempre um amor de viagem ou um mero *Souvenir de Loewstoft*. Quis a vida vibrante do dia a dia no combate aos opressores, e a COSMOPOL foi criada para isso mesmo, para defender os fracos contra os fortes.

- Existe alguma ligação entre a COSMOPOL e os marcos do correio?

- É evidente, não é?

Não era assim tão evidente, mas...

- Mas a teoria pode estar certa.

- Pode.

- E há exemplares de “The Way We Live Now” cuidadosamente guardados em cofres à prova de prova. Nunca desaparecerás, *dearest* Winifred, nem que o amor seja o último recurso.

Foi então que pela primeira vez nos beijámos boca a boca, e eu lembrei que, como Husky, agente da COSMOPOL, tinha dezasseis anos; mas como António, Rapaz da Rua, tinha treze. A Censura não iria pôr problemas? Creio que não e a fé é que salva um bocado as coisas.

- Husky, podes, com os treze anos da Casa dos Rapazes da Rua, ver filmes sádicos, assassinios a cada três minutos, tens à disposição vídeo-jogos para ensinar a matar, e a sociedade irá desmoronar-se com um simples beijo? Não me parece... Mas olha, até és capaz de ter razão. Que inteligente que tu és, meu querido, e não me chames *dearest*, a boa educação é como o deserto onde nada cresce. É que o

amor é mesmo perigoso. Pode abalar os alicerces de uma civilização profundamente antibiótica como a de “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar.”

- Não é? – concordei eu. – Por isso a teoria do jovem médico, que deixou o amor para trás e é agora um especialista em rins e vias urinárias, tem todos os motivos para estar certa.

O *Mobilis* pousou suavemente em Escusava de Vir e Mrs.Hurtle revelou-me o seu pensamento mais estratégico, que, por agora era pensar, pensar, e depois logo se verá.

- Vais voltar a Lisboa, eu vou ficar por aqui a dar as minhas voltas. E, cada um no seu mundo, vai pensar na solução de dois grandes problemas – recapturar o Minotauro e libertar Mr.Trollope. Encontramo-nos amanhã em Santa Fé, à hora e no sítio do costume.

12.

Acordou na “Casa dos Rapazes da Rua”.

Latas. Latas. Latas. Latas grandes que um cilindro compressor achatava e que logo assumiam dimensões fantásticas, latamente exageradas.

António sabia que só Rodrigo poderia esclarecer aquela dúvida da lata incriminadora. E Rodrigo, além de amigo, protector, vingador das injustiças e companheiro de beliche, tinha a vantagem de nunca mentir a não ser em caso de necessidade. Para quê mentir a um simples rapaz de 13 anos, que não era um órgão de polícia criminal em “A sua chamada está em linha de espera. É favor aguardar”? Ele, António, era ali um simples Rapaz da Rua, menos que nada, sem poderes de espécie nenhuma, às sopas da Segurança Social. Trombudo, ao contrário de Husky, sempre sorridente. Tão trombudo, mas mesmo tanto, que, se viesse a ser o Rei de qualquer país merdoso daquele planeta irrisório, ficaria na sua História como António, o Taciturno. Mas Rodrigo?... Que seria, quem seria ao certo aquele Rodrigo conhecido no Tribunal de Família e Menores graças a uma coincidência de agendas? Se os registos da COSMOPOL estivessem certos, o seu amigo Rodrigo era um mistério elevado ao quadrado, colocado entre parêntesis e depois elevado a potências nunca vistas. Como é que se poderia evitar ser amigo de um herói assim tão complexo e tão inesperado?

Debruçou-se e, à luz que vinha da rua, pareceu-lhe que, ao contrário do que acabara de sonhar, não existia nenhuma lata gigantesca, esmagadamente adormecida ao longo da cama de baixo. Era o vulto e o volume do seu amigo Rodrigo, respirando tão ao de leve que era como se o ar nem lhe entrasse nem saísse.

- Rodrigo? Estás a dormir? – em tom baixo, para o não despertar caso dormisse.

O vulto do amigo ergueu-se sobre o cotovelo e falou na meia escuridão reinante:

- Não.

Levantaste-te e foste beber água ao jarro colocado em cima da nossa pequena mesa. Depois, ficaste em pé, olhando-me de frente.

- Sim, fui eu quem retirou o Minotauro de Sete Ais e o levei directamente para as fortificações do Clube Liberal, no planeta *Civil War is Cheaper*, e fui eu quem sugeriu que o melhor disfarce era o de guarda-livros, porque a designação já não consta nas convenções colectivas de trabalho, agora é tudo técnico de qualquer coisa. O anonimato esconde-se na ignorância.

- Shakespeare?

- Não. Esta é minha.

Fizeste uma pausa para eu digerir a informação de que estavas (aparentemente) do lado mau da história. Não consegui. Era demasiado indigesta.

- Por alguma razão deixei pistas. Para que soubesses que tinha sido eu. Porque, António, enquanto tu passavas alternadamente de Rapaz da Rua para Agente da COSMOPOL e de Agente para Rapaz, eu reflecti, reflecti, não houve espelho em frente de que eu não parasse, só para reflectir mais um pouco. E foi então que descobri que a minha verdadeira vocação não era a astronáutica.

- O crime?

- Não foi exactamente assim, na verdade foi exactamente o contrário. Neste caso o crime nem sequer foi uma opção, foi uma necessidade para começar da melhor maneira a minha carreira de polícia, já que a astronáutica está fora de causa. Informações de última hora. O astronauta tem de corresponder a certos padrões e o facto de ter familiares presos por tráfico, roubo e homicídio estragame a fotografia. É injusto, mas é assim.

- Uma sacanice de todo o tamanho – comentou António, que não dispunha do vocabulário do Inspector Husky para exprimir indignação.

- Mesmo para a Polícia o passado conta. E então tive de me infiltrar no mundo do crime para desferir um golpe que me limpe o passado, que não tenho, mas a família conta sempre como passado. Tem de se começar por algum lado e o crime não passa, bem lá no fundo, de aulas práticas de Direito Penal. Para ler Eça de Queiroz há primeiro que aprender a ler. E depois, eu sei que te parece chocante, mas o crime oferece vantagens que a vida honesta não dá. Por exemplo, em matéria de rendimentos, impostos e bilhetes para o futebol. Tenho tudo para ser um bom criminoso e foi o que fiz nas horas em que o alçapão ficou aberto. Só que, e ao contrário de ti, em vez de subir e seguir para a direita, segui para a esquerda, por ser onde se apanha o comboio para a *Oldman Stinks*.

- Rodrigo! – a voz de António devia soar escandalizada, mas a amizade suavizava-lhe as arestas.

- Não foi fácil. Tive de suportar a companhia do Minotauro na fuga para o Clube Liberal e, digo-te, aqui entre nós, não há nada mais repelente que o crime e os seus servidores. Não quis ser assim por nada deste mundo. E quando me perguntaram porque deitei fora toda a droga que o Gordo e o Mandarin tinham guardado e porque é que

rasguei e queimei o dinheiro que eles tinham ganho, respondi que o agente duplo não pode ter piedade. Apesar do prejuízo, eles gostaram.

Tu bebeste água como se te preparasses para um discurso muito longo.

- Já tinha pensado nisso. A princípio vagamente, como uma hipótese muito remota. Sabia que eras o Inspector Husky da COSMOPOL. Um amigo meu na Polícia dos Mundos! Isso deu-me que pensar. Mas foi quando conheci a jovem Belisanda dos cabelos ruivos e dos altos peitos, que confirmei de uma vez por todas e sem lugar a dúvidas que acabaria por pertencer à nobre Ordem da Polícia Andante e que o meu verdadeiro nome sempre tinha sido Amadis de Gaula. Palavra de Belisanda, a sem par.

- Mas, Rodrigo... Amadis, que raio de nome... Rodrigo, como é que pensas entrar na polícia, agora que cometeste um crime e dos gordos – ajudar à evasão do monstro chamado Minotauro?

- António, parece que não ouviste o que eu te disse. Eu não estou do lado da *Oldman Stinks*, o que estou a fazer é estratégia para ganhar a sua confiança e dar informações à Polícia que permitam desferir um golpe no que mais lhes dói, que é o dinheiro. Não poderá ser um golpe muito grande, porque a organização é vasta, é feroz e tem pessoas inteligentes ao seu serviço. Não muitas, mas algumas terá. E depois, Agente Husky, diga-me quem é que pode ser um bom polícia se nunca tiver cometido crimes? Como é que se pode ser um santo sem nunca ter pecado? Como é que se pode ser veterinário ou médico sem nunca ter morto e dissecado um lagarto ou um sapo ou...?

O outro (nessa altura eu era o outro) ia-lhe responder que se pode perfeitamente ser juiz sem nunca ter saltado a vedação e furtado as laranjas do vizinho e, se tivesse tempo, ainda diria que espreitar pelo buraco da fechadura da casa de banho da vizinha não dá direito a atirar pedradas, mas só conseguiu encaixar duas sílabas:

- Não me...

- Conhecer o inimigo é meia batalha ganha.

- Seja o que for que andas a ler não me convences.

- É indiferente, António. Quero ser polícia, mas não como tu. Quero ser dos daqui, dos de bairro, dos que salvam vítimas e criminosos, dos que salvam gatos empoleirados nos ramos mais altos das árvores. A COSMOPOL não é para mim. Só preciso de começar em grande para que me deixem fazer coisas pequenas como eu gosto.

- Então... Mas, Rodrigo, como descobriste que eu era, ou melhor, sou o Agente Husky da COS...?

- Porque todos sonhamos. Todos temos as nossas noites, que são nossas apenas, muito nossas. Os alçapões quando se abrem ficam abertos. Quem quiser passar, passa. Eu passei e uma vez, por simples curiosidade, virei à direita em vez de seguir para a *Oldman Stinks*. Tive uma longa conversa com o polícia que vigia a fronteira entre o lado de cá e o lado de lá enquanto faz palavras cruzadas. Uma conversa sobre o vício e a virtude, a origem do chá das cinco, o Golfo Pérsico e a Parte Geral do Código Penal. Foi ele que me apresentou a jovem Belisanda dos cabelos ruivos e dos altos peitos que definhava por falta de um Polícia Andante que a tivesse por dona e senhora e proclamasse a sua beleza em torneios de xadrez. E foi ela quem me disse que o meu verdadeiro nome era Amadis de Gaula, o Cavaleiro sem Mácula e sem Pavor.

- Percebo. Quero dizer, não percebo mas tanto faz. Porque é que?...

- É o seguinte. Sei como é que poderás recapturar o Minotauro e salvar Mr.Trollope. Escuta-me bem, porque as ideias oficialmente serão tuas e se disseres que fui eu que tas soprei, eu nego. E com o teu ar taciturno e as tuas sobrancelhas, quem é que vai acreditar em ti?

Era tudo simples e forte como tu. O Minotauro precisava dos petróleos consagrados e eles não nasciam da terra, havia muito trabalho artesanal pelo meio. A provisão que lhe fora destinada para a consagração depois da festa fora já gasta com outro traficante de vítimas da guerra que ganhara o suficiente para se tornar banqueiro também, mas numa dimensão menos vigiada. *Oldman Stinks* precisava de queimar os últimos exemplares escondidos de “The Way We Live Now” para eliminar de vez a perigosa Mrs.Hurtle e fazê-la menos lembrada do que o defunto Nabucodonosor. Então era a hora de Husky e *partenaire* respectiva fazerem a sua aparição de enviados da indesejada Providência, e com a cobertura de todos os poderes da COSMOPOL, científicos e morais, desfazerem o mal feito.

Fizeste um shhhhht a exigir silêncio. Só depois é que ouvi passos no corredor. Saltos altos em hora de pantufas. Deitámo-nos imediatamente, em postura de cavaleiro adormecido com a espada entre mãos e um cachorro aos pés, tudo feito de imobilidade. A porta entreabriu-se de mansinho e um foco de luz percorreu o quarto. Não era o vigilante, era a governanta em pessoa. Vestia de negro, a condizer com os olhos, e parecia ter regressado há pouco de uma festa para acabar em beleza com as últimas reservas de *Möet et Chandon* e de camarão tigre. O que Hitchcock chamaria “comer as provas” – a

perna de carneiro congelada era a arma do crime, e fora assada, com batatinhas, e servida aos polícias que a procuravam.

Experimentou a janela e, mais tranquilizada, voltou a fechar a porta e os saltos altos afastaram-se e desceram as escadas. Ainda deu para ouvir no meio do silêncio “Isto é demasiado café para mim”.

- Festa privada? Missa negra?

- Disparate. Foi jantar com o advogado e depois foram ao cinema. Ele gosta de vê-la de preto. – esclareceu Rodrigo, com toda a sua nova autoridade de polícia bem informado. – Foi uma carta anónima que ela recebeu a dizer que se passam coisas estranhas na Casa dos Rapazes da Rua, e que no nosso quarto reúne-se todas as noites uma célula de radicais livres com a missão de radicalizar todos os Rapazes da Rua e chegar ainda mais além. Às próprias raparigas, ao que parece.

- E quando é que nós nos radicalizámos?

- A carta não diz. Parece que já nascemos assim.

- ****-se.!

- Exactamente. E ainda pus na carta quais os locais onde o Gordo e o Mandarin escondem a droga que não cheguei a destruir. Ontem à noite, antes do jantar, estive cá a Polícia, com um mandado, apreenderam heroína e haxixe, parece que a cocaína é só para intelectuais, e notificaram o Gordo e o Mandarin para comparecer amanhã no Tribunal de Família e Menores. São malvados e um perigo para a humanidade, mas, lá está, são menores. Até aos 16 anos, legalmente não podem cometer crimes. O que se aplica só ao Mandarin. O Gordo já tem 16 anos e arrisca-se a uma surpresa.

- Quem é que escreveu a carta?

- Fui eu. Dá para perceber, não dá?

- Porque...

- Se alguém ligado à grande criminalidade nos conseguir encontrar o rasto, e vier com essa história histórica e pretérita de sermos terroristas para nos conseguir deitar a mão sem mais formalidades, “Segurança Nacional, minha senhora”, teremos a Governanta do nosso lado e a vomitar sinónimos para a palavra “paranóia”, o que não é fácil.

- Jibóia?

- Rima, mas não é sinónimo.

(Não sei porquê tanta má-vontade para com as cacofonias – ma-mas. Basta falar para errar. Quem não fala não erra. De castigo, a próxima frase vai começar por “não sei”).

- Não sei se terá sido boa ideia, mas tu saberás melhor que eu. Tenho uma dúvida. Não é bem uma dúvida, é mais uma pergunta.

- Qual? O quê?

- Como é que te chamas na tua outra vida secreta, por exemplo quando foste a “Cá se fazem, cá se pagam” libertar o Minotauro?

- Creio que já te disse que... Percebo, é um truque elementar da investigação, insistir, insistir sempre até que o suspeito se contradiga. Sou Amadis de Gaula, filho de um grande de Castela e de uma arrumadora do cinema Royal em Paris que aparece num quadro de Edward Hopper à beira de uma crise de lágrimas. O crime precisa de gente respeitável ao seu serviço. Noutras dimensões tenho o poder de aparecer e desaparecer, mudar de corpo, e consigo fazer desabar um castelo de cartas em menos de um centésimo de segundo. Eu disse desabar? Queria dizer “construir”. E consigo que acreditem nas minhas maiores mentiras ou que acreditem que me estão a ver quando eu não estou lá. A fé tem destas coisas – o seu lado bom que leva ao Paraíso, e o lado mau, que é o de engolir qualquer intrujice de banqueiro e dos seus políticos amestrados.

- Rodrigo, achas que deveríamos ter conversas destas aos treze anos?

- Acho. Vai dormir que amanhã terás todo o mundo livre para salvar. Mrs.Hurtle é outro problema, e nas coisas do amor não dou opinião. Ainda só tenho treze anos e não uso óculos.

Ficavam perguntas por responder, como por exemplo a marca e o modelo da nave em que te deslocavas para mudar de dimensão, ou quem é que te dava boleia, Belisanda já teria carta de pesados?, mas o sono foi mais forte e só acordei a horas do chuveiro matinal.

Um dia de rotina, cópia imperfeita de outros dias, feito de pequeno almoço, aulas, almoço, aulas, e o regresso à Casa dos Rapazes da Rua, com os pequenos nada que distinguem o dia de hoje do dia de ontem, porque o dia de amanhã não entra nas contas.

Magda, a Governanta, estava em casa, caminhando agitadamente com um frasco de calmantes na mão e seguida a curta distância pela cozinheira e pela empregada de quartos.

- É café a mais. É café a mais para mim. Já não aguento.

- Tenha calma – pedia uma.

Parecia um soldado que nada podia fazer por um companheiro atingido que se retorcia com dores.

- A afligir-se é que não resolve nada.

A empregada de quartos era a única com soluções:

- Vá lá. Dê-me o frasco e vamos para o seu quarto.

A Governanta obedeceu, farta que já estava das responsabilidades do mando, e entraram as duas no quarto da primeira.

O resto não presenciou. A empregada de quartos contou a Rodrigo que dera três comprimidos à Doutora Magda, com muita água, e a deixara na cama. Levava a caixa dos calmantes consigo e deixara-a numa gaveta de que só ela tinha a chave.

- Não a largam por causa dos cremes anti-rugas e do champanhe. E foi com boa intenção, foi para festas para angariar donativos de gente com dinheiro e que precisa de armar em bondosa. Agora não falo só do creme anti-rugas, falo do camarão tigre.

Rodrigo conquistara a sua confiança, por certo pela sensação de força tranquila que dele emanava.

- Se querem ser bons, porque é que não nos hão-de ajudar a nós que precisamos?

E enquanto Rodrigo a ajudava a colocar a loiça na máquina de lavar, ela concluiu o seu pensamento.

- Quanto ao resto, são daquelas pequenas coisinhas que toda a gente faz quando tem oportunidade. E as fraldas para incontinentes não eram para a mãe dela. Sei de muita menina que levou pacotes de fraldas para casa.

- Muitas meninas, Dona Rosa?

- Não, claro que não, era só para não citar o nome da cozinheira.

Vês?, exactamente como me contaste. Para saberes como na COSMOPOL todos temos boa memória. E se não tivéssemos, também não teríamos passado o estágio de iniciação, aquele que era destinado exclusivamente a iniciados e era por isso que começávamos a manhã com canto gregoriano. Estou a brincar, eram simples gargarejos com água e sal, que fazem bem à garganta.

- Passei há bocado pelo quarto dela e estava a dormir. Antes assim, ao menos não se preocupa.

Naquela noite, o Gordo e o Mandarin exibiam nódoas negras e o último tinha um olho inchado que o tornava ainda mais oriental. Mantinham-se a distância do mundo em seu redor, abismados para a televisão. Luís estudava ou, pelo menos, fingia estudar, como se o seu mundo fosse o das boas pessoas que acabam à frente de um Banco de Investimento. António e Rodrigo, ao invés, portaram-se como assaltantes desse Banco. Todos os seus gestos eram musculados e todas as suas atitudes se complementavam. Um começava a frase, o outro acabava-a. António comeu feijão verde ao jantar, Rodrigo comeu sopa de feijão e repetiu porque gostava de sopa de feijão e a cozinheira lera o “Oliver Twist” e vertera uma lágrima. António viu um filme em que os bandidos levavam a melhor à Polícia e acabavam por se reformar nas Caraíbas. Rodrigo leu um livro em que a Polícia apanhava os bandidos, mas a coisa não era fácil e, se não fosse um polícia incompreendido, porque tinha o hábito de dar grandes sovas aos delinquentes depois de devidamente algemados, se não fosse esse homem providencial nada teriam conseguido. António espreguiçou-se e Rodrigo disse que tinha sono. Levantámo-nos e ao passar pelo Mandarin, tu pisaste-lhe o pé que ele estendera para me fazer tropeçar, tal era a força do hábito.

- Oh, desculpa, foi sem querer.

O Mandarin buscou desesperadamente uma boa réplica, boa no sentido de coisa melhor que o simples “foda-se, ***** da *****!”, e, quando por fim a encontrou, já estávamos em segurança no nosso quarto.

- Dorme. E não te esqueças do plano B, que é melhor que o A.

- Rodrigo?

- Sim?

- Até amanhã Amadis, se é que isso é nome que se dê a uma criança...

António despertou e lá estava o alçapão aberto, a coar uma luz difusa de cor duvidosa, feita de 25% de azul da Prússia, 20% de verde

alface, 20% de rosa pálido, e o resto branco tipo cal da parede. Claro que feitos os cálculos a cor deixava de ser duvidosa. Só duvida quem sabe.

O polícia despreocupado que se sentava no tampo da secretária escreveu “Tejo” no lugar vertical de rio que desagua em Portugal com quatro letras, colocou as palavras cruzadas de lado e pegou no processo de um roubo por esticção perpetrado na Avenida dos Tijolos Amarelos. Levantou indolentemente o olhar para Husky.

- Estou de acordo com a última parte. Para duvidar há primeiro que saber. Agora, que feitos os cálculos deixe de haver dúvidas, quanto a isso, permita que discorde um humilde agente da Polícia de Fronteiras Entre o Sonho e a Realidade que desceu um dia à cidade e se vê agora na contingência de ter de contrariar Vossa Excelência.

- Humilde, Senhor Agente?

- É uma maneira de falar. Tenho muito orgulho na minha profissão. Mas, enfim, o que se passa comigo é que nunca alcanço uma certeza sem ficar com uma dúvida nova que antes não tinha.

- Parece evidente.

- Não tão evidente assim. Vá, vá, o mundo livre, lá fora, precisa de si.

O Inspector que já principiara a seguir em direcção à livraria, voltou atrás.

- Creio que já falou com um amigo meu, Rodrigo, também conhecido por Amadis de Gaula.

- Ah sim. Vícios e virtudes e coisas do género, uma conversa muito interessante, daquelas que levam os criminosos ao remorso eterno.

- Ah, estou a ver...

- Mas foi só quando chegámos ao chá das cinco que me apercebi do excelente polícia que ali estava, justamente o ideal para mais um Cavaleiro da Ordem da Polícia Andante, impropriamente chamada polícia de proximidade. Foi então que chamei a minha sobrinha Belisanda, que tem de memória as genealogias desde Melquisedeque, e foi ela que descobriu que ele era o famoso Amadis de Gaula, com direito a trono e tudo.

- Trono?

- Sim, mas ele disse: Trono para quê? Mais guerras civis? Não, obrigado. E logo eu, que sou republicano. Falem-me da Polícia Andante.

- Rodrigo, quero dizer, Amadis, é muito bom rapaz. Aqui entre nós, que somos polícias, digo-lhe que não poderão encontrar melhor. Adeus e desculpe o meu sorriso. Não consigo evitar, mesmo quando falo de coisas sérias como é o caso.

Enquanto esperava o “metro” na Azinhaga das Galhardas viu que os índios que não tinham sido abatidos estavam com um ar abatido, o ar de quem se levanta ainda de madrugada para apanhar o metro, depois o barco, depois a camioneta e que a todo o momento vai sucumbir ao peso da lancheira.

Porquê Santa Fé, quando o Far West também tinha reservas de pistoleiros como Abilene ou Sacramento? Sim, Abilene tinha mais cheiro a couro suado, pólvora e cavalos de muda, tudo rodeado por um aroma forte a whisky feito de muita fé e pouca caridade. Mas Santa Fé era católico e bonito, e tinha Mrs.Hurtle, a mais bela entre as belas. Até Mr.Trollope, londrino como era, escolhera a agência de Santa Fé para trabalhar. Talvez por a barba espessa lhe dar um ar de pioneiro, a chegar na nova caravana, Bíblia na mão esquerda, espingarda na outra. Se não vai a bem vai a mal. Há que meter todos esses índios em campos de refugiados na sua própria terra.

E, sem dar por isso, já lá estava, e Mrs.Hurtle esperava-o no cais.

- Pensaste num plano, jovem Husky, *dearest and sweetest one*?

Repeti o plano que Rodrigo me expusera.

- Mais ou menos o que eu pensei. Que extraordinário!

Husky sentiu remorsos por não poder dizer a verdade, que o plano até nem era seu, mas prometera e tinha de cumprir.

Mrs.Hurtle explicou:

Os santos óleos para ungir banqueiros nunca poderiam ser os óleos saudáveis da dieta mediterrânica, como o azeite, teriam de ser algo porco, mal-cheiroso e que deixasse nódoas indeléveis, como o petróleo, e era por isso que se falava em petróleos consagrados.

A verba veio depois, mas ao princípio era o petróleo. E para obter o seu domínio, a *Oldman Stinks* não recuara perante nada, e era por isso que em cada litro de gasolina havia sempre o equivalente a uma gota de sangue derramado. Depois, como na vida tudo se gasta, começou a rarear e os preços galoparam para o nível das raridades.

Na dimensão de “Vai andando que eu já lá vou ter” o petróleo circulava em naves de tamanho médio, protegidas por caças da era moderna, mais velozes que os da Polícia, isto se não contássemos

com os da COSMOPOL, que estava à frente em todas as frentes da luta contra o crime.

Extraía-se dos tanques 10 centilitros da camada que sobrenadava o petróleo reles, e que se chamava, em linguagem técnica, a flor do petróleo e era, portanto, mais cara.

Fechado o frasquinho de cristal de rocha, o mesmo era levado para as oficinas da *Oldman Stinks*, numa rua para peões no planeta “Comércio Tradicional”, onde só circulavam pessoas, presumia-se que eram pessoas apesar de vestidas de Marca Amarela. Sinistras, portanto.

Ali o conteúdo do frasquinho ia fazer companhia a outros que já tinham sido vazados para um recipiente maior, também de cristal de rocha, e, depois de hermeticamente fechado, era exposto ao luar durante um ano, contado de São Miguel a São Miguel. Após o que o recipiente era aberto e o seu conteúdo sujeito a destilações sucessivas, até restar um líquido com todas as cores do arco-íris menos o vermelho.

Até aqui tinha sido seguida à risca a receita da *Ars Magica* de Raymond Lull, tradução de Frei António Capristano da Silva, II Volume, páginas 422 a 501. Dispúnhamos, assim, de um líquido mágico, também chamado de “petróleo filosofal”, por ter a propriedade de transformar homens comuns ou até bois em autênticos banqueiros, imunes às leis dos homens. Bem, de alguns homens, devidamente subornados para o efeito. Homens que tinham por divisa “Legisla bem e olha para quem”.

Esse líquido filosofal era enfim levado para a Anti-Catedral da *Oldman Stinks*, onde era benzido e, mal soavam as últimas palavras da lengalenga maléfica, ficava a arder numa chama que nada podia extinguir, tipo chamas do Inferno. A não ser que o óleo se acabasse, porque então a chama extinguia-se. Não era assim tão generosa que ardesse de graça. Para funcionar tinha de ser devidamente oleada. Como o funcionário e o preço do seu empenhamento pessoal – o *bakchich*. Quando era preciso ungir alguém, o Anticristo de serviço mergulhava o dedo no óleo, sem que a chama o queimasse, e ungia como bem lhe parecia a testa ou qualquer outra parte do corpo, não sou esquisito, dizia ele.

O Anticristo não era Presidente do Conselho de Administração do Grupo Inferno, nem tão pouco era um apocalipse no sentido tempestuoso do termo, e muito menos uma seita. Era mais um estado de espírito, uma atitude de um por todos e todos contra Cristo, porque não gostavam mesmo nada de Cristo. Odiavam-No. Era gente

rancorosa que não podia perdoar ao Divino Mestre o ter partido as bancas dos vendedores, o que ainda era pior do que lhes ter ido aos cornos, como efectivamente foi.

No portal das Anti-Catedrais, como a da *Oldman Stinks*, tinham mesmo embutido, a letras de ouro (levavam era um banho de ouro, senão ficavam muito caras e o efeito era o mesmo), tinham embutido a máxima “No mercado não se toca”. Mas em letras mais rotundas, afeitas ao sagrado – **NO MERCADO NÃO SE TOCA**. Como se o mercado se comparasse a uma linda mulher coberta da cabeça aos pés por um marido ciumento.

O planeta “Comércio Tradicional” fora fechado ao trânsito, por motivo de obras urgentes de reparação das condutas de ar condicionado. Era um planeta muito quente no Verão e muito frio no Inverno e sem ar condicionado nem as pessoas nem as coisas funcionavam como devia ser. Por exemplo, o longo processo de transformação da flor de petróleo em petróleo filosofal ficava interrompido e era preciso começar tudo de novo.

Tratava-se de manobras de bastidor da COSMOPOL, e que eram o princípio de execução do plano de Rodrigo que Husky subscrevia agora como seu, a pedido do verdadeiro autor que preferia ficar estrategicamente na sombra. Visava criar uma situação de escassez de petróleos consagrados. Escassez que já era a completa ausência nos mercados. Acabou-se. O último que tínhamos vendemos na semana passada. Estamos a aguardar uma nova remessa, talvez para a semana, mas não é garantido. Vá passando por cá ou deixe o seu contacto. Vou pô-lo em lista de espera. É favor aguardar.

Pensava-se num bom nome para dar à operação, mas os bons já estavam todos tomados – Primavera Adiada, Overlord, Marquês. Husky também recebia direitos de autor desde a invasão da Sicília. Por enquanto, ficaria assim, sem nome. Até que a imaginação segredasse alguma coisa de inovador.

Por agora, nada entrava e nada saía de “Comércio Tradicional”. Qualquer tentativa de contrabando era prontamente reprimida com cadeados colocados nas rodas das naves que se faziam à pista para descolar clandestinamente, o que poderia funcionar com outra Polícia mas que nunca funcionaria com a COSMOPOL que se fazia de parva só para despistar.

O que ela não podia permitir e nunca permitiria era que o delinquente Minotauro escapasse com todos os privilégios privativos da banca privada.

Husky lambia com o olhar o rosto formoso da sua *partenaire*, como se se tratasse do único sol que alumiaava o seu dia. Mrs.Hurtle absteve-se de comentários e não registou qualquer subida de grau na escala da sua fúria.

“Sempre teremos Lowestoft.”

“Ouve, Husky, esquece, não se passou nada em Lowestoft. Rigorosamente nada.”

A voz de Mrs.Hurtle era tão doce como chocolate com recheio de morango e os seus pensamentos eram suaves e deslizavam facilmente. Como as suas meias pretas.

O jovem agente da COSMOPOL sentiu a garganta a secar-se-lhe quando expôs à sua grande *partenaire* o que tencionava fazer com “The Way We Live Now”. Não, só Mr.Trollope poderia alterar-lhe o final. Porque o seu plano nada tinha a ver nem com o enredo nem com o estilo. E, para mais, o seu inglês, dele, Husky, não era suficientemente bom para se meter em tais cavalarias.

Mrs.Hurtle foi peremptória – Não me digas nada. Não quero saber de nada. Quero que me surpreendas. E crês que é possível surpreender-me, a mim?, que percorri o Far West de chicote na mão, fixei-me em San Francisco, na Califórnia, e atravessei de novo todo o continente e cruzei o Atlântico sem nenhuma explicação lógica para tal, a não ser as inexplicáveis coisas do amor?

E foi ainda mais peremptória quando disse que não podemos ir vestidos de agentes da COSMOPOL para Betelgeuse e depois virar para o Torreão Norte do Forte de São Tiago, no meio do maior lago artificial da galáxia e onde nenhum peixe sobrevive. Teremos de nos apresentar à porta das fortificações em trajes neutros, que não dêem nas vistas, tu de moço de forçado e eu de rapariguinha dos cigarros, com o tabuleiro preso ao pescoço. Serve para pôr uma garrafinha de petróleo falsamente filosofal..., não, petróleo filosofal de mentira..., não petróleo filosofal contrafeito..., ajuda-me, Husky!...

- Petróleo não consagrado?

- Também não. Meu Deus, como estas questões de língua são difíceis. Enfim, levo uma garrafinha do coiso e tal. Pronto, de petróleo não passa. E alguns exemplares de “The Way We Live Now”, em sinal de boa fé, só para eles terem alguma coisa para queimar, e assim já gozam. Que entregamos o material em troca de Mr.Trollope.

- *My pet*, eles nunca irão devolver Mr.Trollope.

- Já sei que não.

- Metem-nos dentro da fortaleza e já não nos deixam sair. Não há volta a dar-lhe. Isto é a sério. Isto é cinema.

- É o que me parece.

- Querem eliminar-te de vez do imaginário da COSMOPOL. Porque têm medo de ti. Mas não conseguirão eliminar-te porque... depois saberás, se é que não adivinhaste já.

- Não me contes o fim. Adoro surpresas.

Foi vestido de moço de forcado do Grupo de Forcados do Aposento da Moita que tomei os comandos do Mobilis 3000. A meu lado tinha a rapariguinha dos cigarros mais provocante da banda desenhada, com meias de rede e lábios mais vermelhos que morangos esborrachados, mas isso não iria influir na minha condução.

Mrs.Hurtle falou para a sede da COSMOPOL na frequência super-segura de 20 ciclos que lhe alterava automaticamente as palavras e a voz:

- Atenção, aqui Posto de Comando da Operação Óleo de Rosas. Comuniquem assim que se encontrarem nas posições intermédias.

- És formidável para nomes. Óleo de Rosas é como se fosse o teu perfume.

Ela era oficialmente a minha *partenaire*, mas a verdade é que era muito mais experiente e muito mais arrojada do que eu e neste caso, como era natural, era ela quem comandava, até porque era um dos principais interessados. Era a sua própria sobrevivência como personagem de ficção que estava em causa.

Não houve a luz da mudança porque Betelgeuse ficava em “A sua chamada está em linha de espera. É favor aguardar”, e esses súbitos relâmpagos só ocorriam quando havia mudança de dimensão, o que não era o caso.

Simultaneamente, outras naves da COSMOPOL descolaram de vários pontos do Universo, com trajectórias pré-definidas para a libertação de Mr.Trollope, um dos seus mais antigos agentes que estava em perigo e que havia que salvar.

Começámos a receber comunicações áudio que diziam coisas interessantes como daria tudo por um bom pedaço de relva tenrinha, ou as cegonhas tiram o relógio ao amanhecer, ou desvia-te, que me estás a fazer cócegas com o veludo das tuas calças.

- Estão nas posições intermédias. Vamos.

Limitámo-nos a seguir em excesso de velocidade, vantagens de pertencer à COSMOPOL, e dali a nada, um pouco mais que nada e

um pouco menos que o aborrecimento, orbitávamos o planeta Malthus, onde se situava o maior lago artificial da galáxia a envolver o Forte de São Tiago, um reduto que o capitalismo reservara para os seus inimigos que, em princípio, era todo o género humano menos algumas excepções. Poucas.

14.

- Husky, porque é que estás sempre a sorrir?
- Porque sou feliz?

- Não. É verdade que és feliz, se não és parece, mas creio que se trata dos teus músculos faciais que encravaram na primeira vez em que sorriste.

O Mobilis 3000 pousara num relvado, mesmo à beira do maior lago artificial da galáxia. Ao longe, envolta em brumas, a silhueta sinistra do Forte de São Tiago enclausurava os homens e mulheres que tinham descoberto o que era inegável – que o capitalismo era uma invenção diabólica e que só funcionava por apelar aos piores instintos do indivíduo, que eram mais leves e vinham por isso logo ao de cima.

Aproximava-se um barco que sulcava ultra-veloz as águas gelatinosas do lago, praticamente sem lhe roçar a superfície. Helicópteros pairavam a algumas dezenas de metros, eriçados de canos reluzentes que deveriam ser armas.

Nós aguardávamos, de braços em cruz, em sinal de que não trazíamos armas, só presentes.

Dos helicópteros jorrou uma voz *off*, cava, a rilhar o dente.

- Identifiquem-se. Nome, idade, profissão, motivo da visita. Por esta ordem.

Achei que devia ser o primeiro.

- Husky. 16 anos. Grande mágico.

- Mágico? Não é da Polícia?

- Ah, sabe, Mágico, Polícia, é tudo um preciosismo. Já ninguém distingue. O motivo da visita é trocar uma embalagem de petróleo filosofal e 20 exemplares de “The Way We Live Now”, edição de bolso, porque se não o peso era demasiado, por Mr.Trollope. Mr.Trollope, sabe quem é? O senhor de barbas que está, decerto por um engano perfeitamente desculpável, preso no Torreão Norte deste simpático Forte.

- Próximo – rosnou a voz cava.

Mrs.Hurtle adiantou-se.

- Winifred Hurtle, 29 anos...

- 29 anos, Mrs.Hurtle?

- 33 anos. É isso, 33 anos. Tenho de fazer uma actualização dos ficheiros. Profissão – mundo do espectáculo, principalmente intervalos.

- Espectáculo? Não será antes Polícia, Mrs.Hurtle?

- Polícia, eu? Pode ser. Nunca me vi a mim própria como Polícia, mas é como o senhor diz. Pode muito bem ser. Espectáculo,

Polícia, agora, nestes tempos de tolerância, a confusão é normal e desculpável. Motivo da visita – trocar Mr.Trollope pelo frasco de petróleo filosofal, em puro cristal de rocha, e pelos 20 exemplares de “The Way We Live Now”, edição de bolso, que aqui lhes trago para os fins que tiverem por mais convenientes e que não faço a mínima ideia quais sejam.

- Chega – trovejou a voz invisível. – Entrem para o barco.

Um dos barcos atracara junto de nós e era o que nos iria levar para o interior da Fortaleza, a não ser que optassem pelo método expedito de ficarem com o tabuleiro de Mrs.Hurtle e atirarem-nos para as profundezas do lago gelatinoso. O que era uma ideia péssima, bastava pensar nas penas previstas para quem eliminasse um agente da COSMOPOL, uma Polícia que não andava armada a não ser com armas puramente ornamentais, como a espada de Mrs.Hurtle, que lhe dava um ar provocante de mosqueteira do Rei e que, portanto, não passava de mais um dos seus muitos instrumentos de sedução.

A mulher que eu vira nua, em Lowestoft, sentada de costas para mim, ainda com as marcas da serra na cintura, porque fora teimosa e dispensara a contorcionista, colocou o pé no barco e desceu para o convés, equilibrando o tabuleiro como se estivéssemos já no intervalo e ela fosse vender cigarros, charutos, e fósforos para quem não tivesse isqueiro. Eu entrei logo a seguir e expliquei à tripulação, de que só um é que estava à vista.

- Sabem, é tudo por causa do petróleo filosofal. Vem num cristal de rocha de tal maneira sensível que qualquer ligeiro tremor ou desequilíbrio o parte em mil pedacinhos e adeus filosofia, adeus petróleo. Por sorte Mrs.Hurtle tem um grande domínio de mãos. Dava para dez neurocirurgias e ainda sobrava. Agora reparo. Pelo amor de Deus, espero que o motor do barco não vibre. Era uma longa viagem para nada.

O marinheiro visível foi lá dentro, à cabina, e demorou-se até o barco, depois de uma viagem sobre um leito de algodão, ficar amarrado ao ancoradouro do Forte de São Tiago. Convidou-nos a sair e foi à frente, a indicar o caminho.

Entrava-se por um corredor que parecia não ter fim e só quando desembocámos num pátio interior é que vi sentinelas, com uniformes copiados do Martírio de São Sebastião. Havia fantasmas. Franco e Salazar apareceram inesperadamente e deslocaram-se da esquerda para a direita, desaparecendo de imediato. Para todos os efeitos é como se aquela cimeira ibérica nunca tivesse existido.

Estacámos no pátio interior e eu informei o Chefe dos Guardas, que se apressara a vir ao nosso encontro,

- Há fantasmas por aqui...
- É verdade, não o posso negar...

O que chamava a atenção no Chefe dos Guardas era a sua masculinidade rebarbativa, ou seja, de uma barba tão densa que lhe deixava o queixo negro, mesmo depois de escanhado.

- Não vamos mais adiante. O lugar é mal frequentado. Tragamos Mr.Trollope e, em troca, entregar-lhe, a si pessoalmente ou a outra pessoa à sua escolha, o salvo-conduto para que Sua Excelência o Sr.Minotauro possa regressar a Donde-Eles-Vieram sem ser detido nem incomodado por qualquer forma. Mais entregaremos os santos petróleos e os exemplares do livro proibido.

O Chefe dos Guardas, que vestia André Courrèges quando este já não estava em estado de se vestir a si próprio, sorriu com irritante superioridade.

- Não está em posição para dar ordens. Está no Forte de São Tiago e aqui em frente é o Torreão Norte.

Husky fez-lhe sinal para que se afastassem para um canto mais tranquilo onde mais ninguém o ouvisse.

- Há uma coisa que precisa de saber, apesar de se tratar de um segredo rigorosamente guardado de pais para filhos, mas o senhor, não sei porquê, acho-lhe cara de boa pessoa e creio que posso confiar em si. Mrs.Hurtle, não parece, mas é muito nervosa. Se a contrariam, toda ela treme de raiva. Nervos e raiva. E nem quero pensar no que possa acontecer aos santos petróleos, de que não existem mais reservas disponíveis no mercado desde que se iniciaram as obras no ar condicionado do “Comércio Tradicional”.

O Chefe dos Guardas franziu a testa e Mrs.Hurtle, de longe, teve a sensação de que avistara o seu ex-marido. A antipatia tornou-se em ódio e o ódio desceu logo para a indiferença. A COSMOPOL não odiava.

- Bom, que não seja por isso. Vou já mandar buscar Mr.Trollope. Querem entrar, e tomar algo?

- Agradeço à mesma, mas vou ficar aqui com Mrs.Hurtle. O ar livre... Não há nada como o ar livre, principalmente numa prisão.

- Isto não é uma prisão.
- Muito obrigado.

Ficámos sós e eu fiz à minha *partenaire* o gesto de calma, calma, por amor de Deus não te enerves. Para as câmaras de televisão registarem. Depois, passei de um lado para outro, de mãos atrás das costas, como pessoa despreocupada mas nem por isso desatenta ao que se passa atrás das suas costas.

A porta do Torreão abriu-se e saiu Mr.Trollope, cerrando os olhos à luz do sol enquanto colocava os óculos que um dos guardas acabara de lhe devolver. A barba estava intacta, talvez ainda mais farfalhada. Quando por fim nos viu, fez o sorriso de receber visitas de amigos e ter anedotas novas para lhes contar.

Estavam por fim todos reunidos, Husky e Mr.Trollope de um lado, Mrs.Hurtle do outro, o Chefe dos Guardas no meio. A mais bela das *partenaires* estendeu-lhe vagarosamente o tabuleiro e o Chefe tomou delicadamente nas mãos o frasquinho de cristal de rocha e cheirou o seu conteúdo.

- Parece petróleo – disse.

- Exactamente – confirmou Husky. – Pré-consagrado. Como sabe, falta a cerimónia final em que o Anticristo profere a bênção maldita... ou maldição, não é?... a maldição que põe o óleo a arder. Mas isso já terá de ser na Anti-Catedral da *Oldman Stinks*. Como sabe. Eu nem lhe devia estar a dizer estas coisas que são do conhecimento geral. Até parece que lhe estou a chamar estúpido. Se pensou isso, desculpe. Foi sem qualquer intenção.

O Chefe dos Guardas passou o frasco para as mãos de outro Guarda e colecionou na mão esquerda os exemplares de “The Way We Live Now” e o salvo-conduto que permitia ao Minotauro viajar livremente até Donde-Eles-Vieram. Fez-se uma pausa. Devia ter de reserva uma surpresa desagradável ao preso e aos visitantes. Agora era a sério. Era cinema.

Foi quando o céu, que até aí estivera limpo, se coalhou de pontos negros que se avolumaram de forma quase explosiva, e de onde brotaram três raios de cor esverdeada que vieram incidir de forma cirúrgica em Mr.Trollope, Mrs.Hurtle e o jovem Husky, e os sugaram de imediato, com espantosa voracidade.

- Um raio tractor? – espantou-se o Chefe dos Guardas, olhando o céu onde as estruturas tinham aparecido e desaparecido. – Mas se ainda não foram inventados!...

- Não sei, Chefe – disse um dos Guardas. – A realidade é sempre mais espantosa que a ficção. A certeza de uma coisa não existir passa com um bom susto. Só há duas coisas inevitáveis na vida – o tempo e o modo.

- Almeida, vai levar na peida.

Embarcados na flotilha da COSMOPOL, Mrs.Hurtle retomou o comando da Operação Óleo de Rosas. Não podia entrar em contacto com o grupo expedicionário que se tinha dirigido de surpresa às instalações inexpugnáveis do Clube Liberal, em *Civil War is Cheaper*. Estavam incomunicáveis, o que se compreende por se tratar de uma operação clandestina. Oficialmente não existia qualquer contencioso entre a *Oldman Stinks* e a COSMOPOL. A verdade consistia numa luta de morte, mas sem ódios por parte da Polícia. A COSMOPOL fora feita para o amor. Não sabia odiar.

A minha *partenaire* chamou a sede, na tal aldeia galesa de nome impronunciável por ingleses normais e que eram cinco no último recenseamento. Cinco ingleses normais, o que parece muito mas não é. Três deles tinham envergonhado o seu País na categoria de Primeiros-Ministros, porque se prestavam a serviços especiais a qualquer preço e passasse o que passasse, até se ofereciam para o que fosse preciso e para o que desse e viesse, *whatever*. O Parlamento lembrava – O Governo de Sua Majestade não é uma agência de acompanhantes.

A divagação era inevitável quando se olhava para Mrs.Hurtle. Aconteceu ao jovem Husky olhá-la, recordá-la a tirar as meias pretas, e pensar em poemas como *Le Bateau Ivre* de Rimbaud, e ir por ali abaixo, passando por *Mon coeur languit d'une langue monotone*, e aí já era a Canção do Outono de Verlaine e o Dia D, até chegar a coisas díspares como a manobra das Ardenas, a passagem do testemunho do Reino Unido para os Estados Unidos, daqui em diante és tu quem vai mandar no mundo, a extraordinária beleza de Mrs.Hurtle, a cotação do cacau, a sinalização das ruas e o problema da solidão.

A divagar não se vai longe.

A resposta veio do País de Gales, em Inglês da BBC. O Corpo Expedicionário da COSMOPOL infiltrara-se nas grossas paredes do Clube Liberal, aproveitando um dos fenómenos quânticos menos conhecidos, o efeito Luís Pereira da Silva, nome do seu incógnito descobridor, que cedera gratuitamente a descoberta em troca de “quando eu for de férias importam-se de, uma vez por outra, passarem cá por casa para ver se está tudo bem?...”

Em que consistia?

Bem, é complicado e eu tive de ir à casa de banho justamente quando, na Temporada VI, episódio 27º. do Curso Normal, iam começar a dar o efeito Luís Pereira da Silva. Assim, o meu conhecimento é mais ou menos em diagonal ou, para ser ainda mais

concreto, fiquei com uma pálida ideia do que era. Eu, abaixo assinado, declaro desconhecer na totalidade em que consiste o efeito Luís Pereira da Silva.

O certo é que o fenómeno quântico em causa, que também explicava os fantasmas, permitia atravessar quaisquer paredes sem deixar buracos, manchas ou quaisquer outros vestígios.

Foi assim que a *navette* da Nave-Mãe penetrou sem autorização no quarto onde se acoitava Sua Excelência o Sr.Minotauro que, nesse momento, encomendava uma virgem para o pequeno-almoço.

- Estou-me a acostumar à vida pura, tranquila e sem responsabilidades de um banqueiro. Um momento, parece que estão a bater.

Era o sargento que comandava a *navette*, um jovem chamado Teseu, que se materializara com um taco de golfe na mão e que desferira um violento golpe nos cornos do touro, que só era homem do pescoço para baixo. Mais dois, por uma questão de segurança. Mais três por uma questão de nunca se sabe qual a dose de anestésico adequada a lidar um touro de raça barrosã e banqueira.

Abandonaram o Clube Liberal e só dali a 5 minutos, quando batia à porta o Mordomo, empurrando a mesa de rodas do pequeno-almoço, com a virgem sentada, uma perna cruzada e outra pendente, é que se aperceberam de que o ilustre hóspede já não se encontrava entre eles.

- Foi sequestrado pela COSMOPOL. Malditos. Vão pagá-las.

Entretanto, estávamos já em “Cá se fazem, cá se pagam”, no planeta Sete Ais, para acompanharmos esta fase, em que o Minotauro iria ser apresentado ao Super-Juiz, e em que a Procuradora utilizou o anterior despacho para fazer um novo, a que só acrescentou o crime de evasão verificado naquele mesmo Tribunal. Mandou também extrair certidões para investigação do crime de consumo de virgens ao pequeno almoço.

Entretanto, a *Oldman Stinks* dava entrada de uma queixa contra a COSMOPOL por busca domiciliária ilegal, violação de domicílio qualificada e rapto. Teve o cuidado de dar entrada das participações num planeta artificial de uma dimensão sub-desenvolvida que só era visitada pelo carteiro uma vez ao ano quando muito, e isso fora ontem. Assim, poderia arguir a falta de promoção processual por parte do Ministério Público. Ninguém disse que a *Oldman Stinks* era inteligente, mas ninguém negou que era muito esperta, daquela esperteza também chamada saloia, porque os saloios, e ao contrário do que certa imprensa insinua, os saloios são muito espertos e têm um talento inato para o negócio.

O Escrivão-Adjunto passou a correr por nós e recomendou que víssemos o canal 221, das Inter-Notícias.

Estávamos, eu, Mrs.Hurtle, Mr.Trollope, e outros agentes da COSMOPOL, na sala das testemunhas, desta vez era impossível a fuga do Minotauro, tanto quanto as certezas são possíveis. Um dos Inspectores ligou o canal 221 e viam-se, tiradas de diversas dimensões e de diversas galáxias, as imagens de grossas nuvens de fumo.

- Incêndios.

Mrs.Hurtle empalideceu.

- Estão a queimar todas as edições que se fizeram de “The Way We Live Now”. Parece que os 20 livros que lhes fomos levar eram os únicos que faltavam para completar a fogueira.

15.

- Husky, porque é que estás sempre a sorrir?

- *My pet*, já sabes, é a minha cara. Eu sou assim, não posso evitá-lo.

- Não te dás conta que daqui a nada vou desaparecer para sempre e nunca mais me verás, nem em Lowestoft nem nunca mais

em lado nenhum? Nada. Serei nada para ti. Serei um espaço em branco nas tuas memórias. É isso o que vou ser de aqui em diante.

Fez uma pausa.

- Esquece. A tragédia não é a minha especialidade e a canção realista é um pouco a tirar para o ordinareco.

- Posso-te beijar, *my sweet and darling pet*?

- O último cigarro do condenado? Podes.

Seguiram por corredores onde ninguém costumava passar mas hoje vinha alguém das compras – Então como passa, Dona Graça?

Encontraram um canto onde ninguém passava mais que uma vez ao dia e onde em tempos existira uma máquina automática de sumos e agora nada havia. Se passasse um navegador português, diria de imediato “Cá nada há” e seguir-se-ia o nascimento de um País.

Estreitaram-se num beijo apertado e sem fim.

- Amo-te – disse eu, aproveitando um intervalo. – E mesmo que o amor não tivesse o efeito que o jovem médico interno descobriu de, unicamente pelo seu poder, tornar imorredoiras as personagens de ficção, o que é a minha mais firme convicção, ainda haveria outra salvaguarda. Não imaginas qual seja?

- Espero que o amor chegue para me tornar definitivamente palpável. Mas se não chegar, não me ocorre mais nada. Sim, ocorre, mas é tão deprimente que dá vontade de chorar. Sabes?, as personagens de ficção que sacam do chicote não podem ser sepultadas em terra consagrada, estão catalogadas como “torcionários públicos, homicidas teleguiados, suicidas e equiparados”. É injusto, é o que é, porque sou uma guerreira mas nunca matei, a minha pontaria é tão boa que dá para escolher a parte do corpo do adversário.

- Como quando se vai ao talho... - comentou o jovem Inspector, que depois sentiu como são tolas as graças feitas para amenizar a tensão.

- Ainda bem que estas coisas não te fazem perder nem o sorriso nem o bom humor – e havia um ressentimento moderado nas palavras de Mrs.Hurtle, vizinho da decepção mas insuficiente para criar um ciclone em volta de quem falava.

Husky hesitou. Só um instante. Não era correcto fazer *suspense* quando alguém tremia pela sua vida, alguém que era tão extraordinariamente forte mas que também tinha os seus momentos de fraqueza como qualquer pessoa da vida normal e corrente de todos os dias.

- Amor, podem destruir todas as edições do livro, mas o original, com todas as provas, emendas e notas à margem, está no cofre do Autor. E, como se isso não bastasse, o Autor, ele próprio, está aqui, está vivo, e foi ele quem te criou. Estás na sua cabeça e no seu coração. Não podes desaparecer e é tudo. Ficarás, para todo o sempre, e se é que o “sempre” existe, ficarás sempre no meio de nós.

O rosto da bela americana iluminou-se.

- Que inteligente tu és, jovem Husky. Desculpa todos os maus pensamentos que tive a respeito da tua inteligência.

- Sem problema.

- Pensava, às vezes – Não é lá muito inteligente. Como é que conseguiu ser Agente da COSMOPOL? Um golpe de vento que desarrumou os papéis? Um padrinho que actua na sombra mas nem por isso esquece os afilhados?

- E eu pensava – como é que uma mulher tão bela e tão inteligente, tão acima de tudo o que posso imaginar, é apenas a minha *partenaire*?

- Porque davas cabo dos joelhos em pouco tempo.

- Tem graça. Agora mesmo ia eu dizer que a minha vontade era passar a vida a teus pés.

- Vês?

- Vamos saber do Minotauro?

- Vamos.

Regressaram à parte mais iluminada da sala de testemunhas. O Minotauro aguardava nas celas da sub-cave do TICÃO, enquanto lhe era nomeado um Defensor Oficioso, porque o arguido se queixava de que era tão pobre, mas mesmo tão pobre, que não dispunha de meios para pagar a um advogado mal constituído. Falava de cornos em baixo, como convinha à sua condição de vítima inocente de uma conspiração indecente.

- Isto ainda vai demorar. E se fôssemos lá fora, passear no jardim, ver as montras, essas coisas que se fazem só para estarmos juntos e não falarmos com mais ninguém?

Os jardins de Sete Ais tinham sido mandados construir por um nobre do século XVIII que se deixara fascinar pelas viagens e pelas plantas exóticas, o marquês de Linné, vagamente aparentado com um médico sueco que dava aulas na Universidade de Uppsala, e Botânica e Medicina relacionavam-se entre si, daí o interesse comum por coisas verdes. Abundavam as plantas tropicais e as tabuletas com a

designação vulgar e o nome em Latim, que terminava invariavelmente com o L de Linné. O marquês queria ser lembrado, o que é natural. Todos, de um modo ou doutro, aspiramos à vida eterna.

Seguiam por caminhos de saibro, traçados a régua e esquadro, entre canteiros. Davam as mãos quando ninguém os via. Quando alguém passava, jardineiro ou transeunte desocupado, caminhavam indiferentes, mentindo a si próprios e ao mundo. Não era por vergonha, era porque não queriam causar a sensação de estranheza que pode ficar registado em arquivos para todo o sempre – ela, morena, grande, majestosa, com o seu quê de sedutora tenebrosa; ele, um Husky siberiano de sorriso constante. Não poderiam ser mais diferentes.

Detiveram-se à beira de um lago que não era o maior lago artificial da galáxia, mas era de água transparente e fluida. Viam-se as carpas que descendiam em linha recta das trazidas pelo marquês no século XVIII e que se aproximavam de goelas abertas em O quando se apercebiam de visitantes. Gritavam “comida” em língua de carpa e o visitante, depois de ler a tabuleta que dizia em língua universal “Por favor, NÃO ALIMENTE OS ANIMAIS, SUA BESTA!”, atirava-lhes bocadinhos de pão com fiambre para desafrontar a sua honra e porque também não era ele quem iria comer aquelas carpas. Nunca vira “caldeirada de carpa” no menu dos restaurantes.

Sentaram-se e falaram um pouco de coisas que mais ninguém logrou ouvir. Tinham criado um mundo só seu. Coisas do amor, que privatiza os mundos da ternura. Creio que falámos de futuro, mas a verdade é que estava desatento e o futuro não me preocupava. O futuro não tem de preocupar ninguém. E antes que eu comesse a divagar, Mrs.Hurtle pegou-me pelo braço e arrastou-me com ela para uma viagem de barco em que remámos até uma ilhota esquecida no meio do lago, cercada a toda a volta por um arvoredado propício ao jogo das escondidas. No centro, uma clareira onde nos deitámos de costas e nos perdemos no azul puríssimo da manhã. Deitado de costas, com Mrs.Hurtle a meu lado, olhando o céu, tinha a sensação de cair no infinito. Para travar a queda, virei-me um pouco e olhei-a nos olhos, frontalmente, e de novo caí, agora no negro profundo dos seus olhos, que me envolveram até me afogar no seu encanto.

- Nunca te poderia chamar Winnie. És demasiado bela para isso.

- Eu só te consigo chamar Husky, meu cachorrinho. Paul Montague perdeu-se no passado.

Não sei quando nos lembrámos que tínhamos fome, penso que foi numa altura em que senti no ar um cheirinho a arroz de tomate, pois foi nesse momento que regressámos ao barco e remámos de volta ao embarcadouro.

Quando saímos do jardim, reparei que

- Não vimos estátuas.

- É um jardim botânico. Só tem o busto do marquês, mas é no outro lado do jardim. Há que percorrê-lo todo para o encontrar.

- *My pet*, ia-te perguntar no outro dia, mas depois com a evasão do Minotauro e essas coisas todas... O que é que se passou no banquete em Donde-Eles-Vieram, quando se aperceberam de que o Minotauro não voltava?

Mrs.Hurtle, a minha guia e tutora no cavalheiresco mundo da polícia, contou o que lhe tinham contado os agentes da COSMOPOL que se tinham mantido na sala para que pelo menos um deles pudesse dizer “e só eu escapei para te poder trazer estas notícias”. Mas isso é quando as notícias são más, género pragas do Egipto ou desgraças de Job, o paciente. Quando as notícias são boas todos escapam. É a chamada história com final feliz.

O primeiro quarto de hora foi de tranquilidade absoluta, feita de conversas em voz baixa que eram perfeitamente inofensivas mesmo amplificadas. A primeira meia-hora também se passou bem, ora a ruminar ora a mastigar, porque nem todos eram bois. Beberam-se os vinhos mais raros e as iguarias que só virgens especiais conseguem confeccionar, e que portanto são extremamente caras, ao alcance de banqueiros e de poucos mais. Quando se passou uma hora, começaram a falar de temas filosóficos, de Turgot, de Necker e de Beckham, o que de per si já era muito mau sinal. Dá a meia-noite, a hora em que o Minotauro deveria ser sagrado banqueiro, e o marco de correio sem voltar. Então os agentes da COSMOPOL registaram as frases que deveriam ficar na História daquele dia.

“Parece que andam a gozar connosco.”

“Passa da meia-noite. Sua Excelência ainda não foi ungida. Logo, nunca irá gozar da imunidade conferida aos banqueiros. Logo, o que é que estamos aqui a fazer?”

“Figuras de parvo?” – sugeriu uma voz tímida, das que tinham sido relegadas para os extremos da mesa.

“Isso mesmo!” – apoiaram vozes que nunca em dias da sua vida teriam apoiado a mais pequena sugestão de rebeldia face ao que

fora Sua Excelência o Senhor Minotauro e agora era o Minotauro, e isto ainda era só o princípio.

Alguém sugeriu que isso de andarem às ordens de um boi barroso tinha de acabar. Um bocadinho de coluna vertebral não fica mal a ninguém. Antes pelo contrário. E assim se acendeu o rastilho para alguém descobrir em si o que nunca antes suspeitara, uma alma demagógica e um arrazoado bom para vender jogos de lençóis nas feiras. De copo em punho, cheio até meio com um Porto *vintage* de 1899, alguém subiu a sua corpulência para cima da toalha e gritou frases descoladas uma das outras, era o efeito de muito e bom vinho, mas cada um interpretou o texto a seu modo.

Em suma, antes mesmo de ter dito alguma coisa que lhe permitisse fazer resumos do que ainda não dissera, em suma, dizia ele, está aqui reunida a nata da sociedade de “Vai andando que eu já lá vou ter”, só nós somos a maioria da classe que tudo pode e tudo sabe, porque é que não nos constituímos em Assembleia Nacional?

“É da maneira que passamos a mandar nisto tudo.”

“Os negócios do Minotauro.”

“O sexo”

“A droga”

“O Rococó”

Os convidados iam-se levantando e trocando de lugar uns com os outros, para uns ficarem à direita e outros à esquerda, já que a esquerda é elitista por natureza e, por outro lado, o número de vagas na direita é sempre limitado. Iam já pensando em formar partidos e mais tarde eleger um Governo quando os nervos acalmassem um pouco. Pode viver-se perfeitamente sem Governo, mas não se dispensa o sumo de limão para tirar o cheiro a marisco que ficou agarrado às mãos.

Antes do mais, mas podia ficar para mais logo, havia que repartir entre si o património do Minotauro. Foram lançadas ideias para a mesa, algumas com tanta violência que estilhaçaram garrafas de um cristal boémio onde o vinho respirava a custo, abafado entre escandalosas carícias boémias. Podia ser um tanto por cabeça, podia-se fazer sorteios, lotarias, ou repetir a receita do século XIX - transformar os bens do Minotauro em bens nacionais e vendê-los aos amigos a preços muito semelhantes aos de uma esmola para a Conferência de São Vicente de Paula.

Mas agora a grande prioridade era decidir quem mandaria em quem, porque povo sem dono tresmalha-se e depois é uma trabalhadeira

voltar a fechá-lo na sua insignificância. Acaba sempre por se conseguir, há especialistas na matéria, mas há que sacrificar muito gado (povo, em língua de boi) a título de escarmento para futuros candidatos à rebeldia. O aumento dos custos do trabalho será sempre momentâneo.

Tudo se passou como se bois dos mais mansos que havia, e que eram os convidados de Sua Excelência o Senhor Minotauro, se tivessem transformado, de um momento para o outro, sem avisar, em touros bravios, loucos por vacas e pelos prazeres do feno.

Quando os empregados do Minotauro fizeram a sua aparição na sala, para levar os pratos sujos e pôr tudo o resto em pratos limpos, ainda se não sabia se tinham emprego, se tinham ficado desempregados ou se tinham pura e simplesmente mudado de patrão. Mas o primeiro demagogo viu ali a sua oportunidade e voltou a subir à mesa, batendo com um garfo num copo vazio.

- Ide dizer a esses que vos enviaram que estamos aqui pela vontade do povo e que só sairemos à força de baionetas!

- Sim, sim, claro, isso nem se discute, ora essa – e os empregados continuaram o seu trabalho, habituados a conversa de bêbados, o que era inevitável àquela hora da noite se contássemos o número de garrafas vazias que tinham ficado para reciclar, muito superior ao das que tinham ficado por beber.

A ala mais jacobina já falava em cortar a cabeça ao Minotauro e servi-la em sopa, dizem que é muito bom. Não, não, está a fazer confusão com sopa de rabo de boi. E não vamos cortar o rabo a um banqueiro. Não é digno e até, se me permitem a expressão, é um pouco sujo. Não há nada que se possa tirar a um banqueiro. Nem sequer o suficiente para um fiambre.

- Gostava de lá ter estado – disse eu.

- Há gravações. Se quiseres, eu depois mostro.

Almoçámos num restaurante onde os agentes da COSMOPOL não pagavam, ao abrigo de uma convenção tácita sancionada pelo hábito de não cobrar e de não pagar.

Quando regressámos à sala das testemunhas, prosseguia o primeiro interrogatório judicial de arguido detido.

- Ainda não será hoje que vai acabar. Há quatro horas que o juiz está a ler o despacho com os factos imputados ao Minotauro. O mais certo é interromper às nove da noite e prosseguir amanhã às

nove... da manhã – era uma funcionária chamada Ana, que passava. “Ana” estava gravado a letras de ouro num rectângulo negro que trazia colado à blusa de alças e, por isso, bastava olhar-lhe o peito para saber o nome. O peito revela sempre alguma coisa a respeito da pessoa.

- Não vais divagar, pois não, Husky?

Se ela não me tivesse interrompido, era o que tinha por mais certo. Divagar é uma tentação, porque tudo se encadeia e a serpente sabe que mais dia menos dia acabará por morder a própria cauda.

- Não vou divagar.

Dormiram nas instalações da COSMOPOL, a 50 metros do TICÃO. Cada um no seu quarto, porque se tratava de uma Polícia que, apesar de inovadora, era ainda muito tradicional nas questões de quem dorme com quem. Não é que os Agentes tivessem de pedir uma autorização especial para casar, nada disso. Mas, enfim, trabalhavam em conjunto, ela era a sua guia e mentora no inexplicável mundo da Polícia, e não eram casados. Ninguém diria nada, é certo. Mas iriam pensar as coisas estranhas que se pensam quando a mulher tem 33 anos e ele 16 naquela dimensão e 13 enquanto Rapaz da Rua em “A sua chamada está em fila de espera. Favor aguardar”.

N.B. Os Agentes da COSMOPOL nunca envelhecem e as más experiências não lhes cavam rugas no rosto. Só quando se reformam é que são autorizados a desgastar-se e decair.

Ao outro dia, depois do pequeno almoço, chegaram ao Tribunal quando já tinha recommençado o interrogatório. O Super-Juiz era pontual e o arguido não tinha outro remédio senão sê-lo também. Mas contrariado.

A certa altura entrou um médico na sala. Aparentemente, o Minotauro estava a ressacar pela falta da sua virgem diária ao pequeno almoço. Tratava-se de um médico de confiança, privativo dos Serviços Prisionais, que administrou uma injeção punitiva e disse ao arguido que tivesse mais vergonha na cara e se deixasse de tretas. As virgens não viciam.

Incidente sanado, prosseguiu a diligência, ainda sem fim à vista. A comunicação social conseguira colocar câmaras e microfones em frente à entrada do TICÃO e viam-se jornalistas empoleirados em palanques improvisados a desfiar comentários que eram feitos dos factos, do óbvio e de um pouco de imaginação, tirando aqueles momentos em que aparecia um Professor de Processo Penal, a explicar aqueles trâmites, qual a moldura penal aplicável em abstracto e qual ou quais as medidas de coacção que poderiam ser aplicáveis ao

caso em concreto. E a jornalista ainda perguntava – Mas acha que poderá ser aplicada a medida de coacção de prisão preventiva, e logo a mais grave de todas, a Sua Excelência o Senhor Minotauro, que está em vias de ser sagrado banqueiro, ou que, pelo menos, esteve? E o Professor não respondia, porque a resposta correcta era “Sim. Porque não?”. Um advogado de um conhecido escritório, tão conhecido que ninguém lhe mencionava o nome, como se de cuecas sujas se tratasse, punha-se em bicos de pés para desferir em tom magoado “Deste Juiz espera-se tudo”.

Era difícil um sistema económico baseado na corrupção coexistir com o sistema judiciário, baseado na legalidade e na verdade. Sistema e anti-sistema não podem conviver entre si, divididos como estão pelas mesmas contradições entre matéria e anti-matéria. Por isso o sistema económico derrama a pouco e pouco doses subtis de veneno sobre o sistema judiciário, e sempre que este consegue uma pequena vitória sobre o crime, o sistema económico arrepara os cabelos e tropeça de horror em horror – Mais um escândalo! Coisas como estas não são nada boas para melhorar a imagem da Justiça!

E procuram um conceito que espelhe em palavras o que a situação tem de anti-natural e de horrorosa – Um Governo de Juízes? Um Estado Judicial? A Judicialização do Poder?

Mas se o poder judicial é um dos poderes do Estado, destinado a pôr um pouco de ordem nas cavaliariças, é difícil acusá-lo de abusar quando está apenas a cumprir a sua função. Então, o sistema económico elabora planos mais ousados, como o assalto ao Tribunal Constitucional – Quietos! Todos para o chão! - e o julgamento de Juízes e Procuradores em Tribunais Plenários compostos unicamente por Sociedades de Advogados. Quanto aos factos logo se vê. Alguma coisa se há-de arranjar.

Quase que divagava. Foi por pouco.

Passou-se o dia, ora dentro ora fora do Tribunal. Foram ao cinema ver uma comédia de um mundo neo-realista chamado Kinopolis que ficava muito para lá da Via Láctea e onde era tudo a fingir. Comeram gelados numa esplanada em frente ao jardim do Marquês de Linné. E caminharam de braço dado, ela mais alta, ele mais baixo mas inchado de orgulho, ou talvez não fosse orgulho, a felicidade também dilata os poros e o peito e diz (quem sabe) que também liberta endorfinas. E Husky já tinha aquele sorriso permanente que não lhe permitia frequentar funerais.

Já tinham abordado uns 17 temas diferentes, o que é muito para um simples namoro, e só restava um tema ao qual se podia fugir uma ou duas vezes, mas sempre é que era impossível.

- Falemos de futuro – disse Mrs.Hurtle.

- Sim? E porquê?

- Porque o futuro é... Queres uma explicação mais detalhada, ou um beijo basta?

- Um beijo é suficiente. Ou dois. Ou três.

Mrs.Hurtle queria saber dos meus planos para a vida pessoal. Combater a injustiça e o crime está muito bem, mas ocupa muito tempo. Os amantes têm de ter tempo disponível para saborear o amor. Certo, a COSMOPOL era emocionante, como no caso do Minotauro, mas os intervalos tranquilos são indispensáveis à saúde mental. O que ela sugeria, com a autoridade da personagem de ficção tornada realidade pelas simples forças do amor, combinada, por causa das moscas, com o manuscrito original guardado no cofre e na cabeça privilegiada de Mr.Trollope, era que tirássemos uma licença de 7 anos, depois trabalharíamos um ano inteiro, depois nova licença de 7 anos, e aí por diante, evitando a reforma que iria desencadear o processo de caducidade, em que a dimensão “Tempo” retomaria os seus direitos.

- Entretanto, o que é tu gostarias de fazer, além de visitar os meus vinhedos na Califórnia?

Husky nunca se preocupara com o futuro e não fizera planos, nem sequer o de visitar os vinhedos da Califórnia. Portugal já tinha bastantes. Desfiou a lista das coisas que lhe agradavam. Dançar, representar, tocar violino, cantar as árias difíceis destinadas aos contra-tenores, não que ele tivesse alguma coisa contra tenores, antes pelo contrário. Pintar também era uma opção. Corte e costura. Esgrima. Línguas. Diplomacia. Fotografia artística. Física inter-dimensional. Culinária. Dirigir uma orquestra barroca. Professor de Finanças Públicas. Religião. Enfermeiro. Pianista.

Mrs.Hurtle fez-me uma carícia no queixo e sorriu aquele sorriso super-carinhoso de quem pede por favor, logo aquele a que ninguém consegue dizer que “não”. Ainda por cima eu amava-a. Como é que iria dizer “Não, meu amor, não estou para aí virado. Desculpa.”

- Pianista. Que boa ideia – disse ela.

- Leva muitos anos entre fazer as escalas do Czerny e tocar os “Estudos de Execução Transcendente”.

Ela segurou-me os dedos na sua grande e poderosa mão.

- Grandes e bonitos. Os ideais – afirmou ela.

- Então está bem. Pianista.

E logo uma ideia me veio à cabeça.

- Mas isso implica que não voltarei à Casa dos Rapazes da Rua e que ficarei Husky siberiano para todo o sempre.

- *Of course* – foi a sua resposta lacónica, daquelas respostas que só ela tinha o condão de tornar simpáticas.

- A Governanta chama-se Magda e costuma dizer uma coisa que nunca ouvi a ninguém. Que é demasiado café para ela ou para nós, já não sei.

- Era uma frase da Governanta de Balzac, Louise Brugnol – *É demasiado café para mim*. Que Balzac utilizou na *Madame Cibot* do “Primo Pons”.

- Como sabes?

- Balzac bebia muito café.

- Mas como sabes?

- Como sei? – e ficou-se pela pergunta, sem dar a resposta.

Fiz uma pausa para respirar e deixá-la mudar a conversa para outros terrenos.

Havia um castelo na Escócia que tinha uma boa localização, junto de um lago, que tinha fantasmas privativos e que estava para alugar por uma renda até muito em conta. Que não me preocupasse, que ela trataria de tudo o que era aborrecido como papelada e outras coisas aborrecidas com que não precisava de me preocupar.

O interrogatório prolongou-se para além do que era normal, mas iam dar as dez da noite quando saiu os portões do TICÃO o escrivão com a sua capa de cavaleiro andante e segurando um processo de menos de 100 páginas, pelo que deveria conter apenas a decisão proferida no fim do interrogatório. Os microfones dirigiram-se de imediato à cara do funcionário, como se o quisessem moer com pancada.

- Processo 11231/CPOL/SAF/2014, em que é arguido Minotauro Pá Lombo Acém e Rabadilha.

- Juiz que dirigiu o primeiro interrogatório judicial de arguido – Dr.Alexis.

- Concluída a diligência, foi considerado existirem fortes indícios de o arguido ter cometido, em autoria material e concurso efectivo e real, os crimes de tráfico de estupefacientes agravado, associação criminosa, homicídio qualificado, corrupção activa para acto ilícito, detenção de arma proibida, abuso sexual de pessoa incapaz de resistência, auxílio à imigração ilegal, ultraje dos sentimentos religiosos e um crime de evasão.

- Foi considerado não existir alternativa à medida de coacção mais grave para sofismar os perigos de fuga, de perturbação da ordem e tranquilidade públicas, perturbação do inquérito e continuação da actividade criminosa.

- Pelo que o arguido aguardará os ulteriores termos processuais sujeito à medida de coacção de prisão preventiva, para além das obrigações decorrentes do T.I.R. que já prestou.

O funcionário fechou o processo onde guardara as notas que acabara de ler e tentou a fuga para o interior do TICÃO. Mas era impossível furar a aglomeração de jornalistas, de microfones em punho, que queriam mais.

- Onde é que vai ficar detido o Sr.Minotauro?

- Dá-me licença? Foram passados mandados de condução ao Castelo de Marienburg, planeta Spandau, nesta dimensão de “Cá se fazem, cá se pagam”, uma prisão de média segurança, onde as fugas implicam uma queda de 150 metros num fosso que há séculos que não tem água, só pedrinhas secas e aguçadas. Desculpe, mas dá-me licença?

Foi necessária uma brigada da COSMOPOL para abrir uma clareira na imensa massa de jornalistas e permitir a fuga ao funcionário.

- Missão cumprida. Andrómeda está em segurança?

- Está. Nem eu própria sei onde ela está, por isso está mesmo em segurança.

16.

Normalmente, só poderia casar aos 18 anos. Mas os agentes da COSMOPOL gozam de um regime especial, baseado no simples princípio de “se tens idade para arriscar o coiro também tens idade para casar”. Quem faz exigências tem de estar preparado para fazer concessões, e quem pode fazer o mais pode fazer o menos. A lógica é assim.

Por ora, íamos gozar os simples prazeres do namoro, enquanto aguardávamos a decisão sobre o nosso pedido simultâneo de licença de 7 anos, uma espécie de licença sabática ao contrário. E, ao sétimo ano, lembrou-se enfim de trabalhar e viu que o trabalho era bom.

O Minotauro foi julgado e condenado a 25 anos de prisão, com perda dos direitos políticos e económicos, bem como inibição do exercício do poder paternal. Parece que tinha filhos, uns com cornos outros não. Eram todos legítimos e tinham em comum um carácter fortemente bovino. A defesa interpôs recurso para o Supremo e a *Oldman Stinks* retaliou através do cinema.

Foram produzidos à pressa dezenas de filmes com mensagens de propaganda escondidas nos guiões mais inocentes, tipo filmes para toda a família com destruições limitadas e hemorragias controladas.

Filme inocente nº.1

- *Atenção, Harry, estou a ver ao longe um camião da COSMOPOL, carregado de armas de destruição maciça para entregar aos terroristas. Os alvos são a Torre Eiffel, a Catedral de São Pedro e a Casa Branca. Deus, pá, pelo menos salva a América.*

Filme inocente nº.2

O mau da fita é uma espécie de husky siberiano, de um louro quase branco, um sorriso permanente no rosto, aparentando 15 anos de idade. É um sociopata, com gostos perversos, amigo de torturar o seu amigo, incapaz de uma execução que dure menos de duas horas de martírios vários e gozando indecentemente com o sofrimento alheio. Além de inimigo do género humano em geral, ele é muito bronco para perceber que o significado da palavra “sociopata” nada tem a ver com cozinha.

Filme inocente nº.3

Uma bela morena, que por mais cirurgias que fizesse nunca alcançaria nem metade da fogosa beleza de Mrs.Hurtle, é uma perigosa vigarista, que engana pobres e doentes, levando-lhes o ouro e as propriedades sem sombra de remorsos.

- *Tenha pena de mim, Dona Lucrecia Vurtle.*

- *Pena? Na COSMOPOL ignoramos a palavra “piedade”. O que te posso dar é isto (e dispara seis tiros consecutivos, com um sorriso mau e que faz mal só de vê-lo).*

- *Não foi ela que matou um homem no Oregon?*

- *Foi ela mesmo.*

De volta a “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar”, nós dirigimo-nos de carro para as Terras Altas e fomos pernoitar à *Rose Cottage*, em Fort Augustus. Karen, a dona da casa, perguntou a que horas queríamos o pequeno-almoço. Oito e meia. Está bem, oito e meia. Mrs.Hurtle explicou-me – a pontualidade é muito importante. Ela poderia dizer: o pequeno-almoço é servido a tal hora e a essa hora tinhas de descer para a sala de jantar. Assim, és tu quem escolhe. Mas à hora que escolheres, tens de estar na sala. Não te vão guardar o pequeno-almoço se chegares atrasado.

Dormimos divinamente, no mesmo quarto e na mesma cama, e se a dona da casa achou algo de reprovável no nosso comportamento guardou para si o que pensava.

Depois de um pequeno-almoço escocês em que entravam as inevitáveis papas de aveia, o *porridge*, que ficava melhor com mel e açúcar, saímos para um dia anormalmente seco naqueles lugares pluviosos. O marido de Karen descia a encosta, acompanhado de um enorme cão, e segurando um monte de palha nos dentes de uma forquilha. Sorriu-nos. Ia tratar do gado que tinham na propriedade.

Em Fort Augustus apanhámos o barco que fazia a travessia do Loch Ness e aprendi coisas espantosas, como o lago ter em certas alturas a profundidade de 400 metros. As encostas abruptas que cercavam o lago tinham uma vegetação rasteira ou vegetação nenhuma, principalmente à medida que se subia para o cume. Mrs.Hurtle explicou que se devia ao vento que era muito forte e que não deixava crescer nenhuma planta. Daí a sensação de aridez, apesar de nos encontrarmos tão a norte.

- E então é aqui que tu queres viver, *liebling*?

- Não todo o ano. Mas que me dirias tu, jovem e querido Husky?

- Não sei. Penso que te estás a referir a metade do ano aqui, a outra metade na Califórnia. É isso?

- Mais ou menos. É isso. Adivinhaste.

- Então, e o que é me dirias tu se dividíssemos o ano em três partes, quatro meses cada? Uma aqui, no Verão, de preferência. Outra na Califórnia, no Inverno de preferência. E outra em Lisboa, na Primavera de preferência.

- Husky, *dearest and beloved one*, por mim até estaria tudo bem. Mas, e o que é que dirá a tua professora de piano?

- Já tenho uma professora de piano?

- Sim, contratei a Prof^a. Nataliya Kudritskaya, e ela também tem a sua vida e os seus concertos. Só lhe falei na Escócia e na Califórnia, não sei se ela estará preparada para um país como Lisboa.

- Winifred, amor, Lisboa é gente civilizada e é a capital do país que é Portugal. Já só restam meia dúzia de canibais e os que existem é só para mostrar aos turistas.

E depois, com a voz que melhor combinava com o meu sorriso constante, acrescentei:

- Mas que excelente ideia, coisinha fofa. Adoro a interpretação que ela faz da *Gavotte Variée*, de Rameau. Se algum dia chegar a tocar assim... Bem, a ti o deverei.

Mrs. Hurtle explicou que existiam dimensões em que, mesmo sem aulas, eu tocaria como Ashkenazy. Também existiam dimensões em que eu era Husky, O Maior Mágico de Todos os Tempos, como em “Vai andando que eu já lá vou ter”. Mas em “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar”, que era a dimensão em que iríamos passar os próximos sete anos, eu não nascera nem com o dom da profecia nem com o dom de pianista e precisava mesmo de uma Professora como Nataliya Kudritskaya.

As negociações prosseguiram, com intervalos para os beijos que eram o nosso *coffee break*. Até o barco atracar. Eu sabia quando devia ceder e ela também. Ficaram 5 meses para a Escócia, 5 meses para a Califórnia, e Maio e Junho eram de Portugal.

Depois de almoço, fomos visitar o castelo de Urquhart e o mesmo nada tinha a ver com Rapazes da Rua. Os donos da casa não estavam, viviam no Sul de França, mas o procurador, já com uma idade respeitável e aquela pronúncia escocesa que eu ainda tento imitar e não consigo, mostrou-nos as instalações do Castelo e, enfim, a sua manutenção exigia pelo menos 10 funcionários, o mordomo era à parte.

- Winifred, achas, sinceramente achas que o ordenado de Inspector da COSMOPOL dará para isto tudo?

- Claro que dá. Então é a recompensa pela captura do Minotauro? Não sabias?

- Eu não. Ninguém me disse nada.

- Husky, nós salvámos o mundo livre. Havia um prémio para quem o conseguisse. É natural que o mundo livre nos dê uma prendinha, pura e simples, sem intenções reservadas.

Pensei melhor.

- Ainda bem que ninguém me disse nada. Só com a perspectiva de me tornar ganancioso, acho que não conseguiria fazer nem a magia mais elementar, nem sequer tirar um pardal da cartola. Meu Deus, acho que nem conseguiria voltar a juntar-te de novo! A bondade é uma maneira horrível de dar cabo de uma pessoa!

O dinheiro, quando não tem apenas natureza contabilística, é uma coisa horrível de se ver, tão verde, tão nojenta, tão cor de vômito! Para ser feliz ninguém precisa de dinheiro, precisa apenas de ser feliz.

O Castelo era interminável. Era difícil escolher o nosso quarto entre tantos que davam para sul ou que tinham vista para o Loch Ness. Sugeri que dormíssemos cada noite num quarto diferente, e aquele em que fôssemos mais felizes seria o nosso quarto. E disse “Amo-te”. Sem pensar. Sem premeditação. Saiu automaticamente, apanhando-me desprevenido.

- Husky, não passas de uma criança. Não é assim que se escolhem quartos.

Ou não ouvira ou fazia de conta que nem se apercebera da terrível palavra que fora pronunciada e que já tinha levado inspectores e reis à abdicação. A última hipótese deveria ser a verdadeira. A estonteante *partenaire* tinha o ouvido hipersensível que se ganha nas imensas pradarias onde vagueavam índios e bisontes, e onde dezenas de foragidos esperavam de revólver engatilhado a diligência semanal que trazia o ouro para o Banco de Santa Fé. O que ela não ouvisse seria uma coluna de mármore ou uma águia falecida num dia sem vento e toda envolta em algodão, só com o bico de fora.

O Jovem Agente viu ao longe as luzes vermelhas do perigo. Mrs.Hurtle era uma mulher feita, esplendidamente adulta, com toda a experiência dada pelo simples facto de sobreviver na selva americana. Se ela o visse sempre como o mais novo da relação, como uma mistura de filho e de marido, arriscava-se a estar em permanente processo de reeducação. Husky, tira o dedo do nariz. Husky, vai lavar as mãos. Husky, arrotar é feio. Husky, essas calças são de ontem. Husky, mostra-me as unhas.

Era incómodo. Tinha de combater a sensação de inferioridade que sempre tivera para com a sua *partenaire*, que era também a sua guia no amargurado mundo da Polícia. Tinha de mostrar o seu lado adulto, que era o de Inspector da COSMOPOL, cheio de responsabilidades.

- Quando eu disse que te amava...

- Husky – e Mrs.Hurtle acariciou-lhe a mão -, Husky, quando se ama nunca se fala de amor. É normal que um físico fale em neutrões, porque os neutrões não são dele, e os choques de partículas passam-se a quilómetros de distância. Mas já não é normal que um apaixonado faça discursos acerca do amor. Observador e observado nunca podem coincidir. O que se ganha em conhecimento de si próprio perde-se em espontaneidade.

E, fazendo-me uma festa no rosto:

- Não fales de sentimentos. Sente apenas.

Não havia nada a fazer. Ela era a minha guia na inextricável vida de casados e eu só poderia ser, quando muito, uma criança rebelde. Não, tinha dezasseis anos, talvez ainda pudesse aspirar à crise da adolescência. Uma vez por outra. Com um pouco de sorte. Os amantes não dão nem recebem ordens um do outro. Satisfazem-se mutuamente ao ponto de não ficarem satisfeitos e precisarem de mais daquela verdadeira comida e daquela verdadeira bebida. Amor satisfeito é amor moribundo. Isto vinha a propósito de quê?...

- Perdoas-me se, uma vez por outra, tiver crises de adolescência?

- Nem outra coisa seria de esperar. Nunca, mas nunca, desceria tão baixo que casasse com um adulto. Nunca mais. Uma vez chegou. Porquê? Não queres ser pianista? Se não queres... Mas foi uma das profissões que tu me disseste que gostavas. Lembro-me perfeitamente. E dançar, e essas coisas...

- Não. Pianista está bem. Quero ser pianista. Não me importo de ser pianista. Há coisas piores. Mineiro, por exemplo. Pirata... Não falemos em piratas...

Já percorrêramos quase todo o perímetro do Castelo de Urquhart e decidimos fazer dele a nossa casa. Era muito grande e poderia andar de bicicleta nos corredores, nos intervalos do piano.

Aproveitámos o raro sol das Terras Altas numa cafetaria que dava para o lago. Mrs.Hurtle queria um gelado com três sabores – baunilha, chocolate e morango. Eu queria um gelado com três sabores – baunilha, limão e morango. Trouxe os gelados para a mesa em que ela ficara sentada, à minha espera.

- Muito obrigado, Lord Husky.

- Sim?...

- Vamos ser armados cavaleiros, pela Rainha em pessoa, que se vai deslocar a Edimburgo em Agosto próximo.

- Lord Husky e Lady Hurtle?

- *That's right, that's right, that's right...*

- Estás a brincar, não estás?

- Não podia estar mais a sério. É uma recompensa por feitos extraordinários.

- Não foi assim tão extraordinário, mas enfim... Lord Husky? Não poderia ser antes o Pequeno Lord Fauntleroy? Gostei do livro.

- Husky, os pequenos lordes são crianças, não podem casar.

- Ah...

Não gosto de honras que não tenha merecido, e naquele caso tivera a ajuda, por um lado, de Rodrigo, e por outro, da magia e da superior técnica da COSMOPOL. Quem correria mais riscos fora Mrs.Hurtle, e era ela quem merecia os agradecimentos do mundo. Disse-lho e ela fez-me uma festa e eu pus-me de joelhos, descalcei-lhe os sapatos e mordi-lhe os dedos dos pés, por cima das meias pretas deslizantes. Mentira. Não seria capaz de fazer uma coisa dessas numa esplanada, à beira do Loch Ness e à frente de tanta gente respeitável. Tenho os meus limites e, a meu modo, também sou uma pessoa respeitável. Sou Agente da COSMOPOL, não sou?

- Winifred, é evidente que deixarei de vez a Casa dos Rapazes da Rua. Acho que não admitem casais. Mas quero-me despedir do meu maior amigo.

- Rodrigo, o teu companheiro de quarto?

- Exactamente.

- Também conhecido por Amadis de Gaula?

- Esse mesmo.

- O cavaleiro cujo coração apenas bate pela Sua Senhora e Dona Belisanda, a sem par?

- As coisas que tu sabes...

17.

Mrs.Hurtle acompanhou-me até Santa Fé e deixou-me na gare do “metropolitano”. Ia aproveitar para fazer compras enquanto esperava o meu regresso. Vira umas toalhas e umas cortinas que ficariam muito bem na ala sul do Castelo de Urquhart e havia um serviço de café pós-moderno que encantaria os entendidos, que são justamente aqueles que não traduzem *design* por desenho. Não traduzem e é tudo.

Husky disse-lhe que está bem, é preciso de tudo para fazer um mundo. Ele preferia as porcelanas dos donos da casa, com os seus motivos clássicos entre filetes de ouro. Um chocolate quente numa daquelas chávenas preciosas deve ter um outro sabor.

Despediram-se à força de beijos e o Jovem Agente sentiu um aperto no coração, como se a primeira despedida depois de se amarem fosse uma despedida irremediável e para todo o sempre. Deu graças a Deus por não ter o dom da profecia, assim era apenas um gosto amargo, não era uma premonição.

O comboio acabara de abrir as suas portas quando Mrs.Hurtle interrompeu a despedida para lhe entregar uma pequena caixa quadrada, azul marinho, com a gravação a ouro de uma gaivota pairando acima de ondas rigorosamente iguais, tudo circundado por uma divisa de um alfabeto que nada tinha de humano.

- É para entregar ao cavaleiro Amadis de Gaula, da parte da Sua Senhora e Dona Belisanda.

Um último e rápido beijo. Era a primeira vez que Husky fazia a viagem de metropolitano em sentido inverso, entre Santa Fé e a Azinhaga das Galhardas.

António chegou ao seu quarto na Casa dos Rapazes da Rua sensivelmente cinco minutos depois de o ter abandonado. Aquele velho problema da distorção espaço-temporal que é melhor deixar a quem sabe. Nunca é de mais lembrar que o Jovem Inspector Husky chegou atrasado ao 13º. episódio da IV temporada do Curso Normal de Formação de Inspectores da COSMOPOL, onde estas coisas foram explicadas até à exaustão com recurso à Feitiçaria, às Matemáticas Avançadas e todas essas coisas esotéricas.

Rodrigo estava imóvel na sua cama. Talvez dormisse.

António sacudiu-o e Rodrigo sentou-se, quase batendo com a cabeça nas traves que sustentavam a cama superior.

- Desculpa. Vim-me despedir. Não voltarei.

- Fazes bem. Ser Rapaz da Rua deve ter coisas boas mas ainda não descobri quais são...

Entreguei-lhe a caixinha azul escura.

- Manda-te a tua Senhora e Dona Belisanda. Espero que gostes e que saibas para que serve. É verdade, e quanto à evasão do Minotauro já está tudo resolvido e ficarás sem cadastro em nenhuma das dimensões que reconhecem a autoridade da Polícia. Mandam dizer da COSMOPOL que gostariam de ter a tua colaboração porque

tens tudo para ser um Super-Agente, destinado às missões de que depende a salvação do mundo livre, havendo uma brochura com todos os passos a dar para a candidatura. Mas estão muito satisfeitos por teres escolhido a vida de polícia andante, que é, mal comparando, a vida de um pai com muitos filhos. Polícia de bairro não é fácil. Mas a COSMOPOL precisa também de p.p.p. (polícias próximo das pessoas), e está à tua inteira disposição para tudo o que precisares.

Rodrigo levantou-se e foi esconder a caixinha debaixo de uma tábua que se podia levantar o suficiente para meter a mão no espaço que ficava livre.

Ouviram-se sons de passos a subir as escadas. Pareciam três pessoas. Pelos passos mais pesados havia dois pares de solas de sapatos de homem que pisavam forte e rápido. E saltos altos àquela hora de pantufas. Ouvia-se a voz da Governanta, rouca, borbulhante, como se tivesse bebido um mau espumante, daqueles em que a rolha salta à velocidade do som. Das que deixam hematomas no local em que acertaram, e foi tudo sem querer mas doeu como o caraças.

- Mas qual Segurança Nacional, qual história! Segurança Nacional, deixa-me rir. Se isso nem sequer existe!... São vocês a armarem-se em importantes, para suprir a vossa sensação interior de que não passam de uns merdas. Aqui só há rapazes sem família, ainda ninguém teve tempo para se radicalizar o suficiente para ser perigoso. Radicais livres só para limpar as sanitas, passo a vida a repetir-me e nada. Ninguém faz caso!... Mereciam ter alguém a persegui-los de verdade, cambada de paranóicos!...

Rodrigo foi imperioso, como irmão mais velho que está consciente dos perigos que ameaçam o mais novo.

- António, foge imediatamente e fecha o alçapão atrás de ti. Não discutas.

Um abraço de fugida e desta vez era uma despedida que se arriscava a ser para todo o sempre. António trepou ao seu beliche, introduziu-se pelo alçapão e fechou-o no mesmo instante em que a porta do quarto era bruscamente aberta por mãos e pés habituados a bater em coisas frágeis. Rodrigo tivera tempo para se deitar e fingiu despertar ao som das patadas na porta.

Do lado de lá do alçapão, Husky, porque já ocorrera a transformação do António Silva trombudo e de sobrancelhas demoníacas no sorridente Agente da COSMOPOL de cabelo quase branco, ainda ouviu gritar – António Silva! Onde está o António Silva!? e já não conseguiu ouvir a resposta mordaz da Governanta de agora só estar disponível em filme, em DVD ou *blu-ray*. Porque

serve quando nos despedimos de um amigo e não sabemos se o voltaremos a ver.

No caminho de regresso ao nosso futuro lar no Castelo de Urquhart, ela falou nas toalhas e nas cortinas e disse coisas que não compreendi e que tinham a ver com todos os problemas ligados a cortinas e que eram muitos, nem me passavam pela cabeça quantos. Algo a ver com Matemáticas Avançadas.

- Toma. Isto é para ti.

Mrs.Hurtle entregou-me uma caixinha azul marinho, exactamente igual à que eu entregara a Rodrigo, também conhecido noutros ambientes como Amadis de Gaula.

- Da parte da Dona Belisanda? Mas se nem sequer a conheço!...

- Não, Husky. Isto é da minha parte. Para ti.

Abri cautelosamente os fechos metálicos da caixa e, não sei porquê, pensei em anéis de noivado. Era o ambiente, era o calor perfumado pela presença da mulher amada, ali ao alcance das carícias.

Num fundo de cetim vermelho repousava o que parecia um isqueiro e que

- É uma espécie de telemóvel universal, que serve para ligar para todas as dimensões e para todos os tempos. Entre outras coisas, poderás falar com o Rodrigo sempre que quiseres e ele puder atender. Um polícia de bairro não pode estar sempre ao telefone.

- Tem graça, isto agora é para ti – Husky estendeu-lhe um ramo de rosas vermelhas que comprara na florista da estação da Azinhaga das Galhardas. – Porque também és tu a minha senhora, e posso terçar armas por ti se tiver de me bater num torneio, mas se fosse antes de xadrez, eu agradecia. Dar lançadas, a cavalo, quebrar as lanças, e depois sacar daquelas espadas e andar cinco minutos a fazer faíscas com um desgraçado que nunca me fez mal... Bom, a vida medieval não é para mim.

Mrs.Hurtle tinha o hábito de calar discursos e pagar rosas vermelhas com beijos e os beijos dela demoravam relógios. Lembrei-me de que a Governanta, que já vendera livros num Centro Comercial, numa altura da sua vida em que usara tranças, falara uma vez, ao telefone, talvez com o amigo constante, que um beijo não é só sinal de romance, tem de ser mesmo como um romance, com um princípio apaixonante, que prende o leitor, e vários capítulos, uns mais intensos outros menos, e o grande final que deve ser copiado da

Abertura 1812, com carrilhões e sinos e toda a força da orquestra. Atrás do beijo vem o desejo – dissera ela, antes de desligar.

Quando, enfim, nos largámos, as minhas pernas eram plumas de pássaro que tremiam ao vento.

Dirigimo-nos para Fort Augustus, no *Flying Scotchman* subterrâneo, que fazia também paragem em Santander, Cardiff, Edimburgo e Fort Augustus. A linha terminava em Inverness e havia transbordo para São Petersburgo e Arkangel, mas o nosso destino não ficava tão a norte.

O notário de Fort Augustus acumulava as suas funções com as de Advogado e Tesoureiro do Fundo Paroquial cuja principal função era a de angariar fundos para a reparação do órgão que era de princípios do século XVIII e não se sabia como fizera a longa viagem da Alemanha até lá.

Recebeu-nos com a cortesia de um velho fidalgo, embora tivesse pouco mais de 40 anos e não fosse fidalgo. Até nos ofereceu um cálice de Porto enquanto líamos todas as cláusulas do contrato de arrendamento do Castelo de Urquhart, que enchiam seis densas páginas impressas em caracteres pequenos. Felizmente dispúnhamos de uma lupa e de um tradutor universal para quando aparecesse alguma palavra mais arcaica ou menos ouvida.

Mrs.Hurtle pagou dois meses de renda com um maço de libras que o notário fez questão de esclarecer que não era por desconfiar de nós que as estava a contar uma a uma. É porque tinha procuração dos donos da casa, e queria continuar a merecer a sua confiança, mesmo estando eles num lugar tão remoto como o Sul de França. É por mera cautela, não é por qualquer desconfiança, dizia ele enquanto as colocava contra luz.

A mais bela das *partenaires* sorria o sorriso tranquilo de quem ainda guarda nos lábios o calor de um beijo prolongado e, de momento, não regista qualquer subida na escala da sua raiva pessoal. Eu sorria porque a minha cara era assim mesmo, com a melhor parte dos dentes sempre à mostra. E o notário desconfiava de tanto sorriso. Segundo a sua larga experiência dos homens, porque as mulheres que conhecia melhor era apenas a própria mãe, a empregada do *pub*, sempre a mesma nos últimos 40 anos, e a senhora que ia lá a casa fazer limpezas três vezes por semana, segundo a sua experiência, as pessoas que tinham aquele tipo de sorriso que nada nem ninguém consegue apagar, costumam ser burlões bem sucedidos. Não há burlões antipáticos, assim como não há futebolistas de muletas.

Assinámos o contrato de arrendamento e recebemos em troca o recibo da renda e um enorme molho de chaves históricas, que tivemos de levar de furgoneta para a nossa nova casa.

Naquela primeira noite nos novos domínios, eu rezei para que os fantasmas nos dessem tréguas, ao menos por uma semana, não é que eu seja pessoa assustadiça, afinal de contas livre o mundo livre do Minotauro, não é?, pelo menos é o que as baladas dizem para aí, mas ventos frios a soprar na nossa cara e o arrastar de correntes nas lajes de pedra das partes mais históricas do Castelo, são coisas para deixar uma pessoa normal um bocado pi-ru-li. Mesmo que ao seu lado tenha uma pessoa de carácter forte e de chicote fácil como Mrs.Hurtle. Fantasmas nunca fizeram falta em coisas sólidas e concretas como o amor.

A nossa vida iria decorrer na parte mais cuidada e mais moderna do Castelo, a ala sul.

O jantar foi servido por um mordomo saído directamente da tela do cinema para a nossa casa, e que era um especialista em dar ordens a uma empregada que era a única pessoa que parecia trabalhar naquela casa. Parecia a Dona Magda, mas com os cabelos pintados de louro, e eu até lhe perguntei – Nunca trabalhou em Lisboa? – e ela respondeu – *What?*

Quando ficamos sós na sala ao lado, para o café e licores, que para mim foi uma fatia de torta de cereja e uma chávena de chá, e, para Mrs.Hurtle, a minha guia e tutora no claro mundo da polícia, foi um whisky velho, quase tão velho como o massacre dos MacDonald, em Glencoe, e quando eu já imaginava um serão de música e de livros, talvez um bom filme italiano, e depois aquela cama de um colchão tão fofo e tão resistente ao mesmo tempo, onde iríamos dormir as nossas últimas noites de solteiros, ela falou de coisas sérias e nem se pareceu importar com o meu inevitável sorriso de husky siberiano.

- Husky, nunca te passou pela cabeça ser governador?

- Não, a não ser que esteja com 40° de febre, que é quando não consigo distinguir o sonho da realidade.

- Eu repito de outra maneira. Não gostarias de ser governador?

- Mas governador porquê e para quê? Eu até nem gosto de dar ordens!... Se é que um governador consegue dar ordens, coisa de que não estou muito certo, quando quem manda é a *Oldman Stinks*.

- *My sweet and darling lord*, far-me-ia muita ilusão se fosses governador. Coisas de mulheres.

- Amor, vou ser pianista, não vou? A Prof^a.Nataliya Kudritskaya vem amanhã, para a primeira lição. Parece mal dizer – Olhe, não venha, mudei de ideias, agora quero ser governador. O que é que ela vai pensar? Ontem queria ser pianista, hoje quer ser governador, amanhã quer ser halterofilista e depois, se calhar, ainda há querer dedicar-se à decoração do exterior da cúpula da Catedral de Florença. Deve ser mas é maluco. Não sabe o que quer.

- Husky, vais ser pianista. Tu queres ser pianista, tu decidiste, eu quero que sejas pianista, essa questão está arrumada. Mas não te ocupa todas as horas do dia. Ser governador é coisa de poucas horas por semana, e governar é coisa que podes fazer sem sair de casa. E se for preciso ir ao local, as comunicações são praticamente instantâneas. Vais, mostras-te para a fotografia, e regressas logo de seguida. Nem demoras cinco minutos.

- *My darling and beautiful pet*, estou-me a sentir como se fosse Sancho Pança e tu Dom Quixote. Para que é que eu haveria de querer o governo de uma ilha, se preciso de todo o tempo livre para me perder no fundo do teu olhar?

- Husky, porque acabarias por te cansar. O amor é feito de insatisfação e não de perseverança. Precisas de uma ocupação séria. Pianista é bom para o sentimento e ajuda a distinguir o ser humano dos pilares de cimento armado. Governador é bom para pensar em coisas práticas, como a felicidade de todos. E depois de governar umas horas, por poucas que sejam, é quando o governante descobre que o poder é afrodisíaco. É qualquer coisa da psicologia forense e não há maneira de fugir à ciência.

- Acredito, mas de momento acho que não preciso.

- Os Agentes da COSMOPOL dão excelentes governadores.

- Também acho.

- Queres ser governador?

- Não.

- Não acredito.

- Podes crer. E já agora, governador de quê? De uma ilha, como Sancho Pança, que afinal não era ilha nenhuma? Areia fina, águas cristalinas, coqueiros, peixe fresco? Com nativos vegetarianos, por uma questão de segurança?

- Husky, ser governador não é ir de férias. E a areia fina não é o ideal para fazer amor. Eu depois conto, quando não esteja ninguém a ouvir.

- Winifred, gosto de ti porque és poderosa.
- Husky, e eu gosto de ti porque és poderoso.
- Que coincidência.
- É, não é?

- Mas, amor, eu não sou nada poderoso. Nada poderoso, mesmo. É tudo uma grande ilusão. Nesta dimensão de “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar” nem sequer tenho os poderes de Husky, o Maior Mágico de Todos os Tempos. Não tenho nada que se pareça com poder, *I’m only a pet of yours and I like it*. E, como Agente da COSMOPOL tenho apenas os poderes de um órgão de polícia criminal acrescidos dos avanços técnicos sobre a criminalidade organizada. De resto, nada sou senão o cachorrinho que veio da Sibéria de propósito para te amar.

Fiz uma pausa para terminar a torta de cerejas.

- Winifred, afinal penso que gosto de ti mas não é por seres poderosa. Deve ser por outros motivos, porque quando mostras o teu lado poderoso tenho assim como... medo de ti... Não é bem medo... É mais incomodidade, um pouquinho de receio... um tudo nada... quase nada, como diria a Governanta da Casa dos Rapazes da Rua.

- Vamos falar de outra coisa.
- Sim, chega de tanto poder. Vamos para a cama.

E, nas escadas, abri a porta ao confessionário e deixei sair verdades em fila indiana.

- Na verdade, às vezes, quando tens aquele aspecto meio feroz meio intimidante, dá-me uma vontade de ajoelhar e comer-te à força de beijos, como se tu fosses uma santa justiceira e malandrecas e eu apenas o mais fervoroso dos teus fiéis.

- Será que eu assusto assim tanto?

- Sim, mas a mim não. Sim, mas não? O que é que estou para aqui a dizer? Não, assustar acho que até não assustas. E aliás, sempre foste carinhosa para mim. Era capaz de dizer aquela palavra que tu sabes, mas tenho medo de, repetindo-a muito, fazer-lhe baixar a cotação.

- Compreendo e estou completamente de acordo.

- Não é? A palavra “amo-te” é extremamente comprometedora e pode estar muito distanciada da realidade, para mais ou para menos, porque é impossível graduar o amor.

- *Yes, I see.* Mas então, se me amas, porque é que não queres ser governador, se sabes que é uma coisa que me faz muita ilusão?

(Ela disse “ilusão” com o sentido que se lhe dá em Espanha – *me hace mucha ilusión* -. Significa que lhe daria uma grande alegria, que era o seu sonho, o seu desejo. A esta distância, e sem nunca lhe ter falado do assunto, creio que a minha amada teria ascendentes criados à sombra do castelo de Trujillo.

Parámos num dos patamares e sentámo-nos no nicho de uma janela escavada nas grossas paredes de pedra.

- Winifred, disseste-me que ser governador só me ocuparia poucas horas por semana, e podia perfeitamente governar sem ter de sair de casa. E, quando fosse preciso ir ao local, as comunicações eram instantâneas e em cinco minutos era só mostrar-me e já me podia ir embora. Estavas a falar como Inspectora da COSMOPOL ou como simples particular, embora tu sejas tudo menos simples?

- *My pet*, falava como *a woman in love*.

- Ui, já vi que o nosso amor vai ter muitos problemas de língua.

- Vês?, até falas como um autêntico governador, com sínteses boas para títulos de jornais. Isso é bom.

- Winifred, porque é que fazes tanta questão em que eu seja governador, quando ambos somos da COSMOPOL, a Polícia mais importante dos Universos, e por isso somos importantes também?

- Querido Husky, não podes imaginar o que foi ter sido casada com Caradoc Hurtle, a nulidade das nulidades, que bebia e fazia batota ao jogo, quando não puxava do cinto e me dava sovas com a fivela a golpear-me a carne. Quando não desenhava o meu perfil na parede à força de tiros, para provar que mesmo bêbado a sua lendária pontaria permanecia igual.

- Que selvagem!

- É por isso que agora quero ter orgulho do meu marido. Será assim tão censurável?

- Não, com certeza. Mas, se falavas como particular... mas antes que me esqueça, que foi feito de Caradoc Hurtle?

- Deve ter morrido e só lhe vejo duas causas de morte – fígado ou acumulação de chumbo no organismo. Se fosse vivo teria mais de 170 anos. Mas mesmo que não tivesse morrido... e creio que isso é impossível para um vulgar humano que não se tenha alistado na COSMOPOL... sempre estaríamos divorciados pela lei do Kansas.

- Sim, é impressionante. Mas então, quando me falaste da vida de governador, e nota que nessa altura eras uma simples particular, estavas a ser sincera?

- Não muito.

Ao outro dia, enquanto esperávamos a chegada da Prof^a. Nataliya que me iria dar lições no *Bösendorfer* do salão nobre, sentámo-nos no sofá de uma das saletas que dava para sul. Como casados de longa data, a ver televisão. Por coincidência, estava a passar um programa sobre regiões do Universo e respectivos governadores. Husky olhou Mrs.Hurtle, a sua guia e protectora no misterioso mundo da polícia, e concluiu dos seus inocentes olhos negros que não havia coincidências em parte nenhuma. Tudo fazia parte de um plano.

18.

É tudo mentira. O Rito Escocês Antigo Aceite não obriga ao corte de _____.

A Prof^a. Nataliya Kudritskaya irradiava alegria do olhar, mas não tinha aquele sorriso de que Husky se não conseguia livrar por mais que tentasse. Os olhos dela tinham um riso maroto quando se encontrava ao teclado. Era uma pianista feliz.

Mrs.Hurtle instalou-se num cadeirão, a coisa de 20 metros. Era um cadeirão com história. Parece que Wellington se sentara nele e que Walter Scott também, mas a minha bela *partenaire* escolhera-o para fazer *tricot*, uma camisola de malha a quatro cores e com motivos copiados dos índios do Nebraska, para quando viessem os frios. Uma camisola com as minhas medidas.

A Prof^ª. Nataliya procedeu ao meu baptismo, o que ela chamava de “pôr-me as mãos no piano” e que não passava disse mesmo, pegar-me nas mãos, seleccionar o polegar direito e batê-lo na tecla ao centro de todo o teclado.

- Dó – disse ela.

Atendendo ao passado siberiano de Husky entenderam-se em russo, mas o Agente lembrou que Mrs.Hurtle oficialmente não falava russo, pelo que optaram pelo francês para os elogios, e pelo inglês para o não é assim, seu rapaz tonto, os dedos para baixo, em curva, homem que é homem não espeta o dedo a não ser por má educação.

Quando a aula terminou, a Professora virou-se para Mrs.Hurtle e gabou-me os dedos. Feitos para o piano, disse ela. Mas não podia almoçar connosco, tinha de voar para Paris, onde tinha concerto logo à noite, na Sala Pleyel.

E assim ficámos sós e tivemos tempo para um daqueles beijos com princípio, meio e fogo de artifício no fim.

Depois de almoço, passeámos à beira do Loch Ness, e eu esperava tudo menos monstros. Ela estava calada, e tinha a enevoá-la uma sombra de tristeza. Não podia olhar para ela. Tive medo que o meu sorriso permanente a deixasse ainda mais triste. Mrs.Hurtle não precisava nem do *Colt 45* nem do chicote para ser poderosa. Quanto mais desprotegida mais poder tinha sobre o meu coração que era dela. A única saída que me restava era a obediência.

- Barlavento algarvio – disse Husky.

- *Yes, my love?*...

- Quero ser governador do Barlavento Algarvio. Isto é, gostaria, se por acaso o lugar estivesse vago.

- Por alguma razão em especial?

- Uma muito especial. Primeiro que tudo para agradar-te. E depois porque o Barlavento Algarvio é dos lugares mais mágicos do mundo, principalmente aquela zona que vai de Lagos até à Ponta de Sagres.

- Husky, Meu Deus, isto é que é uma coincidência!...

- Outra coincidência, *my pet*?

- Mais uma. Vê lá tu... Não, se eu te contasse não acreditavas. Depois de almoço...

- Mas nós já almoçámos, amor do meu coração.

- É verdade. Então, vou-te levar a tomar café num sítio...

Caminharam em passo acelerado de volta ao Castelo e só pararam em frente ao ascensor, que fora mandado instalar pelo 25º. Duque de Argyll e que tinha o mesmo problema de Sir Leicester Deadlock noutro recanto de outra fantasia de outro demiurgo chamado Dickens, ou seja, ataques de uma gota incapacitante.

Mrs.Hurtle esperou que a porta do ascensor se fechasse e recomendou:

- Vê bem. O elevador só marca 10 andares, do 0 ao 9, e quantos andares tem o Castelo?

- Não reparei. Quatro? Cinco? Estava a brincar, sou Agente da COSMOPOL, tinha de ter reparado. Tem cinco andares, sem contar com as torres que naturalmente tinham de ser mais altas. Têm de ser mais altas.

- Repara, jovem Husky.

Ela marcou o número 473 e o elevador moveu-se para cima, para baixo, para os lados, era impossível ter certezas. De qualquer modo, a viagem foi curta, menos de três minutos, e quando a porta do ascensor voltou a abrir-se, havia à nossa frente um corredor mal alumiado, que apenas permitia ver as lajes do chão e a porta em que desembocava, e que prometia ser bastante pesada.

Mrs.Hurtle tinha a chave, justamente uma das chaves do imenso molho que o notário nos entregara quando assináramos o contrato de arrendamento do Castelo. Foi à minha frente, deu a volta à chave e a porta deslizou facilmente, como se os gonzos respectivos tivessem sido oleados de véspera. Saímos e estávamos no Torreão de Santa Bárbara da Fortaleza de Sagres. Era ali que antes se guardavam os barris de pólvora e agora só havia bolas de naftalina. Havia uma cafetaria no Forte. Mrs.Hurtle pediu café, eu pedi um sumo de laranja natural. Nenhum de nós ficou satisfeito.

- Bebe-se melhor café em Sacramento, e o café americano é uma merda – disse ela.

- O sumo é um faz de conta. Diz aqui na embalagem que só tem 5% de sumo de laranja – reclamei eu, em voz baixinha, junto à orelha da mulher amada. – 5% apenas. O resto é água e químicos.

- A falta que faz aqui um governador que os tenha no sítio... – insinuou a minha *partenaire*.

- Pois.

Demos a volta ao promontório, seguindo o caminho já riscado na rocha. Dizia-se que quem seguisse fora dele arriscava-se a cair numa das inúmeras furnas que se abriam na rocha e que iam dar àquele mar perpetuamente encapelado, onde era penoso imaginar caravelas balouçando de um lado para o outro, tão frágeis e com desígnios tão grandes como a Cruz de Cristo dos Templários pintada nas suas velas.

- Mas a sério, o que faz um governador? Explica-me como se eu fosse muito inteligente mas leve horas para compreender coisas simples, e dias para as que forem mais complicadas.

Mrs.Hurtle apertou-me a mão direita entre as suas, quentes, macias e com o seu perfume especial, como a dizer que com ela não tinha de ser inteligente, nem belo nem corajoso. Tinha só de ser eu próprio, embora ela preferisse que não arrotasse à mesa, deixasse os chinelos debaixo da cama e fechasse a tampa da sanita depois de a usar. O que ela apreciava era a minha fidelidade de *husky* siberiano, acostumado a puxar trenós pelos gelos e a cheirar buracos escondidos por camadas de neve, mas acima de tudo era a minha incapacidade para enganar que ela preferia. Pelo menos quando não estava em funções policiais e podia deixar cair livremente o gelo que me cobria o coração e ser o apaixonado da mais bela mulher do mundo, ela própria, a minha guia e tutora no complexo mundo do amor.

- Um governador que esteja ao serviço da COSMOPOL tem por principal função corrigir injustiças, pôr cada coisa no seu lugar, e livrar as pessoas de perigos e tormentas, dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede e dar alegria a quem está imerso na tristeza. É uma mistura de juiz, polícia, bombeiro, médico, desactivador de minas, cavaleiro andante, humorista e professor de dança.

- É muita coisa – observei, incrédulo -, como um enciclopedista que trabalha ao ar livre, no terreno e não em papel.

- Boa – aprovou a minha guia e tutora no simpático mundo da polícia. – É isso mesmo. O Governador é uma Enciclopédia ambulante, porque deve saber de tudo e de todos, datas de nascimento e morte são facultativas. Depois há outra coisa.

- Já calculava – fiz eu, com uma carícia no negro e perfumado cabelo da minha amada.

- Não calculavas nada. Era um sarcasmo idiota, mas eu perdoo e digo a verdade. Uma das tuas outras obrigações é a Ronda.

- *Help me*. Ronda?

- Sim, duas vezes por semana tens de fazer a Ronda a todo o Barlavento Algarvio, a ver de há donzelas em perigo, viúvas a socorrer, órfãos a proteger, agravos a reparar, e empreiteiros a edificar sobre alvarás movediços.

- É muito. E sou eu sozinho a fazer a Ronda?

- Não. Vão mais pessoas contigo. Disfarçadas, como é evidente.

O vento soprava como se nos quisesse arrancar os cabelos. Felizmente Mrs.Hurtle trouxera o seu telemóvel de alta segurança com câmara fotográfica incorporada, e tirámos fotografias um ao outro que mostravam as nossas roupas enfunadas e os cabelos esvoaçando. E, como éramos fortes, não éramos arrastados pelo vento para África ou para a América, o tal sítio onde se chegava só depois de atravessar uma linha imaginária onde terminava o mundo normal e depois caía-se logo no reino dos dragões e doutras feras extremas. Mas Mrs.Hurtle viera desse país assustador e eu amava-a. Mesmo que não pudesse repetir muitas vezes essa declaração, sob pena de lhe dar um carácter automático e desvalorizá-la em consequência.

Passeávamos em torno do promontório de Sagres, calados, eu enlaçando-lhe a cintura de estatuária, ela apertando-me como se me quisesse proteger da forte ventania. E eu divagava. Que outra coisa se pode fazer quando estamos frente ao mar em dias de fúria e temos dezasseis anos e estamos completamente agarrados pelo amor?

O amor. Oh, o amor, o amor! Ai o amor!...

Não pode ser uma religião, embora o adorar tenha as suas parecenças com o mentiroso enamorado. Na religião está-se de joelhos a adorar, que é como quem diz a bajular o Criador, a enfeitá-lo de todas as qualidades e de todos os adjectivos mais sonantes, e, paradoxalmente, a tratá-lo por Tu, como se fôssemos visitas habituais da casa e padrinhos do filho mais velho – És o maior! És o mais forte! És o mais poderoso! És o mais belo! Só Tu sabes tudo! És o único Deus que me enche as medidas! Os outros, puahhhh!... Só gosto de Ti e Tu bem sabes como Te sou fiel desde que rompi com Satanás que, está bem, era boa companhia para ir ao futebol ou ir às putas, mas tinha cá umas ideias que, vamos lá a ver, eram mesmo umas ideias que, enfim... mas que ideias mais...

E o amor pelo Deus único e forte toma proporções de autêntica pouca vergonha, como no Salmo 63

Ó Deus, tu és o meu Deus! Sem cessar te procuro!

A minha alma está sedenta de ti;

Todo o meu ser te deseja, como a terra árida, exausta e sem água.

Quero ver-te no teu santuário

E contemplar o teu poder e a tua glória,

Porque o teu amor é mais precioso do que a vida.

.....

Quando estou deitado lembro-me de ti;

Se fico acordado medito em ti,

Porque tu és o meu auxílio.

Cantarei feliz debaixo das tuas asas!

A minha alma está unida a ti

E a tua mão mantém-me seguro.

Mas depois vem a explicação de tamanha sabujice perante o seu Senhor e seu Deus. Em troca de tanta paixão e tantos louvores, o salmista quer sangue.

Os que procuram a minha ruína

Cairão nas profundezas do abismo.

Eles morrerão à espada

E serão pasto dos animais selvagens!

Enfim, sexo e violência, o que torna esta cena imprópria para menores. Com a ressalva de que, em regra, o sexo não é tão mau como a violência e que, portanto, não é tão perigoso nem faz tanto mal à saúde como a guerra.

É-nos vedado conhecer a opinião divina a respeito dos seus adoradores. Diz-se, e eu vinco bem que “diz-se” e que, portanto, não é certo, mas diz-se para aí que o Criador, ao ouvir estes salmos hesitou se havia de rir ou se havia de chorar, mas ficou no ar um comentário que se Lhe escapou enquanto abanava a indescritível cabeça com o que parecia tristeza pelas suas criaturas:

“Belo carácter.”

E a sua expressão era a do mais completo desânimo.

Enfim, a religião pode-se dividir em duas partes – uma a da “graxa” abjecta, a outra do pedido. É como uma petição inicial, em que primeiro se narram os factos e depois se formula o pedido ao juiz. Na religião começa-se pelo servilismolouvaminheiro para dispor bem o seu Senhor. E depois destas mostras de respeito, como se se lidasse com um padrinho mafioso e não com Aquele que É, solta-se o pedido que já estava a arranhar a garganta – Já agora, Senhor, tenho aqui um problemazito que se me pudesses ajudar ficava-Te muito agradecido.

Felizmente, a religião tem verdadeiros crentes que dão e não pedem nada em troca, e mostram o seu amor a Deus em actos concretos.

Também só existem casos de amor verdadeiro fora da política.

Um político é um conquistador que mal seduz uma mulher parte logo para outra que, essa sim, essa é que é o seu verdadeiro amor e que em regra é a multinacional que lhe pagou a campanha e vem agora exigir os seus favores. Embora o político não seja um homem de vida fácil, a verdade é que da prostituição à política vai só um pequeno passo, coisa de centímetros. Um exemplo histórico é a Imperatriz Teodora, que passou de meretriz a Imperatriz e parece que foi uma boa profissional em ambas as actividades.

Por isso a política é tão cuidadosa na escolha dos seus políticos como a Igreja na escolha dos seus sacerdotes. Terão de ser sedutores, na expressão do rosto, no som da voz, na escolha das palavras, na capacidade argumentativa. Algumas vezes, quando escasseiam os galãs desempregados, são obrigados a ir buscá-los ao cinema ou ao mundo do espectáculo em geral. Inexplicavelmente, nunca recorreram aos cantores de charme, o que é um erro que lhes pode sair caro. Porque há coisas que pertencem ao mundo da sem-razão, e que portanto só se podem dizer por música, como aumentos de impostos para os mais pobres.

O político desfaz-se em beijos e ternuras, e promessas de amor eterno, até conseguir o voto do povo.

Quando faltam já poucos meses para as novas eleições, lá anda ele novamente a rondar o povo e a fazer-lhe tagatés, a dizer-lhe “Filha, não consigo esquecer aquela noite juntos, vai fazer agora quatro anos. Nunca mais fui feliz. Perdoa-me. As outras peixeiras nada significaram para mim.”

E tu sabes bem que a *Oldman Stinks* é aquela outra mulher que me tem na mão e eu só faço o que ela quer. Não esperes por mim, que hoje devo chegar tarde.

E em ditadura, o sítio onde as democracias vão periodicamente parar quando estão cansadas de tanto falar e nada dizer, o poder vai direito ao ***** sem preliminares de espécie alguma. Então a única maneira de os submissos lidarem com os senhores é a mais pura e descabelada lisonja. Os discursos públicos dos ditadores são do melhor cinema. Lá estão eles, lendo laboriosamente as dezenas de folhas dactilografadas de véspera por uma equipa de guionistas, cercados por uma entourage de fiéis – uns mostram o mais aberto entusiasmo e gritam as palavras de ordem para a multidão repetir ordeiramente, como se estivesse na missa. Outros levam a mão à boca para disfarçar os bocejos e tentar dar-lhes outra explicação que não o mero aborrecimento e a maçada.

- A divagar – disse Mrs.Hurtle, com um beijo de conto de fadas que por pouco não me transformava em Príncipe. – Como é que te nasceu esse hábito de escrever Ensaios mentais quando devias estar simplesmente a viver e a prestar atenção ao que te rodeia?

- Posso avançar com uma explicação provisória?

- Podes.

- Quando me deitavam, eu não adormecia logo. Então, para me entreter enquanto o sono não vinha, eu contava histórias a mim próprio, histórias essas em que invariavelmente acabava por te encontrar, e nessa altura já eras uma princesa dos contos de fadas. Depois passou essa fase de novelista mental, e passei a ocupar os tempos livres enquanto mudava de uma casa para outra, ou de uma instituição para uma família e de família para outra instituição, aproveitei esses tempos mortos, que eram muitos, para ter opiniões a respeito de tudo e a guardá-las apenas para mim, porque nem todas as opiniões agradam a quem nos está a fazer um favor ou pensa que o está a fazer. No fundo, acho que ninguém gosta das opiniões dos outros.

- E quando é que te davas ao trabalho de ter opiniões?

- Nos intervalos dos vídeo-jogos, depois de recuperar a consciência. Mas era mais à noite, na cama.

- As tuas recordações enganam-te. O António não tinha muito o hábito de escrever Ensaios com a mente. Pensar é mais com Husky, o jovem Inspector.

Enquanto almoçávamos em Vila do Bispo, a minha guia e tutora no atento mundo da polícia, falou-me do ofício de governador e do que se esperava de mim. Escolheu o francês, porque já tinha sido uma língua diplomática, e porque a KOSMOPOLITIK não se devia a Willy Brandt, apenas se convencionara que se escreveria desse modo

para lhe dar um pouco mais de exotismo. Os alemães são um povo exótico por natureza, qualquer coisa como os chineses da Europa. Na origem de tudo estava um grupo de dissidentes que criara a COSMOPOL e também, como seria de esperar da parte de dissidentes, a COSMOPOLITIQUE.

- Dissidentes de quê, meu doce amor?

- Ora, dissidentes em geral. Gente que não estava satisfeita. Jovens zangados que se aperceberam ainda a tempo de que o poder, o pouco poder que as pessoas tinham, lhes estava a ser retirado, e esse poder era entregue a organizações criminosas, como a *Oldman Stinks*. COSMOPOL – KOSMOPOLITIK, a eterna relação entre a ideia e a coisa.

- E voltando ao assunto governador, *my beautiful and darling pet?*...

- Existem diversos tipos de governos-sombra. Aquele que nos interessa é um governo da COSMOPOL, que actua na sombra, como não podia deixar de ser, e vela pelo universo, para evitar uma catástrofe provocada pelos banqueiros e seus políticos amestrados. É esse governo-sombra que nomeia os governadores, responsáveis por uma parte do mundo. Quanto ao papel dos governadores, é mais ou menos o de tapar buracos.

Ela olhou-me nos olhos e viu incredulidade enquanto eu apenas me inundava da sua grandeza e perdia o pé naquela maré alta de ondas perfeitas que se seguiam umas às outras, cada vez mais altas e mais perfeitas.

- Sim, tapar buracos, em sentido real e em sentido figurado também. Buracos que dêem acesso a outras dimensões é para tapar com camadas de betão e lá fundo, bem no fundo de tudo, um tapete quântico a servir de fechadura de segurança. Não passarão.

- Como é que poderiam? Claro que não passarão. Impossível.

Mrs.Hurtle explicou no seu francês perfeito de mais para uma americana que cruzara um continente à força de revólver e chicote, que os outros buracos a tapar consistiam em reparar agravos, emendar tortos, ajudar órfãos e viúvas, dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, cuidar os doentes, vestir os nus, ensinar os ignorantes, libertar os que estão presos injustamente e expor publicamente as mentiras que passam por verdades.

- Amor, já me tinhas dito isso tudo. Mais ou menos. Acho que falas de um incompreendido. *Misunderstood*. Uma espécie de santo e

de cavaleiro andante, mais ou menos destinado à cruz ou à fogueira, ou às duas coisas ao mesmo tempo.

Mrs.Hurtle abriu os braços poderosos e o seu abraço imobilizou-se no ar como se estivesse prestes a ser crucificada ou a levantar voo.

- A KOSMOPOLITIK é assim mesmo. E a COSMOPOL que é senão uma escola de heróis? Que és tu, Husky, senão um herói, o meu herói?

Se não tivesse já aquele sorriso de que nada me livrava, teria sido agora que teria sorrido de alegria pura, ninguém resiste a um elogio, eu pelo menos não consigo.

- Deveriam chamar o cavaleiro Amadis de Gaula, aquele que tem por Senhora a Dona Belisanda. É das melhores pessoas que conheço e um verdadeiro herói de gesta, como Rolando ou Galaaz ou Lancelote do Lago.

- Husky, polícia de giro é o melhor disfarce para um cavaleiro andante.

- Porque é que falaste em coincidência quando te disse que poderia ser governador do Barlavento Algarvio se por acaso?...

- Porque tu foste um menino muito maroto e a minha vontade era castigar-te. Viste ontem na televisão que o Barlavento Algarvio não fazia parte da lista das regiões sem governador. Mas tive acesso a informações de última hora em como o Governador em funções sofreu uma queda brusca numa obra não licenciada e transformou-se numa espécie de especialista em gestão e exploração de obras públicas e particulares e controle de custos. Desde então o Barlavento Algarvio está sem rei nem roque, nas mãos dos empreiteiros que põem e dispõem onde bem entendem. Falésias, dunas e arribas, nada escapa ao furor construtivista. Os preços das obras, nos casos mais modestos, acabam multiplicados por três ou por cinco. Não havia alternativa. A COSMOPOL considerou o caso como acidente de trabalho e o governador foi colocado ainda ontem de licença para tratamento. Pediram-me que te convencesse. Afinal de contas, não foi preciso. A ideia foi tua.

- Foi minha, não foi? E quem é que me vai dar posse?

- Dou-ta eu, logo à noite. Depois do jantar.

- E sempre me vais castigar?

- Eu só disse que tinha vontade. Não é o mesmo.

- Quartos separados esta noite?

- Não era capaz de uma coisa assim tão cruel. E, jovem Husky, tens de me deixar de tratar como uma personagem de ficção com o seu quê de caprichosa e de imprevisível. Já sou crescadinha.

Olhei demoradamente Mrs.Hurtle, o que não era fácil, era como olhar sem pestanejar para o Sol que nos alumia. Tinha como que a sombra de uma suspeita sobre a minha guia e tutora no alucinante mundo da polícia.

- Meu amor...

- Diz, meu Senhor...

- Se eu pensasse... se eu neste momento pensasse que te transformaste numa personagem de um romance de cavalaria, que é que tu dirias? Que fiquei completamente maluco? Que o governo do Barlavento Algarvio me deu a volta à cabeça?

- Não diria tanto, Husky, *my young and darling lord*. O caso não é assim tão grave.

E, enquanto me fazias uma festa nos cabelos,

- Há casos de personagens que reincidem na ficção, mesmo depois de uma cura paga por 10 editoras. Diga-se o que se disser em contrário, nem toda a gente se dá bem com a realidade e, claro, há quem seja alérgico à penicilina.

- Quem és tu... agora?

- Boa pergunta. Sou igualzinha a Mrs.Hurtle, fisicamente sou ela, moralmente tenho o mesmo pendor para a raiva e a mesma força de vontade para a soltar só em momentos de grande necessidade. O meu amor por ti é igual, talvez tenha crescido nos últimos dias, mas não vou perder tempo a falar de amor. Melhor amar que falar.

- Mas...

- O meu nome continua a ser Winifred e os meus vinhedos mantêm-se na Califórnia. Mas mudei. O meu interior mudou. Eis que agora sou Winifred, a Cavaleira de Blackhair, a Castelã de Urquhart, a Construtora de Mundos, e quando vestir a minha armadura que está a levar os últimos retoques na cidade de Toledo, cavalgarei por todo o Barlavento Algarvio ao lado do meu marido, o glorioso Husky, o Cavaleiro Sem Medo e Sem Mácula, e juntos enfrentaremos os gigantes das empreitadas e obras públicas e derrubaremos os seus horríveis castelos que tapam o mar.

- Presumo que a cavalaria andante faça parte da KOSMOPOLITIK.

- Tudo o que é bom faz parte da KOSMOPOLITIK.

Espreitei a capela, ainda antes da hora de jantar, e vi o Mordomo e a Ucradiana a acenderem as altas e grossas velas do altar e as que estavam presas por anéis de ferro às paredes laterais. Se eu soubesse dizer “A Festa da Luz” em língua celta, saberia exactamente como chamar a cerimónia que se aproximava.

19.

Não tinha fome. Jantei sopa e fruta, e Mrs.Hurtle parecia distraída e pouco à vontade nas suas roupas de minha guia e tutora no retraído mundo da polícia, que eram mais ou menos como se vestiam as secretárias das grandes empresas, num instável compromisso entre a luxúria corporativa e os pecados menos originais.

Mas logo depois de jantar, ela mandou-me vestir as roupas que deixara em cima da nossa cama, já passadas a ferro e com um toque a lavanda, porque a obrigação de uma capela é cheirar bem e neutralizar o fedor dos peregrinos à força de incenso, porque as

virtudes da mirra ainda não estão inteiramente estabelecidas. Ao contrário do ouro, que tem sempre serventia para quem acaba de nascer e ainda não tem o suficiente para dar entrada para um apartamento, e por ora tem de contentar-se com a manjedoura do estábulo de um qualquer filantropo, que gosta dos pobrezinhos, sim senhor, ninguém diz o contrário, mas sempre respeitando a distância que deve persistir entre castas.

A minha roupa saíra directamente das iluminuras de um livro de horas, em que a alternativa era *collants* e uma espécie de camisola de malha vermelha, segura na cintura por uma tira de cabedal, o que era uma vergonha se um Rapaz da Rua me visse assim trajado, ou então a roupa normal de trazer por casa, mas coberta por um manto azul, pintalgado de estrelas, e que me descia até aos pés, o que de qualquer modo era muito mais respeitável que um rapaz em *collants* que não vai dançar “O Lago dos Cisnes”. Chamem-lhe preconceito porque é mesmo preconceito e foi por isso que optei pelo manto, que além do mais era muito bonito e um dos seus donos fora o Mágico Merlin, disse ela.

- Estás a brincar, não estás? E logo Merlin. Não fazes a coisa por menos.

- Husky, tens alguma coisa contra personagens de fantasia? Se tens, é melhor que o digas antes do casamento. O que pode acontecer é uma de duas coisas – ou já não haverá casamento, ou então o casamento já não será fantástico.

- *My pet*, quero um casamento fantástico, que seja quase, quase tão fantástico como tu, *my sweet and darling bride*.

E ofereci-lhe um anel com uma pedra de fantasia, que o meu amor garantiu que nunca trocaria por nenhuma pedra verdadeira. Ela ofereceu-me os seus lábios que de reais que eram até escaldavam, e o nosso beijo durou até os sinos repicarem na torre mais alta do Castelo de Urquhart, a chamar para a cerimónia.

Mrs.Hurtle deixara as suas roupas de secretária respeitável, e vestia agora de fada, com um chapéu bicudo e um véu diáfano que a tapava até aos pés e era como uma nuvem prateada a tapar a custo um céu de Verão. Empunhava uma varinha, com uma estrela a brilhar na ponta, e apressou-se a ser a primeira a entrar na capela e tomar assento no trono de madeira que fora colocado em frente ao altar-mor, e que tinha uma pedra por baixo do assento.

O Guarda dos Selos segredou-me “Não, não é a Pedra do Destino. Esta é muito mais antiga e chamam-lhe a Pedra Amarela. Foi trazida para aqui pelo primeiro geólogo que visitou a dimensão de

“Vai andando que eu já lá vou ter”. Em resultado das guerras entre clãs, a Pedra ora estava em poder dos MacGregor ora estava em poder dos MacIntosh, até que, feita a paz, ficou definitivamente no Castelo de Urquhart, destinada expressamente a servir para as cerimónias de investidura como cavaleiro ou, mais modernamente, como governador, que é, por assim dizer, um tipo de cavaleiro andante mais politizado, com preocupações sociais, reinserção, integração de minorias, combate à exclusão, aquecimento global, desenvolvimento sustentável, energias renováveis, correcção de assimetrias, sinergias e densificação de questões. Será que esqueci alguma anedota? Elas são tantas e todas tão desopilantes que é difícil estabelecer uma hierarquia e ficam sempre lacunas mesmo sem a gente querer. Enfim, refiro-me em geral a todas essas coisas que ficam bem para depois de jantar, antes dos licores e charutos, que aí é a altura para trocar números de telefone de massagistas.”

- Falar das damas, quer o senhor dizer.

- Ou isso.

Guarda dos Selos, Mordomo, Senescal, Estribeiro-Mor, se não fosse a Ucrâniana não haveria ninguém para trabalhar naquela casa.

O meu lugar era ajoelhado aos pés da minha dama, num genuflexório que era uma obra de arte medieval. Valeria uma fortuna num leilão de coisas inúteis que só servem para gastar dinheiro e mostrar às visitas. Se quiser ajoelhar-se, faça favor, mas olhe que estão aí uns bons milhares de milhões. Se partir, paga.

Havia gente sentada nas bancadas laterais, mas eu estava por demais hipnotizado com a beleza de Mrs.Hurtle para poder reparar em fosse quem fosse. E perturbado também com a impressão de santidade sensual que emanava dela, que manjava o revólver e o chicote como ninguém e tinha raivas destruidoras, ao que se dizia no Oregon, no Nebraska e noutros locais onde deixara a sua marca e sobrevivera, o que já de si era um grande feito.

Se não fosse a assistência, teria aproveitado a ocasião para encher a minha Senhora Muito Amada, a minha guia e tutora no admirável mundo da polícia, para a encher daqueles beijos proibidos que se dão em lugares especialmente sagrados, mas uma vez por outra até o Criador pode fechar os olhos aos erros e desvios de quem tem apenas 16 anos e só agora descobriu o amor, a única coisa que de facto nos torna grandes e maiores que as estrelas.

Beije-lhe os pés, em sinal do muito respeito que lhe tinha. E do muito amor também, mas isso era um segredo entre nós dois.

- Husky, Cavaleiro da Sibéria, Agente da COSMOPOL, é de vossa vontade, ou melhor, da tua vontade assumir os desgostos e a glória da vida de governador?

- Sim – disse eu, como se respondesse à pergunta de se queria casar com ela para isto e para aquilo, nisto e naquilo, até que a... cruzes, canhoto... nos separasse.

- Então, doce Cavaleiro da Sibéria, vamos deixar-te a sós nesta Capela do Castelo de Urquhart, para que rezes, medites, e peças a protecção divina para bem desempenhares o alto cargo que te espera.

A minha rainha e tutora no mundo empolgante da polícia desvaneceu-se, enquanto as luzes da capela se apagavam uma a uma, deixando acesos apenas os dois candelabros que ornavam o altar-mor. Soube, mesmo sem olhar, que as testemunhas que se sentavam nos bancos laterais tinham também desaparecido, talvez todos, talvez a maior parte, era impossível dizer com tanta treva no seu lugar.

O silêncio não existe. Tudo vibra a sua própria canção, que é a que faz que umas coisas sejam antimónio, outras prata, outras velas de cera pura e outras pessoas e portanto já não sejam coisas à luz do Direito.

Era uma espécie nova de silêncio, aquele em que fora deixado entregue a mim próprio na Capela do Castelo de Urquhart, um reduto católico num Reino Unido cheio de ruínas de Igrejas, um caso típico de vandalismo de Estado. Recuei à beira da divagação e rezei com palavras e rezei sem palavras, encontrando riquezas novas a cada minuto de silêncio em memória de mim próprio, a cada minuto de *Te Deum* pela graça de haver descoberto o amor nos braços de Mrs.Hurtle, a cada minuto do puro prazer de poder sonhar.

Só às cinco da manhã, quando o sol já raiava nas Terras Altas, é que a agitação do silêncio foi substituída pelos penetrantes sons do órgão em que alguém interpretava a *Passacaille* BWV 582 de Bach. Música que passa na rua. Virei lentamente a cabeça, a primeira distração a que tinha direito depois de tantas horas de absoluto. Já cansava. Ao alto, sentado no banco do órgão, movimentando as mãos e os pés, uma figura que não poderia ser Karl Richter, mas as parecenças eram inegáveis, até o estilo era o mesmo. Por sorte, eu e todos os Agentes da COSMOPOL que não faltaram à Temporada VI, episódio 27º. do Curso Normal de Formação, acreditamos em fantasmas, porque a explicação para a sua existência é até relativamente simples e é mais um dos efeitos do efeito Luís Pereira da Silva.

Virando a cabeça mais para baixo e para a direita, Husky apercebeu-se da sombra do que parecia uma pessoa de carne e osso que não o abandonara na sua longa vigília, e estivera a seu lado como um anjo da guarda cumpridor dos seus deveres.

Vestindo um roupão e com um barrete na cabeça, um pouco estremunhado e completamente fora de época, o mordomo acendia agora as velas que me tinham deixado quase na escuridão mais absoluta se não fossem os candelabros do altar, iguaizinhos aos do Templo de Salomão. Acto inútil, com todo o sol que entrava pelos vitrais. Inútil mas simbólico e tudo o que é simbólico é bonito, apesar de inútil. Acender velas comunga do primeiro dia da criação, aquele em que Deus criou a luz e ficou satisfeito com a sua obra porque era boa, útil e grátis.

O jovem Husky levantou-se do genuflexório, feliz por se poder mexer sem ter tido que denunciar os seus cúmplices.

Deu entrada na capela uma procissão, em que vinha à frente a Cavaleira de Blackhair, Castelã de Urquhart e minha senhora Winifred Hurtle, as três juntas numa só. Segurava um pesado bastão com que batia pancadas ritmadas no chão da capela, como se estivesse a dirigir a *Marche pour la cérémonie des Turcs*, de Lully. Mas a *Passacaille* prosseguia, indiferente ao ritmo das pancadas.

A minha amada era seguida por gente desconhecida, daquela que dizemos só o vi daquela vez e não voltei a encontrá-lo. Não sei o que foi feito dele.

Essa gente voltou a ocupar os seus lugares nos bancos laterais e pareceu preocupar-se com o cavaleiro que me fizera companhia na vigília.

- Então, não chegou a passar pelas brasas nem um bocadinho? Como é que aguentou? Que valente. Eu já não era capaz.

Mrs.Hurtle voltou a sentar-se no trono que lhe competia e abandonou o bastão nas mãos do mordomo, que em troca lhe entregou a varinha de condão, com a estrela da ponta a brilhar agora com o esplendor de 999 sóis, o que era demasiado ofuscante, e a minha amada regulou a intensidade para a de uma lâmpada de 40W, muito mais suportável. Era o seu dom natural para corrigir os exageros.

Eu voltei a ajoelhar-me e rezei para que agora fosse tudo mais rápido e pudesse ainda dormir uma soneca antes do pequeno-almoço, porque depois viria a Prof^a.Nataliya para a segunda lição e pelo menos uma hora da parte da tarde teria de ser ocupada com o governo do Barlavento Algarvio. As coisas nunca poderiam ser tão lineares

como Mrs.Hurtle dissera “Vais lá, mostras-te e voltas. É um descanso e podes trabalhar em casa.” Claro que o médico não lhe proibira nem o leite gordo nem as metáforas. Mas a minha querida já esclarecera tudo, alguma coisa pelo menos.

A minha guia e tutora no mágico mundo da polícia tocou-me os ombros alternadamente com a sua varinha de condão e depois de três considerandos com 17 linhas cada um, rematou com a sua voz mais doce e trovejante a reverberar por toda a capela feita de propósito para a acústica divina:

- Por tudo isto, querido Husky, e pelos poderes que me foram confiados pelo Concílio Supremo dos Universos, eu te nomeio governador do Barlavento Algarvio, com jurisdição sobre Silves, Monchique, Albufeira, Portimão, Lagos e Aljezur, e outras terras como por exemplo Vila do Bispo, Raposeira e outras mais que de momento, assim de repente... Levanta-te e sobe aos Céus Filho de São Luís, que esse teu sorriso não engana. Que a felicidade seja contigo.

Deu-me o beijo da paz, na testa e eu segredei-lhe:

- Não estás zangada comigo, amor, pois não?

- Não, claro que não, mas agora temos de ser pessoas de muita cerimónia. Beijos só de muito respeito, se não o que é que esta gente vai pensar, eles que pensam que “Fornicar” é um *stand* de automóveis?

A Festa da Luz terminou precisamente no momento em que se apagou a varinha de condão e a seguir era o pequeno-almoço para todos os convidados e para nós também, todos tínhamos fome. O cavaleiro que me fizera companhia na longa vigília saiu para a luz coada pelos vitrais e logo reconheci e abracei

- Rodrigo, camarada! Amadis de Gaula, flor da cavalaria, que alegria ver-te! Então foste tu que ficaste ao meu lado nesta longa, mas mesmo longa noite, embora as noites de Verão sejam curtas nas Terras Altas?

- Claro que era eu. Não podia perder por nada esta cerimónia e quis acompanhar-te e rezar contigo. Às vezes sonhava, outras vezes estava desperto. Mas ainda assim acho que foi tudo um sonho.

- Sempre o mesmo amigo. Onde é que está a tua senhora e Dona Belisanda, a sem par se não existisse a minha Dona e Senhora, a Cavaleira de Blackhair?

- Ficou a tecer uma tapeçaria que é para te oferecer no casamento e que representa a captura do Minotauro. Ficou ela mais as

suas aias, porque é muito trabalho para uma pessoa só. Mas deve estar a chegar para o pequeno-almoço.

- Virá nas asas de um cisne?

- Precisamente.

O pequeno-almoço foi servido num dos salões que davam para oeste, disposto numa tábola redonda em que me sentei entre Mrs.Hurtle, à minha direita, e Rodrigo, o cavaleiro Amadis de Gaula, à minha esquerda. O Rei Artur não estava por meras razões políticas a que houve de atender, uma das quais era a de eu ser republicano.

Era daqueles pequenos-almoços gigantescos, em que há de tudo desde feijão cozido em tomate a champanhe de castas muito mais raras do que as consumidas pela Governanta da Casa dos Rapazes da Rua. Um deles fazia parte de uma encomenda do Czar de Todas as Rússias que naufragara no Mar Negro e que fora recentemente recuperada por uma equipa de mergulhadores da COSMOPOL, que, às vezes, para se financiar, recorria à satisfação dos caprichos confessáveis das classes possidentes, justamente naquelas dimensões em que coexistia o crime e a escarlatina, como era o caso de “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar”.

Por curiosidade, e porque era também a minha festa, bebi champanhe e comecei a discutir física quântica, o equilíbrio europeu como chave do equilíbrio mundial e as diferentes maneiras de cozinhar cação.

- Husky, não te faças interessante.

- Não posso evitá-lo. É que sou mesmo interessante.

Tentei disfarçar um grito de dor com uma exclamação de triunfo e surpresa, o sorriso permanecia colado à cara, mas ninguém espera a biqueira do sapatinho de cristal de uma rainha das fadas mesmo a meio das pernas. As rainhas não desferem golpes baixos, a não ser com finalidades educativas. Olhei-a e tentei calcular o grau da sua raiva. Nulo. Ao mesmo nível do amor. Ela sorria enquanto esquivava os pés à pisadela que eu tentava aplicar-lhe.

- Que se passa lá em baixo? – perguntou ela.

- Em Edimburgo? Em Londres? Na Sicília? Parece que tudo bem. Tudo em paz. Eu é que parece que bebi demais e peço desculpa.

A rainha das fadas beijou o governador do Barlavento Algarvio.

- Bebeste só um bocadinho demais e não estás habituado e ainda por cima ao pequeno-almoço. Não repitas.

- Não repito. Prometo.

E, virando-me para o Cavaleiro Amadis de Gaula, que olhava impaciente o relógio,

- Parece que me passei um bocado.

- Por acaso parece.

E apontou para a chávena de chocolate quente e para as torradas que tinha no prato, a servir-se de exemplo.

- Álcool ao pequeno almoço, em jejum? Onde é que já se viu tal coisa? Ah, em Ourique, às oito da manhã, um alentejano a pedir uma amêndoa amarga.

- Devia ser para o fígado.

- Pois.

- A Senhora Belisanda?

- Já cá devia estar.

Havia um lugar vago, entre Rodrigo e a pessoa que se seguia, um velho muito direito e com barba longa e cabelos compridos, tudo cor de cinza desmaiada, o qual vestia uma capa com a cruz dos Cavaleiros Hospitalários e acabou por tirá-la e deixá-la nas costas do cadeirão que tinha o seu nome. Fazia calor dentro do enorme salão, onde, a cada meia hora, a Ucraniana de serviço espalhava essências frescas de jasmim e rosas de Maio.

A Senhora Belisanda chegou uma hora atrasada e desculpou-se com o trânsito e ter-se deitado tarde ontem à noite por causa da porra da tapeçaria, que se calhar não iria ser entregue a tempo mas de qualquer maneira iria ficar na história do Castelo de Urquhart. Era mais baixa que a minha guia e tutora no inebriante mundo da polícia, era ruiva, sardenta e tinha olhos verdes. Deu a mão a beijar a Rodrigo. Notava-se-lhe uma tendência para o abuso da posição dominante da dona para com o seu cavaleiro. Mrs.Hurtle não era assim. Nunca foi.

20.

As pessoas comuns estão vigiadas até ao tutano, e nem por isso estão mais seguras, antes pelo contrário.

A COSMOPOL é uma Polícia, mas não se intromete nos assuntos da Polícia. O que é falso. A verdade é que se intromete mesmo, sempre sem dar nas vistas. Chamadas anónimas, palavras sussurradas, cartas comprometedoras que se enganam no destinatário, telepatia quando é preciso. E, em último caso, pega-se no criminoso pelo colarinho e leva-se o mesmo directamente à Esquadra “Aqui o tem. As provas estão neste dossier de capa castanha e as que estão dentro do delinquente devem sair nas próximas horas. Vai cheirar mal. Eu? Oh que pena, não posso esperar, a minha mulher está-me a chamar para o almoço.”

Uma das funções do governador do Barlavento Algarvio era a de ajudar a Polícia local a combater o tráfico de estupefacientes, já que os governos estaduais faziam tudo o que podiam para o não combater mas dar a aparência do contrário. O que era normal depois de a grande criminalidade, de forma directa ou indirecta, se ter assenhoreado dos governos estaduais. A prova era que para patrulhar trinta quilómetros de costa havia apenas dois militares da G.N.R., que se deslocavam a pé e paciência, pois já se esgotara o orçamento para gasolina e de qualquer modo as viaturas de serviço não tinham arranjo possível e aguardavam no barracão que lhes servia de garagem a hora de transitar para o Museu da Polícia.

O tráfico de estupefacientes era daquelas coisas que só levava à prisão pessoas como o pai de António, o Rapaz taciturno que desaparecera da Rua.

Se o tráfico de estupefacientes fosse uma pirâmide em degraus, como a pirâmide de Sakhara, de preferência depois de obras que restabelecessem as linhas rectas e os ângulos agudos, então a única parte da pirâmide a que o sistema judiciário tinha acesso era o degrau mais térreo, o rés-do-chão, o equivalente ao pilha-galinhas no mundo alucinante dos alucinogéneos, o que andava pelas ruas a vender panfletos de heroína dentro de um saquinho de plástico secretamente guardado nas cuecas. Consumidor não é esquisito em matéria de asseio e até é capaz de consumir o que sai do olho do cu das “mulas”, em linguagem técnica, ou dos “correios de droga”, na linguagem dos não iniciados. A partir desse degrau, todo o resto da pirâmide estava fora de alcance, pois gozava de todas as imunidades e privilégios dos banqueiros devidamente ungidos para o efeito, após a assinatura com o sangue das próprias veias de vários protocolos diabólicos. Ao contrário do que tradições fantasiosas têm procurado instilar na opinião pública, os banqueiros não vendiam a alma a Satanás, porque não podiam vender o que não tinham, nem sequer a título de bens futuros, porque eram nulas as perspectivas de virem a ter uma alma ou um sucedâneo para a mesma.

Para garantir o bom funcionamento do sistema, os barões, duques e reis da droga pagavam um pequeno tributo às polícias, denunciando “mulas” e outros pequenos traficantes, e em troca desses pequenos prejuízos, contabilizados como custos correntes, grandes quantidades de drogas das mais perigosas passavam livremente ao lado do sítio onde se tinham concentrado os poucos meios disponíveis.

Uma chamada anónima (que nada tinha a ver com a COSMOPOL) alertava para que no voo TAC 2323, proveniente do

Rio de Janeiro e com hora prevista de chegada ao Aeroporto da Portela para as 16h 35m de sexta-feira, vinha um indivíduo com os seguintes sinais que transportava 19 kg de cocaína no fundo falso praticado na mala. Mais transportava diversas embalagens de heroína dissimuladas dentro do próprio corpo, pelo que era de esperar que uma das coisas que procurasse logo que chegasse a terra fosse um pouco de isolamento e um coador para reter as “bolotas” de plástico.

As “mulas” davam sempre nas vistas porque passavam sem comer nem beber nem ir à casa de banho nas oito horas que a viagem normalmente demorava. Praticamente denunciavam-se a elas próprias, mas sabiam que se acontecesse algum azar como irem presos, o que era o mais natural embora no Brasil lhes tivessem garantido que era muito improvável, praticamente impossível, “Jura? Posso jurar! Cara, a polícia está todinha em nossas mãos”, se acontecesse alguma coisa, embora improvável, a organização cuidaria deles e da família, desde que não falassem nem comprometessem ninguém. Números de telefone não. Moradas nunca. Nomes, nem pensar. E se não tivessem jeito para inventar histórias, o advogado falaria por eles. E no fim de tudo haveria um confortável prémio de bom comportamento, alguns milhares de coisas boas, casa, dinheiro e segurança.

Husky terminara a quinta lição da Prof^a. Nataliya e os seus dedos já tinham crescido um milímetro. E com a agilidade que tinha ganho nas mãos poderia pensar em mais uma carreira – a de carteirista no eléctrico 28, em Lisboa, o único no mundo que seguia para os Prazeres e tinha paragem no Limoeiro.

Quando era preciso ir ao Algarve, que era quase todos os dias, Husky entrava no elevador e marcava o número correspondente ao seu destino. O número 473 levava a Sagres, como já é do conhecimento dos iniciados, o 477 a Lagos, Portimão era o 480, mas se quisesse ir à Mexilhoeira da Carregação o número que devia digitar era o 522. Estava tudo na agenda que lhe fora dada depois de assumir as suas funções de governador.

A Ronda fazia-se duas vezes por semana, sempre às segundas e às quintas-feiras, a sexta-feira era um dia mau porque a polícia oficial andava pelas estradas a fazer operações stop para apanhar condutores embriagados ou condutores sem carta, uma outra forma de ebriedade, a de transgredir conduzindo.

Seguiam com ele três agentes da COSMOPOL que pareciam mexicanos, com bigodes de pontas pendentes, mas sem aquele amplo chapéu de *mariachi*, porque a Ronda fazia-se de noite. Ainda se

conseguem ver num quadro de Rembrandt, em que por uma questão de segurança ficaram de perfil.

O bando dos quatro fazia a Ronda disfarçado de vendedores de gelados. Assim, quatro carrinhos de gelados pedalavam uma inteira madrugada pelo Barlavento Algarvio, entre Monchique e Aljezur, levando sabor e frescura, mesmo que fosse Inverno ou que trovejasse. Os carrinhos eram pintados de cores garridas, com fotografias e preços de gelados, e uma pessoa deprimida ficava menos deprimida depois de ouvir o retinir da campainha dos gelados, e o mais normal era que ensalivasse por causa das boas recordações que traz normalmente uma sineta de gelados, *Coco Loco* ou outro qualquer.

Husky, na sua qualidade de Governador, seguia à frente. A primeira bala deve ser para o peito de quem comanda. É justo.

Pedalavam na Estrada Nacional 125, porque a Via do Infante estava proibida a vendedores de gelados. Não estavam longe da Praia da Rocha, onde a COSMOPOL tinha uma espécie de escritório, quando viram uma rapariga loura, sentada no degrau do passeio. Soluçava e as lágrimas corriam-lhe pelo rosto inchado, com vestígios de sangue nas têmporas.

Os carrinhos de gelados estacaram a um sinal do jovem Governador, prestes a tornar-se o marido de Mrs.Hurtle, a Cavaleira de Blackhair.

Husky sentou-se ao lado da jovem e perguntou-lhe o que se passava e se havia alguma maneira de a poder ajudar.

Ela respondeu com o mau Português de quem viera do Leste e ainda só aprendera o básico.

- Bateram-me.

- Mas quem lhe bateu? E, para além de notar-se que é uma perfeita besta, porquê?

Ela contou que era empregada num “bar” da Praia da Rocha, que ficava normalmente aberto até às quatro da madrugada. A maioria da clientela era estrangeira e o Português dela ia chegando para as suas necessidades de compreensão que até não eram muitas – dizia ela. Nessa noite, entrara um indivíduo do Cazaquistão, daqueles que parece que a cara foi metida entre duas tábuas e apertaram os parafusos até baixar a zona da testa e alargar a zona das orelhas, e que ganhava a vida em cobranças difíceis ou a dar sovas por encomenda, a um tanto por sova, pago adiantado, porque o cazaquistão já se ia acostumando aos hábitos portugueses de ficar a dever depois de o serviço feito.

- Cerveja! – gritou para a empregada, chamada Lyudmilla.

Esta sorriu, porque estava convencida que a simpatia atrai simpatia, e ainda por cima eles eram dois exilados.

- O que é que pediste?

- Cerveja! – gritou o outro, ainda com mais força.

Ela sorriu, com toda a doçura que tinha em reserva, e com a sua voz mais sedutora, lembrou:

- Não te estás a esquecer da palavra mágica?

Um dos falsos mexicanos que integravam a Ronda da Noite sugeriu que talvez fosse “abracadabra”. Outro, especializado em gelados italianos, arriscou rimar – Venho da Amareleja / Dá-me uma cerveja.

A empregada abanou a cabeça e pareceu condoída da estupidez dos seus salvadores. Que era só disfarce. Os Agentes da COSMOPOL, mesmo que não pareça, são das pessoas mais inteligentes dos Universos.

- Não. O que ele disse foi: Qual palavra mágica? Que merda é essa da palavra mágica?

- Se faz favor. Uma cerveja, se faz favor.

O indivíduo olhou para ela e os seus olhos tornaram-se mais pequenos. O braço musculoso esticou-se e desferiu um violento soco no rosto desprevenido de Lyudmilla.

- A única palavra mágica que eu conheço é – Vai-te foder!

Deu a volta ao balcão e retirou uma garrafa de cerveja do balcão frigorífico. Atirou-a de encontro às garrafas que se alinhavam nas prateleiras e estilhaçou cinco, o que lhe produziu a satisfação do jogador que marca um ponto. Retirou outra garrafa, pareceu-lhe que estava bem fresca e levou-a consigo, enquanto abria a tampa. Sem dizer mais palavras.

Tinha de ir à Polícia, mas não tinha autorização de residência. Estava ilegal. Ia arranjar mais problemas. Assim, a única alternativa que lhe restava era pagar os prejuízos do seu bolso e, mesmo assim, o mais normal era vir a ser despedida, o que não faltavam por ali era ucranianas que trabalhassem por um salário inferior ao seu, que já era o mínimo dos mínimos e não lhe permitiria viver se não fizesse também limpezas nos diversos edifícios espalhados pela cidade.

A Ronda da Noite guardava o produto da venda dos gelados para um Fundo de Protecção de Vítimas e tinha, nesse momento,

37,50€ misturado entre os gelados de baunilha e de frutas exóticas. Àquela hora era fácil fazer rondas mas não era fácil vender gelados.

- Quanto é que precisa? – Husky não iria tratá-la por tu.

- As cinco garrafas partidas, creio que uns 25€. É que acertou nos whiskies, se fosse nas aguardentes saía mais barata. E as duas cervejas 3€. Ao todo são 28€.

Husky passou-lhe para a mão 30€ e, com o jeito de Governador generoso que já ia tomando mesmo sem querer, disse-lhe que podia guardar o troco.

- Só quero é falar com o cazaquistânês que lhe deu o soco. Não é por nada. Não lhe vou bater. É só por causa da palavra mágica. Ele precisa de conhecer a palavra mágica. Não é da minha opinião?

Ela sorriu o seu primeiro sorriso.

- Claro que precisa.

- Onde é que o poderei encontrar?

- Eu conheço-o de vista. A esta hora deve estar na Avenida Tomás Cabreira, junto da entrada do Casino. É onde os clientes o procuram para dar porrada em alguém.

O Governador voltou à sua carrinha de gelados e pediu que ela o apontasse. Se não lhe desse incómodo, ele levá-la-ia sentada na parte de cima da carrinha, e, quando ela lhe dissesse quem era, um dos seus ajudantes iria levá-la a casa. Podia confiar.

Aproximaram-se do Casino e ela, sem apontar porque era feio e porque não queria dar nas vistas, descreveu – é o terceiro a contar da direita, o que tem o cabelo rapado e veste uma camisa cor de risa.

- Cor de rosa – corrigiu Husky, o jovem Governador.

Lyudmilla agradeceu tudo o que tinham feito por ela e mudou-se para a carrinha de um dos falsos mexicanos, que a levou a casa, e ambos falaram pouco, uma porque tinha estreiteza de vocabulário, outro porque não queria atraí-lo o seu disfarce de mexicano com a pronúncia coimbrã que trouxera de Arganil.

Husky aproximou-se do cazaquistânês, que aparentava ter já dobrado os 30 anos e acercar-se perigosamente da casa dos 40.

- Creio que temos um problema.

- Problema? – e o outro encrespou as sobrancelhas, e teria ganho a imediata antipatia de Mrs.Hurtle, se ela por acaso estivesse presente e mesmo que desconhecesse a história anterior.

- Deves-me 30€, em garrafas partidas e a cerveja que levaste do “bar” sem licença.

O energúmeno abandonou o refúgio das paredes do Casino e aproximou-se de Husky, que recuou para junto das carrinhas de gelados, onde se encontravam mais outros três membros da Ronda Nocturna da COSMOPOL.

- Querias 30€? Para quê? Só a despesa de hospital que vais ter depois de eu tratar de ti será muito mais do que 30€, acredita!

Colocou as duas mãos em postura de boxeur e Husky tocou-lhe apenas com um dedo na testa, pouco acima do intervalo entre as sobrancelhas. As mãos que vinham para bater tombaram desfalecidas e o homem caiu sem forças no chão. Só não chorou porque não estava habituado.

O jovem Governador do Barlavento Algarvio ajudou o homem a levantar-se e a manter-se de pé.

- Só isso, meu amigo. Dê-me agora os 30€ e já poderá voltar para casa. Convém-lhe descansar, depois de uma noite tão agitada. Amanhã já estará como novo. Ah, e antes que me esqueça - amanhã, passe pelo “bar” e peça desculpa à empregada pelo soco que lhe deu. Há várias palavras mágicas a considerar. “Se faz favor” é uma delas. A outra é “Desculpe, reconheço que fui uma besta e prometo não repetir”. Obrigado pelos 30€.

Reconstituído o Fundo de Apoio de Vítimas, os carrinhos de gelados seguiram o seu caminho e antes de chegarem a Alvor, foram alcançados pelo falso mexicano que levava Lyudmilla a casa e nem lhe pedira o número de telefone porque era acima de tudo um cavalheiro e só depois um vendedor de gelados.

- Lá ficou. Parece um pouquinho melhor. Recomendei-lhe que pusesse gelo na cara.

Pararam em Alvor, para vender um gelado de groselha a um noctívago solitário, que parecia querer gozar os prazeres do luar a reflectir-se no oceano.

Era um advogado que estava com insónias por causa de um agravo que teria de entregar no Tribunal logo pela manhã.

- Ouvi dizer que reparam agravos.

- Sim, mas é mais no sentido medieval do termo. Como o Cid Campeador foi agravado pelos seus genros, os Condes de Carrión.

- É que tenho aqui um agravo, e tenho de lhe confessar - ainda tenho pouca prática disto. Se me pudesse dar uma vista de olhos.

- Deixe cá ver – e Husky sentou-se em cima da carrinha dos gelados, onde há pouco estivera sentada Lyudmilla, e segurou as seis folhas de papel que o advogado lhe estendia. – Sabe que o que estou a fazer é ilícito. Não sou advogado e não deveria ajudá-lo. Mas, enfim, uma vez na vida não chega para estragar uma reputação. Em teoria, pelo menos.

Os recursos para os tribunais superiores são de apelo ou de agravo – quando se recorre de uma sentença ou de outra decisão que ponha fim ao processo, apela-se. Quando se recorre de outras decisões, agrava-se.

Neste caso, era um recurso de agravo contra um despacho do Juiz de Instrução que mantinha o arguido em prisão preventiva.

O jovem Husky foi breve.

- Acho que o recurso não tem razão de ser e não vejo outra medida mais adequada que a prisão preventiva quando o marido esfaqueou sete vezes a mulher que está internada nos cuidados intensivos, com prognóstico reservado para mais tarde, para quando ainda não se sabe. Mas, e apenas porque pediu a minha ajuda, vou-lhe dar um conselho para que o recurso não seja liminarmente rejeitado. Esqueceu-se das Conclusões.

O Advogado levou a mão à testa.

- Ah, pois é, tem razão. Como é que me fui esquecer de uma coisa destas? Muito obrigado. Pagava-lhe alguma coisa mas não trouxe dinheiro comigo.

- Deixe estar. Não se preocupe. O gelado é oferta da casa. Vá dormir e amanhã logo acaba o recurso.

21.

Husky não tinha uma morada certa nas suas funções de governador, mas costumava tratar dos assuntos do Barlavento Algarvio nas traseiras do Restaurante “TásAkiTásAKomer”, instalado no passadiço de madeira que percorria a Praia da Rocha de uma ponta a outra. Tinha por auxiliar um pirata ao serviço da COSMOPOL, de lenço colorido na cabeça e um papagaio empoleirado ao ombro, que tratava dos assuntos correntes e do expediente. O pirata, não o papagaio.

Quem estava no Castelo de Urquhart e queria ir à Praia da Rocha, mesmo que não fosse para exercer funções de Governo ou de Alta Polícia, só mudar um pouco do cenário das Terras Altas e tomar um banho de mar ou torrar ao sol, o que tinha a fazer era entrar no elevador e marcar o 717217.

Naquele dia, que já sabemos que foi depois da quinta lição da Prof^a. Nataliya, Husky tinha um pergaminho em cima da sua secretária, onde, em letra gótica, e com uma iluminura que representava o Dragão a trespassar São Jorge, se fazia saber a quem pudesse interessar, e que não era tanta gente assim, que o Cavaleiro da Seringa desafiava Husky, o Cavaleiro Sorridente, o extremista usurpador protagonista irresponsável radical terrorista populista e fundamentalista, e depois de ficar sem material que não passasse por insultos à mãe do insultado, desafiava-o para um combate singular depois de amanhã, ao romper da alvorada, na Praia do Zavial. Armas à escolha do paladino, menos armas de fogo para não cair sob a maldição de Rolando – Maldito o primeiro que inventou armas para matar à distância -. Referia-se a bestas, claro, mas físgas e “drones” também servem.

O pirata bateu à porta com informações fidedignas, acabadas de chegar da sede da COSMOPOL, naquela célebre aldeia galesa cujo nome nunca saberei pronunciar e é melhor assim.

Depois de amanhã, de madrugada, iria chegar à Praia do Zavial um carregamento de nove toneladas de haxixe, que viria de Marrocos em três embarcações semi-rígidas, de alta velocidade, e seria descarregado para carrinhas que viriam de Espanha com pessoal que estava no desemprego e que iria ganhar 2.500 euros cada um apenas por essa noite. O destino da droga era a Andaluzia.

- Vizinho, se tivesse que escolher um nome para quem siga o ofício de cavaleiro andante, qual o nome que sugeria?

O pirata coçou o lenço da cabeça com um gancho imaginário e aventou títulos como Cavaleiro da Justiça, Cavaleiro da Aurora ou Cavaleiro da Celeste, as duas últimas eram senhoras suas conhecidas.

- Não gosto. Sem ofensa para as senhoras.

Saltava à vista que a justa entre cavaleiros era uma pura manobra para desviar a atenção do descarregamento do haxixe, e que Husky necessitava de toda a ajuda da sua guia, tutora, mentora e rainha no afável mundo da polícia, Mrs. Hurtle, também conhecida nos meios equestres como a Cavaleira de Blackhair pelo seu cabelo de asa de corvo mas forte e macio ao mesmo tempo, onde os meus dedos se perdiam enquanto os seus olhos se iam cerrando e ela dizia docemente, como uma criança que vai adormecer “mais, mais, não pares, por favor...”

No outro dia, Husky disparou uma flecha para o mar, uma flecha que levava um pergaminho enrolado, e em que se dizia que o Cavaleiro Sorridente aceitava o repto, mas que combateria apeado e

quanto às armas logo veria o que era mais apropriado para combater quem recorria à seringa, um meio especialmente perigoso, e que, pelas novas regras de Liças & Justas, o combate se deveria considerar terminado com duas submissões que durassem pelo menos três minutos cada. Indicava para padrinho o Cavaleiro Amadis de Gaula, célebre pelo seu amor aos combates leais e pelo seu ódio à batota. Mas o Cavaleiro da Seringa mandou um *post-scriptum* apressado, a dizer que padrinhos para quê?, aquilo não era um baptizado. Não, não queria padrinhos, só ele e o Cavaleiro Sorridente, e a propósito, já escolhera as suas armas? Ele, como era de tradição, combateria com a sua enorme seringa que nunca o deixara ficar mal e até tinha nome próprio, a Bela Dona. Seria de bom tom, mesmo para um exaltado extremista radical como Husky, revelar as armas com que se iria bater.

Não respondi à última mensagem. Mrs.Hurtle, a minha guia e tutora no mundo prudente da polícia, aconselhou discrição e cautela. A seringa do Cavaleiro da Seringa era conhecida pelas sinistras moléculas que lhe saíam pelo bico aguçado da agulha. Haveria que pensar e antes de pensar iríamos tomar café à beira do Loch Ness. A Prof^a.Nataliya não nos poderia fazer companhia, porque tinha concerto no Royal Albert Hall onde iria desmentir a sua reputação de acrobata do piano e mostrar que, tal como o desafinado, também tinha coração e era capaz de transmitir aquelas ondas de pura paz do 2º. andamento do Concerto nº.20 para piano e orquestra de Mozart.

Agora é noite. Husky e Mrs.Hurtle estão deitados num saco-cama sobre a areia da Praia do Zavial. A noite refrescou e as gaivotas pousaram no areal, silenciosas, talvez adormecidas, respeitando uma distância de segurança em relação ao casal de agentes. Estes olham para cima, de mãos dadas. É lua nova, e as estrelas brilham inteiras e fazem constelações, rendas e colares. A Via Láctea está ali, nuvem de luz na escuridão geral. Caem as Perseides, deixando linhas de fogo no firmamento, e cada um formula um desejo no segredo de si próprio. Ao som ritmado das vagas que se vão sucedendo como se fosse a respiração do Universo e que se confunde com o seu arfar de apaixonados.

Às duas da madrugada, as lanchas semi-rígidas, com motores de alta cilindrada, deixam a praia de Marrocos onde receberam o seu carregamento e rumam para a Península Ibérica. As costas espanholas estão vigiadas com radar e os traficantes sabem que a costa algarvia está praticamente desguarnecida e é mais acessível que uma vulgar auto-estrada sem portagens em parte nenhuma. Se por acaso tiver radar, e não existem provas de que tenha, será um radar muito

permissivo, como o cão da casa que abana a cauda aos ladrões que entram pela janela. Por isso, rumam para a Praia do Zavial, onde não é de esperar qualquer problema. Pelo menos da parte do Cavaleiro Sorridente, a contas com o Cavaleiro da Seringa e toda a *Oldman Stinks* por detrás a apoiá-lo com toda a sua logística diabólica.

A essa hora três camiões de caixa fechada, vindos de Huelva, atravessam a ponte que liga Ayamonte e Vila Real de Santo António. Trazem no seu interior pessoas com as mais diversas profissões, pedreiro, canalizador, agricultor, que têm em comum, para além de serem todos andaluzes de Jaén, o facto de estar desempregados ou de ganhar menos que os mil euros que separam a pobreza da miséria.

Seguem pela A22, na direcção de Lagos, e lanchas, pelo mar, e camiões, por terra, vão lentamente convergindo nas imagens de satélite da *Oldman Stinks*.

Vou conversando com a Cavaleira de Blackhair, na linguagem universal da COSMOPOL, e revelo-lhe os meus medos. O de não ser efectivamente um herói mas uma fraude com aparência heróica. O meu pavor por seringas, bicos de agulhas e em geral tudo o que espete e que deve ter uma designação das que levam “fobia” no fim. O medo de um dia deixar de merecer o seu amor; e que seria de mim sem a minha guia e protectora no espinhoso mundo dos problemas?

Mrs.Hurtle envolve-me nos seus braços e damo-nos mutuamente um beijo com princípio, meio e fim a perder de vista.

- Husky, não sejas medroso. Mas medo de quê, afinal? De mim? O meu chicote nunca foi nem será para ti. As minhas raivas destrutivas são para quem as merece, nunca seriam para o meu Husky siberiano, meigo, fiel e razoavelmente inteligente, que é o perfeito oposto de Caradoc Hurtle, e por isso te amo tanto. Um agente da COSMOPOL não pode ter medo de nada. Só pode ter medo de uma coisa, que é o medo de vir a ter medo.

- Winifred, não me parece muito original.

- E não é. Mas serve perfeitamente.

- Tenho medo do Cavaleiro da Seringa e em geral de tudo o que espete.

- E, mesmo com medo, ou justamente por teres medo, vais defrontá-lo. A coragem é isso mesmo. O heroísmo não se confunde com a inconsciência do perigo.

- Achas mesmo, bela Princesa?

- Acho sim, meu Senhor.

A hora marcada para a liça, o romper da alvorada, era um tanto impreciso. O sol iria nascer às 06h 18m, pelo que Husky deveria contar com a chegada do Cavaleiro da Seringa a qualquer momento até às cinco e meia da madrugada. Uma hora muito inconveniente, porque a droga chegaria à praia por volta das quatro e meia e as operações de carga e descarga ainda levariam coisa de uma hora e tudo se desenrolaria na mais propícia escuridão. Combater o tráfico e, ao mesmo tempo, lutar em combate singular com o Cavaleiro da Seringa, era uma tarefa praticamente impossível numa dimensão tão restritiva como a de “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar.”

- Foram muito inteligentes – e Husky referia-se à instituição diabólica que organizara o duelo e o desembarque de forma a coincidirem.

- Inteligentes? – fez a Cavaleira de Blackhair. – Nem por isso. Meu Senhor, chegou a hora de vestir a sua armadura. Aproximam-se os camiões e é altura de nos levantarmos e escondermos o saco-cama. Atrás daquela falésia ninguém dará por nós e veremos tudo. A COSMOPOL está em alerta púrpura, o máximo dos máximos em matéria de alertas.

E acrescentou, com aquela aguda sensatez da personagem de ficção que já leva muitos anos de polícia:

- Se a *Oldman Stinks* jogasse hoje de acordo com as regras, era a primeira vez em toda a sua longa história. Quero dizer, aquelas regras criadas para o vulgo, tipo honestidade, *fair play*, essas abstracções...

E continuou:

- Um mundo que se deixa tiranizar por uma *Oldman Stinks* é um mundo que merece ser tiranizado por uma *Oldman Stinks*. Uma frase difícil, tão boa para desenvolver a dicção como o rato da rolha do rei da Rússia, mas a verdade custa sempre a dizer. Dói, não dói?

- É como a família que abre a porta ao merceiro do bairro e o deixa entrar e meter-se a dar ordens ao pai, à mãe, aos filhos e ao gato, como se a casa fosse dele e a família meros *bibelots*. “A partir de agora passam a jantar às onze da manhã e almoçam à meia noite. Quero a máquina de costura da avó. Passem para cá todo o dinheiro das compras do mês. Já imediatamente. Dona Almerinda, cuequinhas para baixo.” E só porque toda a concorrência fugiu do bairro e ele é agora a única mercearia viva em toda a redondeza.

Escondidos os vestígios da nossa presença da praia, eu atavio-me com a armadura que escolhi de propósito para combater o

Cavaleiro da Seringa – fato completo azul escuro, camisa branca, gravata encarnada, sapatos de cabedal e uma pasta de executivo, em que os cromados dos fechos brilham com um fulgor especial. As armas do Cavaleiro Sorridente. Beijo Mrs.Hurtle e peço que me espere num sítio seguro. Só depois coloco os óculos de visão nocturna. Apesar dos poucos poderes que gozo em “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar.”, eu sei que voltarei são e salvo para os seus braços macios. Porque eu tenho um segredo para o caso de alguém não jogar de acordo com as regras. Nesse caso, eu mudo as minhas próprias regras. O Código da Cavalaria Andante é omissivo em muita coisa, por exemplo na parte do cumprimento e incumprimento dos reptos, porque parte do princípio que está a lidar com gente séria. Por falar em gente que não é séria, a *Oldman Stinks* foi criada depois da Cavalaria ter caído em desuso, e originariamente chamava-se *Oldman Sucks*, mas alguém protestou em Assembleia Geral de Accionistas que aquilo prestava-se a interpretações fódidas, ou seja, de carácter sexual, e afinal de contas o grande pecado não era a usura, a cobiça e o latrocínio, as três grandes virtudes do capitalismo, mas sim o sexo fora de casa. Mesmo que não escrito, mesmo que meramente oral, nada o desculpava, e o prazer era uma desculpa sem perdão. Prazer é pecado e a única maneira de o pecador se redimir é através de bombardeamentos, que são o supra-sumo da respeitabilidade. Como fez Clinton, para repor a moral e os bons costumes, alterar a primeira página dos jornais e salvar o emprego que já estava por um fio, tudo por causa de uma releitura *****. Mr.Sucks protestou, vinha de uma família polaca mais velha que os Cavaleiros Teutónicos, e o significado de Sucks era o que havia de mais nobre e de mais respeitado nos campos de trigo da Ucrânia. Quando Augusto Poniatowsky precisava de dinheiro era com Sucks que falava e de cabeça baixa. Tal era a importância de Sucks. Mas os accionistas, profundamente religiosos, porque adorar o Demónio é uma forma de religião de pernas para o ar, fizeram cara feia e disseram que não, nem pensar, os tempos não estavam para poucas-vergonhas. *Oldman Stinks*, pelo contrário, era uma criação de alta publicidade, que sugeria entre linhas que o Presidente do Conselho de Administração, o Anti-Cristo reinante, já exalava as proteínas da corrupção, que eram biologicamente fedorentas, o chamado cheiro a velho, e que estava cada vez mais caduco e mais implacável, mais satânico e cada vez menos disposto à piedade. Enfim, *Stinks* dava uma clara ideia da vinda de uma Nova Ordem Mundial, em que os problemas se reduziam aos termos mais simples – a multinacional mandava e os outros vergavam-se ou sofriam as consequências.

No momento em que as lanchas tocam em terra, aparece o Cavaleiro da Seringa, e não vem só, traz mais dois cavaleiros com ele, o Cavaleiro da Bancarrota, que esgrime com um banco a que faltam dois pés, e o Cavaleiro Careca, que esgrime com uma zarabatana que dispara dardos envenenados. Estava muito dinheiro em jogo, o carregamento era muito valioso, e a *Oldman Stinks* não podia correr riscos. Assim, em vez de mandar um cavaleiro, manda uma troika de cavaleiros malvados. Por uma questão de segurança diabólica querem apagar de vez o sorriso do Inspector Husky, o Agente Siberiano.

Como era de esperar, o jogo não é limpo logo desde o princípio. O grande crime não respeita regras porque não pode, não está na sua natureza respeitar seja o que for. Repare-se. Era um combate singular, portanto era um contra um. Até aqui, tudo de acordo com as regras da cavalaria andante. E eis que já não é um apenas, mas uma troika, com todo o catastrófico que se associa a uma troika de agentes funerários que nunca se riem. Como é que um jovem de coração puro, enfim, era eu, mas deixem-me gabar a mim próprio, porque se não for eu a fazê-lo quem o fará? Mrs. Hurtle, claro, mas os elogios dela não contam, é a minha noiva. Como é que um jovem de coração puro, embora vestido de executivo, vai defrontar três cavaleiros, couraçados até à medula, letalmente armados e desprovidos de compaixão porque foram automatizados para matar?

Um dia uma comentadora económica foi tomar chá com a mãe de todas as troikas, e logo ali comentou – Filha, és tão puta.

As grandes verdades são assim. Dizem-se em poucas palavras.

Troikas são invenções do Demónio, que as experimentou com imperadores romanos, e não resultou, e depois escolheu outras três cobaias - Zinoviev, Kamenev e Estaline, escusado será dizer que uma das cobaias comeu as outras duas -. O objectivo confessado era o de concentrar o capitalismo no Estado, e os resultados foram tão animadores que quase todos os quadros de oficiais do exército soviético foram passados pelas armas do próprio Estado soviético, e esta capacidade de dar tiros no pé convenceu o Demónio que a sua invenção era suficientemente maléfica e, acto contínuo, vendeu a patente à *Oldman Stinks*, agora com o fim de concentrar o Estado no capitalismo. Assim pouco mais ou menos, quer isto dizer que a concentração do capital leva ao capitalismo de Estado. Mas dizer isto em poucas palavras é difícil, e o que se ganha em extensão perde-se em compreensão. É o grande problema das palavras. Mas se quisesse ser mais claro, diria que as multinacionais que mandam no mundo e que detém o verdadeiro poder hesitaram em dar o passo seguinte e

formalizar esse poder de facto no plano jurídico, o que acabaram afinal por conseguir através de tratados de livre comércio assinados com os seus empregados, nas costas dos povos. Hesitaram por timidez, ou por um resto de vergonha ou por medo das pessoas que ainda conservavam vestígios da dignidade perdida. Um tudo nada, mas mesmo assim há vestígios que ainda se conservam por herança genética ou por pura teimosia, para não dizer por birra. Os reis absolutos gabavam-se que a sua legitimidade vinha de Deus – era Deus que os tinha feito reis e os súbditos que aguentassem com todo o peso da vontade divina que lhes era sempre adversa. As multinacionais não podem fazer a coisa mais parecida mas de sinal contrário, que é a de reclamar a origem demoníaca do seu poder. Pelo menos serão precisas mais umas décadas de cinema para que as pessoas se vão habituando a chifres, caudas bifurcadas e pés de cabra. E também a ser espezinhadas sem reagir por meio mais eficaz que o choro, como se fossem portugueses que preferem chorar o fado em vez de lançar os cocktails molotov.

Não podia divagar muito mais. O inimigo avançava para mim e vinha com cara de troika que engoliu todo um país.

As camionetas e as lanchas trocam sinais de luzes e a troika avança a cavalo contra o Cavaleiro Sorridente, que caminha como quem leva para o cadafalso as últimas novidades em cosmética.

Agora estão a correr duas histórias em simultâneo.

Na primeira, aquela em que eu entro, o Cavaleiro Sorridente avança apeado contra o Cavaleiro da Seringa, o Cavaleiro Careca e o Cavaleiro da Bancarrota.

Na segunda, aquela em que eu não entro, há duas novas personagens que intervém do lado da COSMOPOL e que depois me contam o que se passou. Mrs.Hurtle e Amadis de Gaula, o Paladino Sem Mancha e Sem Mácula, viram tudo o que se passou, os barcos imobilizados na areia, a tripulação descarregando na praia, à força de braços, os fardos de haxixe, envoltos em serapilheira. Os homens que saem dos camiões apressam-se a ajudá-los. Os chefes da operação gritam ordens, porque é preciso que se despachem, vamos, *date prisu hombre*, é preciso que a droga já esteja nos camiões e estes rodem na direcção de Espanha antes mesmo de o sol despontar.

A COSMOPOL avisou a G.N.R. e a Polícia Judiciária, e ofereceu transporte para o local em carta anónima assinada “Uma pessoa que lhe quer bem”. Uma carrinha foi deixada, com as chaves na ignição, justamente à entrada do Posto da G.N.R. de Aljezur. Mas o Comando achou o oferecimento mais que suspeito, ninguém dá

nada a ninguém, e os dois militares do costume seguiram para a praia do Zavial em bicicletas emprestadas pelo cunhado de um deles que tinha uma oficina perto dos Quatro Caminhos.

As *breaking news* deixam sempre tudo em estilhaços, partem, escaqueiram, e deixam as pessoas sensíveis com os nervos em franja. Pelo que seguem as notícias de última hora, em que o grau de horror costuma ser menor, mas todavia é de aconselhar a supervisão das imagens por pessoas adultas que possam explicá-las melhor às crianças e ao povo, e destrinçar se as imagens são da mesma data dos factos e se a tradução das imprecisões do sujeito barbudo é mesmo “Isto é só o começo. Vamos transformar a Europa num inferno.” Ou se a verdade se traduz por “Ainda só comi uma chamuça e uma banana. Alguém me arranja um copo de água, por favor?”

*

CAVALEIRO SORRIDENTE DESAFIA TROIKA

Husky fizera os seus planos com a ajuda preciosa de Mrs.Hurtle, a Grande Mestra das Estratégias Desesperadas, a sua guia e tutora no imprevisível mundo da polícia. Desdobraram na grande mesa do salão de baile o mapa da costa algarvia, à escala 1/2000, e seguiram com o dedo os contornos da Praia do Zavial.

Se o desafio respeitasse as condições que vinham no repto entregue pelo Cavaleiro da Seringa, se tudo corresse como previsto, de acordo com as regras, o jovem Agente deixaria o seu oponente aproximar-se, de seringa em riste, e, quando o mesmo estivesse ao seu alcance, sacaria de um enorme clister cheio de um líquido que parecia leite-creme mas que não passava de água misturada com ingredientes super-secretos que eram farinha, fermento e cola de sapateiro, mais um ingrediente ao alcance de qualquer empreiteiro, o cimento, e também azeite para deslizar melhor, tudo misturado em partes iguais. Com movimentos rápidos que surpreendessem o adversário, gritaria

“Eis que já não sou o Cavaleiro Sorridente, deixei-me de sorrisos, agora sou o Cavaleiro do Clister, e penetrarei sem medo nas regiões sombrias onde a mão do homem jamais penetrou.”

e faria a temível agulha da horrenda seringa entrar pelo buraco da ponta do clister e penetrar por ali dentro, com toda a química a trabalhar para neutralizar o veneno da seringa. Movimentos bruscos sacudiriam a seringa até que o Cavaleiro malvado a largasse. A partir daí, a cobra estaria privada do seu veneno, sem recurso à dentada

traíçoeira, e a luta poderia prosseguir honestamente à pantufada, até que o mais magoado se desse por vencido.

Isto seria assim se se estivesse a lidar com gente séria, mas não, quem estava do outro lado era a *Oldman Stinks*, que escrevia Moral com “u”.

Em caso de batota por parte do adversário, e era flagrante que mandar três cavaleiros para combater um apenas, que ainda por cima seguia a pé, era pura desonestidade, Husky, o Jovem Agente Siberiano, castelão na Escócia, príncipe com sorte por ter Mrs.Hurtle como guia e tutora no silencioso mundo da polícia, tinha à sua disposição a pasta de executivo, o único objecto capaz de substituir com vantagem o clister original.

Que tinha lá dentro?

Não, não era o último grito na cosmética, aquele grito horripilante quando se aplica um *peeling* sem anestesia.

Não era uma campanha em que pode ter telefone, televisão e internet por 29,99€ por mês durante seis meses, com chamadas grátis para números que comecem por 676 no período entre a uma e as três da madrugada de feriados nacionais, e depois logo se verá, e esta campanha promocional acaba logo à meia noite, por isso do que é que está à espera? Assine já aqui. Ou diga “sim, quero”, mas sem olhar para a noiva.

Não tinha nada lá dentro.

Nada?

Quase nada. Apenas um rectângulo recortado de outra dimensão e colocado ali na pasta para que Husky pudesse, em caso de extrema necessidade, utilizar os poderes especiais que tinha em “Vai andando que eu já lá vou ter” numa dimensão tão convencional como era a de “A sua chamada está em fila de espera. É favor aguardar.” em que os seus poderes eram poucos e fruto de muita perseverança.

Era o caso.

Husky espera a pé firme os três inimigos do género humano. Como já se disse, tem colocados os óculos de visão nocturna, porque é a melhor solução para gente traíçoeira que ataca quando ainda é de noite. Quando eles se aproximam toda a terra treme, antes mesmo de as silhuetas respectivas se definirem melhor na sugestão de claridade que sopra de leste, e que não passa disso mesmo, de sugestão. Não vêm montados em cavalos, como é normal em gente que se intitula cavaleira. Sentam-se no dorso de máquinas espantosas, que parecem gigantescos gafanhotos de metal e que se deslocam batendo em tudo o

que tocam, como se se tratasse de terreno minado e tivessem um prazer perverso em sentir as detonações debaixo das placas metálicas que lhes fazem de pés. Levantam chapadas de areia e as gaivotas fogem espavoridas.

O jovem Agente abre a pasta e, embora o espírito se lhe enoje de tanta trifulhice e o coração bata apressado porque todo aquele espanto é realmente de tremer, brada com a calma de quem luta contra os anti-depressivos de venda livre:

“Eis que já não sou o Cavaleiro Sorridente, deixai todo o sorriso ó vós que entraís, mas sou agora o Delegado de Propaganda Médica, e penetrarei sem medo onde a mão do homem jamais ousou oferecer canetas ou deixar um prospecto.”

Aproximam-se os Cavaleiros da Seringa, Careca e da Bancarrota, montados nos seus gafanhotos de alta morbilidade, e o primeiro, que era o único da lista enviado ao jovem Husky, empunha a temível seringa e aponta o aguçado bico na direcção de alguns centímetros à direita da gravata vermelha do seu oponente, onde os instrumentos de bordo lhe indicam a presença de uma grossa e boa artéria. Vai espirrar sangue e o pouco que sobrar ficará denso como silicone para tapar buracos. O Cavaleiro Careca acopla à zarabatana PKK um carregador automático de dardos e empunha o instrumento como quem vai tocar trompa na inauguração de uma pirâmide em Hollywood. O Cavaleiro da Bancarrota empunha o banco que agora dá para ver que tem espigões metálicos a toda a volta. Velhaco. Para ele um traumatismo crânio-encefálico não tem valor, é o mesmo que nada. É sádico e prefere duas causas de morte a uma só. Não gosta de autópsias curtas. Pelo mesmo motivo que gosta de ver países inteiros a agonizar lentamente enquanto lhes vai apertando as taxas de juro à volta do pescoço. Sem pressas.

O jovem Husky não perde tempo a insultar os malvados e assume então todos os seus poderes.

- Os supositórios SOPROKU têm a honra de convidar V.Ex^{as} para o XXI Congresso do Cólon Irritável, a realizar em Cancún nos próximos dias 26 e 27 de Março, com todas as despesas pagas, sejam elas transporte, alojamento com pensão completa e massagistas recreativas e tudo o que se quiser.

A seringa envenenada está quase a picar-lhe o peito ainda sem pelos, quando o jovem Agente estica a mão e uma chuva de prospectos cai em cima da troika e vai-se espetar na seringa de tal modo que a agulha desaparece, entope a zarabatana, e cobre o banco estropiado de uma massa compacta que o transforma de banco em

sofá de três lugares e uma *chaise longue*. É muito peso, mesmo para um cavaleiro enviado pela *Oldman Stinks*, que só recruta os mais malvados entre os malvados, aqueles que os comentadores privativos da organização classificam como *la crème de la crème* enquanto praticam o sorriso de bode que é o segredo do seu sucesso.

Husky volta a esticar a mão e nasce dela uma chuva de supositórios para as mais desvairadas patologias e que procuram à viva força enfiar-se em todos os buracos corporais dos cavaleiros do mal, narinas incluídas. Aquele golpe já é conhecido desde há séculos pela expressão “tratar da saúde” a alguém. É o que o jovem Cavaleiro Sorridente está agora a fazer. Tudo menos “limpar o sarampo”, que está fora das suas atribuições. Embora o que está a fazer seja exercício ilegal da Medicina, porque os delegados de propaganda médica não são bem médicos, são mais o fruto do casamento entre um papagaio e uma agência de viagens, este é um caso de exclusão da culpa que, em última análise, revela satisfatórios sinais de uma saúde invulgar em batoteiros, designadamente no capítulo dos leucócitos, monócitos, basófilos e PCR. E, na verdade, os cavaleiros que, neste caso, são gafanhoteiros por virem montados em gafanhotos metálicos e não nos honestos cavalos das regras mais elementares da cavalaria andante, ficam curados para toda a vida das dores mais diversas, desde a cabeça, passando pelos dentes e acabando no dedo grande do pé. Acabou-se o arfar de uma respiração mal entendida. Acabou-se a azia e a má digestão. Acabaram-se os problemas de memória. Acabou-se a ansiedade e as noites sem dormir.

O que não se acabou foram as rinopatias e os gafanhotos param o sapateado assustador que vinham bailando no areal e deixam os seus condutores tombados, a ressonar como qualquer pessoa honesta, cansada de um dia de trabalho honesto, que é sempre o que mais cansa.

Outro dos efeitos dos supositórios era a disfunção erétil. Mas as armaduras apertavam tanto as partes baixas que a troika não se ressentiu. Eram hereges e os hereges não têm problemas de erecção nem sabem o que isso é. Só a ideia de uma obra canonicamente erecta os faz rir.

Husky ainda pensou em colocar-lhes algemas e esperar a chegada dos dois militares da G.N.R., mas o seu conhecimento da estratégia habitual das organizações criminosas, aliado à capacidade de prever o futuro que lhe dava o uso excepcional dos poderes que tinha em “Vai andando que eu já lá vou ter”, tudo isso lhe augurava que se os três malandrins fossem detidos em Portugal, por suspeita de cumplicidade num crime de tráfico de estupefacientes agravado e

tentativa de homicídio de um agente da COSMOPOL, saíam em liberdade horas depois e com um pedido de desculpas por qualquer incómodo. Quem ficaria em maus lençóis seriam os polícias que os tivessem detido e os magistrados que tivessem validado a detenção, porque havia escritórios de advogados que logo redigiriam uma queixa por abuso de poder, a assinar pelos arguidos e a servir ainda quente. Para mostrar quem manda.

Não perdiam pela demora. A COSMOPOL se encarregaria deles. Como, de facto, se encarregou. Naquela madrugada registaram-se dez avistamentos de um único disco voador, que não passava de mais um dos efeitos do efeito Luís Pereira da Silva, e que levou a troika e os seus horrendos gafanhotos metálicos para uma Clínica na face oculta da Lua. Numa primeira fase esperar-se-ia que passasse o efeito dos supositórios e os delinquentes voltassem a estar em estado de declinar em latim o verbo amar no presente do indicativo, o mais simples de todos.

Amo

Amas

Amat

Amamus

Amatis

Amant.

Só depois, numa segunda fase, iriam ser transportados, sob detenção, para “Cá se fazem, cá se pagam”, onde iriam ser ouvidos pelo Dr. Alexis, em Sete Ais, no edifício do TICÃO.

*

AMADIS DE GAULA E A CAVALEIRA DE BLACKHAIR DESMANTELAM REDE CRIMINOSA QUE TRAZIA HAXIXE DE MARROCOS PARA AS PRAIAS DO ALGARVE.

A notícia é francamente exagerada, mas as coisas passaram-se assim, apenas se omitindo os pormenores que constituem segredo de Estado e ainda os que poderiam levar a que a Bolsa de Nova Iorque abrisse em baixa e fechasse no abismo. Afinal de contas, milionário nem sempre é defeito, às vezes é fatalidade. E, quando é assim, pode-se perdoar. A clemência é uma das virtudes dos pobres.

No outro lado da Praia do Zavial, os barcos que vieram de Marrocos permanecem imobilizados no lodo e já restam menos que meia dúzia de fardos para descarregar. Os tripulantes que vieram de Marrocos aproveitam para descansar na solidez da areia, enquanto fumam cachimbos muito diferentes do de Mrs.Hurtle. Vincadamente masculinos. Não por causa dos cachimbos. Talvez por causa da expressão carregada de quem se sente inseguro no Algarve, sem sol, sem suecas, sem nada, e tem pressa de voltar a Marrocos e às ruas estreitas de onde vieram.

Não vêm nada do que se está a passar no duelo entre a troika e o Cavaleiro Sorridente, agora Delegado de Propaganda Médica, porque o duelo ocorre às escuras e o desembarque está perfeitamente iluminado. Mas o contra-mestre está informado do que se está a passar e sabe que se trata de uma manobra para distrair e, de preferência, matar o jovem Husky, eliminando a previsível oposição do Governador ao tráfico de estupefacientes.

Os homens que vieram de Espanha vão carregando o estupefaciente para as carrinhas à força de braços e vão pensando que aquilo ainda é um pouco tipo idade da pedra, talvez paleolítico superior. Portugal, país atrasado. Um guincho ajudaria bastante, já que um guindaste daria muito nas vistas quando se trata de uma actividade proibida.

Para não molharem a roupa, o que pode suceder sempre que se anda no local em que as ondas desaparecem na areia, os carregadores ficaram só em calções de banho. Não são nudistas por sistema e não fazem uma religião por tão pouca coisa. O que não dispensam são toalhas para se poderem secar antes do reembarque nas carrinhas em que, pelo sim pelo não, foram apostas matrículas falsas. O profissional do crime sabe que o segredo do sucesso está nos pormenores e que uma velha que se levanta mais cedo do que o costume pode arruinar planos de seis meses.

O contramestre, não se sabe que outro nome chamar a quem dá ordens aos outros, vai gritando para que se despachem, que é preciso que os camiões estejam em Espanha antes das seis e meia da manhã, sete quando muito e já é demais.

Um dos carregadores, chamado Javier, é o primeiro a notar que há algo que não está bem. Costuma jogar o jogo das diferenças nos jornais de domingo e compara as duas gravuras à procura do que está numa e não está na outra. É um bom exercício para quem queira ser observador.

Aproximam-se dois vendedores de gelados, pedalando nos seus carrinhos e gritando coisas em desuso como “Há fruta ou chocolate! Esquimó fresquinho”! Atrás, a pé, segue um indivíduo com uma grande caixa branca presa ao ombro por uma forte alça, e que vai gritando “Bola de Alvor! Recomendada pelo doutor!”.

Javier dirige-se ao contra-mestre, que parece não ter reparado na estranheza da situação. Àquela hora não se vendem gelados, porque não há banhistas na praia. Elementar, não é? O contra-mestre pergunta – Temos armas? Temos cordas? Temos algemas? - O carregador nega com a cabeça. - Então, se nem os podemos prender nem os podemos matar, o melhor é inventar uma história também, para o caso de eles serem da polícia. Que estamos a limpar a praia e que os fardos são de lixo já prensado, pronto a seguir para a reciclagem. É um bocado estúpido, mas assim de repente não dá para escrever a “Guerra e Paz”.

Javier dirige-se aos vendedores, para lhes contar a história, mas eles já não estão. Esfumaram-se.

- Devem-se ter dado conta de que ainda era muito cedo e foram dormir mais um bocado. Melhor lá para as onze da manhã, quando a praia está cheia e nós já estaremos em Jaén, com o dinheiro no bolso.

No entanto, a situação é estranha. Gelados e bolas de Berlim de madrugada, na Praia do Zavial, só pode rimar com surreal. Javier insiste junto do chefe, contra-mestre ou não, que o que se passa não é normal, que o comum das pessoas àquela hora está na cama, e quando olham o despertador dizem “que bom, ainda posso dormir umas quatro horas”.

O chefe quer é despachar-se e ir-se embora. Tem todas as garantias que não há problemas, que a polícia no Algarve está desprovida de meios e que o fosso tecnológico que a separa da grande criminalidade é intransponível.

- Não tem de preocupar-se com gelados nem com bolas de Berlim fora de horas. Estamos em Portugal, que é uma terra de malucos como toda a gente sabe. Preocupe-se é com acabarmos isto depressa e a ver se dentro de uma hora ou menos já estamos em Espanha. Que aqui nem há controle de fronteiras nem de nada. Aqui estamos em segurança. Ouvia? Agora cale-se e trabalhe que para isso lhe pagam.

Mrs.Hurtle, a formosa Cavaleira de Blackhair, e o paladino Amadis de Gaula estão montados em camelos, que é o melhor meio de transporte para se deslocar na areia e é o que resulta melhor no

cinema em 70mm. Ambos vestem como Sheiks da Arábia, não só para condizerem com os camelos, mas também para que o amplo traje lhes dê o necessário anonimato de agentes da COSMOPOL. Tal como Husky, Rodrigo tem outra aparência quando desempenha o seu papel de paladino. Na sua vida andante é uma espécie de Omar Shariff ainda imberbe. Está preparado para tudo o que for preciso. Para as Arábias do Coronel Lawrence e para correr de troika sobre as extensões geladas do Dr.Jivago. Troika é, como toda a gente pôde ver, um carro puxado por três *****, isto com todo o respeito que aliás é muito.

Aproximam-se do local em que o desembarque está a decorrer e acendem-se repentinamente projectores que iluminam toda a cena e clareiam as águas do mar, revelando as algas que se agitam ao sabor das vagas e os pequenos peixes que ocupam as insónias a buscar alimento, e que só não tapam os olhinhos encadeados porque as barbatanas o não permitem e peixes de óculos escuros ainda só há nos desenhos animados.

- Polícia! Polícia! – são os gritos que se ouvem na praia e, tirando a COSMOPOL, os polícias mais próximos ainda estão a quatro quilómetros, pelo que os delinquentes gritam enganados.

Os barcos semi-rígidos já estão na água e os tripulantes viram apressadamente a proa para Marrocos. Deitaram ao lodo os dois fardos que ainda restavam e que dariam muito trabalho a içar novamente para os barcos, e agora só querem é fugir para o mar, onde estarão em segurança. Sabem que os barcos da Polícia Marítima nunca os poderão alcançar. Que se perca a droga é o menos. Os clientes pagarão os prejuízos, e é para isso que servem os “agarrados”. Mas os barcos custaram dinheiro e são de estimação. Nos intervalos do crime servem para deslumbrar as visitas e para os passeios da família. Só que os motores, aqueles soberbos motores fabricados à mão na *Rolls Royce*, com uma cilindrada que é um exagero, essas maravilhas da técnica recusam-se a funcionar e os barcos mantêm-se na praia e a maré que enche bate-lhes na proa e empurra-os de volta para o lodo.

O grupo de carregadores vê surgir da escuridão dois árabes montados em camelos e, num primeiro momento, ficam imóveis, sem saber o que pensar da estranha aparição. Era remotamente possível que aparecessem polícias. Praticamente impossível, mas era algo que, em teoria, poderia acontecer. Embora não fosse provável. Agora os dois árabes, dos quais um era ou parecia uma senhora árabe, é que poderiam significar mil e uma noites de enxovia. Ou pior. Poderia ser uma guerra entre organizações ou leituras diferentes do Corão, ou um

juramento de acabar com o tráfico de estupefacientes e exterminar os traficantes. A droga humilha, envelhece, envergonha, abandalha, escraviza, e haverá por certo muito mais verbos para nos apiedar de quem passa a dormir na rua, coberto por um cartão dobrado, e com direito a jantar uma vez ao ano, pelo Natal, quando as pessoas se tornam boas por um dia e, depois de uma noite bem dormida, de consciência feliz, já podem voltar com mais gosto ainda às pequenas maldades quotidianas. É assim desde o princípio dos tempos. Num dia vêm os Reis Magos com presentes, ouro, incenso e mirra, esqueceram-lhes as fraldas e umas roupinhas de lã, que fariam mais falta a uma criança numa Noite de Natal, mesmo que fosse o Rei dos Reis, na perspectiva religiosa, ou o Rei dos Judeus, na política romana de crucificações. Passado o Natal e antes que o Ano terminasse, chegou o Rei Herodes, e assinou com o seu carimbo próprio para reis analfabetos o decreto que mandava matar todas as crianças que pudessem ser Jesus. Depois, Salomé continuou a sua dança e Herodes pediu um “martini já muito batido” e uma azeitona, não, melhor uma raspa de limão, e continuou o mesmo de sempre, a pensar “A seguir já sei que me vai pedir a cabeça de São João Baptista. Estas gajas nunca estão satisfeitas”.

Os árabes misteriosos galopam nos seus camelos de ar altivo e aproximam-se dos carregadores com o que parecia um ponteiro de pau com algo na ponta que, se nos pudermos aproximar talvez possamos ver do que se trata, e agora sim, já dá para ver perfeitamente que os ponteiros levam um dedal de prata na ponta, provavelmente por motivos de segurança, para não enfiar a ponta dos ponteiros nos olhos dos delinquentes. Nestas coisas do combate ao crime há que pensar em tudo, até na segurança dos criminosos, porque a COSMOPOL é uma polícia humanitária, sem rancores nem ódios nem preconceitos contra ninguém.

Os dedais de prata tinham sido emprestados pelas costureiras que, numa ampla sala do Castelo de Urquhart iam bordando sem pressas o vestido de noiva de Mrs.Hurtle, porque era só para uma noite, se fosse para mais tempo tinham de o fazer mais resistente. Os bordados do vestido copiavam um figurino das modas de Maria Stuart, retirado à socapa do Castelo de Holyrood por um admirador envergonhado, mesmo nas barbas da rainha, e esses bordados levariam meses a completar-se. Quanto à rainha, fora muito bonita mas a coitada não tivera sorte na vida e só cartomantes a animavam com mentiras piedosas ou verdades previamente filtradas pela Comissão de Censura. Se não fosse algum estrangeiro moreno que viesse pela escada secreta que dava para a sua alcova, um pouco de alaúde, um pouco de poesia e uma chama nova que lhe brotasse no

peito, a sua seria uma vida sem mapas do tesouro a disfarçar o vazio de um século aborrecido num país de Inverno. Mas o italiano Rizzio acabava vítima das cutiladas de um marido ciumento, e ela, com o sangue quente dos Stuarts, deixa estar que não perdes pela demora, quando menos esperes rebento-te em bocadinhos e não há-de ser por falta de pólvora.

Sempre a divagar, sempre as notas de rodapé fora do sítio, sempre a malvada tentação cultural mesmo nos momentos de maior perigo. Quando a cultura se aproxima, sorridente e pronta a desbobinar informação a torto e a direito sem ninguém lha pedir e sem utilidade à vista, há duas atitudes possíveis - fugir ou empunhar a pistola. E uma suplementar e que não é para todos, só para alguns privilegiados – desligar o aparelho auditivo enquanto é tempo. Mais estragos faz a cultura que a traça propriamente dita. Se a cultura fosse boa não existiria Ministério da Cultura e se a liberdade existisse não existiria o Ministério do Medo.

A divagar e a citar títulos de livros de Graham Greene, eu que nem sequer alcanço a categoria de terceiro homem – estou bonito, estou.

A voz interior sussurra “ Estás a esquecer o Ministério do Interior, que é o que espreita para dentro. E por falar nisso, não te esqueças também que isto agora é a sério. Isto é cinema. Fritz Lang.”

Os árabes misteriosos aproximam-se e tocam a tripulação do barco com os referidos dedais de prata. O dedal opera só pelo contacto na pele e instila no sangue dos criminosos a droga conhecida como di-metil-etil-e-a-tia-sabe?-patronato-de-hidroboazona, que provoca alterações no sistema nervoso central, aliás muito ligado à espionagem do corpo humano. Os efeitos mais frequentes constam de um dos prospectos que Husky tinha em carteira para o que desse e viesse:

perda do sentido de orientação;
 confusão;
 tonturas;
 dores de cabeça;
 erupções no Vesúvio;
 transtornos abdominais;
 gravidez de um indesejável;
 tendência para se prejudicar a si próprio; e
 linguagem a pender para a ordinarice.

O que sucedeu foi que os carregadores e a tripulação dos barcos começaram a andar ali à roda, dando os mais evidentes sinais de terem sido submetidos a uma lobotomia por satélite. Mostravam uma total incapacidade de abandonar o círculo de luz que os expunha à curiosidade policial e nada os fazia refugiar-se na sombra protectora, ou, de preferência, meterem-se nas carrinhas e abalarem para Ayamonte, que era a atitude mais sensata. Isto, claro, pressupondo que os motores das ditas carrinhas ainda trabalhavam, o que se não provou em audiência. E pressupondo-se também que algum dos carregadores estava em condições de conduzir uma simples bicicleta que fosse, o que também não consta dos factos provados na prova de vinhos que se realizou na Vidigueira.

Quando os dois militares da G.N.R. chegaram ao local estranharam que os traficantes usassem luzes tão fortes para iluminar o local do desembarque, embora não conseguissem ver onde estavam instalados os projectores, só podiam fazer uma ideia seguindo os focos mas as lâmpadas, essas, não viam. Trocaram algumas breves impressões, muito curtas, de poucas sílabas, acerca da decisão superior de não utilizar o transporte que fora deixado à porta do Posto de Aljezur, e ligaram à Polícia Judiciária, parece que temos aqui na Praia do Zavial um grupo que veio carregar fardos de é bem capaz de ser haxixe. Eles são mais do que dez, pelo menos uma dúzia, e nós só dispomos de um par de algemas cada um e de uma pistola que encrava a cada cinco disparos e temos medo de disparar, tanto mais que há anos, eu sei lá, se calhar há mais de cinco que não pomos os pés numa carreira de tiro, e não vá o Diabo tecê-las, não queremos ser nós a ir parar à cadeia.

A P.J. prontifica-se a arranjar transporte, e só pede é que aguentem a situação por mais uma meia-hora de milagre e que não os deixem fugir. Pelo menos tentem. Já sei que não é fácil, mas pelo amor de Deus, tentem, hem? Há impossíveis que acontecem. Há provas guardadas no Arquivo da Rua da Boavista. Obrigado pelo bom trabalho. Correcto e afirmativo. Vamos a caminho e que Santa Brígida vos ajude, que para isso lhe acendem velas.

Amadis de Gaula, o famoso paladino, e Mrs.Hurtle descem dos camelos e vão ter com o vitorioso e jovem Husky. Abraçam-se. E depois Husky e Mrs.Hurtle reservam para si um daqueles beijos saídos directamente do cinema para a Enciclopédia onde finalmente abrandam e se extinguem, deixando fumo onde o fogo se apagara. Mrs.Hurtle não lamenta a falta de Clarck Gable nas escadarias de “E tudo o vento levou”. Primeiro, porque o galã de Hollywood cheirava mal da boca. Em segundo, porque o filme era uma descarada apologia

da escravatura. E no fim de tudo era Husky quem ela amava, a reencarnação sorridente e sem barba de um Paul Montague que parecia agora demasiado convencional para ter alguma vez existido no catálogo das pessoas reais que se podem amar.

O ideal dos ideais era ter deixado cair o tamanco mesmo em cheio, entre as rodas da engrenagem. Não se conseguiu, porque a blindagem em torno dos inimigos da espécie humana é demasiado forte para simples humanos, anestesiados e atomizados no sentido de dispersos, mas não se descarta a hipótese de o sistema recorrer aos grandes meios para eliminar a gente que não lhe agrada, que somos todos nós os que não são “eles” ou “d’eles”. Mas a COSMOPOL vela e mantém uma estratégia de pequenos passos que não desperte alarmes e as consequentes retaliações, normalmente brutais, cruéis e desmedidas.

O Sistema vive do medo. Deve ter lá em casa um livro chamado “O Som e a Fúria”, duvidou das propriedades letais do som, pelo menos não acreditou que matasse depressa, e preferiu ameaçar os inimigos com fogo e fúria, que dava um bom título para mais um filme de propaganda da guerra, mas, como é de guerra nuclear que se trata, supõe-se que depois acabará por recuar, com uma desculpa criada pelo Departamento de Desculpas Especiais, também conhecido por **“A CULPA FOI DAQUELE SENHOR ALI, O CARECA DO SOBRETUDO CINZENTO, O QUE TEM OS ÓCULOS ESCUROS E QUE SE PROCURA ESCONDER ATRÁS DA SENHORA GORDA”** - o que tinha em mente era os Reais Fogos de Artifício, de Haendel, e o andamento *con furia* ou *con strepito* do Concerto Grosso nº.6 de Avison – Scarlatti. O Fogo e a Fúria – brevemente num cinema perto de si. Longe vá o agouro. Que Deus apague o fogo e acalme a fúria, é o que desejamos todos os que queremos a Paz, porque sem Paz não há Liberdade e vice-versa.

O estilo, tal como as perucas, é uma coisa que não fica bem a toda a gente.

Conhecemos o inimigo e o inimigo conhece-nos até certo ponto. E com esta estratégia de longo prazo vai-se fazendo o que se pode, com a graça de Deus.

A pequena vitória merecia ser regada com champanhe, como efectivamente foi, nos claustros do Castelo de Urquhart, entre donas e cavaleiros e a ucraniana circulando com as bandejas. Garanti a Mrs.Hurtle, a Cavaleira de Blackhair, que só iria beber meia taça, e ela respondeu o que tu quiseses, *my sweet and darling pet*, eu sou só a tua noiva, não mando em ti, bebe o que quiseses.

Sim, era uma pequena vitória, mas, ao deter o Minotauro, apreender-lhe estupefaciente e retirar um banco de investimento ao sistema criminal, tinha-se diminuído uma pequena parte da tremenda potência económica e militar da *Oldman Stinks*, os homens mais poderosos do sub-mundo que governa o mundo. E esses 0,735% de prejuízos equivaliam a mais uma bandarilha cravada no poderoso cachaço do inimigo e, mesmo que não seja o princípio do fim ou o fim do princípio ou qualquer outra frase histórica que meta fins e princípios, a ordem é arbitrária, por agora, e eu repito, por agora, é mesmo o

FIM E DEPOIS LOGO SE VERÁ